

PHILLIPA NEFRI CLARK

QUEDA
MORTAL
MISTÉRIOS DE CHARLOTTE DEAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

QUEDA MORTAL

PHILLIP NEFRI CLARK
MISTÉRIOS DE CHARLOTTE DEAN



1ª Edição


leabhar
2023
Ribeirão Preto/SP

Direitos Autorais



Título Original: Deadly Falls
Charlotte Dean Mysteries Book 2
Copyright © 2019 by Phillipa Nefri Clark
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Pedro Esteves
Revisão: Andressa Prestes
Revisão: Raquel Medeiros
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
FICHA CATALOGRÁFICA

C592lbe

Clark, Phillipa Nefri.
Título: Queda Mortal (recurso eletrônico) - © 2023 Leabhar Books
Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP
Tradução de: Deadly Falls ©- 2018 Phillipa Nefri Clark
Formato: e-Pub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-094-3

1.Romance. 2.Australiano. I. Esteves, Pedro. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134.3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Prefácio



— AJUDE-ME! SOCORRO!

Agarrada a um poste na beirada do mirante, seu corpo pendurado na lateral do penhasco, Charlotte Dean sabia que era quase uma queda. E, se tivesse sorte de escapar das rochas salientes na descida, o rio faria pouco para amortecer sua queda.

Desejou que seus dedos a segurassem, mas eles doíam. Os ombros gritavam por aguentar seu peso.

Pense.

Charlotte olhou para cima, as mãos ao redor do poste de metal. Era parafusado no concreto e não estava prestes a se soltar. Poderia se erguer o suficiente para colocar um braço em volta do poste? Respirou fundo e tensionou os músculos dos antebraços. Para cima. Seu olhar escolheu um ponto acima de suas mãos. Era onde tinha que estar. Em cima.

Fogo em seus braços.

Um. Grande. Impulso para cima.

Coração batendo. Tudo o que podia ouvir. Ou era a cachoeira atrás?

Seus olhos nivelaram-se com o chão do mirante. Sua bolsa estava lá, seu conteúdo espalhado.

A chuva recomeçou.

Com os dedos escorregando novamente forçou seus músculos a trabalharem mais do que nunca. Um cotovelo estava sobre a borda, depois o outro. Descansou sobre eles por um longo momento. Se soltasse uma mão, cairia.

Ela inclinou todo o peso de seu corpo para frente e chutou o ar. Apenas o suficiente para colocar metade do corpo em segurança. *Não desista. Ainda*

não.

Da cintura para cima estava em terra firme novamente.

— Aaah! — arrastou uma perna, depois a outra até o topo. Forçando os dedos para o fundo do poste, deitou-se de lado.

— Bem, o que temos aqui?

Não. Não. Você não.

Charlotte soltou o poste com um grunhido e rolou sob a grade, de volta à relativa segurança do mirante. De quatro, rastejou para longe da borda através da lama.

— Parece que se colocou do lado errado da grade, mocinha — Sid estava de braços cruzados na entrada do caminho. Em segurança. — Não pude acreditar em meus ouvidos quando ouvi um grito de socorro.

— Fique... Longe — Charlotte piscou com a chuva em seus olhos, examinando o chão em busca de um graveto. Ou algo. Qualquer arma.

— Não quer fazer isso — Sid zombou enquanto descruzava os braços e colocava uma mão no cinturão de polícia. No coldre de sua arma. — Hora de terminar o que começamos.

Capítulo 1



Alguns dias antes.

— SID ESTÁ lá fora novamente.

Charlotte juntou-se à Rosie na janela da livraria para ver o Chefe de Polícia Sênior, Sid Browne, fazer um lento retorno em sua viatura e passar por ela. Olhando-a enquanto dirigia, janela abaixada, dedos batendo no teto.

— Bom — ele eventualmente ficará sem combustível. Charlotte estava mais confusa do que irritada pelo comportamento estranho do homem. Na semana desde que a livraria reabriu, depois do feriado natalino, ele havia sido um transeunte regular. Algumas vezes no carro patrulheiro, outras a pé.

— Bem, se quer falar conosco, precisa passar pela porta — Rosie virou em sua cadeira de rodas e foi para trás do balcão. — Toda essa bobagem está me afetando.

Que era o que ele queria.

— Estou esperando Sid exigir um depoimento desde a véspera de Natal — Charlotte voltou para suas prateleiras de estoque com o primeiro carregamento de livros do ano. — Se ele quer que as prisões continuem, precisa dos depoimentos de testemunhas.

Graças a alguma ajuda de Charlotte, na véspera de Natal, Sid havia prendido dois homens jovens, sob suspeita de roubo, dano à propriedade e lesão corporal. O oficial havia levado o crédito por isso, é claro, mas estava mantendo a cidade no escuro sobre o estado do caso. E voltou ao seu hábito esquisito de vigiar a livraria.

— Talvez Trev possa descobrir o que está acontecendo — Rosie meditou. — Ele teria acesso ao computadorzinho da polícia.

— Rosie. Em primeiro lugar, não. Em segundo lugar, não acho que seja chamado de computadorzinho da polícia, mas sei que policiais não podem, simplesmente, usá-lo para checarem uns aos outros, mesmo se um deles for seu filho. E finalmente. Não.

Rosie riu.

— Pare de rir de mim. Sabe que estou certa. De qualquer maneira, irei perguntar ao Sid o que está acontecendo na próxima vez que ele passar.

— Então eu realmente deveria chamar meu filho e ver o que pode descobrir. Trev conhece pessoas.

— Tenho certeza de que ele conhece pessoas, mas não há motivo para preocupá-lo quando está muito longe para fazer alguma coisa — Charlotte juntou-se a ela atrás do balcão. — Como sabe, quando eu vivia em River's End, Trevor falava muito sobre você. Preocupava-se contigo.

Antes de se mudar para Kingfisher Falls, há pouco mais de um mês, Charlotte passou a maior parte do ano anterior vivendo na costa ao longo da Great Ocean Road. O filho de Rosie, Trev Sibbritt, comandava a única delegacia de polícia em River's End e havia se tornado amigo dela. Ou algo assim.

Um suspiro saiu dos lábios de Rosie e seu sorriso desapareceu.

— Sei que Trev se preocupa. E que apenas lhe dei a versão editada dos eventos antes dele ter chegado para o jantar de Natal. Não lhe contei que você estava correndo riscos, ou que Sid era um pé no saco.

Rosie ocupou-se no computador e Charlotte levou outra braçada de livros para o fundo da loja. Uma vez ou duas, sua amiga havia mencionado algum conflito passado entre Sid e Trev, antes de ele deixar seu primeiro destacamento. Mas não entrou em detalhes, e mesmo Trevor era sigiloso sobre o assunto. Ele a avisara para tomar cuidado com Sid, dizendo apenas que o homem era faminto por poder.

Sid não era o único. Essa pequena cidade tinha várias pessoas querendo controlar algo, desde um grupo de vereadores corruptos a um lojista desonesto, até as senhoras do clube de livros. Falando nisso...

— O que nós faremos com todos esses livros?

Sem olhar para cima, Rosie balançou uma mão para a pilha atrás do balcão — Estes?

— Seria melhor eu confirmar se Octavia não os quer.

— Eu deveria telefonar para ela?

Rosie olhou para cima, por cima de seus óculos. — Deixe-me ver. “Alô, senhora Morris? Aqui é Charlie...” o telefone bate em sua cara.

— Ou, poderia ser, “Senhora Morris, seus livros chegaram, e a senhora tem dois dias para pagar por eles antes que nós mandemos o cobrador.” E depois o telefone bate — Charlotte levantou dois dedos.

— É uma mulher de negócios durona. Não é de admirar que eu goste tanto de você. Entretanto, Octavia não gosta, e acho que ela não gosta de mim também, mas vamos fazer uma tentativa — Rosie pegou o telefone. — Nós iremos precisar de refrescos depois disso.

Charlotte concordou. Lidar com Octavia Morris, ou com sua melhor amiga Marguerite Browne, que era esposa de Sid, era suficiente para levar qualquer um a beber. Mesmo que apenas café forte. Charlotte repousou seus braços no balcão para ouvir.

Rosie checkou se nenhum cliente estava vindo para a livraria, depois colocou a ligação no viva-voz. Houve alguns toques até ela atender em um tom agradável.

— Alô, Octavia Morris falando.

— Octavia, é Rosie Sibbritt. Como você está?

Durante um longo silêncio, os olhos de Rosie e Charlotte encontraram-se com um “eu sabia disso”.

— Que descaramento. Como acha que estou, Rose? — Lá estava a hostilidade a que ambas estavam acostumadas. — Publicamente humilhada na festa de Natal da cidade, por você e por aquela garota que empregou. Excluída.

— Não é exatamente como me lembro, mas sim com você e Marguerite atacando a família Forest por algo que eles não fizeram. Se optou por sair, realmente não foi porque alguém a forçou a afastar-se.

De que forma Rosie sempre mantinha sua calma com essa mulher, era incompreensível para Charlotte. Mais de uma vez Octavia mostrou falta de educação e, às vezes, total maldade, mas Rosie nunca desceu ao mesmo nível.

— Nós duas sentimo-nos como intrusas. E por sua culpa. O que você quer?

— Os livros que encomendou para o clube de livros estão aqui.

Charlotte levantou dois polegares e gesticulou “*cobrador*”.

Rosie revirou seus olhos. — Então, apreciaria se deixasse seus membros saberem para que possam coletar suas cópias.

O riso no outro lado do telefone foi desagradável. — Eu lhe disse para dar um beijo de adeus em sua livraria patética. Novidades, Rose. Começando por agora.

Click.

— Ok — Charlotte endireitou-se. — Acho que isso significa que ela não os comprará.

— Octavia tornou-se impossível de argumentar. Deve haver outra maneira de resolver.

— Oh, sempre há um meio — Charlotte sorriu enquanto ela usava seu tom sinistro. — Apenas depende de quão longe está preparada para ir.

Houve uma arfada lá fora. Veronica estava na porta, mão sobre sua boca e sobrancelhas erguidas em uma horrível expressão. Vestida em sua costureira saia curta e camisa regata, usava saltos altos laranja brilhante combinando com seu batom e uma enorme bolsa pendurada sobre um ombro.

— Bom dia, Veronica. — Rosie não se moveu para deixar seu lugar atrás do balcão. — Como podemos ajudar?

— Inacreditável! Ouvi isso com meus próprios ouvidos.

E com um bufo virou-se, quase tropeçando em seus próprios pés, e saiu batendo os saltos ao longo do caminho.

— Hum... O que foi isso? — algo ruim estava para acontecer. Charlotte empurrou para longe a sensação de déjà vu.

— Imagino que Veronica nos ouviu. Agora ela acha que planejamos a destruição de Octavia.

— Aquele café? — Charlotte pegou algum dinheiro. — Alguma chance de eu poder pedi-lo com algo mais forte nele?



Glenys Lane entrou mancando na livraria, apoiando-se em sua bengala. Charlotte estava sozinha desempacotando outra caixa de livros. Rosie havia saído para almoçar com Lewis, seu amigo, dono da loja de eletrodomésticos.

— Lewis fechará por uma hora inteira para que nós possamos nos sentar embaixo das árvores — ela havia dito. — Lewis nunca fecha sua loja e quando eu estava administrando esse lugar sozinha, eu também não. Então, isso é legal.

Sim, era legal. Lewis, viúvo há muitos anos, era um homem encantador que sempre convidava Rosie para sair, então Charlotte torcia

completamente para a florescente “*amizade*” entre eles. Mesmo Trev, aprovava.

— Sra. Lane. Como está seu joelho?

— Glenys, querida. Acho que deveria me chamar assim.

— Obrigada.

Glenys prendeu sua bengala de madeira por cima do balcão e encostou suas mãos na parte superior, deixando-as suportar seu peso. — Estou considerando ir embora.

— Está?

— Não há nada aqui para mim. Não desde que Fred morreu. Bem, eu tinha o clube de livros, mas Octavia e Marguerite estão administrando-o agora e não me sinto bem-vinda.

— Mas foi quem começou o clube de livros.

— Até eles votarem em minha saída. Todas as coisas mudam, não mudam? Oh, esses são os livros que nós encomendamos — apontou olhando para o balcão atrás de Charlotte, onde Rosie os deixara. — Octavia encontrou um suprimento online e os membros não puderam opinar. Lamento tanto por isso.

— Nós vamos resolver — Charlotte balançou uma mão.

— Ela deveria pagar por eles.

— Rosie já lhe pediu, mas ela... Bem, ela riu.

Glenys olhou para suas mãos. — Rosie não merece isso. Direi a Octavia para desculpar-se. — Levantou sua cabeça com um pequeno bufo. — Poderia caminhar até lá agora enquanto meu carro está sendo consertado e ter uma bela conversa.

— Não há necessidade, Glenys. Por favor, não se estresse.

Mas ela tinha sua bengala na mão e logo saiu. Com sorte, as senhoras iriam se reconciliar em vez de continuar com o frio impasse desde a festa de

rua na véspera de Natal. No momento em que Glenys tomou uma posição do lado da família Forest, Octavia e Marguerite deram as costas para a mulher que havia sido sua amiga próxima por tanto tempo.

— Aquela era Glenys? — Rosie voltou, tirando o chapéu de palha que havia colocado antes de sair. A transpiração desmanchou sua maquiagem, o que não era surpreendente em um dia tão quente, mesmo para os padrões do meio do verão, e com uma rápida elevação da umidade anunciando uma tempestade.

— Sim, e viu as edições para o clube de livros e falará com Octavia. Eu disse para não ir, mas ela foi insistente.

— Oh querida. Algo me diz que não será uma conversa agradável. Não estou muito esperançosa que Glenys conseguirá, então vamos fazer uma bela exposição de livros na janela, talvez acrescentando um belo desconto gordo — Rosie riu para si mesma.

— Você é uma mulher má — Octavia podia aprender com a tranquilidade de Rosie para lidar com tudo. Isso é, se a mulher mal-humorada pudesse sequer ainda aprender algo.



Elas estavam atendendo clientes quando uma sirene de polícia se aproximou. Todo mundo parou de falar e foi para frente da livraria enquanto o carro patrulheiro de Sid cantava pneu em uma parada brusca lá fora.

Sid saiu e acenou com os braços enquanto caminhava ofegante até a porta. — Mocinha!

— Oh, o que foi agora? — Charlotte resmungou. — Eu estou aqui.

— Você é médica.

— Psiquiatra, mas...

— Sem mas. Pegue sua bolsa. Preciso de ajuda. — Sid inclinou-se na porta, recuperando o folego.

— Quer uma ambulância? — Rosie perguntou.

— Não, eu... Por favor, Charlotte. Pegue sua bolsa e venha comigo.

Sid nunca a chamava pelo nome.

— Ok, mas por quê?

— É Octavia. Eu acho que ela está morta.

Capítulo 2



CHARLOTTE CORREU para a porta dos fundos enquanto os outros o rodeavam em busca de informações. Subiu apressadamente os degraus, chave preparada. Seu grande e desusado kit médico estava em um armário e levou um momento para pegá-lo. No caminho para a porta pegou seu celular e a carteira.

Nada daquilo fazia sentido. O que aconteceu com Octavia? Por que Sid estava ali ao invés de estar com ela? E quanto a uma ambulância?

— Rápido, querida. Sid está esperando — Rosie a chamou enquanto retornava. — Ligue-me assim que souber de algo — O rosto de Rosie estava branco.

— Eu ligarei.

O motor estava ligado e a porta do passageiro aberta, Charlotte deslizou para dentro e a fechou.

— Cinto de segurança — ele resmungou enquanto virava o carro patrulheiro na direção oposta e acelerava.

— Conte-me o que sabe — Charlotte prendeu o cinto de segurança e procurou algo para se segurar. Diferente do carro de polícia de Trev que era limpíssimo e equipado com o que havia de mais avançado, o dele era nojento. Embalagens de chocolate amassadas e latas de bebida esmagadas estavam debaixo de seus pés e o fedor de seus cigarros a fazia querer vomitar. O interior das janelas era imundo e o rádio retumbava música country.

— Acho que Octavia está morta.

— Já disse isso. Uma ambulância está a caminho?

— Não sou estúpido. Chamei-a há apenas meia hora. O médico está em uma emergência, então terá tem que servir. Pode fazer isso?

— A graduação médica diz que sim.

O carro patrulheiro disparou pela rotatória, as rodas batendo nas bordas da ilha central. Por que Sid achava seguro dirigir assim, usando ou não sirenes? Então, ele virou na estrada em direção ao centro de jardinagem de Veronica. Charlotte havia caminhado por ali algumas vezes. As casas eram maiores e possuíam grandes jardins.

— Estava indo para cidade depois de uma patrulha. Glenys estava acenando loucamente da beira da grama do lado de fora da casa de Octavia. Entrei correndo e a apalpei, mas não consegui encontrar... Você sabe — sua voz falhou.

— A pulsação? Alguma ideia do que aconteceu? Queda?

— O que a fez pensar isso? — Charlotte viu Sid atirar um olhar para ela com seus olhos redondos.

— Não mencionou nenhum sinal de sangue ou ataque, e quedas são comuns ocorrerem com idosos.

Sid desligou as sirenes enquanto se encaminhava para uma ampla entrada de carros entre graciosas bétulas prateadas, então freou bruscamente até parar perto de uma garagem dupla. A casa era de tijolos com dois andares, um prédio antigo, mas belo, com jardins em estilo inglês.

Charlotte correu para a porta da frente, que se abriu rapidamente. Glenys estava pálida enquanto apontava para dentro.

— Eu irei examiná-la em um minuto, mas vá e sente-se, por favor — a voz de Charlotte estava mais firme que suas mãos, das quais duvidava que fossem deixá-la sequer abrir sua bolsa.

Bastou um olhar para sala de estar e seu lado profissional emergiu.

Poltronas de aparência antiga e um sofá formavam um semicírculo próximo a uma larga e ornada lareira de mármore. A lareira tinha duas colunas de tijolos na vertical, com acabamento em laje de mármore.

Octavia estava com o rosto no chão, o topo de sua cabeça contra a base dos tijolos em um ângulo íngreme. Sangue escorria no carpete debaixo do seu corpo.

Charlotte pisou cuidadosamente ao lado do corpo e agachou-se. Verificou o pulso que sabia já não estar lá.

— Não deveria usar seu estetoscópio? — Sid irrompeu.

— Pare. Por favor, tome cuidado onde pisa e no que toca. E sim, eu irei, mas lamento muito ter que informar que Octavia morreu.

A boca dele abriu e seus braços caíram na lateral do corpo. Para seu crédito, ele não adentrou mais o cômodo enquanto ela buscava por algum batimento cardíaco. Pela cor e sensação da pele, ela havia morrido há duas ou três horas.

— Não quero movê-la para verificar ferimentos, Sid. Não até que fotografias adequadas sejam tiradas e...

— Mas que diabos? ela tropeçou e bateu sua cabeça. Não há necessidade para nada senão que...

— Delegado Chefe Sênior — Charlotte se levantou. — Eu sei que ela era próxima de sua esposa e o quanto é difícil, mas nós devemos isso a ela, garantir que a área seja examinada. Sim, provavelmente, é um terrível acidente, mas se alguém mais estiver envolvido, não prefere usar seu treinamento e posição para garantir que a justiça prevaleça?

Sid piscou algumas vezes.

Palavras complicadas demais?

— Não acha realmente... — ele pegou o rádio de seu cinto da polícia.
— Continue trabalhando — e partiu em direção à porta da frente.

Charlotte guardou seu estetoscópio e fechou sua bolsa. Além do sangue em sua cabeça, não havia outro sinal de ferimento. Rapidamente tirou fotos com seu celular. Por garantia. Primeiro de Octavia, depois dos arredores. Tantas quantas pôde.

— Por que está fazendo isso? — Glenys estava na porta, abraçada a si mesma.

Depois de pegar sua bolsa, Charlotte afastou-se de Octavia, observando pequenos detalhes como a cor do carpete, o contrastante tapete azul escuro em que ela estava, gabinetes de exposição cheios de antiguidades, e duas prateleiras grandes de livros. Quando alcançou Glenys, ela gentilmente a guiou para fora com a mão em seu braço.

— Há algum lugar onde nós possamos nos sentar?

Glenys a levou para uma ornada sala de jantar com mais móveis antigos.

Charlotte puxou uma cadeira. — Acho que deveria descansar.

Glenys acomodou-se no assento, colocando a cabeça entre mãos. — Isso é um pesadelo. Vou orar pela alma dela.

— Sid disse que acenou para ele.

— Meu celular estava sem bateria, e o telefone fixo de Octavia não funcionava. Não sabia o que fazer. Charlotte, por que tirou as fotos?

— Oh. Velhos hábitos, nada mais. Fui treinada para tratar cada incidente como um potencial... Bem, como a cena de um crime. Tirei fotos no ano passado, depois da janela de Esther ser quebrada, e da árvore de Natal na rotatória sendo destruída.

— Incidente? Isso é tudo que ela é? — lágrimas escorreram dos olhos de Glenys. Charlotte esfregou suas costas.

— Você teve um choque. Acho que quando a ambulância chegar, eles devem examiná-la, ok? E Sid arranjará uma carona para casa. Ou algum

lugar com alguma companhia.

— Não tenho ninguém.

— Nós encontraremos alguém.

— Acho que eu deveria ir agora. Tudo é tão perturbador — Glenys começou a levantar.

Charlotte apertou o braço dela. — Provavelmente seja melhor ficar. Posso ouvir a ambulância, será que está bem para se sentar aqui por mais alguns minutos? Eu voltarei.

Uma vez que Glenys havia confirmado, ela correu novamente para a sala de estar. Havia uma última coisa que queria verificar antes da casa ser tomada pelas autoridades competentes.

Capítulo 3



CHARLOTTE FICOU perto do meio-fio fora da casa de Octavia. Os paramédicos estavam no lado de dentro, fazendo seu trabalho. Marguerite estava a caminho, apesar de Sid lhe dizer para que ficasse em casa. E Kevin Murdoch havia chegado a alguns minutos. Ela só o havia visto à distância, em uma reunião pública que ele presidiu. Seu irmão, Terrance, era membro local do Conselho, e Kevin mantinha um relacionamento com Octavia. Ele desceu de seu carro enquanto os paramédicos carregavam-na para fora, seu olhar era de choque.

Charlotte precisava encontrar Rosie. Apesar das últimas semanas tê-las dividido, Rosie conhecia Octavia desde o colegial, e aquilo iria devastá-la.

O telefone da livraria não foi atendido e ela olhou seu relógio. Bem antes da hora de fechar. Ela ligou para o celular de Rosie, que tocou algumas vezes antes de ser respondido com um fraco — É verdade. Não é?

— Está em casa?

— Sim. Fechei mais cedo. Todo mundo está dizendo que Octavia morreu.

— Estou a caminho, mas andando, então aguento. Logo estarei aí.

Depois de um olhar final para a casa, que estava pouquíssimo visível atrás das árvores e arbustos, atravessou a rua e correu pela trilha. A umidade continuava a aumentar e nuvens acinzentadas aproximavam-se por cima dos morros.

Tão acinzentadas como eu me sinto.

Que era pouco. Não muito, de qualquer maneira. Mais tarde, desvendaria os eventos, os cheiros e os cômodos da casa de Octavia, a sala de estar, a dor de Glenys, e então os sentimentos a esmagariam caso não

tomasse cuidado. Por enquanto seu foco estava em ajudar Rosie a lidar com as terríveis notícias.

Não demorou em alcançar a casa da amiga. Bateu, depois abriu a porta da frente, esperando estar destrancada. — Rosie?

— Charlie?

Charlotte seguiu a voz dela para a área externa coberta.

Sua cadeira de rodas estava perto da mesa, uma pilha de álbuns ao lado. Rosie olhou por cima de um álbum de fotografias aberto. — Acredita que Octavia foi uma brilhante corredora? Nós duas praticamos atletismo na escola e eu era boa, mas ela era melhor. Nós costumávamos nos unir em revezamentos e vencíamos praticamente tudo em que nós entrávamos, apesar do treinamento limitado. Ela sonhava em construir um lugar onde jovens atletas pudessem treinar.

Charlotte se sentou ao lado de dela e olhou para as fotografias. Um par de adolescentes em boa forma sorriam, braços entrelaçados e medalhas em volta de seus pescoços.

— Não fazia ideia. Trev me contou que você gostava de mergulhar, mas nunca mencionou essa mãe atlética dele.

— Ele provavelmente não se lembraria de mim falando sobre isso. Depois do colegial mudei para cidade por causa da universidade e conheci seu pai, meu Graeme. Foi somente quando fiquei grávida, que minha casa me chamou, e tive sorte que Graeme apaixonou-se pela região também.

— E quanto à Octavia. Ela partiu e retornou?

Rosie fechou o álbum de fotografias, levantando seus olhos cheios de dor. — Octavia casou-se com o capitão da escola. Kingfisher Falls sempre foi o lar dela. O que aconteceu com ela, Charlie?

— Parece que caiu e bateu a cabeça na lareira na sala de estar. Provavelmente um acidente, Rosie.

— No mármore. Mas por que ela cairia? Era saudável. Caminhava para todo lugar — Rosie suspirou. — Nossos aniversários são apenas com dias de diferença.

Charlotte tomou sua mão. — Até que seja realizada a autópsia, não sabemos se ela tinha algum problema subjacente que afetou seu equilíbrio.

Ou se foi empurrada.

— Autópsia? Há uma chance de que tenha sido... — Rosie baixou sua voz para um cochicho —, assassinada?

Charlotte não sabia como responder. Algo sobre a morte a incomodava, mas queria olhar para as fotos que havia tirado antes de tirar conclusões.

— Charlie, acha que é possível?

— Não sei. Nada parece fora de lugar ou estranho. Não há motivo para suspeitar de nada. Não assim tão cedo.

O telefone tocou na cozinha e Rosie entrou. Charlotte olhou para os álbuns. Todos eram anuários escolares, pela aparência. Memórias.

Virou uma página encontrando a foto de uma jovem Rosie tocando guitarra. Mordeu seu lábio inferior enquanto fechava o anuário e passava um dedo pela capa.

Sua amiga estava ao telefone. Charlotte seguiu a voz dela.

— Eu queria que não fosse verdade, querida — os ombros dela estavam caídos. — Charlie está aqui, mas agradeço por pensar em mim. Acima de tudo, imagino que Glenys precise de algum apoio.

Mellow e Mayhem, gatos de Rosie, estavam sentados atrás do sofá, olhando-a. Sem dúvida, Mellow iria direto para seu colo em algum momento, pois ela era doce e tinha uma habilidade incrível de saber quando um corpo quente e peludo era necessário. Mayhem era menos provável de

fazer outra coisa senão repreendê-la. Mas Mayhem tinha seus bons momentos também.

— Eles têm? Oh, quanta generosidade e gentileza.

Charlotte foi até o pequeno, mas bem estocado, bar de Rosie e fez para ambas, gins-tônicas. Duvidava que ela fosse objetar e tinha uma incomum necessidade de desestressar depois da horrível tarde.

— Isso é tão doce por parte de Doug e não recusarei. Não que eu queira comer agora, mas... Bem, obrigada, Esther.

Um momento depois, Rosie terminou sua ligação e encontrou Charlotte perto do sofá com seu único braço removido. Parou sua cadeira de rodas e deslizou para o sofá. — Entendo se quiser beber por nós duas, mas querida, eu amaria um — lágrimas encheram os olhos dela pela primeira vez desde que Charlotte havia chegado. — Acho que amaria fazer alguns brindes.



— Sabe, não perguntei se Kevin apareceu — Rosie acariciou o pelo de Mellow enquanto a gata ronronava em seu colo. Mayhem, previsivelmente, estava esticado na ponta do sofá.

— Kevin apareceu, mas eu estava saindo. O pobre homem parecia desesperado, realmente em choque. Espero que os paramédicos o examinem assim como Glenys.

— Preciso te contar. Glenys foi ficar com os Forests.

O queixo de Charlotte caiu. Glenys era uma das pessoas que acusaram Darcy Forest de roubar as árvores de Natal da cidade no ano passado, e apenas mudou de opinião quando os verdadeiros ladrões foram presos. A propriedade dela era ao lado da fazenda de árvores de Natal de Darcy. — Que gesto doce.

— No minuto em que Abbie ouviu o que aconteceu, preparou um espaço para ela.

— Considerando que o bebê dela está quase nascendo, estou comovida. Para Abbie, Darcy e Lachie Forest. — Charlotte levantou seu copo.

— E ao novo bebê Forest quando ele ou ela fizer sua chegada. — Charlotte pegou seu copo para tocar no de Rosie com um satisfatório “clink”.

Elas beberam. — Legal. Realizou a mistura perfeitamente. — Rosie disse. — Como Glenys conseguiu entrar na casa? A porta estava aberta?

— Agora, quem é a detetive? Eu não sei. Sid estava tomando o depoimento dela quando saí, mas não perguntei. Glenys mencionou que ela tentou chamar por ajuda usando o telefone fixo de Octavia, mas ele não estava funcionando.

— Estranho. Esse foi o telefone com o qual falei com ela mais cedo. Deveríamos contar ao Sid? — Rosie perguntou.

— Sid não tem nenhuma pista. Antes de vir me buscar, ele pisou por toda a sala de estar, talvez tenha movido o... Hum, Octavia, contaminando tudo. Entendo Glenys talvez tocando coisas, porque ela não está treinada a lidar com isso e estaria em choque. Mas ele tem treinamento.

— Ele acha que foi um acidente?

— Imagino que sim. Usei minha melhor voz de “Doutor Dean” para fazê-lo ficar longe até os paramédicos chegarem. A ideia dele no comando de uma verdadeira investigação... — Charlotte fez uma careta.

— Sem necessidade de investigações! — Rosie levantou seu copo.

— Bebamos a isso.

Alguém bateu à porta da frente.

— Ops, essa era a outra coisa que esqueci de te contar. Doug está nos enviando jantar. Se importaria de atender à porta?

Jantar era a última coisa na mente de Charlotte, mas agradeceu ao motorista de entrega e pegou a sacola com ele, o aroma de alho e tomate

fazendo seu estômago roncar. Desempacotou dois recipientes para viagem e um longo pão embrulhado em papel alumínio.

— Por que Doug fez isso?

— Ele sabia que você estaria exausta, e muito provavelmente não se incomodou de fazer comida essa noite. Há mesas dobráveis no armário à sua esquerda, se quiser trazer duas. Eu preferiria comer aqui, se não ligar para a informalidade.

Ela encontrou as mesas e as levou, junto com a comida, para a sala de estar. — Vou pegar alguns talheres.

— Obrigada, querida. E outra bebida.

A comida estava deliciosa. Dois nhoques de abóbora e um delicioso pão de alho. — Experimentei isso na primeira vez que fui ao Itália. — Charlotte mencionou entre mordidas. — Eu contei a Bronnie, a garçonete, o quanto amei esse prato.

— Um dos meus favoritos também. Quão doce Doug é, mas — Rosie empurrou o dela meio comido —, vou deixar um pouco para amanhã. — Seus ombros caíram.

Charlotte pegou ambos os pratos e foi para a cozinha. Colocou os restos da refeição de Rosie na geladeira, e empacotou a dela na sacola em que veio.

— Eu deveria ir para casa.

— É bem-vinda para ficar. Mas posso apenas imaginar como se sente, querida.

Charlotte sentou-se ao lado de Rosie e confirmou. — Estou cansada. Por dentro. Quero tomar um banho e dormir. Por que não folga amanhã? Eu consigo me virar.

— Ia sugerir que fizesse o mesmo.

— Obrigada, mas sou uma adepta da rotina quando há transtornos. Decida amanhã, e se for, eu te vejo por lá — Charlotte inclinou-se e beijou a bochecha de Rosie. — Lamento muito por Octavia.

— Eu também. Não tive a chance de resolver as coisas e sempre me arrependerei disso.



Charlotte entrou em seu apartamento, fechando e trancando a porta antes de acender todas as luzes. Pensou nas palavras de Rosie. Estava com ela no dia em que Octavia rasgou a relação de longa data delas, em duas. A amizade adolescente delas era uma coisa do passado, mas, quando a conheceu há algumas semanas, ainda havia um respeito mútuo.

Até os eventos anteriores ao Natal criarem tensões entre muitas pessoas na cidade, com lados tomados e dedos apontados. Rosie tentou ser a voz da razão para todos, apenas para se ver instigada por Octavia e sua então amiga mais próxima, Marguerite. Com uma declaração final de que a loja de Rosie fecharia, Octavia saiu correndo.

E havia dito a mesma coisa essa manhã ao telefone. — *Eu lhe disse para dar um beijo de adeus em sua livraria patética. Novidades, Rose. Começando por agora.*

Novidades, Octavia. Estamos aqui a longo prazo.

Charlotte suspirou. Independentemente do que a mulher havia dito, ou feito, não importava agora. Seu corpo sem vida estava em algum lugar no necrotério. Seus amigos mais próximos e sua família estavam sofrendo. Até mesmo algumas pessoas não tão próximas. Ela pode ter se tornado uma víbora nos últimos tempos, mas Octavia Morris havia sido um membro de longa data da comunidade de Kingfisher Falls e faria falta.



Depois de uma longa ducha, Charlotte encolheu-se no sofá - coberta por seu roupão - uma xícara de chá ao seu lado. Vagou entre as imagens que havia obtido essa tarde. A princípio, uma tomada completa do corpo de Octavia, prendeu a respiração, mas então forçou a resposta emocional para longe.

Analisar com imparcialidade. De outra forma, ficaria chocada.

Havia mais de cem imagens, não só do corpo, mas da sala de estar e algumas da cozinha adjacente. Ambos os cômodos eram limpíssimos. Nada nas mesas de café ou almofadas fora do lugar. Talvez Octavia se orgulhasse de sua casa. Ou esperava convidados.

Ou tenha havido uma luta, e alguém arrumou.

Com um balanço de sua cabeça, relegou esse pensamento para a cesta do “provavelmente não”. Havia feito várias fotografias antes de Glenys tê-la interrompido, uma de particular interesse. Tirada da metade superior de Octavia, focava atrás da cabeça e ombros. O cabelo prateado dela estava um pouco ralo, nada que se notaria em circunstâncias normais. Mas, por esse ângulo, havia descoloração no prateado.

Charlotte deu zoom. Poderia ser a luz no cômodo. Exceto que, quanto mais aumentava e diminuía o zoom, mais óbvia a diferença ficava. Ela tinha uma marca de nascença em seu crânio? Era algo próximo a base da cabeça, passando horizontalmente. Enviou a imagem para seu laptop.

Enquanto a ambulância não chegava, havia corrido para a cozinha para procurar por... Ela não sabia o quê. Novamente um perfeito cômodo arrumado. O único sinal de vida era um bule de chá ao lado da pia. Charlotte havia olhado dentro. Meio vazio, mas frio. E sem xícaras. Algo a fez abrir a lava-louças, que estava meio cheia. Incluindo duas xícaras e pires iguais. Bonitos no mesmo padrão florido do bule de chá.

Havia tirado fotos, não sabendo bem o porquê, e fechou a lava-louças enquanto vozes aproximavam-se. No momento que Sid levou dois paramédicos para dentro, já estava de volta com Glenys.

A qualidade dessas fotos não era tão boa quanto às das xícaras que despertaram seu interesse. Ambas as xícaras tinham marcas de batom nas bordas. Uma era de cor malva clara, a favorita de Octavia. Já tinha visto nela muitas vezes. Mas e a outra? Laranja brilhante.

Charlotte abriu seu laptop e encontrou a imagem da cabeça de Octavia. Na tela grande, era óbvio. Não era uma marca de nascença. Apesar da abrupta pancada entre sua testa e a lareira de mármore provavelmente ter terminado a sua vida, ela não havia simplesmente tropeçado.

Havia uma distinta marca atrás do seu crânio. Uma longa marca avermelhada.

Capítulo 4



CHARLOTTE OLHOU para as horas. Quase nove. Acreditava que alguém matou Octavia ou feriu-a suficiente para levar à sua morte. E se Sid não achava que havia razão para iniciar uma investigação, então esse alguém poderia se safar.

Provavelmente havia procedimentos para avaliar que cada morte fosse registrada como acidental ou não. E aí onde o conhecimento dela a deixava na mão. Seu treinamento médico era para outra situação, com diferentes processos. E isso foi há anos. Desde que obteve seu diploma de medicina, mais seis anos se especializando em psiquiatria na universidade antes de começar a praticar. Impossível lembrar-se de cada detalhe.

Se ligasse para Trev, ele insistiria em ver por si mesmo? Isso era o que a deixava hesitante. Havia tensão entre ele e Sid.

Trev não tinha jurisdição em Kingfisher Falls de acordo com Sid, então qualquer investigação que fizesse seria fora do seu trabalho.

Abriu a porta de vidro deslizante e foi para varanda. Uma tempestade estava próxima. Relâmpagos brilharam à distância, muito longe para se ouvir o trovão, mas estava vindo rápido.

Uma coisa que ela sabia sobre o Chefe de Polícia Sênior Trevor Sibbritt, era que ele era um excelente policial. Amava sua mãe e ficaria angustiado se Rosie não compartilhasse essas notícias com ele. Se Charlotte caísse em seus próprios pensamentos, então Trevor esclareceria o que aconteceu naquelas circunstâncias. Teria a oportunidade de ter uma conversa calma e racional sobre o terrível incidente.

Enquanto o telefone tocava, Charlotte inclinou-se contra a grade da varanda. A cidade estava calma. Ela sempre ficava assim durante a noite,

mas havia uma estranheza a qual não estava acostumada. Como se a própria cidade estivesse sofrendo por um dos seus.

— Charlie? Você está bem? — A voz familiar e firme de Trev respondeu.

— Sim. E Rosie também — calma e racional, pensou. — Lamento por ligar tão tarde, Trevor.

Trevor riu. — Tarde? Acabei de chegar de um evento VIP no salão de beleza da Christie.

— Perdão. Está dizendo que foi a um evento de beleza? Nós não discutimos esse assunto na festa de celebração da Christie e do Martin, antes do casamento deles? Deixe-me ver se me lembro...

— Muito engraçada. Vou te contar tudo depois. E aí? Está sentindo falta de ouvir sobre River's End?

— Eu sinto falta de todos — do nada, lágrimas espetaram atrás dos olhos dela.

— Todo mundo?

Charlotte tentou um riso. — Quase.

— O que está acontecendo. Estou ouvindo.

— Hum. Ok. Então, algo aconteceu hoje — Charlotte moveu-se em direção à pequena mesa redonda no canto e se sentou. — Sabe Octavia Morris? Ela morreu.

— Santo... Oh, meu Deus. Mamãe está bem?

— Rosie está triste. Chocada. Acabo de vir da casa dela e ela estava indo para a cama e, bem, imagino que chorará um bocado. Ela queria que as duas tivessem tido tempo de se reconciliarem.

— Como ela morreu?

— Ela caiu. Bateu a cabeça. Estive na cena.

— Esteve? Por quê?

— Sid veio e me apanhou. Queria um médico e estava apavorado, levei minha bolsa, mas ela já tinha morrido. Octavia estava lá, deitada de bruços em seu carpete azul sob o tapete creme, com tudo no lugar em sua casa linda e perfeita, e até suas roupas eram perfeitas... Exceto que ela tinha uma marca atrás... No seu crânio e a xícara de chá... Batom laranja e eu... Não sei o que fazer a seguir.

As palavras derramaram, tropeçando uma sobre a outra, e Charlotte caiu no choro.

Houve um silêncio atordoado de Trev. Logo em seguida ele fez barulhos tranquilizadores. — Shh. Ei. Mmm.

Uma risada histérica formou-se na sua garganta, mas Charlotte deteve-a em seus lábios.

Controle-se, Charlie.

— Eu deveria dirigir até aí.

— Não — Sniff. — Não, era por isso que não ia te ligar.

— Está sozinha? Alguém pode ficar com você?

Charlotte pegou um lenço e assou seu nariz. — É apenas uma reação emocional a adrenalina diminuindo. Ficarei bem em um momento.

— Mas não deveria ficar sozinha, angustiada.

— Pare de ser histérico, Trevor. Eu estou bem — naquele momento Charlotte já havia recuperado seu controle. Não que pudesse ver através de seus olhos embaçados, mas pelo menos o sistema hidráulico havia parado.

Trevor riu. — Vou parar de ser histérico, Charlotte.

— Desculpe. Enfim, não liguei para mostrar quão patética eu sou. Tenho algumas perguntas e é o único policial no qual confio.

— Entendo.

— Isso não saiu exatamente como eu queria.

— Estou contente por confiar em mim. Que perguntas? — Trev não parecia se incomodar com qualquer coisa que Charlotte dissesse.

Enxugando as últimas lágrimas dos olhos, ela contou a ele sobre as fotos que havia tirado. — Então, eu tenho dois problemas. Uma é a marca. Não consigo acreditar que não a vi na hora, poderia ter investigado mais. Se Octavia foi atingida por trás...

— Whoa. Investigar? Charlie, esse não é seu trabalho.

— Sim, eu sei, mas entende o que quero dizer? Se ela foi atingida com algo por trás, e caiu para frente, então quem quer que a atingiu pode ser o responsável por sua morte. Não é?

— Sim, mas...

— E depois, há o batom laranja.

Trev suspirou. Um suspiro longo e prolongado que a fez imaginá-lo sentado à mesa da cozinha com uma cerveja e a cabeça entre as mãos.

O riso histérico escapou.

— Charlotte?

— Desculpe, efeito da adrenalina. Bem, o batom pertence à Veronica. Você a conhece?

— Adrenalina? Considerou encher uma taça de vinho? — Trev disse.

— Boa ideia — ela foi direto ao balcão. — Tenho um pouco de tinto. Talvez meia taça — encheu quase a taça inteira enquanto falava. — Veronica tem causado um pouco de confusão em Kingfisher Falls. Abriu lojas e fechou-as rapidamente, depois se envolveu com um dos ladrões de árvores de Natal.

— O que isso tem a ver com a morte de Octavia?

Ela retornou para a varanda, bebendo o vinho enquanto andava para impedi-lo de derramar pela borda. Talvez tenha sido mais do que deveria ter enchido. Taça na mesa, afundou novamente na cadeira. — Veronica estava

usando um batom da mesma cor essa manhã. Ela estava na livraria. Bem, perto dali.

— Tenho o pressentimento de que há muito mais nessa história do que você quer compartilhar.

— Apenas quero saber o que fazer com a informação. Conto para Sid?

— Por mais que eu prefira que fique longe dele, deve. Sid pediu seu depoimento sobre o que viu na casa?

— Não. Para ser honesta, ele não mostrou sinais de choque.

— Ele é um policial treinado, Charlie. Se a conhecia ou não, existem procedimentos para seguir. Ele deveria ter batido à porta e se certificado de segui-los adequadamente. Porque existem lacunas envolvendo a morte de Octavia, e ela será examinada - provavelmente em Melbourne. Nesse momento, se essa marca estiver fresca e a morte for considerada suspeita, o legista tomará as providências.

— Ok. Posso pedir a Doug para ir comigo à delegacia de polícia.

Dessa vez, o suspiro de Trev foi de alívio. — Boa ideia. E, de volta para suas fotos. Estão datadas?

— Sim, estão — o vinho estava esquentando no estômago de Charlotte.
— Obrigada.

— Está se virando bem?

— Eu amo aqui, Trev. Rosie é maravilhosa e as cachoeiras são lindas.

— A lagoa na parte inferior é especial. Boa para piqueniques — havia um tom de dúvida na voz de Trev e Charlotte fechou seus olhos. Choraria novamente, cansadíssima e acabada com os eventos do dia.

— Não tinha notado. Oh, pinte a varanda e começarei a trabalhar no jardim dos fundos na próxima folga — qualquer coisa para mudar o assunto.

Conversaram por mais alguns minutos. Trev a fez rir sobre alguns acontecimentos em River's End, depois disseram boa noite. Charlotte pegou a taça de vinho. Um longo e baixo trovão seguiu-se a um clarão de relâmpago.

— Nós teremos aquele piquenique um dia — Charlotte cochichou.

Capítulo 5



— PARECE QUIETO hoje — Rosie tirava pó de um conjunto de prateleiras. — Não há muito movimento — tirou pó delas novamente.

— A cidade está quieta. Praticamente nenhum carro, mas acho que não são nem dez horas ainda — Charlotte olhou para fora da janela que estava limpando. A tempestade tinha vindo e ido durante a noite, deixando um dia mais fresco e com menos umidade. — E muitas pessoas disseram que iriam viajar por algumas semanas, antes das aulas recomeçarem.

— Verdade. Isso também.

Um carro reduziu e ambas olharam. Charlotte esperou que pudesse haver clientes dentro. Qualquer coisa para tirá-las do manto de exaustão e tristeza. Mas aquele sentimento continuava surgindo.

— Hum. Telefonei para Trevor noite passada — ela decidiu que deveria dizer algo sobre o assunto.

— Eu sei.

— Sabe?

Rosie juntou-se a ela. — Trevor ligou essa manhã. Queria ver como eu estava e perguntar se queria que viesse para cá.

— Ele queria vir noite passada. Acho que é difícil ficar tão longe de você quando algo ruim acontece.

— Bem, eu assegurei-lhe que ambas estamos bem.

Charlotte encontrou uma mancha na janela e esfregou-a com seu pano. — Disse a ele que eu estava bem. Ele precisava saber o que aconteceu, também queria fazer algumas perguntas, porque não tinha certeza se teria que dar um depoimento.

— E?

— Perguntarei ao Doug se ele se importa de ir comigo ver Sid. Prefiro não ir sozinha, e Sid parece respeitá-lo.

Rosie riu. — Doug não aceita desaforo de ninguém. O viu ano passado apoiando a família Forest. Já falou com ele?

— Não tinha certeza de quando seria melhor. Odiaria incomodá-lo se estiver dormindo depois de fazer seus turnos, já que ele é um chef. O que acha?

— Enviarei um WhatsApp para Esther pedindo para que ele ligue para você. Os depoimentos são sobre checar... Hum, checar a pulsação de Octavia? E coisas do tipo? — Rosie estava enviando a mensagem, mas havia tensão em seu rosto. — Imagino que se foi um acidente, não há muito o que para fazer, não é?

Charlotte mordeu seu lábio inferior, buscando pelas palavras certas.

— Charlie? Foi um acidente?

O toque do telefone da loja a salvou de responder e ela correu para o balcão, esticando o braço para pegá-lo.

— Livraria de Kingfisher Falls. Charlotte falando.

— Oh, Charlotte. É Abbie Forest. Ainda bem que a peguei — a voz de Abbie tinha um tom preocupado.

— Está tudo bem? O bebê está se comportando?

Abbie riu. — Exceto por alguns chutes selvagens, sem sinais de uma chegada. Queria saber se viu a Glenys?

— Hoje? Não.

— Ok. Vou fazer algumas ligações.

— Espere um segundo. Por que está preocupada? Glenys ficou com você noite passada? — Charlotte virou para encontrar o olhar de Rosie, que estava com a expressão de “*o que está acontecendo?*”.

— Eu tive uma noite ruim e acabo de acordar. Vi que ela preparou uma pequena mala e seu carro se foi. Estou preocupada, só isso — Abbie disse.

— Espere um segundo, Abbie, deixe-me contar a Rosie — Charlotte colocou o telefone no viva-voz e retransmitiu as preocupações de Abbie.

— Foi para casa, talvez? — Rosie sugeriu.

— Darcy verificou, mas nem sinal dela. E ele estava fora, do outro lado da propriedade, desde o amanhecer, então não sabia que Glenys tinha ido, até eu perceber.

— Abbie, aqui é Rosie. Primeiro, te agradeço muito por acolher Glenys. Isso tudo foi um choque tão horrível e sua generosidade comove meu coração. Agora, eu acho que ela foi para o mirante porque é onde costuma ir quando está triste. Vai para lá frequentemente orar por Fred.

— Devo apenas esperar? — Abbie pareceu incerta.

Charlotte inclinou sua cabeça para Rosie, que confirmou. — Posso ir até lá agora, Abbie. Verei se ela está lá e a informarei em seguida.

— Por favor. Sei que Glenys é uma mulher crescida, mas Octavia era sua querida amiga por um longo tempo, e eu entrei no meio delas.

Não, Octavia afastou todo mundo.

Depois de entregar o telefone para Rosie continuar a conversa, Charlotte pegou seus óculos de sol, celular e acenou enquanto saía. Uma caminhada vigorosa iria limpar sua cabeça de qualquer forma, e enquanto Glenys poderia ter ido ao mirante por conforto espiritual, ela iria para saborear sua beleza pacífica.

Virou à esquerda da livraria e seguiu o caminho até ele tornar-se pouco mais do que uma trilha na beira da grama à alguns quarteirões à frente. A partir de agora as lojas e casas estavam para trás. A primeira vez que ela esteve ali, era tarde da noite. Na ocasião havia corrido de demônios, do

pânico que estava aprendendo a controlar. Não tinha ideia de onde estava indo e tropeçou no mirante por acidente.

Então, se Glenys estava aqui, onde estava seu carro? Charlotte não havia explorado o suficiente para saber se havia um estacionamento mais à frente, então talvez ela tenha estacionado lá. Seu coração desesperou-se pela mulher mais velha. As últimas semanas devem ter sido tão difíceis. Pensando que seus vizinhos eram criminosos graças a terrível farsa e ações de seu próprio sobrinho. A perda da presidência do clube de livros local que havia iniciado e comandado por décadas.

Perdida para Octavia.

Charlotte acelerou enquanto seguia o caminho para as cachoeiras. O mirante era alto e Rosie havia mencionado algumas tragédias no passado, com pessoas caindo no rio muito abaixo, incluindo o pobre marido de Glenys, Fred.

Glenys estava com pelo menos setenta anos e usava uma bengala. Uma escorregada poderia ser um desastre.

Os sons e cheiros de mato envolveram Charlotte. O canto de pássaros perto e longe. O Canto do pega-rabuda e os gritos das cacatuas voando sobre sua cabeça. Eucalipto e acácia. A água corrente.

Cuidadosa ao pisar, depois de passar pela área de informações, tentou se apressar. As condições do solo deixavam a desejar, com buracos, rachaduras e todos os tipos de terreno difícil. Contornou a entrada antes do mirante.

Glenys olhava a cachoeira trovejante, inclinando-se contra a grade, ambos os braços estendidos.

— Glenys! — Charlotte correu. No momento em que alcançou o semicírculo do mirante, Glenys havia se virado.

Ela oscilava em seus pés, rosto contraído e lágrimas secas cortando linhas através de sua maquiagem. — O que está fazendo aqui?

Estava orando?

— Lamento muito se a interrompi. Abbie está preocupada contigo. Rosie achou que poderia estar aqui.

— Não vou me atirar, se é nisso que todas acreditam — Glenys mancou para longe da grade. — Precisava de algum tempo sozinha.

— Venha, tomar um café conosco? Nós amáramos a companhia — Charlotte abriu espaço para deixar Glenys passar, depois a seguiu. — Seu carro está aqui?

— No estacionamento. Não quero socializar.

Charlotte enviou um rápido WhatsApp para Rosie. *Encontrei Glenys. Ela está bem.*

— Lamento que não pude ficar mais tempo com você ontem — Charlotte disse. — Os paramédicos disseram que garantiriam que estivesse bem, antes de saírem.

— Eles foram gentis, mas como eu disse, não era eu a quem eles precisavam cuidar.

— Oh, cuidado aí. A chuva tornou esse ponto escorregadio e eu quase torci meu tornozelo descendo — Charlotte ofereceu seu braço e depois de uma pausa, Glenys pegou-o. — Onde está sua bengala?

— Nos Forests. Eu queria ir para casa ontem, mas eles foram tão gentis, e Lachie é tão doce. Irei até lá pegá-la e a minha mala, e direi obrigado para Abbie.

No quadro de informações, Glenys parou para tomar fôlego e apontou para a esquerda.

— O estacionamento é por ali. Estou bem para chegar lá sozinha.

— Na verdade, ia ser atrevida e perguntar se me deixaria perto da livraria. Rosie está sozinha.

Glenys mordia os lábios. Mas assentiu e seguiu o caminho para o estacionamento. O caminho estreitou-se, então Charlotte ficou atrás dela. Embora favorecesse uma perna, Glenys estava bastante ágil ao longo do caminho de terra, mesmo em sapatos com um pequeno salto. Duvidando que também conseguisse, ficou satisfeita em estar usando seus sensatos sapatos de trabalho e seguiu Glenys sem cair.

Em um momento, um arbusto deu lugar a um estacionamento. — Não sabia que havia um estacionamento aqui — Charlotte esperou que Glenys destrancasse o pequeno SUV antes de entrar. — Torna as coisas mais fáceis se não estiver a uma curta distância como eu.

— Posso parar de vir aqui — Glenys ligou o motor. — Lembranças tristes demais — segurou o volante e manteve seus pensamentos para si mesma pelo curto percurso até a cidade. Parou em frente à livraria.

— Charlotte. Obrigada pelo carinho. A você e a Rosie.

— Nós estamos apenas à uma ligação de distância.

Charlotte tinha certeza de que ela queria dizer algo mais. Seus olhos tinham tanta dor. Mas Glenys apenas sorriu e disse obrigada.



O carro patrulheiro de Sid parou enquanto Charlotte alcançava o outro lado da rua. Ela esperou que ele saísse, coração acelerado quando ele colocou seu chapéu da polícia. Tentando parecer oficial.

— Veio me ver, ou à Rosie?

— Você.

— Para o depoimento?

— Como sabia? — Sid perguntou.

— Estive na cena da morte na casa. Você me pediu para estar lá. Essas coisas exigem papelada, Sid.

— Chefe de Polícia Sênior Browne. Já lhe disse antes, não somos amigos.

Charlotte suspirou. — Eu irei daqui a pouco para a delegacia. Mas Rosie precisa de tempo para almoçar...

— Entendeu mal. Nós teremos uma entrevista e é sobre seu possível envolvimento na morte de Octavia Morris.

— O quê? — Rosie emergiu de dentro da livraria. — Disse que Charlie está sob suspeita? Eu pensei que a morte de Octavia fosse por uma queda.

— Muito cedo para saber. Mas houve uma denúncia — ele não olhava para nenhuma das duas. — Tenho que investigar.

— Então venha para dentro e investigue aqui. Charlie mal saiu da minha vista — Rosie virou a cadeira de rodas e encarou Sid. — Vai entrar?

Charlotte aproveitou-se do pequeno impasse e entrou.

— Ei. Volte aqui.

Ele amava dizer aquilo.

Rosie seguiu Charlotte, que já estava atrás do balcão. Ter uma barreira física entre ela e Sid oferecia algum conforto.

Abrindo caminho para o lado de dentro, ele parou com os braços cruzados. — Eu quero que me acompanhe até a delegacia para uma entrevista, mocinha.

— Ninguém aqui se chama mocinha, Sidney Browne. — Rosie estacionou sua cadeira de rodas perto de Charlotte. — Seja lá o que quiser perguntar, pode perguntar aqui.

— E serve para você também, Rose. A denúncia também a mencionou.

Veronica.

As mãos de Charlotte tremeram. A mulher envolvia-se com todas as pessoas erradas. Seu centro de jardinagem era o mais recente projeto de uma série de tentativas de administrar um negócio. A única vez que foi

comprar lá, a encontrou repreendendo sua equipe adolescente. Não era uma dama gentil.

— Nós estamos ouvindo, Chefe de Polícia Sênior — Charlotte ergueu o queixo e encarou Sid nos olhos, os seus próprios - ela esperava - firmes e sem revelar nada. — Se recebermos clientes, porém, precisará nos dar licença.

Sid abriu sua boca como se fosse discutir, depois a fechou novamente e procurou em um bolso por um bloco de notas. — Correto. Ontem de manhã, uma conversa entre vocês duas foi ouvida antes da queda infeliz de Octavia. As frases que alarmaram o reclamante incluíram você, Rose, dizendo que era impossível argumentar com Octavia e teria que haver outro jeito de conseguir o que queriam dela.

Sid olhou para Rosie, que não disse nada.

— Bem. E você, doutora, respondeu que havia um jeito. E que não importava quão longe tivessem que ir para conseguir o que queriam. Em um tom maldoso, implicando que incluiria assassinar uma mulher idosa.

— Oh, pelo amor de Deus — Charlotte teria revirado os olhos, mas sabia que Sid era sério e não ia acrescentar lenha a esse fogo ridículo. — Veronica ouviu uma piada entre nós, que foi para esfriar as coisas depois de Octavia dizer algo muito doloroso para Rosie.

— Admite ameaçar fazer mal a Octavia?

— Ninguém foi ameaçado. Não por nós. E tudo isso foi sobre alguns livros que ela encomendou e desistiu de comprar. Se olhar na vitrine, nós aproveitamos o cancelamento para criar uma bela oferta para os clientes por esses livros — Charlotte manteve seu tom calmo apesar de seu estômago embrulhar. — Rosie e eu estivemos aqui durante toda manhã. Depois, você veio e me pegou.

— Não significa nada — Sid fechou seu bloco de notas violentamente.
— Podem dar uma à outra álibis. Por tudo que eu sei, você injetou Octavia com algo quando estava checando por um pulso.

— Isso é o bastante, Chefe da Polícia Sênior Browne — o rosto de Rosie estava vermelho. — Eu gostaria que saísse.

Sid sorriu pretensioso. — Toquei em um nervo, não toquei? Haverá evidências depois que um exame médico for realizado, então eu voltarei. Com algemas — Sid exibiu-se saindo.

Charlotte correu para a porta da frente e fechou-a.

— Tranque-a, Charlie. Nós tiraremos folga o resto do dia.

Capítulo 6



— A CORAGEM DO homem! — Rosie ainda estava furiosa uma hora depois, enquanto ela e Charlotte esperavam pelo almoço no bistrô do pub. Cumprindo sua declaração, havia fechado o registro e apagado as luzes da loja, deixando um aviso na porta dizendo, “*De volta, amanhã*”.

— Sid está apenas blefando, Rosie. Não fizemos nada de errado.

— Mas se Octavia... — Rosie baixou sua voz e inclinou-se para Charlotte. — Foi assassinada? Sid virá procurando por um alvo fácil.

— Aqui vamos nós, senhoras. Têm certeza de que não gostariam de algo do bar? — seu garçom era Henry, gerente do bistrô. Ele tinha ido algumas vezes à livraria e era responsável por várias doações para a caixa de Natal que Charlotte havia montado. Henry estava na casa dos cinquenta anos, alto, em forma e grisalho, mas com um amor pela vida que o fazia parecer anos mais jovem.

— Tentador, Henry. Muito tentador, mas acho que apenas outro copo de suco de cranberry será suficiente. Charlie?

— Água com gás está bom, obrigada.

Henry e o seu bistrô lembravam Charlotte do pub em River’s End, pertencente a Lance. Ela fez algumas refeições lá e compartilhou do jantar especial de celebração de Christie no andar superior. Uma pontada de saudade do lar surpreendeu-a. Mas então, River’s End era o mais próximo que ela já teve de um verdadeiro lar.

— Querida? Você está a milhas de distância.

— Desculpe. Isso parece ótimo — Charlotte garfou um pouco de queijo e uma azeitona na salada. — Eu amo viver aqui, Rosie.

— Eu amo que esteja aqui — Rosie abriu um pãozinho e começou a passar manteiga. — Mas deve achar que Kingfisher Falls é uma cova de iniquidade.

— Há quanto tempo quer usar esse termo?

Rosie sorriu finalmente. — Eras. Parece mais impressionante do que uma maldosa cidade.

— Verdade.

A salada era deliciosa, mas Charlotte estava sem apetite. Tentou comer outro bocado.

— Eu tenho uma advogada, querida. Talvez nós devêssemos falar com ela.

— Nós não fizemos nada digno do tempo de Sid. Ele apenas gosta de perturbar. Além do mais, estou confiante que não haverá rastro de veneno encontrado.

Henry chegou com novas bebidas. Charlotte esperou ele se afastar para falar. Uma conversa ouvida era suficiente, não queria arriscar mais atenção indesejada.

— Há algo que precisa saber, Rosie. Porém, vou esperar até comermos.

Rosie balançou sua cabeça. — Estômago de ferro fundido. Octavia foi empurrada?

— O médico legista pode provar que estou errada, mas acho que ela foi golpeada por trás.

Com um grito sufocado, Rosie deixando cair seu garfo.

— Oh, não deveria ter dito nada — Charlotte esticou-se sobre a mesa e apertou o braço da amiga. — Eu pegarei um garfo limpo.

— Aqui está um novo, Rosie.

Henry apareceu do nada com um novo. Colocou-o perto do prato dela, pegou rapidamente o caído no chão, e foi-se novamente.

— Henry é um ninja. De qualquer maneira, chega de falar de Octavia.
Charlotte disse soltando o braço de Rosie e pegando o seu copo.

— Não. Eu quero saber, mas confesso que fiquei um pouco chocada. Se há um assassino solto, quem é o próximo? Haverá uma onda de assassinatos aqui?

Ela não parecia nem um pouco perturbada. Seus olhos pareciam arregalados com interesse. Ela deixou as perguntas colocarem-se entre elas enquanto mordida seu pãozinho.

Está transformando-se em uma detetive?

Charlotte escondeu um sorriso mastigando um bocado de tomate e rúcula.

— Está rindo de mim, juvenzinha? — Rosie nem mesmo olhou para cima. — Lamento muito que Octavia esteja morta. Ela foi uma grande parte da minha vida por um longo tempo e pensar que teve um fim prematuro devido a uma interferência é de partir o coração.

— Mas?

Rosie levantou seu copo de suco de cranberry, seus olhos encontrando com os de Charlotte. — É possível que eu tenha lido novelas de Agatha Christie demais. Amo um bom mistério.

— Bem-vinda ao clube — Charlotte ergueu seu copo. — Às mulheres que leem demais.

— E à vontade de solucionar assassinatos.

Clink.



Depois de um longo almoço com muita discussão, Rosie foi para casa, dizendo que seu jardim se beneficiaria por seu retorno antecipado. O dia estava agradável, então ela procurou pela garagem as ferramentas de

jardinagem. Apenas uma desculpa de aparência lamentável para um ancinho estava num gancho em um canto.

Rosie lhe deu uma chave duplicada do depósito no fundo da garagem. Já havia estado lá uma ou duas vezes, apenas para encontrar coisas para usar na livraria, mas estava certa de que algumas ferramentas de jardinagem estavam na prateleira. Entrou no cômodo e acendeu a solitária e opaca luz sobre a cabeça.

O ar estava rançoso, e uma grossa camada de poeira cobria a maioria das superfícies. Prateleiras preenchiam a parede mais longa e bem no fim do cômodo, no chão, havia uma torre de caixas.

Muito daquilo pertenceu à família que viveu ali antes de Rosie e seu, agora falecido, marido Graeme, comprarem o prédio e transformarem-no de uma padaria em uma livraria. Charlotte sabia pouco sobre eles, exceto pelos fragmentos que Rosie compartilhava. A padaria era um prédio original na cidade e várias gerações da família viveram e respiraram-na até o último da linhagem vivo.

Vasculharia as caixas um dia. E Rosie iria ajudá-la a encontrar a família, se possível, e perguntariam se gostariam que lhes enviassem os itens mais preciosos.

Itens como esses no baú de bambu. Abrindo as travas de cada lado, ela removeu a tampa. Dentro havia roupas, cuidadosamente dobradas. Em cima havia um vestido de noiva em renda e seda, e aninhado em suas dobras, roupas de bebê e um urso de pelúcia. Rosa e lavanda pairaram no ar, transformando o outrora cheiro úmido do cômodo.

— Vou descobrir seu dono — Charlotte cochichou antes de recolocar a tampa e apertar as travas. Essa era a segunda vez que ela olhava lá dentro, e as roupas e o urso de pelúcia deixaram-na instável e triste como da primeira vez.

Por mais intrigante que aquela coleção de itens fosse, ela desejava a luz do sol, então pegou qualquer coisa parecendo uma ferramenta de jardim e trancou a porta atrás de si. Com os braços cheios, ficou do lado de fora da porta rolante e olhou para o jardim dos fundos. A garagem começava atrás da livraria e o jardim ia dos fundos do prédio até o outro lado da garagem. Não era uma área grande, mas estava coberta de mato e escondendo, sabe-se lá o quê.

— Oh, céus.

Até recentemente a sua experiência com plantas era quase tão limitada quanto seu conhecimento de culinária. Nunca viveu em um lugar com um jardim de nenhum tamanho, mas adorava flores e abrigava um desejo secreto de plantar vegetais. Andar com Christie Ryan e Elizabeth White em River's End era a razão, ambas eram muito orgulhosas de seus respectivos jardins. Charlotte tinha um pequeno vaso de pinheiro que ela havia cuidado desde uma experiência de quase morte antes do Natal. Estava no final da escada do apartamento e, mais cedo ou mais tarde, precisaria decidir onde ele deveria ficar.

Colocou as ferramentas na trilha da garagem. Várias pás de mão em variados graus de deterioração. Dois ancinhos de mão. Um par de tesouras de poda, muito enferrujadas, mas suficientemente afiadas para cortar.

— Oh, querida — falou a si mesma. — Agora o quê?

Esperava por um cortador de grama. Rosie pagou um pessoal local para cortar há algumas semanas, mas ter um faria mais sentido. Não havia pás ou garfos de jardim decentes. E nada elétrico ou manual. Exceto pelas tesouras, jogou tudo no lixo. Melhor ver o que enfrentaria primeiro.

Andou pelo jardim com o bloco de notas aberto em seu celular para uma lista. Contra a parede dos fundos da livraria, um canteiro se estendia até a cerca mais distante. Uma negligenciada mistura de arbustos crescia. Ela os

tentou identificar, mas além de um par de rosas amadeiradas, não fazia ideia, então tirou algumas fotos.

O limite lateral, era uma parede de tijolos que se estendia da livraria até a grade dos fundos. Era muito alta para que conseguisse ver por cima, mas ela sabia que pertencia a loja vizinha. Um varal estendível estava preso à parede. Nada mais.

A grade dos fundos foi construída com ripas de madeira de quase dois metros de altura. Uma planta trepadeira cobria-a. Não, duas. Uma reconheceu como agrião, com suas flores alegres e folhas largas. Esse era comestível. Alguma memória mantida há muito emergiu. Colhendo e comendo folhas quando criança. Charlotte pegou-a e levou-a ao nariz. Sim, o mesmo cheiro apimentado forte que se lembrava. Mordiscou a folha.

A outra trepadeira era um maracujá e sua boca aguou. Ainda não estava madura, a fruta não estava enrugada e roxa, mas em pouco tempo conseguiria colher algumas. Com sorte, Rosie iria apreciar algumas também, já que a trepadeira estava coberta com frutos novos. Que achado encantador.

Colocando um pé em uma cerca se ergueu o suficiente para espiar. Esperando ver casas e um jardim atrás da cerca, havia apenas uma larga trilha de terra com mata nativa de cada lado.

Meu próprio santuário.

Depois de descer, deu outra olhada nas trepadeiras. Elas estavam plantadas em um estreito canteiro cheio de ervas daninhas. Charlotte olhou para o sol. Ele providenciaria luz quase o dia inteiro para essa faixa.

Perfeito para um jardim de legumes. Sorrindo, tirou mais fotos, depois fez algumas anotações.

Ervas daninha (comprar novas ferramentas)

Acrescentar mais solo

Mudas de legumes

Luvas de jardinagem

Pá e mangueira

Era tudo que ela podia pensar por enquanto, e depois de uma curta consideração, as tesouras de poda juntaram-se ao resto das ferramentas velhas no lixo. Rosie sabia tudo sobre plantas, então ela lhe perguntaria o que cresceria na área. E, onde comprar todos esses itens, porque ela não tinha interesse em visitar o centro de jardinagem de Veronica.



Mas em vez de incomodar Rosie novamente, Charlotte dirigiu para a Fazenda de Árvores de Natal. Era o meio da tarde e o trânsito estava tranquilo. A cidade de Kingfisher Falls ainda vestia um manto de silêncio desde aquela manhã, uma tristeza confusa e silenciosa.

Ela estacionou no largo estacionamento vazio. Fora do carro não havia som da serra elétrica com que Darcy tão frequentemente trabalhava, mas passando as áreas de vendas, as portas de seu grande galpão estavam abertas.

A meio caminho do estacionamento, hesitou. O carro de Abbie estava estacionado perto da casa de dois andares com vista para o vale, então alguém estava em casa. Deveria ter telefonado antes.

— Está devolvendo sua árvore, Charlotte Dean?

Correndo vindo da casa, o filho de Darcy e Abbie sorriu enquanto se aproximava. Lachie, de oito anos, a havia ajudado na primeira vez em que esteve ali, procurando por uma pequena árvore para sua varanda. Ele considerava a si mesmo parte da equipe e chamava sua mãe de “oficial Sra. Forest” quando trabalhava com ela.

— Receio que devo. Ela realmente é uma alienígena — Charlotte manteve um rosto sério. — E você me vendeu uma árvore, então preciso de

um reembolso.

— Sem chance. Lamento, mas usou a árvore para o propósito que a vendemos. Alienígena ou não.

Ela quase explodiu de rir. Esse pequeno jogo que começaram na véspera de Natal, surgiu depois dela ter mencionado a árvore falando com ela. E, lembrou-se, que tinha sido apenas minutos antes de Octavia e Marguerite assustarem a criança, gritando com seus pais.

Lachie parou na frente dela, ofegando. — Wow. Essa foi uma grande corrida. Vi você da varanda; veja, mamãe está sentada lá fora e disse que é bem-vinda para uma limonada se quiser — apontou para a casa e Abbie acenou. Charlotte acenou de volta.

— Obrigada, camarada, mas eu ia fazer ao seu pai algumas perguntas sobre meu jardim. Acho que Darcy sabe sobre plantas e tal?

— Pode apostar. Vou dizer a mamãe para continuar relaxando e volto já. Papai está no galpão de trabalho — Lachie partiu para a casa, gritando por cima de seu ombro. — Encontro você lá.

Praticamente todo mundo na cidade o amava. Quando a livraria organizou a caixa de presentes na época do Natal, numerosos clientes adquiriram livros com Lachie em mente, para que ele fosse o contentíssimo ganhador de uma pilha de presentes na véspera de Natal. Algo para mantê-lo ocupado quando seu novo irmão ou irmã chegar.

Charlotte espiou no galpão procurando por Darcy. Ela esteve ali uma vez e sabia que Darcy mantinha seu trator de plataforma plana e ferramentas lá dentro.

— Olá?! Darcy?

— Charlie? — Darcy Forest chamou do ponto mais distante do galpão.
— Entre.

Charlotte seguiu a direção de onde sua voz vinha, contornando o grande trator e passando os bancos alinhados ao lado do galpão. Foi mais longe do que percebeu para um espaço aberto. Exceto que havia armações de madeira empilhadas e Darcy estava fazendo mais. Uma pistola de pregos no chão e ele ergueu uma nova armação sobre as outras.

— Está construindo uma casa?

Ele sorriu. — Mais ou menos — com um grunhido, colocou-a no lugar, depois pegou um trapo de um banco e limpou sua testa. — Em um bom momento. Este é o último.

— O que é? Ou é um segredo?

— Somente para Veronica — Darcy suspirou. — Ela dobrará seus esforços quando souber.

Dobrar que esforços?

— Saber o quê? Oh, espere, vai reiniciar o viveiro por atacado?

O sorriso dele alargou-se e ele jogou o trapo novamente no banco.

— Então, o que eu sei - que não é muito - é que seu pai costumava gerenciar um bem-sucedido viveiro por atacado aqui. Árvores de Natal em novembro e dezembro, e mudas e acessórios para o resto do ano — Charlotte circulou as armações.

— Sim. Atendia todos os centros de jardinagem da região. Alguns até mais longe. Mas, quando as coisas ficaram... Você sabe, ruins para ele, as estufas foram deixadas sozinhas. Deterioraram. Estou arrumando-as.

— Que maravilhoso! Ainda está planejando fazer mobília?

— Juntamente. Quero colocar isso em funcionamento primeiro. Meu sócio está vindo em breve para ficar por alguns dias. Ele me ajudará substituindo a velha estrutura por essas e remendando o que nós pudermos. Não há dinheiro para novas estufas, então vou me contentar até ver um retorno.

— Limonada! — Lachie apareceu detrás do trator carregando dois grandes copos. — Mas derramei um pouco deste, então fica com ele, pai.

— Obrigada, Lachie — Charlotte pegou o outro. — Foi muita gentileza de Abbie.

Ele deu-lhe um olhar ofendido. — Foi ideia minha. Assim mamãe pode ficar sentada um pouco.

— Desculpe. Obrigada a você então.

— O prazer é meu. Tenho que ir agora — com isso, ele saiu correndo.

Charlotte abaixou sua cabeça, não encontrando o olhar de Darcy caso ela risse.

— Ele tem esse efeito na família. Eles sorriem em volta dele.

O orgulho na voz de Darcy aqueceu-a ao mesmo tempo em que abriu uma pequena lágrima em seu coração. Ela nunca havia tido uma família para apoiar e amar. Bem, sua mãe a amava, da maneira dela, mas esse não era o amor que Darcy e Abbie derramavam em seu filho. Charlotte bebeu a gelada e deliciosa limonada.

— Abbie fez isso?

— Não, mas tem a receita. Glenys trouxe alguns jarros para agradecer por ter ficado aqui. Ela tem árvores citrinas no extremo da propriedade e deixou um balde de limões também.

Havia tanto que gostaria de perguntar. Glenys estava bem depois de voltar para pegar sua mala e bengala? Havia falado sobre o que viu? Ainda estava pensando em vender e se mudar? Mas nada daquilo era problema dela.

— Então, o que te trouxe? — Darcy inclinou-se contra o banco enquanto bebia sua limonada. — Quer que eu encontre algum lugar para plantar sua arvorezinha?

— Talvez a conserve por mais tempo. Gosto de vê-la crescer e colocá-la na base dos degraus. Hoje estive no pequeno jardim atrás da livraria. Foi a primeira chance real que tive desde que me mudei para cá.

— Não é grande o suficiente para plantar aquela árvore — Darcy sorriu.

— Nem de perto. Gostaria de cultivar legumes e transformar o solo bom em canteiros de jardim e outras coisas. Adquirir algumas ferramentas e descobrir o que vai crescer. Rosie deve entender disso, mas me lembrei de você cuidando de galhos velhos e outras coisas.

— Posso trazer uma carga de reboque quando quiser. A terra é melhor de um lugar chamado, Macedônia. Eles também têm uma boa variedade de mudas e podem ajudar com os fertilizantes do solo. Eu lhe enviarei uma mensagem de texto com os detalhes deles, se quiser — Darcy puxou o celular do bolso. — Diga-lhes que eu a enviei. Fui falar com eles outro dia e assim que o atacado estiver pronto, irei fornecer-lhes.

O celular de Charlotte vibrou quando a mensagem chegou. — Obrigada. Estou animada. Já tenho maracujá crescendo!

— Bom. Apenas faça sua pesquisa sobre pragas e mantenha seu jardim tão natural quanto possível. Você sabe, evite os pesticidas. Desnecessário se estiver preparada para passar um pouco de tempo no jardim.

— E estou. Mal posso esperar. Quer que eu leve os copos de volta? — Charlotte perguntou.

— Não, estou descendo agora. Estive aqui desde o amanhecer então acho que é hora de ver a família.

Eles fizeram o caminho para as portas, onde Charlotte segurou os dois copos enquanto Darcy as puxava, fechando e trancando-as.

— Por que Veronica ficaria incomodada se for um atacadista? Achei que faria mais sentido para ela comprar o estoque dela localmente.

Darcy balançou sua cabeça e pegou os copos, enquanto caminhavam para o carro de Charlotte. — Veronica vê todo mundo como um competidor. Ouvi dizer que montou sua grande estufa com uma incubadora. Livrou-se de todos os seus exóticos e colocou fileiras de bancos para plantar mudas. Não ficaria surpreso se ela estivesse tentando vender agora.

Mais uma tentativa de tirar o comércio de um negócio existente.

— Precisa de alguma coisa para Abbie? Ou para o bebê? — hora de falar sobre coisas felizes.

— É muito gentil, Charlie. Entre a impressionante cesta que nós recebemos no Natal - agradeça novamente a Rosie - e o que nós já tínhamos antes de mudarmos para cá, acho que ficaremos bem.

— Bom, se precisar que fique com Lachie ou qualquer outra coisa, tem meu número.

— Pode ser que um dia você acabe se encarregando disso.

Um momento depois, Darcy estava caminhando para a casa e Charlotte ligava o motor. Era mais tarde do que ela pensava e era hora de fazer compras e ir para casa.

Capítulo 7



COM AS compras guardadas, Charlotte preparou um chá gelado e desceu as escadas. A noite estava chegando, o ar esfriando e estava uma temperatura agradável. Talvez com uma mesinha e cadeiras lá fora fosse bom aproveitar o novo jardim.

A conversa com Darcy ajudou a colocar as ideias em ação. Compraria no domingo pelo menos as ferramentas, e começaria a capinar, podar, e revirar o solo nos canteiros.

Charlotte checkou a mensagem que Darcy havia mandado. O link levou-a para um centro de jardinagem em uma cidade que ainda não conhecia, mas apenas vinte minutos ou mais de carro. O site deles era convidativo.

Algo a fez procurar o Centro de Jardinagem Kingfisher Falls. Na primeira página estava uma imagem, não da fachada da loja, ou plantas, mas de Veronica.

Ela posava na frente de um pote gigante, segurando uma colorida prateleira de mudas florescendo como se esperasse que a atacassem. E esses lábios alaranjados vívidos.

Sem necessidade de ser crítica, mas achava difícil quando a mulher em seus quarenta anos se vestia em minissaias apertadas e tops, e insistia em usar uma paleta de cor para os dezessete. Não era como se Veronica soubesse fazer o melhor com o que tinha, era bem apessoada e bonita de rosto, mas apresentava como um meio de atrair atenção. Ela gostava de homens muito mais jovens. E desfilava por aí ouvindo as conversas inocentes de outras pessoas.

Charlotte subiu depois de checar que o pequeno pinheiro tinha água suficiente. Ao entrar, trancou a porta e chutou os sapatos, tirando-os. Pensar

sobre Veronica a levou de volta para a casa de Octavia, com seu corpo sem vida, a angustiada Glenys e xícaras de chá manchadas de batom. Com o coração disparado, Charlotte deitou-se no chão para olhar para o teto.

Respire. Um, dois. Respire... Mais devagar. Um, dois.

O mantra repetido enquanto colocava suas palmas no carpete, dissolvia os sentimentos ruins. Vinte e quatro horas de estresse incomum havia acumulado mais do que ela havia notado. Agora, estava controlando as emoções e encaixotando-as em suas caixas mentais.

Seu celular tocou. Olhos ainda no teto, considerou deixar cair no correio de voz.

E se Rosie precisar de mim? Ou algo estiver errado com mamãe?

Ela levantou-se e atendeu sem verificar o número. — Charlotte Dean falando.

A pausa do outro lado a lembrou da demora quando um operador de televendas liga, e ela ia desligar quando alguém falou. Uma abafada e comedida voz masculina.

— Pare de mentir.

— Perdão. Quem é?

— Você é uma criminosa.

Ela sentou-se em um banco. Não reconheceu a voz. A pessoa devia estar cobrindo sua boca ou usando um aparelho para alterá-la.

— Como conseguiu meu número? Quem é?

— Você precisa sair da cidade agora. Tome cuidado, antes que alguém busque vingança.

Uma comichão de medo esgueirou-se pela espinha de Charlotte enquanto a pessoa continuava.

— Esse é seu único aviso.

— Espere um minuto.

A pessoa desligou. Ela checou o número, mas era privado.

Em piloto automático, foi até a cozinha e abriu a geladeira. Ela deveria comer. Ou planejar comer. Em vez disso tirou uma garrafa de vinho branco e encheu uma taça. Sem experimentá-lo, deixou-se sair na varanda e ficou na grade.

Com uma hora ou duas antes da escuridão cair, o ar estava agitado com cantos de pássaros enquanto eles terminavam a caça do dia e faziam seus arranjos para dormir. Era tranquilizador, as disputas e conversas entre os galahs e cacatuas. As pega-rabudas se acomodariam mais tarde. Pareciam ser os primeiros pássaros a acordarem e os últimos a dormirem.

Você é uma criminosa.

Qual foi o objetivo da ligação? Se alguém acreditava que ela era responsável pela morte de Octavia, por que mandá-la deixar a cidade em vez de chamar a polícia? E quem faria tal coisa, como uma ligação telefônica ameaçadora?

Sid veio à mente. Ele havia mostrado quão sorrateiro era usando uma conta falsa no Facebook para criticar a livraria no ano passado. E jurou descobrir o passado de Charlotte, então por que iria estragar seus próprios planos expulsando-a para fora da cidade?

Três outros homens eram dignos de consideração. Jonas Carmichael e Terrance Murdoch trabalhavam como conselheiros para o condado local. Jonas era um homem mau com métodos escusos. Ela viu em primeira mão antes do Natal, quando Jonas havia publicamente incitado suspeitas contra Darcy e sua família sobre os roubos de árvores. Jonas também estava envolvido com Veronica, não romanticamente - pelo menos Charlotte não acreditava nisso - mas eram chegados.

Suspeitaria menos de Terrance. Um homem mais velho, Terrance mais ou menos concordava com Jonas, mas ambos eram amigáveis demais com

Sid para o gosto de Charlotte. O que a levava até Kevin Murdoch. Irmão de Terrance, ela não tinha ideia de como Kevin ganhava a vida, mas ele esteve tão envolvido quanto Jonas, acusando os Forests.

E era ficante de Octavia.

Charlotte bebeu seu vinho. Naquele dia, na casa de Octavia, ela havia saído pela porta da frente depois dos paramédicos chegarem e de responder suas perguntas. Um carro de aparência executiva, caro, parou na trilha da garagem e Kevin desceu - mais cambaleando que andando. Ele passou por ela tropeçando, sem encarar seus olhos, os seus próprios, inexpressivos. Um homem em choque.

Talvez, depois que o choque passou, Kevin decidiria que Charlotte era de alguma forma responsável pela morte de Octavia. Sid havia sugerido que ela seria.

Que viesse o relatório da patologia.

Uma vez que a causa da morte estivesse no registro, ninguém a culparia.

Ela não havia deixado a livraria até Sid aparecer e havia muitos clientes regulares que podiam atestar.

Com um suspiro, Charlotte entrou. Não estava assustada. Pessoas decididas quanto a cometer um crime raramente avisavam sua vítima antes do tempo. Era alguém agindo por dor ou ódio. Se Trev vivesse mais perto, ela ligaria para ele, iria vê-lo. Acabou balançou sua cabeça. Trev não precisava dela ligando toda vez que houvesse um soluço na cidade. E Rosie não precisava se preocupar quanto à ligação. Aquilo era pouco mais do que um simples trote.



Logo após o amanhecer, Charlotte subiu para as cachoeiras. Ela amava essa hora do dia, quando a vida noturna selvagem ainda vagueava, e a cidade estava longe de acordar.

Em vez de ir para o mirante, ela seguiu em uma difícil trilha por todo o caminho até a lagoa no fundo das cachoeiras. Ali, a cachoeira caía de sua altura elevada em um corpo de água cristalina antes de desembocar no rio. Charlotte esteve no topo das cachoeiras uma vez, no ano passado. A visão era espetacular, mesmo se a subida fosse extenuante.

A grama macia embaixo dos pés estava molhada pelo sereno, então ela encontrou uma árvore caída e sentou-se em sua casca macia para beber da garrafa de água. Como frequentemente a essa hora do dia, um bando de cangurus visitou a lagoa para beber. Eles faziam turnos na água, enquanto outros observavam. Alguns olharam em sua direção como se curiosos com ela, mas nunca houve um sinal de medo.

Depois de um tempo eles partiram, aumentando a velocidade enquanto desapareciam no grosso arbusto do outro lado da trilha. Charlotte estava sozinha novamente, exceto por alguns coelhos mordiscando a grama molhada.

Ela havia dormido bem. Quando chegara a primeira vez em Kingfisher Falls, suas noites eram perturbadas ou por tempestades, ou por seus próprios sonhos perturbadores, ou pelos ladrões de árvores de Natal em atividade. A semana de folga depois do Natal mudou isso, enquanto ensinava a si mesma a tirar tinta da varanda, reparar as rachaduras, preparar as superfícies, lixar, depois pintar. Cada noite Charlotte estava cansada demais para fazer outra coisa senão dormir. Mas o resultado compensou cada pedacinho de trabalho.

Na noite passada esperou dormir mal. Invés disso, Charlotte havia adormecido depois de ler, e não acordou.

Vida no campo.

O sol jorrava por cima das cachoeiras, transformando a água em diamantes líquidos. Pedaco por pedaco, os raios enchiam a ravina até o ar

aquecer. Outro dia quente. Ela precisava estar em casa a tempo de tomar banho antes de abrir a livraria. Nada daria errado hoje.

Capítulo 8



A PORTA DA frente da livraria recusava-se a abrir.

Charlotte havia perdido a noção do tempo depois de seu banho, permitindo-se mais um capítulo de seu último livro que virou mais dois capítulos. Com dez minutos até a abertura, ela havia realizado suas obrigações usuais. Entrou pela porta dos fundos, acendeu as luzes, abasteceu o caixa. Não havia tempo para aspirar, então escolheria um momento sossegado quando Rosie chegasse para fazer isso.

Vassoura na mão para varrer a calçada, correu para a porta da frente, virou o aviso “*Fechado*” para “*Aberto*” e girou a fechadura. Ela girou, mas a maçaneta da porta não.

— Vamos, Charlie, você não é tão fraca!

Charlotte sacudiu a porta e tentou a maçaneta novamente. Em ambas as direções. Apenas resistência. Algo deve ter a travado por fora. Ela havia trancado ontem, antes de encontrar Rosie no bistrô. Não havia acontecido nada fora do normal.

Então pegou as chaves no balcão, saiu pela porta dos fundos e desceu a trilha da garagem. A porta da frente lhe parecia normal até dar uma olhada mais de perto onde o trinco inseria na fechadura. Alguma substância clara e grossa envolvia a área.

Sério?

Ela correu para cima e pegou uma faca de manteiga, um recipiente com água quente e sabão, e um pano. E passou os próximos minutos passando a faca na fissura e limpando a gosma grudenta que se prendeu nela. Foi um trabalho lento e Charlotte parou para tirar fotos. Um dia faria um livro sobre todas as evidências que estava reunindo.

O telefone estava tocando lá dentro, mas não havia motivos para correr e atendê-lo, então ela continuou trabalhando até que, com uma virada dura da maçaneta, a porta ceder. Charlotte empurrou a porta bem aberta e a atou na parede com o pequeno gancho atrás. De jeito nenhum ela fecharia novamente até ela ter limpado seja lá o que aquela coisa fosse.

Dessa vez, quando o telefone tocou, Charlotte o atendeu.

— Livraria Kingfisher Falls. Charlotte falando.

— Charlie? Você está bem? — a voz de Rosie estava tensa. — Eu liguei antes.

— Sinto muito. Estava apenas... Hum, lá fora, varrendo. Não consegui voltar para dentro.

— Oh. Oh, tudo bem então.

— Está tudo bem?

— Sim. Não. Bem, eu preferia não fazer isso, mas me pediram para ajudar a encontrar algum parente próximo de Octavia e preciso fazer algumas ligações antes de ir para o trabalho.

— Por que você?

— Explicarei quando te encontrar, mas tem a ver com a amizade de Graeme com o ex-marido de Octavia. Aparentemente, ninguém sabe como encontrar a família dela. Talvez eu possa.

— Estou bem aqui. Faça as ligações e nos veremos quando terminar.

Enquanto desligava, Charlotte notou Sid em seu carro patrulheiro. Ele havia estacionado do outro lado da rua e a janela estava abaixada, seus dedos batendo no teto. Charlotte saiu e atravessou a estrada.

— Você não olhou para os dois lados — Sid disse.

— Parece desapontado que não haja um carro vindo.

— Levantou-se da cama pelo lado errado?

— Por que está estacionado aqui? — Charlotte estourou. — Em toda essa região que você cuida, a livraria de Rosie parece ocupar uma quantidade incomum de seu tempo.

Sid arrastou seu braço para dentro do veículo e ligou o motor.

Ela agarrou o topo da porta. — Não saia por minha causa. Posso precisar de um pouco de proteção policial.

O que você está fazendo?

Sid a encarou. — Por quê?

— Por quê? Que tal você me contar — Charlotte puxou sua mão e colocou ambas na cintura e o encarou de volta. — Por falar nisso, porque não tomou meu depoimento sobre minha presença na casa de Octavia. Eu tenho a informação que precisa.

— Como? — Sid pareceu entediado.

— Quando deverei encontrá-lo na delegacia?

— Depois. Amanhã. Telefone primeiro.

— E, apenas para o registro, *eu* não tenho nada a ver com a terrível morte de Octavia. Nada. Nem Rosie. Então, diga isso a seus amigos. Ok?

Charlotte virou e caminhou de volta para a livraria.

— Ei. Mocinha volte aqui.

Que inferno.

— Charlotte!

Ela olhou sobre seu ombro.

— Eu não faço ideia do que quer dizer. Nenhuma — Sid disse. — Não falo com ninguém sobre o caso.

— Então quem pensa que eu sou responsável?

Ele deu de ombros e partiu.



Entre clientes, Charlotte trabalhava na porta para remover o gel grudento. Tentou mais água quente com sabão, sem sucesso. Não havia nada mais forte na livraria, então ela usou um clip de papel esticado para contornar a cavidade da fechadura. Era quase um exercício infrutífero. O pouco que conseguiu extrair quase não fazia nenhuma diferença.

— Está aprendendo a arrombar fechaduras, querida?

— Oi, Rosie, não a vi chegando — Charlotte endireitou-se com um leve gemido enquanto suas costas estalavam. — Ouch. Acha que eu daria uma boa gatuna?

Charlotte olhou em volta. Ninguém na rua próximo suficiente para ouvir.

— Terrível, se esquecer-se de checar quem pode estar em volta primeiro.

— Adoraria um pouco de café, e me pergunto se você gostaria de uma xícara? — Charlotte agarrou seu conjunto de itens de limpeza e liderou o caminho para dentro.

— Mais do que você. Porém, pode estar precisando de um depois de ficar por conta própria a manhã toda — Rosie tinha xícaras descartáveis no suporte da cadeira de rodas. — O que há de errado com a porta da frente?

— Algo está preso na coisinha em que o pedacinho da porta entra.

Rosie apertou os lábios enquanto passava para ela um café.

— Está rindo de mim.

— Estou tentando não rir — Rosie foi atrás do balcão e colocou seu café lá. — Você quer dizer o trinco? O que havia nele?

— Estou achando que é silicone claro ou algo parecido. Algo pegajoso e grosso, mas está quase seco. Uma verdadeira aflição para tirar.

— Como isso foi parar lá?

Deixe-me ver. Quem quer nos causar mais irritação hoje?

Charlotte deu de ombros. Não tinha por que perturbar sua amiga. — Crianças entediadas?

— Depois do seu café, dê um pulo no supermercado e compre alguns álcoois desnaturados. Acho que isso pode resolver. Se não, nós vamos precisar ligar para um chaveiro. Algo mais que eu precise saber a respeito?

— Não. Mas assim que eu terminar isso, conte sobre sua manhã.



Nem mesmo os álcoois desnaturados ajudaram, então Rosie chamou um chaveiro, que prometeu chegar lá antes do fechamento. O coração de Charlotte afundou pelo cansaço no rosto da outra mulher.

— Porque não vai para casa, Rosie.

— Eu apenas acabei de chegar aqui.

— E parece exausta. Eu estou bem para me virar.

Com um profundo suspiro, Rosie foi para a janela. — Sem Sid hoje?

— Ele apareceu. Até eu perguntar por quê.

Os olhos de Rosie dispararam na direção aos de Charlotte. — Oh. Isso foi uma boa ideia?

— Provavelmente não, mas o comportamento dele é abusivo. Ele precisa investigar... Outras coisas.

— Como o assassinato de Octavia?

Charlotte mordiscou seu lábio inferior.

— Charlie, tenho um forte pressentimento que você acredita que havia alguém lá antes de Glenys chegar. Bem, você nunca suspeitaria de Glenys!

Com uma rápida sacudida de sua cabeça, Charlotte pegou alguns livros deixados no balcão. — Não posso acreditar que o último cliente mudou de ideia assim que você ligou!

Rosie a seguiu para o fundo da loja. — Não mude de assunto. Acha que Glenys fez isso?

— Oh, Deus, não. Posso ter por um momento pensado, mas Glenys está no fim da minha lista de quem possa ser o responsável — Charlotte terminou de abastecer a prateleira. — Conte-me sobre essa manhã. Se você quiser.

— Não há muito para contar. Graeme era amigo do então marido de Octavia. Eles iam pescar no rio e assistiam esportes. Esse tipo de coisa. Quando ele fugiu com a mãe de Darcy, Graeme manteve contato. Obviamente, Octavia fez uma visita mais de uma vez tentando conseguir informações, mas Graeme a disse para fazer isso por intermédio do advogado dela.

As coisas faziam sentido agora. Octavia foi por muito tempo a amiga mais próxima de Rosie. Mas toda vez que Charlotte as tinha visto juntas, havia apenas frieza, mesmo rudeza, de Octavia. Rosie teria tomado o lado de seu próprio marido, então a amizade era outra baixa do casamento fracassado.

— Que família Octavia tem?

— Duas filhas, mas ambas casadas e vivendo no exterior. Ela me contou uma vez - em um relativamente alegre momento na reunião da comunidade - que elas pensavam apenas em herdar a casa dela e provavelmente nem mesmo viriam ao seu funeral — Rosie balançou sua cabeça. — Eles nunca foram uma família próxima. Não igual a minha.

Charlotte apertou o braço de Rosie.

— Estou bem. Realmente. De qualquer maneira, alguém da perícia médica ligou para ver se eu sabia os contatos delas. Nem mesmo o advogado dela os possuía.

— Você tem?

— Não. Mas dei a eles o número do ex-marido dela.

— Senhora Sibbritt? Chaveiro — uma alegre voz perto da porta interrompeu.

— Te contarei o resto depois — Rosie virou sua cadeira, com o que Charlotte estava certa de que era um sorriso forçado. — Não há senhora Sibbritt aqui! Rosie.



Depois da hora de fechar, Rosie seguiu Charlotte para o jardim atrás da livraria. Ela mostrou a Rosie a trepadeira de maracujá e perguntou sobre o que podia plantar.

— Essa é uma trepadeira velha e veja quão saudável é! Eu posso fazer uma geleia de maracujá ou condimento se você quiser?

— E me ensinar como?

— Absolutamente. Farei você inscrever suas criações em shows locais agrícolas antes que perceba. O que precisa é considerar onde o sol invernal estará. Não tanto em cima do muro e no canto — Rosie gesticulou. — Então, plante alguns vegetais de crescimento rápido enquanto é verão, e depois use aquela área para coisas como brócolis e couve-flor. Cenouras crescerão em qualquer lugar.

— Isso é maravilhoso! — Charlotte disse. — Conversei com Darcy sobre cobertura vegetal e ele me deu detalhes de um centro de jardinagem local. Eles têm ferramentas, o que você acha?

— Talvez. Mas eu tenho tantas, Charlie. Da próxima vez que for em casa, resolveremos o que irá precisar. Poderá comprar suas próprias ferramentas, uma vez que decidir o que precisará a longo prazo — Rosie foi até o fundo da garagem, onde se encontrava a cerca. — Sabia que tem um portão atrás da trepadeira?

— Impossível.

Charlotte empurrou folhas para um lado e espiou atrás. — Bem, olhe para isso!

— Eu vou te emprestar algumas tesouras de poda decentes para que possa limpar a cerca aí. A trepadeira irá amar. Tudo o que eu posso dizer é, certifique-se de colocar uma fechadura nisso, se não houver uma. Não faço ideia de onde a chave poderia estar, e nesse caso irei procurar alicates de corte.

— Exatamente que tipos de ferramentas não tem em casa? — Charlotte riu.

— Nenhuma serra elétrica. Mas há um pouco no galpão que Graeme colecionou. Pás, pés-de-cabra, enxadas, baldes. Muitas coisas. Venha jantar amanhã e nós investigaremos. Vou para casa, querida — Rosie já estava na trilha da garagem. — Estou empolgada com seus planos para o jardim. Faz muito tempo desde que ele teve algum amor.

Alguns minutos depois, Charlotte subiu as escadas. Abriu a porta e quase pisou em uma nota empurrada debaixo dela. Por que alguém faria o esforço de subir as escadas em vez de aparecer na loja? Charlotte olhou para o pedaço de papel branco dobrado, depois fechou e trancou a porta. Depois de pisar sobre a nota, a fotografou.

Está pensando demais nisso.

Na cozinha havia algumas luvas de borracha. Usando-as, levantou a nota por um canto e colocou-a no balcão. O estômago dela embrulhou enquanto desdobrava o papel. Não havia escrita, apenas uma fotografia em preto e branco, uma fotocópia pela aparente qualidade.

Havia duas pessoas na imagem do mirante perto das cachoeiras. Glenys e Charlotte.

— Mas que diabos?

Charlotte acendeu as luzes acima do balcão e olhou mais perto.

Foi quando ela havia acabado de falar com Glenys, que esteve sumida. Na foto, elas estavam perto uma da outra um momento antes de Charlotte ter aberto espaço para deixar Glenys passar.

A fotografia foi tirada de algum lugar mais alto e a uma razoável distância. Charlotte tirou as luvas e pegou seu telefone, movendo até encontrar algumas fotos que havia tirado no ano passado. O ângulo era similar. Alguém estava no topo de Kingfisher Falls e tirou uma fotografia. Por quê? E por que deslizar uma cópia debaixo da sua porta? Que possível razão alguém poderia ter para fazer aquilo?

Ela correu para a porta e checkou se estava trancada. Não se assustava facilmente, mas aquilo era assustador. Ainda mais assustador que o comportamento perseguidor de Sid, que pelo menos era explícito.

Ou foi você que fez isso?

Agora, o que fazer com aquilo era o próximo problema. Charlotte localizou uma capa de plástico e depois de recolocar as luvas, deslizou o papel para dentro. Enquanto o guardava, a luz bateu em um ângulo diferente, e ela olhou mais de perto. Acima da grade do mirante havia uma seta. Uma pequena seta preta apontando para cima e para baixo.

— Certo. Eu preciso de uma bebida.

Charlotte puxou o par de luvas com um estalo e as jogou dentro da pia. Depois encheu um copo com cubos de gelo e derramou um pouco de água e limão sobre eles. Refrescando e mantendo sua mente clara. Logo, ela iria pensar sobre jantar, agora o ronco de seu estômago era mais como uma fome normal, mas por alguns minutos ela quis se sentar na varanda e pensar.



Aqueles alguns minutos, tornaram-se uma hora antes da fome conduzi-la à geladeira para um resto de salada de batatas. Ela acrescentou algumas

fatias de pão e retornou para a varanda, dessa vez com uma taça de vinho. Prato na mesa, andou até a grade e inclinou-se sobre ela.

Sons noturnos intrometeram-se. Pássaros preparando-se para a noite. Um carro ocasional. Uma risada distante e música vinda dos restaurantes no final da rua. Que bom seria estar no Itália com uma taça de chianti e uma travessa do maravilhoso nhoque de abóbora do Doug.

Alguém podia nunca cansar de bocados dessas delícias. Charlotte suspirou e retornou a sua salada de batatas. Aquilo não era ruim, todavia.

Seus olhos vagavam pela varanda. Era um local do qual ela orgulhava-se. O apartamento era velho e, de acordo com Rosie, desocupado por alguns anos antes da sua chegada. Depois de quase uma semana de trabalho durante o feriado pós-Natal, esta área ao ar livre com paredes e piso cinzentos e descascados, foi transformada. Paredes verde-azeitona claro traziam frescor. O chão estava coberto por ripas de madeira. Ela ainda acrescentaria algumas cestas penduradas com samambaias e um jardim de ervas, uma vez que tivesse a chance.

Aquilo era importante. Essas mudanças eram mais do que uma pintura nova. Emoção assentou-se no coração de Charlotte.

Ela estava criando um lar. Pelo menos os primeiros passos. Cômodo por cômodo, arrancava o velho e criava, algo novo e bonito. E uma pequenina parte dela seria renovada com cada passada do pincel.

Charlotte lavou-se depois de retornar as luvas de borracha para seu lugar original. De volta à sala de estar, notou um enfeite solitário em um canto, pendurado no teto por uma linha de pesca. Estava suficientemente baixo para puxá-lo, e a linha deslizou da fita segurando-o. Aquele teto seria o próximo na lista para repintar, então Charlotte deixou a fita lá em cima. De algum modo essa pequeno enfeite foi esquecido quando ela empacotou a decoração de Natal.

A caixa de decorações estava no terceiro quarto, que ela havia transformado em seu eu-não-sei-o-que-fazer-com-esse-ainda lugar de estocagem. O segundo quarto foi preparado para um visitante. Charlotte não fazia ideia do motivo, já que não esperava ninguém, mas era bom ter uma cama feita com lençóis limpos e uma toalha nova dobrada aos pés.

No terceiro cômodo, ela abriu a caixa de decorações, que deixou no colchão descoberto. O apartamento era meio que mobiliado, mas algumas coisas eram muito melhores que outras. A cama de solteiro, por exemplo, rangia e gemia quando sentava-se nela, e o colchão era velho, com molas saindo na ponta. Um dia ela compraria uma boa cama para colocar ali, mas por enquanto essa quebrava o galho.

Depois de fechar a tampa da caixa novamente sobre as decorações, Charlotte hesitou, os olhos em outra caixa. Essa outra chegou antes da comemoração de Natal, de onde sua mãe vivia.

Onde ela estava internada. Pare de atenuar as coisas.

Não importava. A caixa apareceu na porta dela outro dia, cheia com algumas das indesejadas bijuterias e memórias de Angelica, assim como algumas coisas que ela havia escondido dela. Coisas que sua mãe insistiu em manter da infância infernal de Charlotte. Ela havia olhado dentro, relutante em fazer mais do que notar que havia cartas, caixas de joias, e uma série de coisas ridículas que sua mãe considerou suficientemente importantes para manter.

Exceto...

Havia visto alguns cartões de Natal e os abriu curiosa, porque Angelica nunca se incomodou com Natal ou aniversários. Nove únicos cartões feitos à mão. Um enviado para cada ano, desde que Charlotte tinha dois, até seus onze anos. Todos com uma simples inscrição.

Feliz Natal, querida.

Você é amada.

Z.

Quando ela havia perguntado a Angelica, sua mãe havia lembrado as palavras, e quem os enviou, mas sua confusão voltou antes que explicasse, e Charlotte não perguntou novamente. Não era o pai dela, cujo nome não começava com Z. Além do mais, ele esteve com elas durante alguns daqueles anos. Não sabia se eles foram enviados para Angelica, ou para ela mesma.

Ainda outro mistério, mas esse do passado. Ela fechou a porta enquanto saía.

Capítulo 9



DOUG JÁ estava esperando na delegacia de polícia às onze horas quando Charlotte virou a esquina correndo.

— Sinto muito — disse ela ofegante enquanto parava perto dele. — Atrasada por um cliente.

— Estou adiantado. E Sid apenas chegou há trinta segundos — Doug Oaks era chef principal no Itália e casado com Esther, dona da loja de roupas. A mesma loja de roupas invadida no ano passado e que teve sua árvore de Natal roubada. Ele era um homem justo e tranquilo, e sua presença com Charlotte na delegacia de polícia trazia-lhe uma sensação de confiança.

A delegacia funcionava em um prédio de pedras, isolado e muito velho, que gritava por uma camada de tinta. Diferente da delegacia de Trev, com sua pequena casa anexa, essa era pouco mais que quatro paredes e janelas gradeadas.

— Pronta? — Doug liderou o caminho.

— Obrigada por vir comigo. Não fico confortável estando sozinha com Sid, não enquanto dou um depoimento onde ele poderia... Bem, me entender mal.

Ele riu — Você é tão delicada. Nós acabaremos com isso e depois estará livre de qualquer outra obrigação. Foi muito decente da sua parte ajudar a pobre Octavia.

Doug bateu na porta. — Aposto que Glenys ficou feliz por vê-la naquele dia.

Ela não respondeu enquanto Sid chamou de dentro da sala com um abafado — Abra.

A porta balançou para dentro de uma pequena entrada. O ar fedia a cigarro e café velho e Charlotte passou a respirar pela boca. Havia um balcão com uma porta ao lado.

— Aqui dentro.

O “aqui dentro” era um cômodo de parede de pedra, com duas mesas e uma cela no canto extremo. Havia uma porta nos fundos. O peso de décadas de interrogatórios e suspeitas gelou Charlotte e ela tremeu. Sid estava esparramado atrás de uma mesa bagunçada.

— Só preciso da doutora, então pode esperar lá fora. — ele nem mesmo se incomodou em cumprimentar Doug.

— Doug fica ou eu vou.

Sid revirou seus olhos. — Que seja. Mas nenhuma palavra dele — gesticulando para Charlotte sentar-se na única cadeira oposta.

O encosto era grudento, Charlotte desencostou-se e se sentou tocando o menos possível no assento. — Já há notícias do escritório do legista?

— Tudo que eles fazem é atormentar-me por um relatório. Eu farei as perguntas — Sid bateu com um dedo no teclado. — Preciso de seu nome completo primeiro.

— Charlotte Dean.

— Nenhum nome do meio?

— Não.

— Endereço.

Providenciando somente aquilo que sabia ser legalmente requerido, Charlotte respondeu a lista de perguntas de identificação de Sid.

Ele queria mais. Queria sempre mais, mas Trev lhe enviou por WhatsApp uma lista do que ela precisava fornecer, depois de ter lhe enviado uma mensagem sobre o assunto pela manhã.

Pela próxima meia hora, Sid digitou um relatório. Ele iniciou com seu pedido para que ela fosse à casa, passando por quando chegaram ao local, até o momento em que ele saiu para falar com seus superiores.

— Certo — Sid tirou suas mãos do teclado e olhou para Charlotte. — Você disse que tinha informações.

— Existem algumas coisas que eu notei. Uma tinha a ver com o corpo de Octavia.

— Corpo? A cabeça dela atingiu o mármore quando tropeçou. O que há para notar?

— No que ela tropeçou? — Charlotte perguntou.

— Eu não sei. No canto do tapete?

— Não estava nem um pouco desarrumado. Nem virado ou empurrado para cima. E é um tapete grande, então ela teria cambaleado alguns passos antes de cair, caso tivesse prendido o pé na beira dele.

Sid recostou-se e cruzou seus braços, sua expressão de descrença. — Continue *detetive*.

— Estou apenas compartilhando minhas observações. Imagino que qualquer um que viesse tirar fotos do corpo de Octavia antes de ser removido, fosse te contar a mesma coisa — Charlotte manteve uma irritação fora do seu tom. — Detetives de homicídio estão vindo para cá?

— Por quê? Foi por um acidente que ela caiu. Não era jovem.

— Oh, Sid. Deveria pensar que há mais nisso!

— Chefe de Polícia Sênior Browne. Diga-me por que eu deveria? — suas mãos voltaram para o teclado e Sid digitou algumas palavras. — Continue, o que faz disso um caso de assassinato?

— Acho que ela tinha uma marca passando atrás do seu crânio. Uma que foi infligida antes dela cair.

Suas mãos levantaram e seu queixo caiu.

Doug, que estava inclinado contra o balcão, endireitou-se com uma pequena inspiração. Charlotte lhe lançou um olhar que esperava que entendesse como uma desculpa por não o avisar sobre sua suspeita. Seus lábios estavam apertados, mas Doug balançou a cabeça.

— Eu tirei fotografias, Chefe de Polícia Sênior. Muitas delas.

— Por quê?

— Caso você esquecesse.

As palavras pairaram por um minuto inteiro. Sid não piscou por um minuto inteiro, Charlotte tinha certeza, mas não voltaria atrás. O toque estridente do telefone cortou a tensão. Sid levantou-o e enganchou-o novamente sem atender.

— Envie-me cada fotografia que tirou. Entendido?

— Claro.

— Se havia uma marca, por que o médico legista não a encontrou?

— Eu imagino que haja procedimentos. Não houve uma invasão, ou circunstâncias atípicas próximas de Octavia. Na superfície isso aparenta ter sido um terrível acidente — Charlotte contou mentalmente os dias. Haveria algo logo.

— O que mais?

— Ela teve companhia naquele dia. Então, você pode querer entrevistar essa pessoa para saber se viu ou ouviu algo fora do normal.

Sid balançou sua cabeça. — Como eu deveria encontrar esse visitante misterioso? — e continuou — Glenys encontrou Octavia caída no chão. Ela não disse uma palavra sobre mais alguém que estivesse lá.

— Você olhou na lava-louças?

— Oh, isso é melhor ser bom. Por que estava bisbilhotando pela casa?
— ele disse com seu costumeiro sorriso pretensioso plantado de volta em seu rosto.

— A casa parecia perfeita. Mas na pia havia um bule de chá. Sem xícaras. Apenas o bule de chá, que estava meio vazio e frio. Dentro da lava-louças havia xícaras iguais, então pode ir lá e tirar suas próprias fotos e impressões digitais, e o que mais você faz. Não que precise. O batom em uma delas era muito revelador.

— Batom. Especialista em beleza e detetive. Estou cansado de suas ideias ridículas e me pergunto se poderia ter tido uma participação na morte de Octavia afinal.

Doug deu um passo à frente e Sid olhou para cima, como se tivesse esquecido que não estava sozinho com Charlotte.

— Pense o que quiser, mas estou aqui para ajudar; e se já terminou de digitar essa coisa, eu posso assinar e deixá-lo em paz — era antes do almoço, muito cedo para uma bebida forte?

— O que há de especial nesse alegado batom?

— Laranja brilhante. Conhece alguém na cidade que usa laranja brilhante?

— Eu conheço.



De volta ao sol quente, Charlotte respirou ar fresco. — Espero que não esteja muito chocado, Doug. Eu deveria tê-lo avisado.

Doug coçou sua cabeça. — Pegou-me de surpresa. Mas quanto mais penso nisso, mais faz algum tipo de sentido. Sobre Octavia ter sido assassinada, não Veronica ser responsável por isso. Mas não parece possível que Octavia tenha apenas caído. Nunca soube de ela ter um momento de fraqueza.

— Obrigada por estar aqui, apesar de tudo. E lamento que tenha que manter isso para si mesmo, por enquanto.

— Não. Não sou de fofoca e especulação, então ninguém esperará que eu diga uma palavra. Nem mesmo Esther. Ela está acostumada a usar meus ouvidos mais do que minha boca.

É uma pena que mais pessoas não façam o mesmo.

Doug foi para o Itália preparar o jantar e Charlotte recusou sua oferta de uma carona. Depois de uma opressiva atmosfera na delegacia de polícia, ela precisava caminhar.



A última pessoa que esperava ver na livraria era Marguerite Browne, mas lá estava ela, sentada em uma poltrona na área de leitura, enxugando seus olhos com um lenço enquanto Rosie batia em seu ombro.

Charlotte parou, pronta para recuar caso sua aparição perturbasse a mulher. Houve poucas palavras gentis trocadas entre a esposa de Sid e ela desde que se encontraram a primeira vez. Marguerite acreditava que Charlotte era namorada de Trev, e algo havia acontecido entre Trev e Sid, algo que nunca era comentado, mas havia causado um profundo desentendimento e a arrastando para o meio daquilo sem nem saber o porquê.

Da última vez em que Marguerite visitou a livraria saiu furiosa, depois de uma tentativa de ditar à Rosie para onde deveriam ir as doações na caixa de presentes. Ou não ir. Como Octavia, Marguerite não gostava da família Forest e estava convencida de que Rosie devia escolher outro destinatário para quaisquer presentes dados pela loja. Houve ainda mais conflito na festa de véspera de Natal da cidade.

Porém, Marguerite não estava emitindo uma vibração hostil no momento, com sua cabeça abaixada e seus ombros caídos. Não tinha por que ficar parada na porta o dia todo. Decidiu entrar.

Rosie olhou para cima e sorriu. Um sorriso que dizia que as coisas estavam sob controle e para não se preocupar. Se Marguerite sentia o mesmo, era questionável, então ela deslizou para o banco detrás do balcão e ligou seu computador. O livro de pedidos estava aberto e havia várias novas entradas, então os adicionou ao arquivo de pedidos que mantinham em execução.

O monitor piscou algumas vezes e depois escureceu. Charlotte checkou a conexão atrás, que estava bem, depois se deixou cair de joelhos para olhar detrás do balcão. Seguiu o fio do monitor até sua conexão à CPU do computador e a apertou.

— E eu não sei o que nós faremos quanto ao clube do livro agora.

A voz de Marguerite aproximou-se. Charlotte decidiu ficar no chão até que ela saísse e evitar o risco de ou uma palavra áspera, ou de fazer algo, qualquer coisa que a mulher se ofendesse. As alegrias de ser uma comerciante. Ser gentil com todos.

O tom mais suave de Rosie a seguiu. — Eu imaginaria que os membros iriam querer um pouco mais de tempo para chorar pela morte de Octavia, querida. E são um grupo tão gentil que as formalidades podem esperar um pouco. Só até todo mundo sentir-se mais normal novamente.

Rosie é a voz da razão.

— Eu apenas não sei o que ela teria desejado. Não havia plano de sucessão.

Assim como a propriedade dela, de fato. Sem testamento.

— Sem testamento algum?

— Octavia disse-me, no ano passado, que estava farta de filhos gananciosos que desejavam sua morte para receber uma riqueza a qual não mereciam. Rasgou seu testamento — havia uma integridade, um triunfo, na voz de Marguerite. — Essas duas garotas dela tem uma briga em suas mãos.

Ela tinha planos de criar seu pequeno império particular, um que rivalizasse com o de seu ex-marido patife. Tinha um conjunto de propriedades e estava de olho em uma joia da coroa. Pena não ter conseguido comprá-la.

— Eu compreendo. Bem, estou contente que esteja se sentindo um pouco melhor, querida. Apareça a qualquer hora.

— Sabia que me entenderia, Rose.

O silêncio arrastou-se e Charlotte olhou para a luz na CPU. Entender o quê? E que joia da coroa que Octavia queria?

— Está pretendendo ficar abaixada aí o dia todo, Charlie?

— Sim.

— Eu preferiria que não.

Charlotte colocou-se em pé com um suspiro dramático. — Bem. Estou de pé.

Rosie sorriu. — Eu teria me escondido também se tivesse visto Marguerite aproximando-se a tempo.

— Ela queria ser sua amiga novamente?

— Simpatia. E provavelmente se garantir, caso o clube do livro precise de nossos serviços novamente. Quem sabe? Como estava Sid?

— Estou começando a entender por que ele passa mais tempo em seu carro do que naquela horrível delegacia. De qualquer forma, exigiu todas as fotos que tirei e, quando saí, estava ao telefone com alguém do escritório do legista e deixou escapar que estavam pedindo por seu relatório. Disse a ele o que sabia e então finalizei — Charlotte gesticulou como se lavasse as mãos. — Assinei o depoimento. Exceto se chamada como uma testemunha, não há razão para eu ser envolvida.

— Oh, você lançou esses pedidos, obrigada — Rosie parou sua cadeira de rodas em frente do teclado. — Notou quão estranho um deles é?

Charlotte deu uma folheada no livro de pedidos. — Seis cópias de *Fotografias Perfeitas de Kingfisher Falls*. Isso é para uma escola ou coisa assim?

Rosie balançou sua cabeça. — Glenys. Queria saber se algum ainda estava circulando e fez um pedido. Ela disse “peça quaisquer cópias restantes”.

— Esse não é o livro no qual ela tem fotos? — Charlotte pegou uma cópia do canto mais distante da loja. — Este aqui?

— Sim, e sim. O marido dela tirou muitas fotos e ela reuniu todas.

— Lembro que Glenys me contou que sempre quis ser uma fotógrafa da vida selvagem, mas sua profissão era tirar fotos de casamentos.

— No que se destacou. Ela não tinha paciência para vida selvagem que não fica onde você diz para ficar. Fred - seu marido - era paciente com uma câmera, e com nada mais. Ele era meio temperamental, mas com animais e pássaros tinha muito amor.

Charlotte deu uma folheada em suas imagens completamente coloridas da fauna, flora e paisagens locais. — Aqui está o mirante. Antes da grade.

— Pobre Fred. Ele caiu antes de seu livro ser sequer publicado.

Abrindo uma garrafa de água no balcão, Rosie tomou um gole. Charlotte retornou para seu banco, intrigada pelas histórias de sua pequena cidade.

— Meu Graeme estava trabalhando meio período no jornal local nessa época. Nós não precisávamos de duas pessoas aqui o tempo todo, e Graeme amava seu jornalismo. Deveria te contar sobre ele um dia. De qualquer maneira, ele cobriu a terrível tragédia e eu lembro-me dele atento, alguns meses depois, quando o livro foi lançado. Graeme entrevistou Glenys e foi comovente. Eles incluíram algumas fotos dela, já que as de Fred não eram todas utilizáveis.

— Glenys tirou as fotos ao mesmo tempo?

— Eles nunca haviam trabalhado nisso juntos, porque nunca teriam concordado com uma foto — Rosie sorriu para si mesma. — Nada parecido com a minha vida com Graeme. Nunca uma palavra áspera dita e sempre era um tremendo cavalheiro.

— Estou tão contente que esteja passando algum tempo com Lewis. Ele é um cavalheiro também.

Os olhos de Rosie baixaram. — Passando tempo? Sim, claro. Sim, Lewis é.

Oh, não. Eu disse a coisa errada.

— Por que Glenys quer seis desses? — rápida mudança de assunto.

— Não faço ideia, mas não estou otimista por ela. Foi impresso por uma pequena editora, em uma tiragem muito pequena e acho... — Rosie digitou no teclado. — Sim. Fora de catálogo. A editora faliu há algum tempo. Deve haver mais dois na prateleira, então vamos separá-los para Glenys.

Depois de pegá-los, Charlotte colocou todos os três no balcão dos fundos. Rosie estava falando com Glenys ao telefone. — Você poderia tentar algumas lojas de segunda mão ou olhar online — sua cabeça balançou. — Nós iremos, te verei então — Rosie desligou. — Agora, ainda irá jantar na minha casa?

Capítulo 10



CHARLOTTE DIRIGIU até a casa de Rosie e juntas fizeram uma viagem para o que Rosie descreveu como um galpão.

— Esse é um palácio para ferramentas! — Charlotte andou em volta do prédio de tijolos do tamanho de uma garagem dupla. — Do seu pátio dos fundos o jardim pareceu pequeno, mas todos esses botões de rosas magníficos escondidos!

Rosie riu enquanto empurrava sua cadeira de rodas para o outro lado. — Graeme amava esse lugar. Nós dois adorávamos o jardim, mas ele também amava jornalismo. E tinha uma área montada aqui para que pudesse trabalhar noite adentro sem me incomodar. Tudo se foi agora, exceto por alguns registros de seus mais respeitados trabalhos publicados.

— Mencionou que Graeme trabalhou para o jornal local? — Charlotte seguia Rosie.

— Trabalhou. Mas no começo ele era um correspondente no exterior e viajava tanto quanto ficava em casa. Por um tempo, reportava de lugares muito perigosos e recebia muito dinheiro pelo trabalho que fazia. Suficiente para nós comprarmos o prédio em que a livraria está — Rosie parou na frente de dois arquivos de metal. — Aqui estão jornais, revistas, notas, todos os tipos de textos jornalísticos e peças. Um dia eu os organizarei.

— Um dia?

— Meio que me faz sentir como seu eu estivesse dizendo... Adeus — Rosie suspirou. — Bobagem minha.

Charlotte colocou uma mão no ombro de Rosie. — Bobagem não. Mas o que você compartilhou com Graeme está em seu coração, não nessas gavetas — ela agachou-se ao lado de Rosie e a olhou. — Oh, não chore,

Rosie. Não consigo imaginar como é amar tão profundamente e perder a pessoa. Mas, quando a ouço falar dele com tantas memórias maravilhosas... Vocês puderam criar uma vida juntos e compartilharam seus sonhos. E construíram um negócio. Até mesmo criaram um filho que acabou se saindo bem.

Rosie enxugou as lágrimas do rosto com as costas da mão, erguendo os cantos dos lábios. — Saindo-se bem. Trev é um pouco mais que isso.

— Não sei. Trev é mandão às vezes — Charlotte levantou e beijou a bochecha de Rosie. — Se você alguma vez precisar de uma mão com isso, eu sou incrível com arquivos. E coisas.

Charlotte saiu para dar a Rosie um momento para se recompor. Uma longa bancada com uma prateleira baixa acompanhava uma parede. Caprichosamente empacotadas na prateleira de baixo havia uma série de ferramentas elétricas em seus estojos. Potes estavam empilhados por tamanho e formato.

O pé dela esbarrou em algo saído debaixo da prateleira próxima ao chão. Ela puxou-o para fora. Um pedaço de madeira longa e arredondada. Um cabo sem cabeça.

— Hum, devolva isso para a prateleira, Charlie. Eu tenho que consertá-lo.

— Claro. O que é isso? — Charlotte colocou-o entre duas caixas.

— Eeee, hum, um machado. Uma vez que receba uma nova cabeça.

— Não tem uma lareira.

— Não. Eu não tenho.

E foi isso. Rosie ainda estava nos arquivos, então Charlotte cruzou para a parede oposta, que estava preenchida com ganchos. Havia todos os tipos de ferramentas penduradas lá. Pás de variados comprimentos e estilos.

Forcados. Ancinhos. Um cavador de buraco de algum tipo. Mais embaixo havia muitas ferramentas de mão, cada uma em seu próprio gancho.

— Deveria pegar um desses carrinhos de mão — Rosie apontou para onde dois aguardavam juntos. — Eu preciso apenas de um. E, como pode ver, nós temos uma ampla série de ferramentas, então pegue o que precisar. Essa pá e aquela também. Vê suas diferentes extremidades? Uma cavará nos canteiros já existentes e a outra a ajudará a criar outros. E um forcado. Mais, quaisquer pequenas ferramentas que precisar. Oh, existem algumas tesouras decentes para cortar os velhos arbustos.

Pelos próximos minutos Charlotte encheu um carrinho de mão com tudo que Rosie sugeriu. Mas não havia a menor chance de ela conseguir colocar o carrinho de mão em seu pequeno sedan.

— E se eu primeiro levar o carro e então, depois do jantar, ir empurrando o carrinho?

— Tem certeza de que consegue levar por todo caminho até lá? Ou nós podemos pedir para alguém com uma picape ajudar.

— Não. Definitivamente não é um problema. Posso deixá-lo ao lado de sua casa, fora da vista da rua — Charlotte empurrou o carrinho de mão longe do carro. — Voltarei em dez minutos.

— Nesse caso, vou colocar o jantar no forno e preparar algumas bebidas. Já que não irá dirigir depois.

Honesta com sua palavra, na hora que Charlotte retornou, depois de guardar o carro na garagem da livraria, duas recentemente preparadas gins-tônicas a esperavam no balcão da cozinha. Rosie havia deixado a porta destrancada e estava preparando o jantar.

— Há. Aí está você. Eu deveria ter perguntado se macarrão com queijo assado e salada estava bom?

— Se é esse o cheiro que estou sentindo, então absolutamente. Há mostarda nele?

— Você deveria ser detetive. Sim, dá um cheiro e sabor ligeiramente exótico. Podemos? — Rosie passou por Charlotte. — Pensei que comer lá fora poderia ser agradável.

Charlotte seguiu com ambas as bebidas. — Todo mundo me diz que eu deveria ser uma detetive. Sid até mesmo me chamou de detetive, mas poderia ter algum sarcasmo nisso.

— Você acha? Olá, gatos.

Mellow e Mayhem estavam em lados opostos de um longo banco. Mellow se espreguiçou, pulou e caminhou até Rosie, sentando-se a seus pés antes de pular em seu colo. Mayhem rosnou.

— Nós estamos interferindo? — Charlotte perguntou a ele, sabendo que não deveria tocá-lo sem sua permissão. Passou uma bebida para Rosie e elas brindaram com um, “*saúde*”. Como sempre, a mistura estava perfeita, e Charlotte soube que em um instante o gin iria aquecer seu estômago e aliviar um pouco da tensão que carregava.

Por um tempo, sentaram-se em silêncio. Pássaros cantando e um carro ocasionalmente passando eram as únicas interrupções.

— Conte-me mais sobre sua entrevista com Sid — Rosie sacudiu o gelo em seu copo. — Contou a ele sobre o batom?

— Eu sugeri. Ele acrescentou ao depoimento, mas não disse nada sobre a quem ele pertencia. Acho que ele preferiria fingir que nada disso está acontecendo. Mas ficou bravo por eu ter olhado dentro da lava-louças e me acusou de ser a responsável, como isso faz sentido, não faço ideia.

— Sid acha que está acusando Veronica?

— Provavelmente.

— Mas não está.

— Não tenho certeza. O bule de chá estava frio, então, assumindo que ela deixou o batom na xícara, ela bebeu naquela xícara muito tempo antes de Octavia morrer. A menos que meu tempo esteja mal calculado. Acho que Veronica ainda poderia estar lá. Não sabia que elas eram amigas.

Rosie terminou seu copo e colocou-o na mesa. — Não sei o que pensar.

— Octavia estava vendo Kevin, que é irmão de Terrance. Terrance trabalha com Jonas. E Jonas...

— Tem algum tipo de coisa a ver com Veronica. Garota esperta. Entretanto, me pergunto do que se trata? Outra bebida e então irei checar o jantar? — Rosie não esperou por uma resposta.

— Sim, por favor — Charlotte pegou o copo de Rosie e foi para o pequeno bar, enquanto a amiga ia para a cozinha.

Enquanto Rosie servia as refeições, Charlotte pensava sobre Veronica. Falaram-se algumas vezes, mas a viu à distância com muito mais frequência. Algumas dessas vezes ela estava em profunda discussão com Jonas. Incluindo na festa de rua da véspera de Natal, onde o meio-namorado dela tentou arrastar Charlotte para longe, depois de uma série de ameaças.

— Agora, de volta à Veronica e Jonas — disse Rosie retornando à mesa com os pratos. — Eu me pergunto se ela está tentando outro esquema para afrontar alguém na cidade.

Veronica tinha um histórico de abrir uma loja vendendo os mesmos tipos de produtos que a porta ao lado. Falhou com sapatos, presentes, e com outro negócio que Charlotte não lembrava, antes de comprar o centro de jardinagem.

— Oh! — Charlotte gritou.

Ambos os gatos - que estavam dormindo novamente no banco - acordaram com um susto.

— Desculpem crianças — Charlotte deslizou um pouco de macarrão em seu garfo. — Darcy contou-me que ela montou sua grande estufa para plantar mudas intencionando ser uma atacadista.

— Meu Deus. Isso não terminará bem.

Charlotte riu e deu uma garfada. A massa estava perfeita e o molho de queijo tinha apenas um toque de mostarda. *Yum*.

Rosie balançou seu próprio garfo no ar. — Ela não sabe nada sobre plantas. Acho que já lhe disse antes que todas que comprei dela morreram quase imediatamente. Mas por que ela faria isso, quando normalmente tenta roubar um mercado existente de alguém?

Depois de um rápido gole de sua bebida, Charlotte balançou a cabeça. — E ela fará. Darcy.

— Darcy... Quer dizer que ele está reconstruindo todo o lado atacadista deles?

— Darcy tem um amigo vindo para ficar e ajudar no trabalho nas estufas, que pelo que ele diz, estão péssimas.

— Que maravilha! — o sorriso de Rosie estava largo. — Se Darcy for mesmo metade do plantador que seu pai era, então se dará bem. Mas como ela sabe?

— E por que faz isso? Lucra com o trabalho duro de bons nomes de negócios existentes? O assado está tão delicioso! — Charlotte encheu sua boca.

— Competição sadia é bom para todos. Aos lojistas, às lojas, aos produtos. E se Veronica tivesse aberto uma loja de sapatos ou lojas de presentes em qualquer lugar que não ao lado de outras existentes, ninguém teria pensado que algo estava errado. Mas ela minou ambos os negócios com produtos baratos e de baixa qualidade que, combinados com seu

atendimento ao cliente nada amigável, afastaram as pessoas muito rapidamente.

— Então, ela fechava antes de usar seu período de aluguel. E nenhum dos locadores a perseguiu por rompimento de contrato? — perguntou Charlotte.

— Não valia a pena para eles. Mas ela nunca conseguirá outro aluguel na cidade. Você sabe, por um tempo a loja ao lado da livraria esteve vazia e ela tentou mudar para lá. Por mais que o locador a quisesse alugada, ele não iria arriscar com ela.

— Isso explica as caixas no centro de jardinagem com “livros” escrito sobre todas elas — Charlotte lembrou. — Perguntava-me por que ela tinha essas caixas. Junto com outras identificadas por “presentes”, “sapatos” e outros produtos, tudo empilhado contra uma parede da loja do atual negócio dela.

— Tudo muito interessante, mas não explica como ela soube sobre o plano de Darcy, ou por que esteve na casa de Octavia — Rosie empurrou seu prato longe com um pequeno suspiro de satisfação.

Charlotte tinha uma teoria. — Veronica foi suficientemente rápida em fazer uma reclamação a Sid sobre o que nos ouviu dizer. E se também correu em seus saltos altos para Octavia?

E se o fez, haveria ela contado a mais alguém? Um alguém que podia ver uma oportunidade para lançar suspeita em outra pessoa por um crime ainda não cometido... E depois o cometeu.



As duas continuaram sua discussão até bem depois de lavarem as louças e durante outra bebida. Ou duas. Charlotte desejou boa noite a Rosie e conduziu o carrinho de mão para fora do jardim com apenas algumas

tentativas erradas. Uma vez que estava indo na direção certa, ela rolou para a rua, surpresa que havia um frio no ar. Hora de pegar seu único casaco.

Havia passado a maior parte da vida em Queensland, em condições mais temperadas das que frequentemente experimentava em Victoria. Nunca teve uma jaqueta ou casaco para o frio, apenas para trabalhar, e eles eram leves.

Durante o inverno em River's End, cedeu em um dia muito frio e adquiriu um lindo sobretudo vermelho. Ela nunca ligou para moda ou em chamar a atenção, mas no momento que o vestiu, uma sensação de confiança a preencheu. Antes que pudesse mudar de ideia, ela havia pagado e saído, já o usando. Janeiro era muito cedo para o inverno na Austrália, mas Charlotte o deixaria preparado. Por garantia.

As estradas estavam quietas, e uma névoa baixa estava assentando-se. Postes luminosos embaçavam através da brancura giratória, produzindo sombras sinistras. Um cachorro latiu e Charlotte pulou, depois riu de si mesma.

A morte de Octavia e suas consequências acabaram com seus nervos. A fotografia dela e Glenys era intrusiva. Mesmo se a morte de Octavia fosse um acidente, havia alguém lá fora usando aquilo para criar agitação.

Charlotte alcançou a rotatória e abaixou o carrinho de mão para descansar por um momento. Era suficientemente fácil empurrar, mas tornava-se difícil pelas trilhas. Ela mexeu seus dedos.

Há algumas semanas, havia se escondido na estrada, em um espaço estreito entre dois prédios, enquanto Sid andava pela rotatória. Minutos antes, dois jovens bandidos com uma serra elétrica haviam cortado a cara árvore de Natal ao meio, levando a maior parte dela com eles.

Em vez de fazer seu trabalho preservando a evidência, Sid esmagou enfeites e estacionou em cima das marcas deixadas pela picape e trailer.

Havia pressentido que alguém o estava observando e foi procurar. Uma comichão passou pela espinha de Charlotte, a lembrando quão perto chegou de ser descoberta antes de escapar por um beco atrás das lojas. Já não estava com medo do homem, mas o seu comportamento a tornava cautelosa perto dele.

A cidade poderia ser usada como set de um filme. Deserta, assustadora, silenciosa. Exceto por um estalo de algum lugar próximo. Um passo.

Ou sua imaginação!

Charlotte agarrou os cabos e empurrou o carrinho sobre a estrada. Do outro lado, julgou mal onde o declive voltava para a trilha e atingiu o meio-fio com força. O carrinho de mão virou de lado, um cabo golpeando no seu estômago antes do conteúdo da caçamba cair com um barulho.

— Ouch! — Charlotte soltou o outro cabo e esfregou seu estômago, estremecendo ao tocar em um ponto que sabia que iria roxear.

Ferramentas estavam espalhadas na estrada. Com um grunhido, levantou o carrinho de mão. Recuperou primeiro as ferramentas maiores, acomodando-as dentro da caçamba. Depois, as menores. Inclinar-se doía e levou alguns minutos para ter tudo de volta onde deveria.

Chega de beber e dirigir.

Charlotte partiu, empurrando-o com cuidado pela trilha, ignorando a sensação crescente de estar sendo vigiada. Bem, eles ririam ao ver sua inabilidade de manter um simples carrinho de mão de jardim de pé. Quatro gins-tônicas eram pelo menos três a mais do que necessário para relaxar, então ela fez uma anotação mental para dizer à Rosie para parar de tentá-la.

Na metade do caminho, pela fileira de lojas no quarteirão antes da livraria, Charlotte parou. Com os cabos ainda em suas mãos, examinou a rua. Nada de um lado. Nada no outro. Esperou, ouvindo. Tudo o que escutou foi seu coração batendo em seus ouvidos. A adrenalina a inundou e

ela apertou mais os cabos, lutando com a reação de fugir, lutar ou congelar. Não havia nada com o que lutar, e ela não tinha congelado, apenas esperava. Então, que prosseguisse, mesmo que em um ritmo lento para evitar outro acidente.

Em um momento Charlotte havia virado em sua entrada da garagem e aproximava-se da porta. Estava escuro ali. Realmente escuro.

Ela destrancou a garagem, levantou a porta rolante e empurrou o carrinho de mão para dentro. A segurança do apartamento a chamava e ela fechou e retrancou a garagem. Conhecia bem os degraus e estava no alto deles em segundos. Isso era uma reação ridícula por uma caminhada para casa. Poderia estar escuro e quieto lá fora, mas por que apavorar?

Porta trancada atrás dela, acendeu todas as luzes no apartamento, exceto nos dois quartos de visitas, sem deixar de olhar dentro deles. Depois, para fora na varanda, mas com a luz apagada, Charlotte espiou sobre a beirada. Sobre a rua. Pela fileira de lojas.

— Feliz agora? — perguntou a si mesma. Se a árvore de Natal estivesse ali em cima, Charlotte a deixaria acalmá-la de seus medos, mas não estava, e ela não iria para fora tão cedo. Respirou fundo. A maioria das pessoas não esperaria que uma árvore falasse com elas. Mas ela era sua terapeuta pessoal e sentia sua falta no segundo andar.

Ela apagou as luzes, uma a uma, exceto por uma lâmpada na sala de estar. Checou duas vezes se todas as portas estavam seguras, depois encheu um copo com água e pegou o livro que estava lendo. Esse lugar era seu refúgio. Seu lar. Foi para o seu quarto, com a frequência cardíaca quase de volta ao normal.

Capítulo 11



CHARLOTTE NEM mesmo conseguiu fazer café na manhã seguinte antes que o medo retornasse, graças à outra nota debaixo da porta.

Talvez preciso comprar um protetor de porta.

De luvas, ela desdobrou o papel, já prevenendo o que veria.

Sua imagem a olhava de volta, em outra impressão em preto e branco. Noite passada Charlotte havia considerado seu alerta vermelho, meio exagerado. Mas já era hora de confiar em si mesma. Esta foto havia sido tirada quando ela tinha parado e examinado a rua. Havia olhado para a câmera sem nem saber disso.

Um nó formou-se em sua garganta e suas mãos tremeram. Ela largou o papel e recuou. Sua respiração veio em goles e Charlotte precisava correr. Abrir rapidamente a porta e fugir dali. Ir tão rápido quanto seu corpo permitisse, até que não pudesse mais correr. Exceto pelo fato de que ela não faria aquilo nunca mais.

Pedaço por pedaço, ela forçou a ansiedade para dentro de uma caixa em sua mente. Aquilo não era útil, então devia ser trancado longe e substituído por bons pensamentos e sentimentos positivos. Fechou seus olhos e imaginou que Mellow estava lá. Seu pelo macio e rosto doce. Aqueles grandes e amáveis olhos. Longos bigodes, alguns pretos, outros brancos, assim Mellow era. E o ronronar.

Diferente de seu irmão, Mayhem, que iria rosar e muito provavelmente a morder em vez de oferecer conforto e amor. Tão diferentes quanto noite e dia. Talvez ela devesse arranjar um gato. Mais provavelmente Charlotte iria terminar com um Mayhem no lugar de um Mellow, e eles iriam passar todo o tempo em lados opostos do apartamento.

Mente clara novamente e com os tremores em suas mãos quase encerrados, ela retornou à impressão. Não havia ninguém na rua com ela. Onde eles estavam escondidos? O ângulo não era de cima, então não era em uma das outras sobrelojas. Ela olhou a hora. Se corresse, poderia buscar pela localização exata antes do trabalho. Mas esse papel não iria a nenhum lugar. Charlotte tirou uma foto com o telefone e o guardou em uma nova capa de plástico. Ele juntou-se ao outro, na última gaveta na cozinha.

Ela tomou banho, vestiu-se rapidamente, maquiou-se e agarrou sua bolsa.

A neblina da noite passada se foi enquanto a manhã esquentava. A previsão era para um dia quente e já havia um mormaço no ar. Pessoas passeavam com seus cachorros enquanto ainda estava suficientemente fresco, e quando Charlotte andou para cima e para baixo na rua onde pensou que a foto havia sido tirada, recebeu alguns olhares estranhos.

Com muitos “bom dia” e “belo dia para tirar fotos”, sorria de volta para rostos de pessoas que conhecia e alguns que não. Seria um deles o fotógrafo? Ela parou e inclinou-se contra uma vitrine de loja. Em uma cidade tão pequena era possível, até mesmo provável, que o conhecesse. Lutou contra uma súbita onda de náusea e abriu o telefone novamente.

O fotógrafo havia registrado a imagem quando ela estava fora de uma loja de fotografias e molduras. Uma porta de vidro estava atrás dela e, sobre seu ombro esquerdo, uma exposição de molduras era visível.

Desceu um pouco mais a rua e checkou novamente. Então mudou para o modo filmadora e deu zoom na loja de molduras até ter certeza de que estava no ângulo correto. Alguns outros passos e ela sabia que havia encontrado o ponto exato. Similar àquele em que havia se escondido de Sid, um estreito espaço entre dois prédios.

Após olhar pela rua para se certificar que ninguém a via, deslizou dentro do espaço. Segurando seu telefone, focou na loja de molduras. À noite, com a névoa mascarando as luzes, uma pessoa estaria invisível aqui, a menos que você soubesse para onde olhar. Sob os pés, o chão era sujo, com lixo soprado vindo da rua. Papéis e garrafas plásticas vazias, algumas esmagadas por pisadas.

Onde está Bernie?

Um dardo espetou Charlotte. Seu ex-paciente, que havia criado devastação em River's End antes de ser preso por uma série de crimes. Sua obsessão em esmagar garrafas vazias de água em seu caminho era como um cartão de visitas. E Bernie era fotógrafo.

— Não, não, não — Charlotte tremia o celular enquanto discava para Trev, dirigindo-se para a rua novamente, coração indo à um milhão de milhas por hora. E se Bernie estiver livre? Se Bernie a rastreou até ali...

— Bom dia, Charlie. Estou preparando café. Gostaria de um? — a profunda e calmante voz de Trev a encheu com uma sensação de segurança. Trev estava a horas de distância, mas havia algo tão firme em Trevor Sibbritt que a fazia ignorar a distância.

— Eu gostaria. Não tomei um ainda.

— Você dormiu?

— Não. Apesar de sua mãe ser uma má influência com noitadas.

— Conte.

— Não é possível — Charlotte caminhou pela calçada. — Por um acaso, saberia como as coisas estão com Bernie?

— Bernie? — a surpresa era real. — Por quê?

— Hum... Algo acaba de me lembrar dele, e queria me certificar que ele está trancado.

Sem mais perguntas. Apenas tome isso pela aparência.

Charlotte cruzou seus dedos, depois os descruzou quando percebeu o que estava fazendo.

— Bernie não a encontraria. Mas tenho certeza de que ele ainda está trancado e ficará até o julgamento. Isso levará meses, Charlie.

— E depois devo testemunhar, eu entendo disso. Mas e se Bernie escapou? — Charlotte se forçou a ficar parada, a plantar seus pés e controlar seu tom de voz. Trev a conhecia muito bem e iria investigar. — Eu digo, tenho certeza de que Bernie não escapou, mas... Bem, eu pisei em uma garrafa de água e levei um susto. Sou ridícula.

— Não está sendo ridícula. Assim que eu me vestir, entrarei no banco de dados e farei uma consulta. Não demorará a descobrirmos qual o estado das coisas. Onde ele está. As coisas ficarão bem.

Calor a encheu e ela começou a caminhar novamente. — Você não está vestido?

Trev riu, uma baixa e profunda risada. — Voltei de uma corrida na praia e queria café antes de uma ducha.

— Há. Certo.

Charlie! Pare com isso agora mesmo.

— Ok, bem obrigada. Você me manda um WhatsApp assim que souber? — suas palavras rolaram para baixo. — E então, quando eu pisar em uma garrafa, não me preocuparei.

Houve um longo silêncio. Estava Trev bebendo café, rolando seus olhos para ela, ou talvez tenha adormecido de tédio?

O dono da cafeteria na esquina lhe acenou enquanto limpava a mesa de fora. Ele gesticulou “café?” e Charlotte confirmou com um sorriso.

— Eu tenho que ir. Alguém está me fazendo café, finalmente.

— Alguém?

— Ele faz café para mim a maioria dos dias — a Charlotte exageradamente preocupada se foi substituída pela travessa Charlie, que aparecia de vez em quando. — Tudo o que preciso fazer é aparecer e ele corre para a cafeteira.

— Estou ciente que seu humor melhora com cafeína. Quanto tempo levou para esse pobre homem descobrir?

Charlotte riu. — Ele simplesmente sabia. E sou tão gentil quando ele entrega aquela vaporosa e deliciosa xícara de divindade. Eu até lhe dou dinheiro.

— Ele merece muito — Trev não pareceu nada enciumado pela provocação dela. — Você está trabalhando hoje?

— Sim. Abrindo logo.

— Você está bem? Ninguém está a chateando por causa de Octavia?

Apenas Sid. E Veronica. E o perseguidor.

Ela usou sua voz de Doutor Dean. — Não há nada com o que se preocupar, Trevor. Eu estou bem. Rosie está bem. E meu café está chamando.

— Muito bem, *Charlotte* — o humor ainda espreitava em sua voz. — Atenda ao chamado do café, que devo levar o que resta do meu para a ducha. Enviarei um WhatsApp logo.

E assim, Trevor se foi. E ela olhou seu reflexo na janela da cafeteria. Estava sorrindo.



Glenys foi a primeira cliente do dia, chegando minutos depois de Charlotte abrir a porta da frente. Ela havia apenas tido tempo para tomar alguns goles de seu café antes de dar uma rápida varrida na entrada, ligar os registros, e escovar seu cabelo. Agora se perguntava se os olhares

engraçados que recebeu não foram pelo seu estranho comportamento com seu telefone, mas por sua aparência descuidada.

— Rosie reservou alguns livros para mim, querida — Glenys disse.

— Ela contou-me que você queria encomendar alguns. Pena que não são mais impressos — Charlotte pegou os livros atrás do balcão.

— Oh, não tem problema. Tudo chega ao final, não chega?

Charlotte piscou enquanto virava o primeiro livro para escanear. Não faz muito tempo que Glenys elogiava muito esse livro, insistindo que ela ouvisse a história sobre cada foto que havia tirado e apontando para alguns lugares especiais em Kingfisher Falls. Bem, seu pobre marido havia morrido antes mesmo desse livro chegar à sua livraria local.

— Sabe como fazer aquela coisa, quando se procura em um computador por um item? — Glenys inclinou-se no computador. — Rosie disse que eu deveria pesquisar na internet para localizar as cópias restantes.

— Internet? Claro. Gostaria que eu fizesse uma rápida pesquisa agora?

— Sim, por favor. Quero encontrar cada cópia que existir.

Enquanto Charlotte digitava na barra de pesquisa, lembrou as palavras de sabedoria de Rosie sobre sorrir, não importa diante de quê. Clientes tinham estranhos pedidos, e esse era o mais estranho com que se deparou até então.

— Hum. Nenhum que apareça para venda nas primeiras páginas. Escreverei os nomes de algumas das livrarias de Melbourne que o venderam, para que possa ligar e ver se eles têm algum sobrando.

— Mas como eu encontro quem os comprou? — os olhos de Glenys estavam fixos em um ponto atrás do balcão e, por mais que Charlotte quisesse virar, ela ficou parada, o sorriso plantado no rosto.

— Glenys, existem estes números telefônicos — Charlotte indicou um deles “com notas de elogios” com os detalhes. — Perguntarei a Rosie se ela

tem quaisquer outras ideias. Você os quer como presentes?

A outra mulher estava à milhas de distância, desligada em seus próprios pensamentos.

— Glenys?

— Oh. Sim, obrigada por isso — Glenys pegou a nota e a guardou dentro de sua bolsa. — Nada de presentes, querida. Para quem eu os daria? Quanto lhe devo?

Depois de ter pagado e tomado custódia das cópias, Glenys saiu sem outra palavra. Charlotte girou no seu banco. O que ela estava olhando? Acima do longo balcão, ao longo da parede, havia algumas prateleiras, alguns pôsteres, e uma fileira de molduras fotográficas combinando. Ela nunca havia dado uma olhada de perto nelas.

Correu para a cozinha e pegou a pequena escada portátil. A loja ainda estava vazia de clientes, então ela subiu para olhar. Todos eram da mesma época, talvez vinte anos atrás, com base no reconhecimento de uma Rosie ereta e de cabelos castanhos, nos braços de Graeme. Havia visto uma foto dele antes e seu rosto gentil a lembrou de Trevor. Rosie usava um longo vestido e Graeme estava garboso em um smoking.

— Essa foi uma noite especial — a voz de Rosie, do outro lado do balcão, era suave. — Uma noite de prêmios do conselho pela excelente contribuição à região.

Charlotte olhou para Rosie. — Você estava maravilhosa neste vestido longo. Foi o quê... vinte anos atrás?

Com um sorriso, Rosie balançou sua cabeça. — Vinte e três, mas passou perto. Graeme foi presenteado com um prêmio por seu trabalho como jornalista.

A fotografia ao lado daquela, mostrava um grupo de quatro pessoas de pé nos degraus de um prédio, todos elegantes.

— À esquerda está Octavia e seu então marido, que era um incorporador de terras.

— Sêrio?!

— Eu sei. Houve inicialmente muita oposição para ele estabelecer-se na cidade, mas depois ele ajudou a construir uma escola primária, e colocou uma quantidade considerável de dinheiro na limpeza do rio. Pessoas o ignoraram comprando parcelas de terra depois disso; mas antes dele divorciar-se de Octavia, vendeu a maior parte de tudo - acho que contra a vontade dela. Octavia conseguiu a casa e uma pilha de dinheiro.

— Para outros incorporadores?

— A maioria para o conselho. Algumas das parcelas para pequenos incorporadores. E Glenys comprou a propriedade onde vive agora.

— Ela comprou?

— Glenys aposentou-se mais ou menos nessa época. Vendeu o pub que dirigia com Fred e quis um lugar mais quieto para viver.

— E as terras do conselho. Eles têm feito muito com elas?

— A maioria está abandonada desde então, por causa de brigas internas e má administração. De qualquer forma, voltando para as fotos, à direita deles na foto estão Glenys com Fred. Ele ganhou um prêmio pelo seu trabalho catalogando a fauna e flora local.

Charlotte olhou para a imagem. Fred era um homem magro, calvo e usava uma gravata borboleta. Olhava mal-humorado para a câmara e mantinha-se em um pequeno ângulo longe de Glenys. Havia uma tristeza no rosto da mulher que atraiu Charlotte.

— Vê a mesa nos fundos? Há um homem jovem em uniforme de garçom.

— Não! Esse é Henry?

— Bom trabalho, detetive. Henry ia direto da escola trabalhar no pub e estava sendo emprestado para ajudar com comes e bebes naquela noite.

A próxima foto mostrava dois homens de constituições e feições similares. — Trata-se de Terrance e Kevin Murdoch?

Rosie riu. — Engraçado como os anos mudam alguns mais que outros. Se não estiver sendo indelicada, eles não têm envelhecido bem. Ambos eram transportadores. E a firma deles patrocinou a noite de prêmios.

— Bem, foi uma interessante aula de história — Charlotte desceu e dobrou a escada.

Rosie continuou olhando as fotografias. — Fred não era um homem gentil. Não queria Glenys na fotografia, e causou um belo desconforto na noite. Mas o jornal insistiu.

— Por que ele agiria assim?

— Disse que era ele ganhando o prêmio, não Glenys. E me lembro de dar a ela um abraço quando estava reaplicando sua máscara, depois de chorar — Rosie foi para trás do balcão. — Por que estava olhando para as fotografias?

— Oh. Glenys veio comprar os livros e estava olhando para elas. Estava curiosa por qual razão, e agora eu sei.

Assim que Charlotte guardou a escada portátil, Rosie ocupou-se com os clientes. Um fluxo contínuo de pessoas entrou durante uma hora ou duas. Em determinado momento Charlotte sentiu o celular vibrar em seu bolso. Até a hora do almoço, foi um sacrifício manter-se interessada nos clientes, quando o que ela desejava era ver o que Trev havia descoberto.

— Querida, pode almoçar primeiro hoje. Fiz um café da manhã reforçado e as coisas estão mais calmas agora — Rosie estava no canto, onde os livros de Glenys estavam anteriormente expostos. — Mudarei aqui um pouco para encher o espaço.

Charlotte não precisou de mais encorajamento, agarrando sua bolsa, correu pelo lado do prédio. Viu que o pequeno pinheiro estava em pleno sol, estava quente então o puxou para um lado sombreado e prometeu dar-lhe um pouco de água logo.

Uma vez no segundo andar, abriu a mensagem de Trev. *Ligue-me quando puder.*

O coração dela afundou.

Se Bernie estava livre por fiança..., mas ele possivelmente não podia saber onde ela estava, e não era da natureza dele ser tão paciente. Bernie já teria garantido que Charlotte soubesse que estava por perto.

Jogando-se no sofá ligou para Trev. Nada a perturbaria. Lidaria com seja lá o que for que ele descobriu e ficaria calma.

— Eu já ia te ligar, — havia uma nota diferente em sua voz. Não o relaxado e confiante tom dessa manhã. — Não tinha certeza se recebeu minha mensagem e...

— Conte-me. Estava trabalhando e não podia te ligar. Bernie sabe onde eu estou, não sabe? — Charlotte não teve tanto controle sobre sua reação quanto imaginou e revirou seus olhos para si mesma.

— Hei... Charlie, não. Bernie não tem ideia de onde você está. Como ele poderia? Você está na loja?

— No apartamento. Estou na minha pausa de almoço.

— Tenho novidades. Bernie esteve no hospital fazendo mais uma cirurgia naquela mão. Alguém se descuidou e ele caminhou direto para fora. Nesse momento...

Charlotte se levantou e começou a andar. — Oh, meu Deus, Trev! Bernie escapou? Por que não fui avisada? Por que não...

Trev não era normalmente de interromper, mas o fez com um tom firme.

— Charlie. Pare e respire. Isso aconteceu ontem e Bernie não está em condições de ir longe. Tenho toda a confiança que ele voltará a ser devidamente trancado em horas. Ele não está em Kingfisher Falls.

— Então quem telefonou? — ela parou, mão sobre sua boca. Talvez Trev não tenha ouvido. Ou pensaria que ela era histérica. O que ela era. — Digo, quem deixou a garrafa na qual eu pisei?

— Talvez apenas pura coincidência, mas a polícia o prenderá. E depois ele voltará a receber a ajuda que precisa, e ninguém será sequestrado ou amarrado, ou correrá risco de vida pouco antes de um casamento.

— Bem, obrigada pela informação.

O cômodo estava girando, e Charlotte cambaleou para o sofá enquanto o zumbido enchia seus ouvidos. Ela deitou-se de costas e ergueu seus joelhos.

Diga tchau, Trev. Por favor, deixe isso ir.

— Nós precisamos ter uma conversa adequada, Charlotte. Está sentada para que possamos?

Capítulo 12



— PARECE PÁLIDA, Charlie. O calor está demais? Eu posso ligar o ar-condicionado — Rosie estava pronta para Lewis encontrá-la para almoçar. Em vez de embaixo das árvores no parque, eles haviam decidido ir para uma cafeteria e ficar fora do calor.

— Estava um pouco cansada demais antes, mas o almoço ajudou. Aqui está, Lewis.

Lewis entrou com um largo sorriso. — Charlotte! Que bom vê-la, mas está tão pálida? Você está bem?

— Apenas um pouco cansada.

Charlotte o conheceu antes do Natal, quando buscava por ideias para presentes, e eles se deram bem imediatamente. Um viúvo em seus sessenta anos, Lewis e Rosie estavam evoluindo para um relacionamento além de uma longa amizade forjada pelo coral em que ambos cantavam.

— Querida, talvez fechar a porta um pouco e ligar o ar seja melhor para nós e para os clientes — Rosie colocou um chapéu de sol, sorriu para Lewis, e o precedeu saindo.

Charlotte fez como sugeriu. Em um momento o ar frio permeou a loja e ela ficou debaixo de uma saída, rosto para cima para se refrescar. Sabia que estava pálida. Havia olhado no espelho do banheiro antes de voltar para a livraria. Lágrimas e a tontura foram as responsáveis. Pelo menos havia escondido o pior do dano, enquanto Trev tanto a admoestava quanto a confortava.

Ela recuou para a cozinha, puxou um banco e sentou-se onde podia ver a porta da frente. Suas pernas estavam um pouco trêmulas e seja lá o que quer que lhe trouxe a tontura ainda a estava perturbando.

Falta de comida, cafés demais, e trabalhar exaustivamente.

Assim que Trev disse que precisavam de uma conversa “adequada”, sua reação de lutar ou fugir começou. Por mais que confiasse nele, Trev não era nada mais para ela do que um tipo-de-amigo. Charlotte empurrou para longe a memória de um beijo compartilhado no casamento de Christie e Martin no ano passado. Mas então, Trev começou a falar, sua voz firme, mas preocupada. Se existisse tal coisa.

— Eu sei que, provavelmente, pretende desligar no minuto em que ficar difícil para você, mas não. Por favor, Charlotte.

Ainda lutando com seus ouvidos zumbindo e o chão movendo, ela focou em sua voz para se firmar. Seu lado Doutor Dean estava pulando para cima e para baixo, lhe dizendo que estava reagindo a um susto, com base em emoções não resolvidas desde o momento em que Bernie a amarrou em uma caverna. Ela sabia disso - pelo menos logicamente. Mas lógica e medo não eram os melhores amigos, então agarrou-se à voz de Trev.

— Em um minuto, quero que você explique o que me disse. Mas primeiro..., — Trev hesitou, e Charlotte quase ouviu um suspiro. — Charlie, eu estou aqui para você. Sou seu amigo, no mínimo. Filho de Rosie e eu sei que você a ama. Rosie confia em mim e espero que confie também.

Houve uma dúvida e uma dor aguda a atingiu. — Eu confio em você — dizer aquilo tornou tudo real e repentinamente, o cômodo parou de girar.

— Conte-me tudo, por favor.

— Tudo? Sério?

Um assassinato - bem Trev sabia sobre isso. O comportamento perseguidor de Sid. As imagens de si mesma deslizadas por debaixo de sua porta. Suas próprias reações a eventos, forçando-a a correr, se esconder, a fazer coisas perigosas como esconder-se em um espaço estreito enquanto

um oficial da lei suspeito rondava. E os erros em Queensland com um paciente. E sua mãe.

Filtre, Charlie. Filtre.

Mas era difícil com Trev determinado a descobrir seus segredos.

O suspiro dele foi audível dessa vez. — Vamos começar com seu comentário. Que ligação?

— Algum perdedor tentando me assustar. Só isso.

O silêncio caiu sobre eles por um longo momento. Charlotte precisava compartilhar aquilo. Ela precisava de outro ponto de vista.

— Conte-me.

E ela contou a Trev sobre a ligação, omitindo sua suspeita que partiram de Sid.

— Existem câmeras de segurança em volta da livraria? Eu não consigo lembrar.

— Não. Mas irei fazer alguns orçamentos. Não apenas por mim, mas para proteger Rosie.

— Por quê?

— Por que não? Sua mãe foi acusada de ameaçar Octavia, a quem ela não ameaçou. Depois alguém decidiu encher a fechadura da porta da frente da livraria com silicone. Amaria saber quem foi, que dirá..., — contra toda a sua vontade, lágrimas pinicaram em seus olhos. — Eu sou forte, Trevor. Não me assusto facilmente. Mas sua mãe é a mais doce pessoa que conheço, e estou preocupada. Ok. Agora você sabe.

— Querida. Desculpe. Hum, arranje câmeras. Muitas delas, e certifique-se de colocar avisos em toda parte. Você quer que eu encontre algumas firmas de segurança? — houve vulnerabilidade na voz dele.

— Não. Posso fazer isso.

— Algo mais que eu precise saber?

Charlotte olhou para o teto em meio às estúpidas lágrimas que se recusavam a parar. Essa cidade precisava de uma presença policial decente, mas tinha Sid. Meio idiota e meio corrupto.

— Não. Nada.

— Charlotte.

— Eu não sei. Não consigo discernir entre o que é real e sobre o que as pessoas estão mentindo, mas vou conseguir. E nada disso importa. Apenas que Rosie esteja segura — Charlotte enxugou seus olhos.

— Mamãe está bem. Ela ligará se precisar de ajuda ou conselho. Lembra-se de uma conversa que tivemos no ano passado, quando você estava seguindo Bernie e eu a pedi para me ajudar? Para confiar em mim.

Ela lembrava. Trevor havia tomado a mão dela enquanto ela observava Bernie à distância, o calor de seu toque a enchendo com uma sensação de segurança e confiança. Mas, quando havia recusado seu pedido por informação, Trevor havia sido duro com ela. Disse-lhe que tinha que fazer uma escolha, antes de deixá-la sozinha no portão da delegacia de polícia, com a instrução de que ela não o seguisse.

— Eu captei a mensagem.

Trevor riu. — Que era?

— Não se recuse a ajudar um oficial de polícia.

— Tente de novo.

— Não deixe o oficial de polícia te pegar seguindo o cara mau?

— Última chance.

Charlotte rolou de lado. — Ok. Você queria que eu soubesse que posso confiar em você com coisas importantes. E isso inclui compartilhar informação do que é relevante — Charlotte sabia que havia mais, como Trevor precisando saber que podia contar com ela, e era onde falhava, frequentemente.

Difícil deixar alguém contar contigo quando não confia em si mesma.

— Preciso que aceite, Charlie, não há nada que não possa me contar. Nada. Eu desejaria viver mais perto, inclusive.

Assim como ela. Se Trevor tivesse o trabalho de Sid, Kingfisher Falls estaria em melhor forma.

— Eu deveria ser capaz de lidar com isso — lágrimas escorriam pelas suas bochechas e ela sentou-se. — Você tem sua própria cidade com a qual se preocupar.

— River's End está comportando-se. Tem ouvido algo mais sobre Octavia?

— Nada. Fiz o depoimento e Sid incluiu as informações que eu tinha, mas se irritou por saber que eu tinha tirado fotos e olhado. Isso o fará trabalhar mais.

— Não pode confiar nele.

Charlotte explodiu de rir.

— Melhor te ouvir rindo do que chorando — Trev observou.

Ela parou de rir. — Duvido que eu chorasse por Sid. Escreveria um memorando. Não confie no policial mau, apenas no bom.

— Excelente. Enquanto está tomando notas, acrescente que tomará conta de Charlie, parará de desrespeitar Charlie, e dará a Charlie uma folga às vezes. Entendeu? — o aço na voz de Trev era novo. Não agressivo ou exigente. Determinado.

Aquilo fez algo estranho à sua barriga e ela percebeu que estava concordando. Não podia ter esse sentimento. — Charlie diz que considerará isso.

Agora, enquanto clientes abriam a porta, ela levantou-se empurrando o banco. Trev podia ver através dela. Era desconcertante, mas ao mesmo tempo, legal.

Capítulo 13



DEPOIS QUE a livraria fechou, Charlotte desejou visitar a cachoeira. Pela primeira vez, hesitou. Alguém esteve lá na última vez, alguém com um planejamento que ela ainda iria descobrir. E, apesar de Trev assegurá-la que não podia ser Bernie, não havia maneira de saber se esse fotógrafo era perigoso ou simplesmente uma pessoa mal-intencionada tentando enviar uma mensagem.

Mas a necessidade de desestressar era tão forte, e com uma garrafa de água, óculos de sol, chapéu, carteira e celular, partiu. Trocou-se para shorts e camiseta. Ela ainda derretia com o calor de fim de tarde. Janeiro em Kingfisher Falls era muito mais quente que dezembro, e ambos mais quentes que em River's End. Sendo uma cidade no litoral, o último era mantido mais moderado por ventos oceânicos.

Antes de sair da trilha da garagem, Charlotte havia tirado um tempo para examinar a rua em ambas as direções. Pretendia assegurar-se que nunca seria pega desprevenida novamente. Cada viela e esquina pareciam um esconderijo em potencial, e ela checaria cada um.

E fazer o que se você os encontrar?

Boa pergunta. Que tal perguntar o que eles estavam fazendo? Tirar a foto deles? Talvez correr rápido. Ela sorriu ante a imagem de si mesma tirando uma foto, colocando-a no Facebook, depois correndo para telefonar para Trevor.

— Trevor não é seu reparador pessoal.

Ela olhou em volta para se assegurar que ninguém a ouviu. Já era suficientemente ruim ter alguém tirando fotos aleatórias. A última coisa de

que precisava era um residente local tomando notas da mulher maluca da livraria. Não era bom para os negócios.

Na metade da curva para as cachoeiras, Charlotte parou. Seus sentidos estavam em alerta vermelho e ela não sabia por quê. Um carro ocasional passou. Uma dupla de corredores suados vinha na outra direção. No mais, tudo estava quieto. Ela estava imaginando coisas.

Por um momento considerou voltar para casa. Mas seus pés tomaram a decisão e começaram novamente a seguir para a curva e, em um minuto, o silêncio do mato a envolveu. Pés ligeiros.

No painel de informações ela parou o tempo suficiente para beber água e decidiu ir ao topo das cachoeiras. Tinha ido até lá apenas algumas vezes e queria tirar algumas fotos. Se conseguisse uma suficientemente boa, talvez pudesse ir à loja de molduras na rua de cima e colocar algo de sua autoria em uma parede. Pelo caminho, tirou algumas fotos das péssimas condições da trilha. Em alguns lugares, degraus estavam faltando e em outros, gigantes buracos tomavam o caminho. Não era seguro, porém, estava incluído na rota de trilhas no painel de informações.

Ela havia esquecido quão íngreme a subida era. Suor escorria entre suas escápulas e suas pernas doíam quando alcançou o topo. O rugido da água encheu seus ouvidos enquanto corria para a borda em deleite com a longa descida à frente. Encontrando um ponto sombreado sentou-se, bebendo mais água e deixando seu coração acalmar-se da subida.

No ano anterior Charlotte havia visto Glenys e seu sobrinho embaixo, no mirante. Era o aniversário da morte de Fred e ela havia espalhado flores sobre a grade, para o rio abaixo. Que terrível maneira de partir e que triste para Glenys. Não era de admirar que estivesse pensando em deixar Kingfisher Falls depois de tanta dor. A morte de Octavia a estava afetando.

Com um suspiro, levantou-se e abriu seu aplicativo de câmera do celular. Ela não queria estragar o que restava da tarde com pensamentos tristes. Foco no cenário. Uma vez que a água atingia a lagoa abaixo, ela fluía para o rio, extenso no fim do lago e estreitava enquanto serpenteava pela profunda fissura, até desaparecer. Ela deu zoom no rio e seguiu seu progresso, tirando muitas fotos enquanto ziguezagueava de lado a lado. Quase fora da capacidade de sua câmera estava algum tipo de praia. Que agradável seria explorar o rio de barco. Charlotte havia perguntado a Rosie se tal coisa era possível.

Sua água estava quase no fim e o calor estava opressivo. Hora de ir para casa, tomar uma ducha e aguardar o pequeno pinheiro no pote. O celular estava com a bateria baixa, mas ela queria apenas mais algumas fotos. De volta aos degraus do topo, direcionou a câmera para as lindas árvores ao longo da descida. Pássaros irromperam da copa. Papagaios de algum tipo espantados por... Alguém na trilha.

— Maldição — Charlotte sussurrou a palavra quando um calafrio percorreu sua espinha novamente. Ela manteve sua câmera apontada para as árvores até finalmente uma brecha revelar um caminhante. Um homem. Mas quem? Ele usava um chapéu branco de aba larga, uma camisa branca de mangas longas e calças pretas. Avançava pela trilha, nem os buracos, nem os degraus quebrados, desacelerando seu progresso. Ela continuou tirando fotos. Ele estava razoavelmente abaixo e era como Charlotte. Um turista.

Saindo das sombras, ele parou e olhou para trás, então examinou a área ao seu redor.

— Vamos lá, olhe para cima — Charlotte agachou-se para ficar menos visível, seu dedo no botão do click. Tudo o que ela precisava era uma

imagem. Ele era alto e magro, ou pelo menos parecia ser, desse ângulo de visão. Não havia nada familiar nele, mas ela sabia que esse não era Bernie.

Ele está apenas caminhando em uma trilha pública. Pare de se preocupar.

Seus sentidos discordavam. A maneira que ele olhava em volta diferia de um simples caminhante aproveitando o cenário. Quem para em pleno sol quando há sombra próxima? Estava ele sequer carregando água? As pernas dela estavam tendo câibras. Ela teve que se levantar e, enquanto o fazia, a atenção dele moveu-se para cima.

— Mostre-me seu rosto.

Seu chapéu levantou enquanto ele olhava para cima e... A tela escureceu, enquanto a bateria falhava.

Ela afastou-se dos degraus. De volta ao rio de onde veio, antes de parar no penhasco. Ela não tinha ideia de aonde esse caminho estreito a levaria pela água, mas algo a compeliu a continuar correndo. Saltando sobre pequenas pedras e chapinhando em riachos que se juntavam ao corpo principal.

Enquanto a exaustão instalava-se e suas pernas lutavam no calor, ansiava por sua casa. Se o homem era um caminhante inocente, então nunca saberia o quanto assustou uma - apesar de tudo - mulher forte.



Debaixo da ducha, a lógica retornou.

Suas pernas ainda estavam trêmulas e ela inclinou-se contra os azulejos, enquanto a água passava sobre ela até ficar mais fresca e calma. Esse negócio todo de Octavia e o estranho enviando fotografias e fazendo ligações, estava lhe dando nos nervos.

Chuveiro desligado, ela secou-se e enrolou uma toalha em volta de seus cabelos.

Mas seriam a mesma pessoa? O homem ao telefone a chamou de criminosa. Disse para deixar a cidade antes que alguém se vingasse. As fotografias em si, por sua vez, não eram ameaçadoras. Elas mostravam que Charlotte estava sendo vigiada, mas, além disso... Oh! Depois de vestir shorts e top, ela correu para a cozinha e tirou as capas plásticas da gaveta.

Dessa vez as colocou na mesa de centro e ajoelhou-se para vê-las debaixo da luz da lâmpada. A primeira tinha uma pequena seta desenhada à mão na grade no mirante. Curvada, ela apontava sobre a grade e descia para o rio. Era isso uma sugestão? Apenas pule o penhasco?

O que faria daquilo, parte da ligação ameaçadora original.

Apesar de Charlotte ter olhado para a segunda imagem demoradamente, apenas agora buscou por alguma pista. Algo acrescentado depois que foi impressa.

— Achei!

Ela a princípio olhou para a exposição de molduras como um ponto de referência, para descobrir onde o fotógrafo estava. Elas estavam ao lado de Charlotte na imagem e ali, circulando a única moldura que estava sozinha, foi usada a mesma caneta preta, não em uma linha grossa, mas desenhada.

Aquilo estava ficando interessante. E precisava de uma análise mais apurada. Ela correu para a livraria. Outro dia havia notado um quadro de cortiça atrás de uma porta e Rosie mencionou que nunca o usou. Charlotte o emprestaria e depois avisaria a Rosie. Cuidadosa para sair, parou no jardim tempo suficiente para encher a base do pote de pinheiro com água, depois subiu. Era quase noite, e ela teve suficiente do calor por um dia.

Charlotte colocou a chave na fechadura e parou. E se houvesse outra nota? O fotógrafo estaria vigiando-a em cada movimento e saberia que desceu? Olhou para o lado do pequeno patamar, espiando no crepúsculo. Nada se movia. Prendendo sua respiração, abriu a porta e olhou para baixo.

Nada, senão tábuas de assoalho. Esse nível de estresse não era saudável. Com um firme estalido, fechou a porta e virou a chave.



— Uma de suas melhores ideias — o apartamento estava tão quieto que Charlotte precisou ouvir alguma coisa, mesmo que fosse apenas sua própria voz.

Encontrou um gancho vazio na parede do terceiro quarto e pendurou o quadro de cortiça. Era melhor que ficasse fora da vista de quaisquer visitantes, que poderiam pensar que ela estava planejando algo ilegal.

Cada uma das capas de plástico estava alfinetada com seu respectivo conteúdo, lado a lado, no meio do quadro. Charlotte havia escrito perguntas e as alfinetado com setas apontando para as partes apropriadas das imagens.

Há algo no rio embaixo do mirante?

Alguém jogou algo?

Isso é uma sugestão para pular?

Ela preferia as duas primeiras perguntas. Ser ordenada para deixar a cidade já era suficientemente ruim.

Alguém está sendo acusado?

Há uma imagem que eu preciso considerar?

Há alguém na loja de molduras envolvido?

Charlotte nunca havia estado na loja.

Havia mais notas espalhadas pelo quadro. Uma detalhava o que ela lembrava-se da ligação ameaçadora. Palavras sobre a morte de Octavia. Comentários de Sid.

Estava baixando as fotos para seu computador e iria acrescentar informações sobre o homem na trilha, assim que soubesse mais. Com um suspiro, ela deixou o cômodo. O jantar estava cozinhando no forno e deliciosos cheiros de alho, manjerição, e pimenta malagueta enchiam o ar.

Ela jogou-os sobre alguns legumes de sua geladeira e um pouco de óleo, depois os assou. Acrescentaria um pouco de pão crocante depois de adicionar queijo feta aos legumes. Estava faminta.

Durante o jantar, ela olhou as fotografias no computador. Havia algumas fotos encantadoras do rio e da cachoeira o que lhe daria a desculpa perfeita para visitar a loja de molduras. Escolheu suas favoritas e as salvou em um pen drive para providenciar algumas impressões.

As fotografias do homem eram praticamente inúteis. Em nenhum momento conseguiu capturar seu rosto e, como ele estava todo coberto, não havia maneira de ver tatuagens ou outras características identificadoras. Apenas o chapéu largo e roupas mais adequadas para um dia mais frio. Charlotte deu zoom na camisa. Era uma camisa social, e as calças eram cortadas estilo alfaiataria. Ele era um homem de negócios?

Kingfisher Falls podia estar fora da rota principal, mas ainda tinha estabelecimentos que receberiam visitas de representantes de vendas, até mesmo a livraria, e havia dois escritórios de advocacia que ela conheceria, um pequeno centro médico e o escritório do conselho.

Jonas?

Charlotte deu o máximo de zoom, mas perdeu definição. Em constituição, Jonas era o mais próximo desse homem. Magro e alto. Sorrateiro e envolvido de alguma forma com Veronica. Mas por que ele lhe enviaria pistas? Charlotte entendia dessa forma; ele não gostava dela ou de Rosie porque defendiam o que era certo. Ela escreveu outras notas para acrescentar ao quadro de cortiça.

Jonas é o fotógrafo?

Jonas está me seguindo e ameaçando?

Jonas está envolvido na morte de Octavia?

Jonas está ajudando Veronica a fazer algum trabalho sujo?

E se fossem todas as opções acima? Charlotte pegou o último pedaço de cenoura, desejando que tivesse feito mais para o jantar. Recostou novamente em sua cadeira, olhando para a tela. Poderia ser Jonas. O homem sempre aparecia quando algo estava acontecendo, seja para tentar culpar algum inocente por um crime ou apoiar Veronica quando seu namorado era preso. Rosie achava que Jonas era corrupto, ele e Terrance.

Mas Terrance era irmão de Kevin, o homem saindo com Octavia. Todos eram próximos. Fortes conexões em razão de interesses similares. Se apenas ela pudesse descobrir quais ligações eram. Um desejo por terra era um, mas o que mais?

Seu celular tocou e ela pulou, quase derramando sua água em sua pressa para atendê-lo. O nome de Rosie surgiu.

— Oi, Rosie.

Tem que se acalmar.

— Querida, eu lamento muito ser um incômodo... — Rosie parecia angustiada.

— Precisa que eu vá para sua casa?

— Você se incomodaria?

— Você está bem? — Charlotte estava de pé. — Estou saindo agora.

— Eu estou. Apenas um pouco chocada. Você vai dirigir? Alguém invadiu meu galpão de jardinagem.

Capítulo 14



TERIA SIDO melhor correr para a casa de Rosie. Charlotte deixou cair a chave do carro descendo os degraus e teve que remexer na terra procurando-a. Então deu ré para a rua, esquecendo-se de puxar a porta rolante para baixo e trancá-la; então estacionou e correu de volta para fazê-lo. Por mais desesperada que estivesse para alcançar a amiga, deixar qualquer coisa destrancada deixava-a preocupada.

Ela parou em frente à casa e lembrou-se de desligar as luzes e trancar o carro antes de correr para o portão. Levantou a mão para bater e notou que a porta estava entreaberta. Rosie precisava ser mais vigilante. Charlotte a empurrou.

— Rosie? É Charlotte — não houve resposta. Ela entrou assustada. — Rosie, onde está você?! — Charlotte fechou a porta da frente e trancou-a.

As luzes estavam todas acesas, mas nada de Rosie. Ela puxou seu celular enquanto corria pela casa. A porta deslizante estava completamente aberta e as luzes externas acesas.

Ela está lá.

“Lá”, era o galpão de jardinagem. Sua porta estava completamente aberta, as luzes internas acesas. Com o coração batendo, correu para dentro.

Ela estava no canto mais distante, onde os arquivos ficavam. Ou... Deveriam, pois ambos estavam virados, as gavetas abertas e o conteúdo espalhado pelo chão de concreto. Rosie segurava um maço de papéis junto ao peito e lágrimas escorriam por suas bochechas.

O coração de Charlotte compadeceu-se dela. Mas precisava ter certeza de que o perpetuador daquilo não estava mais lá. Olhou atrás da porta, que era o único ponto escondido no galpão.

— Rosie? Eu preciso checar a casa. Ficaré bem por um minuto?

— Checar? Por quê?

— Para o caso de a pessoa ainda estar aqui. Você deixou a porta da frente aberta?

— Destrancada. Mas fechada.

Apesar de cada pedaço de fôlego deixar seu corpo, ela congelou. Rosie havia estado aqui ao mesmo tempo que o invasor. Quem quer que tenha invadido teve a ousadia de sair pela casa.

Se eles saíram...

— Fique aqui. Por favor. Pegue meu celular. Ligue para emergência. Ou para Sid. — Charlotte passou o aparelho para ela, agora confusa em vez de transtornada.

— Não quero Sid aqui.

— Por favor, faça isso. Eu voltarei logo.

Charlotte não esperou por uma resposta, correndo em direção à porta. Parou, olhando pelo jardim bem iluminado. Nada se movia. Não queria deixar Rosie sozinha.

— Polícia, por favor. Quero denunciar um arrombamento — a voz de Rosie, muito mais calma do que Charlotte esperava, a alcançou.

Em segundos, estava na porta deslizante e dessa vez, entrou nas pontas dos pés. A maioria da casa estava iluminada. Cômodo por cômodo, ela espiou atrás de portas e cortinas. Com uma desculpa mental pela intrusão, entrou no quarto de Rosie. Sua porta estava completamente aberta. Era um quarto bonito com alguns designs e acessórios engenhosos para ajudá-la. No banheiro privativo. No closet. Ninguém. Ela checkou por toda parte, sentindo-se mal por estar no espaço pessoal de Rosie sem permissão.

O banheiro principal estava intacto, assim como a lavanderia. Apenas um lugar faltava. O segundo quarto. O quarto que Trev ficava quando a

visitava. A porta estava trancada, e nenhuma luz brilhava debaixo da porta.

Prestes a virar a maçaneta, uma batida do lado de dentro a gelou. Adrenalina a invadiu e a raiva tomou conta. Ninguém iria assustar sua amiga ou danificar suas preciosas memórias. Qualquer um atrás dessa porta estava para descobrir o que significava pagar por seus crimes.

Outra batida. Essa mais alta. Toda a raiva desapareceu. Ela podia ouvir seu próprio batimento cardíaco.

Pouco a pouco, girou a maçaneta. Enquanto a porta abria um pouquinho, não havia luz. Quem estivesse ali, estava escondendo-se.

Espere pela polícia.

Por Sid? Sid nem mesmo abriria a porta sem reforço. E a acusaria de ser responsável.

— Saia agora! Eu tenho uma arma.

Sim. Isso serviria.

Outra batida e agora, ela sabia o que estava acontecendo. A pessoa estava tentando escapar pela janela.

Charlotte abriu a porta completamente e encontrou o interruptor.

— Fique onde está.

Silêncio absoluto.

O quarto era quase tão largo quanto o de Rosie, com uma cama de casal e um longo guarda-roupa espelhado com portas deslizantes de um lado. Um lado estava aberto.

E a coragem de antes? Vamos lá, Charlie.

Cada passo era mais alto em seus ouvidos. Havia alguém no guarda-roupa. Um farfalhar e um solavanco, confirmaram. Ela deveria recuar. Esperar na porta. Esperar por Sid.

Ela tocou a beira da porta e com uma pequena engolida, deslizou-a pelos trilhos.

Dois felinos furiosos e sibilantes passaram voando por Charlotte e ela gritou.



— Pensei que estivesse sendo assassinada, Charlie. Nunca mais faça isso — a mão de Rosie apertou o braço de Charlotte tão forte que doeu. — Não posso perdê-la, querida. Simplesmente não posso.

— Prometo que não perderá — Charlotte colocou sua mão sobre a de Rosie. — Lamento ter gritado daquela maneira. Dois gatinhos furiosos escapando de um armário onde você pensa estar um ladrão, causam isso.

Um momento depois de Mayhem e Mellow terem passado voando por ela, Rosie apareceu numa velocidade de quebrar o pescoço. Mas o terror nos olhos dela, partiu seu coração. Em vez de continuar a procurar pelos caras maus, ajoelhou-se ao lado de Rosie.

— Por que os gatos estavam no armário?

— Eles normalmente brincam lá? — Charlotte havia se perguntado a mesma coisa.

— Às vezes. Mas você disse que a porta espelhada estava fechada.

— Vamos checar.

Rosie foi direto para dentro do quarto com Charlotte logo atrás, não convencida de que estavam sozinhas. O armário embutido era longo, com três portas deslizantes. A que ela havia aberto não tinha nada atrás.

— Lá. O outro lado está um pouco aberto e eles entraram — Rosie apontou. — Depois fizeram o caminho para o outro lado quando te ouviram.

— Dois gatos pequenos podem soar como um humano? Batidas e farfalhadas.

Rosie riu. — Dois gatos podem soar como um elefante se suficientemente inclinados. Aqui, vamos ver — Rosie deslizou o lado mais

afastado. — Duas malas derrubadas.

Uma bolsa de terno foi retirada do cabide. — Sim, acho que foi o trabalho de dois gatos assustados. Eu tenho que encontrá-los.

Eles estavam em sua cama, sobre seus travesseiros. Suas caudas balançando de lado a lado, nenhum acomodado ou receptivo à Charlotte. Ambos se arremessaram no colo de Rosie, Mayhem levantou-se em suas pernas traseiras, uma das patas dianteiras no ombro dela, para olhá-la.

— Nós resolvemos isso, meu garoto. Chega de rosnar e assustar Charlotte, que veio ajudar vocês. Ok? — Rosie passou uma mão trêmula por suas costas enquanto repousava a outra em Mellow, que se deitou em seu estômago. — Estamos seguras. Está segura, May-may, e está seguro, Mellycat. E Charlie está segura e não é a pessoa de quem vocês se esconderam e ela não os trancou no quarto de Trev — sua voz tremeu. — E eu estou segura. Uma lágrima solitária caiu na mão de Rosie e ela a deixou lá para não perturbar o gato.

Charlotte viu uma caixa de lenços e lentamente a pegou, não querendo assustar os gatos novamente. Tirou um lenço e enxugou a lágrima da mão de Rosie, notando que seu próprio rosto estava molhado. Como isso havia acontecido?

— É um quarto encantador — Charlotte não fazia ideia do que fazer ou dizer agora. — Lamento, mas eu vim aqui antes para procurar por... Você sabe.

Mayhem acomodou-se no colo de Rosie encarando Charlotte. Algo como um ronronar suave emanou de Mellow, e Rosie relaxou.

Uma sirene perfurou o silêncio e todos pularam. Humanos e gatos. Rosie gentilmente moveu os gatos para sua cama. — Nós fecharemos a porta. Eles estão felizes aqui — Charlotte fechou-a atrás de ambas, deixando a luz acesa.

A sirene parou. Pelo vidro de cada lado da porta da frente, luzes azuis e vermelhas piscavam.

— Nós precisamos chamar Trevor — Charlotte disse.

— Não. Vamos ver como Sid lida com as coisas — Rosie foi para a porta da frente e a abriu.

— Ei! Pare.

Por favor não esteja sozinho.

— Sid, aqui é Rosie e Charlotte — Rosie abriu completamente a porta.

— Venham com suas mãos para cima.

— Oh, pelo amor de Deus — Charlotte murmurou e deu um passo à frente de Rosie, cavando fundo para encontrar uma voz indefesa. — Chefe de Polícia Sênior Browne? Nós precisamos de um pouco de assistência aqui. Por favor, venha e nos proteja.

Rosie olhou para Charlotte. — Está de brincadeira?

— Você prefere colocar suas mãos para cima? — Charlotte perguntou.
— Olha, Sid está quase correndo.

Com certeza, ele caminhava pesadamente em um ritmo mais rápido do que o normal pelo caminho, com a mão no coldre. A porta do motorista do carro de polícia estava aberta, e as luzes agora atraíam os vizinhos, saindo de suas portas, ou espiando pelas janelas.

Sid alcançou a porta e parou, ofegante. — Recebi uma denúncia de que houve um arrombamento. Não sabia inicialmente que era você — Sid olhou para Charlotte. — Você fez isso?

A única coisa que eu vou arrombar é...

— Sidney Browne! Como pode dizer tal coisa quando Charlotte acaba de arriscar sua vida!

— O que você quer dizer?

— Alguém revirou o galpão do meu jardim. Cheguei em casa depois das compras, guardei tudo e decidi fazer uma poda. Eu encontrei a bagunça e chamei Charlie. Mas a pessoa ainda estava aqui. Eles andaram pela minha casa, assustaram meus gatos, os trancaram em um cômodo e deixaram minha porta da frente aberta — Rosie levantou seu queixo — O que vai fazer?

É minha heroína, Rosie.

— Vocês senhoritas, abram espaço, por favor. Hum... Digo você, — Sid apontou para Charlotte. — Venha para fora e Rosie, você...

No momento que ele terminou de passar vergonha, Rosie estava do lado de fora. — Não vá a meu quarto. É aquele na esquerda. Meus gatos estão tensos.

Sid sorriu pretensioso. — Posso lidar com gatos.

— Vá em frente, eu te desafio. Um deles é uma bela máquina de matar se não gostar de você — Charlotte seguiu Rosie para fora. — Ele nem mesmo gosta de mim.

— Hum. Bem, isso dá a ele algo em comum comigo, não dá? — ele deu suas costas e sacou sua arma.

— O ladrão não está aqui, Sid — Rosie suspirou. — Por favor, não atire na casa.

Ele guardou a arma e manteve sua mão no coldre enquanto andava cautelosamente pelo corredor.

Rosie balançou sua cabeça e virou a cadeira de rodas para olhar a casa. — E Charlie? Mayhem adora você. Ele apenas não é muito de demonstrar seus sentimentos.

Uma pequena faísca de afeto tocou o coração de Charlotte.

Ela entendia Mayhem. Mostre demais e será machucado.

— Rosie, nós precisamos chamar Trevor. Eu ou você, mas precisamos.

— Por que, querida? Trevor vai dirigir no escuro e é uma longa e perigosa viagem. E, exceto por meus arquivos danificados, não houve nenhum mal.

Charlotte mordeu seu lábio inferior. Foi apenas nessa manhã que Trevor havia explicado a regra sobre compartilhar informação importante? Se Charlotte não o informar, eventualmente ele descobrirá e depois o quê? Charlotte estremeceu.

— Querida? Não pode estar com frio.

— Estou cansada. E com o pico de adrenalina diminuindo. Isso bagunça um pouco comigo.

— Minha culpa. Deveria ter mantido minha cabeça no lugar e ligado para a polícia em vez de colocá-la em perigo. É apenas que eu... Eu confio em você, Charlie. E não sabia para quem mais ligar.

— Sempre ligue. Mas e quanto a Lewis? De fato, nós deveríamos...

— Lewis está longe. Então, não tinha como ligar para ele.

Charlotte abriu sua boca para perguntar onde ele estava, mas Rosie estava entrando.

Com uma crescente sensação de desconforto, ela a seguiu.

Capítulo 15



ALGO MACIO tocou o rosto de Charlotte. Olhos fechados por conta do sol jorrando por uma janela, resmungou uma reclamação e enterrou-se ainda mais na cama. Uma cama muito confortável com lençóis sedosos.

— Miau.

Agora ela estava ouvindo coisas. Desde quando havia um gato no apartamento? E quando seus lençóis pareceram tão agradáveis? O travesseiro - se ela virasse seu rosto nele - tinha indícios de um cheiro familiar. Um pouco como... Trevor.

Seus olhos abriram-se imediatamente, direto de encontro a dois olhos felinos olhando de volta para ela ao lado da cama. Os bigodes de Mellow contraíram-se e ela esticou sua pata e bateu no rosto de Charlotte.

— O que você está fazendo aqui?

Mellow ronronou enquanto se derramava debaixo dos lençóis e se acariciava contra Charlotte. — Oh... Não deveria — mas uma felicidade inesperada penetrou nela. Ela nunca teve um gato para fazer tal coisa. Nunca teve um gato. Não faria mal deixar Mellow ficar um pouco. Não depois do susto que ambos os gatos tiveram na noite passada.

Charlotte lembrou. Estava no quarto de hóspedes de Rosie. Sid havia feito pouco na noite passada, além de declarar que era seguro para elas ficarem na casa. Ele ficou na porta do galpão e concordou em organizar a identificação das impressões digitais, mas não tinha ideia de quando. Não era seu trabalho. A essa altura Rosie estava farta e permaneceu educada o tempo suficiente para agradecê-lo e acompanhá-lo até a porta, antes de trancá-la e ir direto pegar uma bebida.

Depois de preparar duas, Rosie lhe entregou uma, que não ia recusar, bateram seus copos e depois se sentaram em silêncio por uns bons dez minutos. Os gatos estavam soltos novamente, e ambos gravitaram para Rosie.

— Posso ficar esta noite, se não objetar. Fico feliz em dormir no sofá — Charlotte disse, — além de não querer ir para um apartamento vazio, eu me sentiria melhor sabendo que você tem companhia.

— Tenho dois gatos maravilhosos — Rosie acariciou Mayhem.

Mayhem pulou do colo dela e foi para o lado mais distante do cômodo. — Vê? Mayhem está de volta ao normal.

Exaustão alinhava o rosto de Rosie e não demorou muito antes dela concordar. — Gostaria de tê-la aqui. Mas não dormindo em sofás. Eu sempre mantenho o quarto de hóspedes preparado com lençóis novos.

Muito cansada para discutir, Charlotte checkou a casa completamente enquanto Rosie ia para seu quarto. Elas haviam concordado em deixar várias luzes acessas, e Charlotte subiu na cama com a porta entreaberta. Para o caso de Rosie precisar dela.

O calor corporal de Mellow, seu ronronar alto, a tentaram a voltar a dormir. Mas Rosie estava acordada. O som da chaleira era sedutor. E o trabalho chamava.

Cuidadosa para não incomodar Mellow, Charlotte deslizou das cobertas. Ela alongou-se e bocejou, depois vestiu suas roupas do dia anterior. Tomaria banho em casa e se trocava antes do trabalho. Mellow espiou para fora dos lençóis e Charlotte deu um beijo em sua testa.



O chaveiro amigável do outro dia chegava enquanto Charlotte deixava a casa. Ele havia sido a primeira ligação de Rosie pela manhã, esperando deixar uma mensagem para perguntar quando poderia mudar cada

fechadura no lugar. Mas ele havia atendido e concordou em encontrá-la depois do café da manhã.

Rosie colocou os gatos em seu quarto novamente, não estava disposta a permitir que se estressassem com as idas e vindas. Riu da descrição de Charlotte da visita de Mellow.

Charlotte ligou seu carro. Os vizinhos em torno de Rosie, foram para a casa dela. Se um deles ouviu ou viu algo suspeito na noite passada iria ajudar.

Sid precisava ir de porta em porta.

Mas as chances eram de que ele iria ignorar o evento inteiro. Mandou que Rosie não tocasse em nada no galpão até que fosse investigado. E se levasse uma semana? Ela já estava louca na noite passada querendo limpar e verificar se algo fora roubado, além de colocar o trabalho de Graeme de volta no lugar. Uma forma de que a invasão, permanecesse apenas em sua memória. Charlotte entendia as emoções e sofrimento que Rosie estava sentindo. Ela havia ajudado muitos pacientes que sofreram traumas similares em suas vidas. Mas elas eram próximas, e não estava preparada para lidar com aquilo no momento. Como poderia, se ela mesma, estava sofrendo com esse contratempo.

De volta ao apartamento, Charlotte checkou cada quarto. Não havia razão para acreditar que o intruso estava conectando as duas mulheres, mas todos os aborrecimentos e agitação da semana passada tornava qualquer coisa possível. Ela parou em frente ao quadro de cortiça. Alguma das pessoas em sua lista de perguntas faria algo como derrubar dois arquivos e vasculhar quase tudo? E esconder-se em uma casa quando seu ocupante - seu ocupante cadeirante - estava presente?

— *Mamãe está bem. Mamãe sabe ligar se precisar de ajuda ou conselho.*

Charlotte estressou-se. Trev disse aquilo apenas ontem. Ele acreditava que sua mãe iria sempre recorrer a ele quando tivesse problemas, porém, naquela manhã ela havia dito um firme “não”, quanto a ligar para ele. Tudo o que ela podia fazer era ver o que o dia traria e reavaliar se ligaria de qualquer modo.

— De qualquer maneira um de vocês ficará bravo comigo.

Expressar-se em voz alta ajudava. Agora, Charlotte podia arquivar esse problema por enquanto e partir para o próximo. Ou próximos dez.



— Por favor, diga-me que Rosie está bem? — Henry entrou correndo na livraria, quase batendo em Charlotte enquanto rodeava o balcão carregando muitos livros. — Oh, perdão, permita-me.

— Tudo bem — ela fez um retorno e colocou-os embaixo novamente. — Rosie está bem, apenas ficará em casa enquanto as fechaduras são trocadas, e câmeras de vigilância são instaladas — a última parte era uma mentira, mas ela não estava dando chances para qualquer um ver Rosie como um alvo fácil. Charlotte tinha ainda que dar a ideia a ela.

O rosto de Henry relaxou de preocupação para alívio. Ele usava seu avental sobre a costumeira camisa de trabalho e calças, e havia um lápis e um bloco de notas no bolso de seu avental. Henry olhou para baixo. — Oh. Nem tinha pensado em deixar isso no trabalho. Acabo de ouvir o que aconteceu e não consegui chegar aqui rápido o suficiente.

— Contarei a ela que você estava preocupado. Mas de verdade, Rosie está bem.

— Graças a Deus. Não pude acreditar em meus ouvidos quando Jonas e Terrance, comentaram sobre o ocorrido bem na minha frente.

— Eles comentaram?

Henry olhou em volta e baixou sua voz. — Alguns deles encontram-se uma vez na semana para um café da manhã particular na pequena sala de eventos. Eu estava servindo o café e Terrance perguntou a Jonas se tinha ouvido a última fofoca. Jonas piscou. Digo, realmente piscou! E disse que com certeza tinha. Mais alguém perguntou o que queriam dizer, e Jonas disse que houve um arrombamento na casa de Rosie. Ele fez soar como se não significasse nada!

Encontros privados. Pessoas sabendo coisas que não deveriam. O que mais estava acontecendo?

— Eu me pergunto como sabiam sobre isso — Charlotte recolocou os livros em seus braços. — Sid estava lá?

— Sid? Não. Mas vivemos numa cidade pequena, Charlotte. Notícias viajam rápido aqui.

— Mas Henry, se Jonas...

— Oh, olhe a hora! — Henry checkou seu relógio. — Por favor, diga a querida Rosie que estou a apenas uma ligação de distância — e correu para a porta, onde parou e olhou para Charlotte. — E você, cuide-se.

Ela abriu a boca para responder, mas Henry já estava indo embora. Ela o olhou, confusa com sua partida rápida. Ele tinha pressa para estar em algum lugar, ou estava evitando responder à pergunta dela? Ela balançou sua cabeça e começou a colocar os livros em suas prateleiras. Nem todo mundo era um suspeito.

Cidades pequenas eram diferentes da cidade em que ela crescera. Quando Charlotte chegou a primeira vez em River's End, a comunidade muito unida foi um choque. Quase antes de algo acontecer, a cidade já saberia. Era apavorante para alguém que era reservado e queria permanecer anônimo.

Durante um tempo quase se acostumou com aquilo. Os amigos que fez seriam seus amigos para sempre. E, do jeito que as coisas estavam moldando-se em Kingfisher Falls, ela poderia ter mais pessoas para acrescentar nessa lista especial. Rosie, Lewis, Esther e Doug, Darcy e Abbie.

E Trevor?

Desde a primeira vez que colocou os olhos nele, ela não sabia o que pensar das correntes ocultas entre eles, os “talvez” não tidos, o anseio em um canto de sua alma quando pensava muito sobre ele. O que Charlotte sabia era que esconder ainda mais segredos dele, estava arriscando o equilíbrio que haviam encontrado. Trev podia simplesmente descer da gangorra e deixá-la cair.

Capítulo 16



ROSIE CHEGOU um pouco depois da uma hora e enxotou Charlotte para fora. — Eu estou bem, querida. As fechaduras estão trocadas e é hora de você fazer uma pausa.

— Você já comeu?

— Eu tenho um sanduíche comigo se ficar com fome. Vá. Demore o quanto precisar.

Quanto ela precisaria dependeria de sua investigação na loja de molduras. Subiu as escadas para pegar o pen drive com as imagens de sua visita às cachoeiras. Essa era sua maneira de ganhar a confiança de seja lá quem trabalhasse lá. Charlotte sorriu.

Entrando em modo detetive.

Poderiam ser tempos difíceis, mas solucionar mistérios lhe fazia bem, e manter seu senso de humor empurrava a sombra de pânico para longe. Não era como se ela fosse uma detetive. Apenas alguém que acreditava em ajeitar as coisas.

Charlotte olhou dentro da livraria enquanto passava. Rosie estava com um cliente, um sorriso em seu rosto, mas as linhas de exaustão claras, mesmo de longe. *Ela sequer dormiu noite passada?* Afastando os pensamentos, atravessou a rua e dirigiu-se para a loja. Do lado de fora parou, nervosa. A janela estava diferente novamente. Em vez de molduras, havia uma exposição de telas mostrando imagens de pessoas, animais de estimação e paisagens.

Eu me pergunto... Se essa exposição tivesse estado aqui na outra noite, o fotógrafo ainda teria tirado a foto? Charlotte precisava descobrir se a

pista se referia à moldura, ou ao mais subjetivo conceito de ser enquadrada por algo.

Ela empurrou a porta e entrou. À primeira vista a loja estava vazia, mas logo uma mulher jovem e sorridente acenou detrás de uma máquina. — Por favor, te atenderei em apenas um minuto.

— Sem pressa — feliz por perambular, Charlotte ponderou que a mulher parecia familiar. Talvez a tenha visto na rua ou no supermercado. Ela não se lembrava de tê-la atendido. A loja era bonita, com elegantes exposições de molduras de todos os tipos e tamanhos, assim como imagens. Em uma parede, atrás de portas de vidro trancadas, estavam velhas câmeras expostas junto com fotografias de diferentes épocas. Algumas tinham etiquetas de preço, outras avisos de “*Não está à Venda*”.

— Obrigada por sua paciência — a moça aproximou-se de Charlotte. — Você mora em cima da livraria.

Por um segundo, a suspeita inundou Charlotte. Onde melhor para imprimir imagens do que em uma loja como essa? Ela olhou em volta. Atrás do balcão estava uma moderna fotocopiadora.

— Rosie fala bem de você. Diz que é a pessoa perfeita para assumir quando ela se aposentar — disse a atendente.

— Oh. Rosie diz? — Charlotte relaxou um pouco.

— Sim. Meu nome é Harpreet. Em que possa ajudá-la?

Lembrando sua história-cobertura, ela enfiou a mão na bolsa. — Você pode fazer impressões desse pen drive?

— Claro.

— Hum, ok, eu baixei algumas fotos da câmera do meu telefone para ele — Charlotte o entregou para Harpreet. — Tirei muitas fotos no outro dia, do topo das cachoeiras, e amaria imprimir algumas. Talvez as emoldurar.

— Ooh! Ideia encantadora. Deixe-me dar uma olhada rápida antes — Harpreet foi para outra máquina no fim do balcão e inseriu o pen drive. — É tão bonito lá em cima, mas a caminhada! Oh, meu Deus. Pensei que iria desmaiar na primeira vez.

Charlotte riu. — Conheço a sensação. E a condição da trilha torna muito mais difícil do que deveria ser.

— Concordo com você. O Conselho precisa consertar aquilo antes que alguém se machuque.

— Então, é responsabilidade deles?

Harpreet olhou para cima e revirou seus olhos. — Que eles querem ignorar. Aquilo e muito mais. Essas estão realmente muito boas.

— Já nos encontramos antes? — Charlotte ergueu a sobrancelha, jogando sua mente para trás, então lembrou. — Eu te vi no India Gate House?

— Muito provavelmente. Meus pais precisam de ajuda em noites movimentadas, então família é sempre a primeira a ser chamada. Sua refeição estava boa?

— Foi no ano passado e ainda me lembro. Estava tão delicioso, que tudo o que quero é uma repetição. Então, obrigada — Charlotte sorria enquanto o último traço de suspeita derretia. — Talvez seja hora de eu levar Rosie para uma noite das garotas.

— Você deveria. Gostaria de escolher qual irá imprimir? Ou todas elas? Posso deixar algumas num tamanho largo e cortá-las em... Como esse aqui. Destacar o encantador martim-pescador que capturou aqui — Harpreet apontou para uma ampliação de parte da imagem. Era uma foto da lagoa abaixo das cachoeiras, perto de onde Charlotte havia visto o martim-pescador uma vez. O pássaro colorido brilhante empoleirado em um galho estreito.

— Estou oficialmente surpresa, Harpreet. Não tinha ideia que o tinha pegado.

— Que é a razão pela qual veio a mim. Nosso equipamento é moderno, e frequentemente vejo coisas que não são óbvias na primeira inspeção. Essa ficaria bem em uma tela. Devo te mostrar o que quero dizer?

Charlotte combinou de voltar quando notou quanto tempo já estava fora. Saiu da loja sem saber por que a moldura estava circulada. Mas não importava. havia feito uma nova amiga.



Não se preocupando com o seu almoço, Charlotte retornou para a livraria esperando que Rosie fosse fazer uma pausa para comer seu próprio sanduíche. Havia um carro estacionado em frente a livraria. Um lustroso sedan preto, com um contorno de luzes dentro da janela traseira. Polícia. Detetives.

Rosie estava conversando com uma mulher de uns trinta anos, que usava calças sob medida e jaqueta. Ela era magra, mas Charlotte teve a impressão de força pela maneira que se portava. Na seção de suspense estava um homem bem-vestido, com cabelos grisalhos cortado e ombros largos.

Eles estavam ali porque Octavia foi assassinada. Seus instintos estavam corretos. O que significava que eles queriam depoimentos, entrevistas, uma visita pela cena do crime. Ela tinha tudo em seu celular e laptop se precisassem de cópias.

Por favor, tenham algumas respostas.

— Aqui está Charlie — Rosie sorriu enquanto Charlotte ia detrás do balcão e colocava sua bolsa debaixo dele.

Ela levantou com o que esperava ser um sorriso educado. — Olá.

— Boa tarde, doutora Dean. Sou a detetive Katrina Mayer, e por ali, em algum lugar, está o detetive Bryce Davis.

— Prazer em conhecê-la — Charlotte disse.

Bryce Davis atravessou a livraria. Ele era casual enquanto andava, mas seus olhos eram intensos e Charlotte teve a impressão de que não perdiam uma coisa sequer. Era mais velho do que ela havia julgado inicialmente, mais perto de cinquenta anos do que de quarenta, e algo nele a incomodava. Provavelmente bancava o policial mau deixando para Katrina o papel do bom, não que ela conhecesse policiais que se comportavam como os programas de televisão retratavam. Bryce parou ao lado de Katrina, braços cruzados, e balançou a cabeça.

— Doutora Dean, acredito que estive entre as primeiras pessoas em cena, depois que Octavia Morris morreu? — Katrina tinha um bloco de notas em sua mão. Fechado.

— Eu estive — Charlotte confirmou.

— Por quê?

— Porque Sid me pediu para ir.

— Em que condições? Amiga, família?

Charlotte piscou. — Ele não incluiu isso em seu relatório? Ele não conseguiu encontrar um médico disponível e os paramédicos estavam longe, então quis que eu checasse por sinais vitais.

Katrina trocou um olhar com Bryce antes de continuar. — E Octavia tinha? Tinha sinais vitais?

— Não, infelizmente ela estava morta. Mas Sid deve ter incluído em seu relatório, e tenho uma cópia da entrevista que tive com ele. Com Chefe de Polícia Sênior Browne.

— Existe algum lugar mais privado para continuarmos nossa conversa?
— Bryce olhou em volta. — Nós precisamos de um pouco de seu tempo.

— Agora? Estou no trabalho, mas depois posso encontrá-los — Charlotte levantou seu queixo. Não ia ser pressionada a nada. — Estou disponível a partir das seis desta noite — em sua visão periférica viu Rosie prestes a falar. — Rosie teve um arrombamento noite passada em sua casa, então gostaria de garantir que sua casa esteja segura quando voltar.

Bryce aproximou-se. — O que foi roubado?

— Não tenho certeza — Rosie apertou suas mãos em seu colo. — Alguns arquivos foram derrubados, mas Sid me disse para não tocar em nada até as impressões digitais serem colhidas.

— Isso aconteceu noite passada? — Bryce ergueu a sobrancelha. — Ninguém falou com a senhora desde então?

Rosie balançou sua cabeça. — Tenho certeza de que Sid está ocupado investigando o que aconteceu à pobre Octavia.

Novamente o olhar estranho entre detetives e Katrina pegou o celular. — Doutora Dean, se encontraria conosco na delegacia de polícia às seis, por favor? Nós ficaremos lá um pouco, então se levar mais tempo que o esperado para certificar-se de que a casa da senhora Sibbritt está... Segura, ainda apareça.

— Claro. Estarei lá — Charlotte esperou até os detetives estarem fora para resmungar, — mas por que no mais desagradável lugar na cidade?

Rosie riu.

— Não, realmente, quem iria querer passar algum tempo lá? Acho que eles não têm escolha. Mas eu preferiria que não — Charlotte afundou em seu banco.

— Então deveria ter falado com eles aqui. Poderia ter usado a cozinha ou subido as escadas. Pergunto-me para quem Katrina estaria ligando?

Katrina estava na frente do carro, o celular em sua orelha. Bryce apoiado nele, ouvindo com um sorriso enquanto Katrina dava ordens para a

pessoa do outro lado do telefone. Estava muito longe para ouvir, mas seu dedo espetava o ar enquanto ela falava.

— Provavelmente dizendo para Sid limpar a delegacia de polícia antes de irem até lá — Charlotte disse.

— Garota engraçada. E não precisa me acompanhar até em casa.

— Lamento. Está presa a mim até eu saber que está sozinha, exceto por dois gatos, e que as portas estão trancadas. E, assim que for autorizada a arrumar o galpão, eu ajudarei. Nem tente discutir.

Bryce entrou no lado do passageiro assim que Katrina desligou. Ela deslizou atrás do volante e, um momento depois, o carro deu ré e partiu.



Exatamente como disse, Charlotte não aceitou discutir com Rosie e a acompanhou até em casa. Elas especularam quem mais seria entrevistado pelos detetives. Rosie tinha arranjado um tempo de manhã bem cedo. Mas quem mais?

— Eu imagino que Veronica irá querer muito falar com eles — Charlotte passeava na beira da grama com os pés descalços, os sapatos pendurados em seus dedos. — Se já não tiver falado. Digo, eles não eram amigáveis, então imagino que ela já tenha dito a eles que nós planejamos assassinar Octavia.

— Foram gentis comigo. Então, pode ser você que esteja prestes a ir para a cadeia — Rosie sorriu enquanto a boca de Charlotte caía. — Veronica tem uma antipatia especial por você.

— Isso é verdade. Mas ela deve se comportar diante de oficiais de polícia reais. Sid é outra coisa. Fácil de manipular e enfurecer. Mas detetives de homicídio podem observar a associação dela com certas atividades criminosas recentes.

Elas pararam em um meio-fio para deixar um carro virar. A noite já estava esfriando e estava muito mais agradável para se estar ao ar livre. Assim que terminasse a entrevista, Charlotte pretendia jantar na varanda e ver a noite cair.

— E quanto à Glenys? Espero que sejam gentis com ela — Rosie lançou sua cadeira de rodas sobre a estrada e Charlotte correu, o asfalto mais quente do que o esperado. Do outro lado, afundou seus dedos dos pés novamente na grama.

— Quando eu era criança, caminhava descalça o tempo todo. Devo estar ficando mole — Charlotte calçou seus sapatos novamente e alcançou Rosie, que não a esperou. — Está com pressa?

— Não, mas você tem compromisso.

Charlotte alcançou-a. — Tenho certeza de que Glenys dará conta. Ela é muito mais forte do que pensei inicialmente. Frequentemente é o caso de pessoas que passam por maus relacionamentos.

Na esquina, ambas pararam surpreendidas. O carro patrulheiro de Sid estava fora da casa de Rosie, e outro estava na trilha da garagem. — Ciência forense. Certeza de que estão lá.

— Bem, bem. Melhor nós abrirmos a porta para eles então.

Capítulo 17



CHARLOTTE CORREU para a delegacia de polícia depois de Rosie mandá-la ir pela terceira vez. Ela preocupava-se em deixar a amiga com Sid e dois oficiais de ciência forense. Não pelos últimos, mas porque Sid não era de confiança. Charlotte o pegou no quarto de hóspedes, na cozinha, e cutucando pelo jardim atrás do galpão.

— Exceto que tenha uma boa razão para revistar aí, precisa parar — Charlotte o encarou.

Ele deu de ombros e voltou para o galpão. Os oficiais estavam empoeirando os arquivos, para a identificação de digitais. Rosie manteve-se perto da porta, mãos apertando-se. Muitos dos arquivos ainda estavam no chão em uma pilha bagunçada e Sid pegou o primeiro.

— Largue isso — a voz de Rosie estava calma, mas não tolerava discussão. — Esses são documentos privados, deixados por meu falecido marido.

— E se eles forem evidência? — Sid olhou dentro do arquivo.

— Do quê? — Charlotte colocou uma mão no ombro de Rosie e apertou. — Por favor, respeite o pedido de Rosie. Tudo tem sido traumático e ela não precisa de ninguém tornando a bagunça pior.

Um oficial levantou sua cabeça. — Preferiria que não os tocassem, Chefe de Polícia Sênior. Nós os analisaremos e o deixaremos saber se houver algo suspeito — ele olhou para Rosie. — Sem ofensa, senhora. Quero dizer suspeito sobre quem tenha feito isso.

— Não me ofendi. Obrigada.

Sid jogou-o de volta e a pilha deslizou, recebendo um olhar endurecido do oficial e uma encarada de Rosie. Sua atenção mudou para as prateleiras.

— Belo conjunto de ferramentas, Rosie. Sempre admirei seu jardim.

O ombro de Rosie tensionou abaixo dos dedos de Charlotte. — Por favor, não toque em minhas coisas.

— Não estou fazendo nada. Apenas procurando — Sid sorriu pretensiosamente para ambas. — Você sabe, por uma arma. Algo longo e pesado. Como um cabo de ferramenta.

Charlotte instintivamente olhou para onde havia colocado aquele cabo no outro dia. Aquele em que bateu. Não conseguia vê-lo, o que era estranho. A não ser que tenha sido roubado.

— Por que não olha pelo jardim? Busque por corpos enterrados — Rosie moveu sua cadeira para longe da porta, mais perto dos oficiais. Charlotte ficou parada, desfrutando a manifestação de raiva no rosto de Sid por um momento.

— Eu estava. Até a mocinha aqui me dizer para parar. Sabe algo, não sabe? — Sid apontou para Charlotte e ela foi para o lado com um balanço de seus braços.

— Se Rosie está feliz por você brincar na caixa de areia, então vá em frente.

Isso foi tudo o que ela pôde fazer para conter-se do riso nervoso quando Sid passou furioso com o rosto vermelho. Rosie esperou até ele estar fora de vista e sugeriu, pela terceira vez, que ela precisava ir. E ela foi.

Quase sem fôlego enquanto chegava à delegacia de polícia, desacelerou e respirou fundo. Ela estava aqui para ajudar em uma investigação de assassinato. Não se preocupar com o comportamento horroroso de Sid. O carro dos detetives estava estacionado na rua e a porta da frente da delegacia estava aberta.

Não podem suportar o cheiro?

Com um balanço de sua cabeça, Charlotte entrou. Devido a porta estar aberta, e seus sapatos terem sola de borracha, ela não fez quase nenhum barulho. Katrina e Bryce estavam conversando do outro lado do balcão. Charlotte parou, não querendo interromper. Curiosa.

— Que tipo de decisão idiota deixa um palhaço como aquele no comando de uma comunidade sem checagens regulares? — Katrina parecia agitada. Charlotte gostava dela. Havia uma força silenciosa na detetive, misturada com compaixão que a agradava. E Katrina havia sido doce com Rosie, o que era muito positivo.

Bryce era diferente. Ele tinha um lado que não gostaria de ver. Duro. Mas não duro como Trev que era sempre temperado com justiça. Não, o homem portava-se como um lutador. Bryce respondeu a Katrina. — Ele conseguiu um distintivo de alguma forma. Ficar fora de vista em uma cidade isolada faz sentido.

— Nós veremos.

Por mais que quisesse continuar ouvindo, não tinha interesse em ser pega fazendo-o, então bateu atrás da porta. — Olá?

— Entre, doutora Dean — Bryce abriu a segunda porta. — Sente-se, se tiver coragem. Nós as limpamos.

— E o cheiro fica menos horrível com a porta aberta — Charlotte sentou-se na cadeira em frente à Katrina, na mesma mesa que Sid usou na última visita. Bryce encostou-se à outra mesa, braços cruzados, os olhos nela. Charlotte não ia deixá-lo entrar em sua cabeça. Desviou o olhar.

Katrina digitou no teclado, olhando o monitor. — Obrigada por vir. A casa da senhora Sibbritt estava como esperado?

— Melhor. Sid estava lá com a polícia forense.

— Chama o Chefe de Polícia Sênior Browne por seu primeiro nome. São amigos?

Os lábios de Charlotte contraíram-se enquanto lutava para controlar o impulso de rir alto. — Hum, não. E ele lembra-me disso toda vez que eu o chamo de Sid.

— Então, faz isso para irritá-lo.

Se Charlotte não estava enganada, a expressão nos olhos de Bryce era de divertimento, ou até mesmo de respeito.

— Não começou desse jeito, mas impede as coisas de ficarem muito... Difíceis. Um pouco de humor ajuda às vezes.

Katrina parou de digitar, voltando sua atenção para Charlotte. — Eu li o relatório que o Chefe de Polícia Sênior Browne apresentou. Quando nós conversamos na livraria, você pareceu surpresa por minhas perguntas. Especialmente, pela razão de ter ido à cena e em que condição. Poderia nos falar sobre os eventos do dia em que Octavia Morris morreu?

Mantendo-se nos pontos principais, ela repetiu muito de seu relatório para Sid, enfatizando sua aparição na livraria, seu fracasso em tratar a casa como uma cena de crime em potencial e a relutância em seguir com o relatório dela.

— Eu esperava que a entrevista fosse no dia seguinte, pelo menos — Charlotte finalizou.

Os olhos de Katrina nunca deixaram o rosto de Charlotte, mas agora ela olhou para Bryce por alguns segundos. O que estava acontecendo? Eles haviam descoberto que Sid era corrupto, ou preguiçoso? Ou eles não acreditavam nela?

— Octavia foi assassinada. Ou pelo menos ajudada em sua morte — Charlotte disse.

Ambos os detetives se voltaram para ela que continuou. — A marca em seu crânio decorre de um trauma contundente que a fez cair para frente. Se

o golpe foi suficiente para matá-la, somente um médico perito saberia, mas em minha opinião, a pessoa que a atingiu é responsável por sua morte.

— E quem são seus suspeitos? — Bryce descruzou os braços pela primeira vez. — Deve ter algumas teorias sobre o caso.

— Eu sei quem não foi. Nem Rosie, nem eu, apesar das acusações de Sid. E provavelmente não Glenys.

— Por que não? — Katrina, que se apoiou nos cotovelos, ergueu-os com uma careta e pegou um lenço umedecido em uma caixa sobre a mesa. — Precisa fumigar esse lugar. Continue.

— Ela muito provavelmente não teve tempo. Glenys foi para lá depois que saiu da livraria e posso estimar o tempo que, porque Rosie retornou do almoço à uma e meia e notou que ela saía da loja enquanto se aproximava.

— E onde a Sra. Sibbritt estava?

— Almoçando. Com um amigo. Não sei a hora da morte, mas a caminhada para a casa de Octavia, exigiria uns bons trinta a quarenta minutos. Não parece provável.

— Boa detetive — Bryce sorriu. Mas não um sorriso amigável, e sim irritado por amadores se envolvendo onde não deviam.

Charlotte mordeu o lábio e olhou para ele. Não queria desrespeitar os detetives de homicídio, mas sua frustração estava aumentando. — Vocês checaram a casa dela? — Sua voz estava calma. — Deram uma olhada dentro da lava-louças?

— Para as xícaras manchadas de batom? Doutora Dean, o que nós temos ou não temos feito está fora de cogitação. O que nós queremos é uma cópia do seu depoimento assinado, que afirma ter uma cópia, e cópias de todas as fotografias que tirou na casa — Bryce ergueu-se e ali estava toda a postura do cara durão.

— Claro — Charlotte abriu sua bolsa. — Eu trouxe uma cópia do depoimento, e todas as imagens no pen drive — procurou e encontrou ambos os itens, colocando-os na mesa em frente de Katrina e dirigindo-se a ela. — Como pode ver, eu assinei isso e assim como o Chefe de Polícia Sênior Browne. Sid informou que seria fornecido às pessoas responsáveis, o que estou... Deduzindo... — Charlotte deu uma olhada em Bryce, — são vocês dois. Detetives.

O canto da boca de Bryce levantou-se por um instante, depois olhou sobre o ombro de Katrina enquanto ela lia o papel.

— Poderia tirar uma cópia, Bryce? — Katrina a entregou para ele, que olhou em volta até avistar uma antiga copiadora em um canto. — Isso difere do relatório que o Chefe de Polícia Sênior forneceu.

— Difere?

— Alguns pontos deixados de fora.

— Então onde está o original?

Katrina deu de ombros e gesticulou para a bagunça em que estava a mesa.

Na copiadora, Bryce esbravejou e bateu na lateral com a palma de sua mão.

— Está tentando quebrar? — Sid entrou, passou direto pela mesa e foi para a copiadora. — Aqui. Eu faço isso. Não temos dinheiro sobrando para substituí-la.

— Fique à vontade. Duas cópias, camarada — Bryce voltou para seu lugar encostando-se a outra mesa. Seu rosto estava impassível, mas novamente, Charlotte teve a impressão de que esses olhos não perdiam nada, e estavam em Sid enquanto fazia as cópias.

Algo interessante estava acontecendo. Mais do que uma investigação sobre a morte de Octavia. Esses detetives estavam de olho em Sid por

alguma razão e Charlotte estava recolhendo cada pista e palavra para desembrulhar mais tarde.

Capítulo 18



“MAIS TARDE” foi bem depois de Charlotte deixar a delegacia. A noite havia se fechado com a última luz desaparecendo quando ela parou no supermercado para comprar um jantar congelado.

De volta em casa ela ligou o forno antes de tomar banho. O cheiro da delegacia de polícia grudou em sua pele. Fumaça velha de cigarro, ar rançoso, e depois havia a pegajosidade da cadeira. Debaixo da água quente, Charlotte deixou sua mente viajar para outros lugares. A casa de Palmerston, com seu alto padrão de limpeza que não interferia com a atmosfera convidativa que Elizabeth criou. Quase um ano vivendo em um antigo e gracioso lar, deu-lhe memórias que guardaria para sempre. O sentimento de lar que experimentara estava vindo aos poucos para seu apartamento.

Vestida novamente, cabelo envolvido em uma toalha, Charlotte colocou na bandeja algo que lembrava macarrão ao forno. O último pedaço de pão iria para o forno no último momento, para disfarçar qualquer ranço.

Enquanto ela esperava para comer, abriu bem a porta deslizante e foi para varanda. O ar noturno estava refrescante. Depois de montar a pequena mesa, voltou para o terceiro quarto. Havia tempo suficiente para acrescentar alguns pensamentos ao seu quadro de cortiça. Caneta e bloco de notas na mão, olhou para as imagens e palavras que já se formavam em seu pequeno quadro de tempestades de ideias.

Deveria ter expressado seus pensamentos sobre Jonas para os detetives? E dizer o quê? Que Jonas comportava-se mal com pessoas boas? Que Jonas encaixava-se no tipo de corpo de um homem que podia estar vigiando. Ela teria que explicar e eles iriam querer ver as fotos.

E se ela estivesse errada? Outra pessoa inocente seria prejudicada pelos erros dela.

Charlotte escreveu em seu bloco de notas. *Sid*. Em letras grandes. Destacou e alfinetou. Em outra página, formou perguntas.

Por que esses detetives estão interessados em Sid?

Foi a copiadora de Sid que foi usada para copiar as imagens?

Qual é o interesse de Sid na casa de Rosie?

Depois de fixar essa página, procurou alguma conexão, mas o dia de hoje a havia esgotado e nada surgiu. O alarme no forno tocou. Hora de colocar o pão. Charlotte fechou a porta para os problemas.

Não era o forno chamando-a. Ela olhou para o telefone no balcão enquanto tocava. A identidade de quem ligava era anônima. Charlotte considerou deixá-lo cair na caixa postal, mas e se fosse importante, e genuíno, quem ligou iria deixar uma mensagem? Ou era a mesma pessoa que a ameaçou?

Ela pegou o telefone e respondeu. — Charlotte Dean.

Uma longa pausa.

Ela sabia. — Olha, não estou interessada em jogos ridículos, então me diga o que quer.

— Você foi avisada — a mesma voz. Impossível reconhecer além do abafamento.

Charlotte ouviu, esperando algum som ao fundo, algum padrão de fala que identificasse a pessoa.

— Por que ainda está aqui, doutora?

— Quem é você?

— Está mexendo com as pessoas erradas. Detetives que vão descobrir seus segredos. Hora de deixar a cidade.

— Já disse isso da última vez — Charlotte disse. — Não estou interessada em falar com você.

— Então ouça. Eu sei o que você fez ao seu paciente. Deixe a cidade esta noite ou contarei aos detetives. E à cidade inteira, incluindo sua preciosa Rose.

A ligação foi encerrada.

Havia uma maneira de rastreá-la? Charlotte verificou em seu celular por um momento até perceber que estava além de seu conhecimento. O cronômetro do forno disparou e ela deslizou o pão ao lado da bandeja de macarrão que parecia um tanto deprimente.

Depois de escrever o que lembrava sobre a ligação, ela se serviu de uma taça de vinho. *Ligar para Trev? Ou contatar os detetives?* Katrina havia lhe passado um cartão de visita antes de ela sair. Eles poderiam saber como encontrar quem ligou. E ela tinha uma pista agora. Poucas pessoas chamavam Rosie pelo seu nome. *Rose*. E ele era sempre usado como um lembrete que não eram amigos ou fãs da livraria e de sua dona. Rosie não ligava, mas isso a irritava.

Ser legal não leva mais tempo do que ser mau.

Ela estressou-se enquanto escrevia os nomes de todos que já ouviu chamarem-na de Rose.

Sid

Jonas

Veronica

Octavia

Marguerite

Havia mais alguém? Ela ficaria atenta de agora em diante. Ouviria como as pessoas formavam suas frases, usavam uma expressão. Ela riscou Octavia. E, a não ser que as mulheres da lista pudessem mudar o tom de

suas vozes, não eram elas. Restando dois que ela suspeitava, o tempo todo, de terem uma mão em toda essa bagunça.

— Então, é você, Sid? Preguiçoso, intencionalmente destrutivo, insultante, decadente. Ou o Conselheiro Jonas Carmichael. Sorrateiro, cruel, corrupto. Hum. Que escolha.

Ela checkou o forno e decidiu que quase pronto era bom o suficiente. Pelo menos o pão estava quente e o cobriu com manteiga. Não se incomodou de colocar a refeição em um prato, apenas adicionando o pão em cima do macarrão e carregando-o, com seu copo de vinho, para a varanda.

O céu estava quase escuro, e Charlotte checkou seu relógio. Já era mais de oito horas. Mordiscou o pão e bebeu o vinho antes de tentar o macarrão. Não estava horrível, mas essa poderia ser a pior refeição congelada que ela já comprara. Nada a impedia de fazer algumas refeições extras e congelá-las para noites como essa, quando desejava apenas dormir, mas já tinha muito circulando em sua mente.

— Eu sei o que você fez ao seu paciente — Charlotte bateu seus dedos na mesa. Quem ligou podia blefar, esperando que houvesse alguma história com que pudesse assustá-la. Se ele sabia a verdade, havia encontrado as histórias jornalísticas e mídias sociais reportando, então por que não ir em frente e contar ao mundo? Que sentido havia em ameaçá-la?

Sid e Jonas, ambos, tinham razões para querer que ela fosse embora. Desde o primeiro encontro deles na rua deserta, quando a janela de Esther foi quebrada na calada da noite no ano passado, Sid suspeitou que ela fosse algo mais do que aparentava. Ele havia prometido mais de uma vez descobrir seu passado e expor seus segredos.

Como um membro do conselho local, Jonas tinha sua própria agenda. Charlotte presumiu que ele estivesse interessado em assegurar a terra para

desenvolvimento e estava por trás dos roubos de árvores de Natal, mas como provar isso? Nem os ladrões sabiam quem os pagou, de acordo com eles pelo menos. Jonas tentou instigar o ódio contra a família Forest pelos roubos e estava um pouco perto demais de Veronica e suas conexões sombrias.

Risos da rua, quebraram o silêncio. Uma mulher, depois a mais profunda risada de um homem. Charlotte empurrou seu jantar e levou sua taça de vinho para a grade. Um casal jovem parou debaixo de um poste luminoso, de mãos dadas. Eles beijaram-se. Não querendo intrometer-se no momento particular, ela afastou-se. Houve um puxão em seu coração. Um pequeno toque de desejo por algo que provavelmente não seria dela.

Quem ligou podia ameaçar expor seu erro com um antigo paciente, mas seus verdadeiros segredos eram muito mais profundos e não podiam ser encontrados nas redes sociais ou nos jornais. Eles residiam em seu DNA e apenas o tempo revelaria a verdade. Até saber o que o futuro reservava, como ela poderia convidar outra pessoa para a vida dela? Charlotte nunca faria isso. Não como sua mãe o fez.

— Vão em frente, Sid ou Jonas. Façam seu melhor. Contem ao mundo.

Kingfisher Falls era seu lar. Seu primeiro lar verdadeiro, por sua escolha. Um lugar de boas-vindas e amizade e até de felicidade. E enquanto durasse, ela não iria se assustar ou fugir de ninguém.

Capítulo 19



APESAR DE não ter esperado dormir, Charlotte dormiu. Sonhos do cerrado, as cachoeiras, e os pequeninos martim-pescadores, seguiram-na depois de acordar ao amanhecer. Sua sensação de ser parte do ambiente aumentava com cada visita ao mirante ou a lagoa. E agora ela tinha um novo lugar para explorar, o jardim atrás da livraria.

Com um café na mão, andou pelo jardim enquanto a luz do sol espreitava por cima da cerca. O pinheiro estava com boa saúde depois de seu começo instável, e precisaria falar com Darcy em breve para descobrir onde plantá-lo.

— Sentirei sua falta, arvorezinha — Charlotte tocou o topo que estava agora quase tão alto quanto ela. — Mas você irá viver na floresta, em alguma fazenda ou em volta de um dos campos de esportes.

Falar com uma árvore não era minimamente estranho. Contanto que não a ouvisse responder, ela estava bem.

Charlotte sorriu e foi para a cerca dos fundos. Pousou a xícara de café vazia no canto de um poste e recuou. Se fizesse o que Rosie sugeriu e aparasse algumas vinhas, ela revelaria o portão. Ela havia olhado para o mapa da cidade em seu celular, surpresa por quantos parques e trilhas havia. Atrás desta cerca, porém, não tinha trilhas demarcadas, apenas mata fechada.

Charlotte entrou na garagem para localizar tesouras de podar. O carrinho de mão estava ao lado do carro dela, onde o deixou na outra noite. Depois do trabalho ela poderia organizar e encontrar lugares para as ferramentas que Rosie a emprestara. Ela procurou o cabo do machado, perguntando-se se o havia pegado, mas não estava lá. Deveria ter procurado

na casa da Rosie, mas entre o mau comportamento de Sid e Rosie insistindo para que fosse para sua entrevista com a polícia, ela havia esquecido.

Alguém arrombou o galpão de sua amiga apenas para revirar velhos arquivos e roubar o cabo de uma ferramenta? Charlotte aparou gavinhas da vinha. Assumindo que o cabo estivesse sumido, por que estaria? Ele uma vez pertenceu a um machado, Rosie disse. Porém a casa dela não tinha uma lareira. E um cabo tão pesado serviria para cortar grossos blocos de madeira. Não que ela fosse uma expert em machados - uma expert, ela riu de si mesma.

Octavia tinha uma lareira.

A imagem da mulher de rosto no chão, testa contra a base do mármore, surgiu em sua mente antes que ela pudesse impedir. A marca em seu crânio. Estantes de livros graciosas. Engraçado o que alguém lembrava.

Se ela não conhecesse Rosie a fundo, teria que a adicionar aos suspeitos. Recentes desavenças públicas com Octavia, conhecimento da casa da outra mulher, acesso a uma ferramenta que poderia combinar com a marca. Ainda bem que Rosie tinha um álibi de ferro.

Algo estava estranho para Charlotte. O que ela estava deixando passar?

— Oh, ops — o que ela estava deixando passar era, prestar atenção onde cortava, e agora um galho inteiro estava no chão. Endireitando-o pegou um maracujá maduro.

Ela terminou de limpar o portão com mais cuidado, movendo alguns galhos mais longos para que se curvassem sobre o outro painel e tirando apenas o necessário.

Não havia fechadura no portão. Charlotte pegou seu celular e escreveu uma nota para comprar uma. A trava era longa e enferrujada e demorou alguns minutos puxando, antes que sucumbisse aos desejos dela e

deslizasse. Com um rangido alto, o portão se abriu o suficiente para que pudesse passar.

Charlotte estava em uma larga trilha de terra. Esburacada e gasta, conduzia em ambas as direções. Ela sairia mais tarde para uma caminhada e veria aonde a levaria. Do outro lado, mata nativa. Belos eucaliptos erguiam-se sobre arbustos floridos dispersos. Atravessou a trilha e ficou na beira do arbusto, espiando dentro.

Era silencioso de uma maneira estranha. Nenhum canto de pássaro ou farfalhar de folhas como os que a acompanhavam ao longo das cachoeiras. A extensa copa das árvores escurecia o chão. Talvez com mais sol pudesse ser mais convidativo, mas nesse momento, nada a faria colocar um pé para dentro.

Com um calafrio, ela virou-se.

De onde estava ela tinha uma visão única do apartamento. No jardim dos fundos nunca pensou em olhar para cima, sabendo que haveria apenas paredes de tijolos em todo o caminho, além de uma janela alta no banheiro, que também era uma lavanderia. A cozinha não tinha janelas, sendo mais aberta e recebendo luz natural das janelas da sala e da porta deslizante da varanda. O terceiro quarto tinha uma em um lado, com um guarda-roupa na parede dos fundos.

Exceto, que havia mais uma janela no fundo. O sol refletia nela e Charlotte caminhou alguns passos adiante pela trilha para ver melhor. Perto do canto havia uma grande janela, e ela percebeu que a parte de trás do guarda-roupa estava contra ela. *Que estranho*. O cômodo era grande o suficiente para o guarda-roupa ficar encostado na parede, mas alguém bloqueou a vista com ele. Não por muito tempo. Se pudesse mover o guarda-roupa e ganhar uma visão tão bonita, poderia mudar de quarto.

Charlotte olhou por cima do ombro enquanto um calafrio percorreu sua espinha. O que diabos a estava assustando? Ela amava florestas e lugares selvagens e sua própria companhia. Havia um “bunyip” à espreita nas profundezas do mato? Um monstro mitológico australiano esperando para atacar, a fez rir. Mas correu para seu lado da cerca e fechou o portão com força. Agarrando uma pá, forçou-a contra o portão e deslizou o trinco. Só até ela conseguir uma fechadura.



Um pouco mais cedo que o usual, Charlotte abriu a porta da frente da livraria e saiu para varrer o pavimento. Essa era sua rotina agora. Garantir que a loja estivesse arrumada e aspirar o tapete. Colocá-la em ordem para o início do dia. Rosie apreciava o seu esforço, e ela encontrava satisfação no simples ato de preparar a loja.

Sid passou dirigindo, janelas abaixadas e uma cara feia não melhorando sua aparência. Charlotte deu-lhe as costas, não querendo fazer contato visual, enquanto se perguntava se ele estaria fazendo as ligações anônimas. Não havia muito sentido em fazer aquilo sem evidência e alguma cobertura na forma de uma testemunha. Uma com um distintivo. Charlotte suspirou e levou a vassoura para dentro. Na cozinha, encheu a chaleira, desejando ter ido primeiro à cafeteria, mas querendo muito um café para se preocupar em fazer um instantâneo.

Xícara na mão, ela deixou a cozinha e quase bateu em Kevin Murdoch. Charlotte evitou derramar café sobre ambos e afastou-se. — Eu sinto muito, não ouvi a porta.

— Eu não fiz qualquer barulho.

Algo mais para resolver.

— Como posso ajudá-lo hoje, Sr. Murdoch? — o batimento cardíaco dela estava um ponto acima do usual. Ela não havia simpatizado com o

homem depois da maneira com a qual tratou a família Forest. Ele estava suficientemente perto para feder a fumaça de cigarro. — Deixe-me largar o café e eu posso...

— Não. Não estou comprando nada — Kevin continuou a bloquear seu caminho, suas mãos segurando seu chapéu de sol na frente de seu estômago. — Eu vim te agradecer.

— Agradecer-me?

— Por checar... Por ver se... Octavia — Kevin abaixou sua cabeça e seus ombros caíram. — Tratou Octavia com respeito.

— Lamento por sua perda, Sr. Murdoch.

— Kevin. Sr. Murdoch é meu irmão Terrance. É Terrance quem está fazendo as jardas duras no conselho.

Não sabendo como responder, ela apenas concordou. No minuto em que Kevin se moveu suficientemente, Charlotte passou. — Eu realmente preciso largar isso. Essa porcelana fina fica quente rápido — ela foi para o outro lado do balcão e colocou a xícara em um descanso para copos.

Kevin a seguiu. — Eles não liberarão o corpo dela. Octavia precisa de um funeral e nós não podemos arranjar isso ainda. Os detetives disseram que pode levar mais alguns dias. Injusto.

— Tenho certeza de que o médico legista fará seu melhor.

— Bem, você diria isso, não diria? Sendo um deles — Kevin olhou para Charlotte. Seus olhos eram de um azul pálido rodeado de branco injetado. Falta de sono? Muita bebida e cigarro?

— Sempre é perturbador para entes queridos, não saber quando podem dizer o adeus adequadamente — *mantenha um tom agradável. Permaneça calma. Um cliente chegará logo.* — O funeral será na cidade?

— Por que se importa? Você e Rose tornaram a vida dela um inferno nessas últimas semanas. Octavia perdeu amigos e sentiu que foi desprezada

na festa de véspera de Natal por defender o que era certo. Em seguida, a perseguiram por livros que ela disse que não queria. Pode ter feito a coisa certa indo na casa dela naquele dia, mas nunca compensará pelo tanto que você e sua empregadora a machucaram.

Sangue bateu nos ouvidos de Charlotte. Seus dedos apertaram a beirada do balcão. Kevin chamou Rosie de “Rose”. Ele estava ali para repreendê-la. Ou pior. E ela estava encurralada atrás do balcão, se Kevin bloqueasse o lado. Ele era um homem grande, não forte, mas alto e imponente e ela não sabia se poderia impedi-lo de machucá-la se essa fosse sua intenção.

— Você me ligou noite passada, Kevin? — Charlotte levantou seu queixo e retornou sua encarada. Ela soltou o balcão e recuou até tocar o longo balcão dos fundos. Em algum lugar havia uma tesoura. Suas mãos estavam atrás de suas costas, tateando. — Eu gostaria de saber, por favor.

Kevin piscou. — Liguei para você? Aqui na loja?

— Diga-me você.

— Não telefonei aqui e certamente não tenho seu número particular. E por que eu ligaria?

Os dedos dela encontraram a tesoura e envolveram-se nela. A lâmina de aço a dava um pequeno conforto.

Kevin inclinou-se para frente, ambas as mãos em cima do balcão, o chapéu pendurado em uma. — Ouça. Não ligo para você, ou Rose. Não persigo pessoas, então se alguém a está incomodando com ligações anônimas, informe o Sid. Ele é nosso guardião da lei aqui. E você estaria muito melhor deixando a cidade, porque não fez nada senão causar encrenca e não é bem-vinda. E isso é o que eu vim te dizer — Kevin enfiou o chapéu sobre a careca horrível penteada e saiu furioso.



— Está na hora de arranjar câmeras de segurança — Rosie balançou sua cabeça. — Nós precisamos nos sentirmos seguras e ter provas de quaisquer novas tentativas de nos atormentar e intimidar.

— Aparentemente, nós somos aqueles assediando.

— E estou cansada de como alguns eventos são distorcidos por certas pessoas para fazê-los parecerem bons.

— De qualquer maneira, estou contente por querer câmeras de segurança, porque tenho duas companhias diferentes vindo esta tarde para passar orçamentos — Charlotte estava na janela da livraria, mantendo um olho nas pessoas na rua. Nada parecia seguro. — Trevor sugeriu isso no outro dia e tenho que concordar. Além disso, poderá colocar algumas em sua casa e...

— Espere um minuto, querida — Rosie aproximou-se dela e tomou sua mão. — Oh, está tremendo. Quer sentar-se?

— Eu estou brava. Como aquele homem ousa falar comigo daquele jeito.

— Kevin não tinha o direito. Quando você falou com Trev?

— No outro dia. Na outra manhã — Charlotte suspirou e virou para Rosie.

— Verdade?

— Verdade. Passou uma ideia ridícula em minha cabeça, de que Bernie estava na cidade. Você sabe, o ex-paciente de quem te falei, de River's End?

Rosie gritou baixo. — Não, aquele que a amarrou naquela caverna?

— Sim. Mas ele não está aqui. Trevor checkou e apesar de... Bem, Bernie não está aqui e não sabe onde estou, até onde a polícia sabe.

— Mas por que achou que ele estava? Venha, vamos nos sentar — Rosie retornou para seu balcão e Charlotte a seguiu, aliviada por sentar-se e beber um pouco de água antes de continuar.

— Bernie costumava beber uma garrafa de água, misturada com vodca, depois esmagá-la sob os pés e abandoná-la. Teve um problema com sua mãe, longa história. Vi uma garrafa esmagada, e tudo voltou.

— E ligou para meu filho — o sorriso dela alcançou seus olhos.

— Rosie, pare com isso agora.

— Mas é tão bom que tenha ligado para o Trevor.

— E deveria ligar para ele nesse exato minuto para contar-lhe sobre o arrombamento em sua casa. Trevor vai me culpar quando descobrir.

— Por quê? Eu sou aquela que deveria ligar e estou ocupada — Rosie olhou em volta até avistar um livro, que pegou e folheou. — Sim. Tenho que ler isso para recomendar aos compradores.

— Outra razão para ter câmeras. Impedi-la de mentir — Charlotte teve que sorrir. — Mudando de assunto, sabia que o quarto dos fundos do apartamento tem uma grande janela com vista para a mata?

— Claro. Nunca a viu?

— Engraçado. Tem um guarda-roupa na parede dos fundos que cobre ela. Limpei o portão essa manhã e estive do outro lado da trilha. Foi a primeira vez que a vi.

Rosie ergueu a sobrancelha. — Não estive no apartamento desde meu acidente. Degraus são impossíveis. Nós o alugamos por um tempo, já que não precisávamos da moradia. Graeme morreu quando nós ainda tínhamos inquilinos e contratei alguém para checar o lugar e limpá-lo quando os últimos locatários saíram. Que estranho.

— Se importaria que eu o mova? Amaria ter a janela de volta.

— O apartamento é seu para fazer o que quiser. Mas arranje alguma ajuda.

— Eu arranjarei.

— Trev seria uma boa pessoa.

— Rosie.

— Ele é forte.

— Rosie!

— Já notou seus músculos? Ele malha. Corre. Aonde está indo?

Charlotte estava para explodir de rir enquanto ia para a porta da frente.

— Conseguir café de verdade para nós duas. Por que não liga para seu filho enquanto eu vou?

Capítulo 20



ROSIE NÃO fez tal coisa, dizendo ter tido clientes e depois ter esquecido. Charlotte desistiu, decidindo que telefonaria ela mesma e esperava que Trev entendesse quão teimosa sua mãe era.

Entre clientes, Rosie descreveu sua entrevista com Katrina e Bryce. — Gosto deles, mas agora estou me perguntando se suspeitam de mim.

— De...?

— Assassinato, é claro.

Charlotte quase cuspiu o café que acabara de tomar.

— Chega de mortes, Charlie. Tente não se engasgar.

— Obrigada. Eles lhe disseram que é uma suspeita?

— Bem, não, mas repassaram uma lista de motivos que eu poderia ter. Mencionaram que gostariam de vasculhar minha propriedade em busca de uma potencial arma do crime.

Charlotte não tinha palavras. Nenhuma. Ela olhou para a amiga, percebendo que sua boca estava aberta, e a fechou.

— Eu disse para irem em frente. Ainda não limpei a bagunça no galpão, então os avisei para não a piorar. Me encontrarão aqui às três horas, se não se importar de ficar sozinha. Mas se não, eu os avisarei. De fato, deveríamos contar a eles sobre Kevin.

— Rosie, acalme-se. Se confiar em tê-los lá sozinhos com você, então é claro, vá. Ou poderia ver se Lewis pode ir com você?

Assim que ouviu o nome, a expressão de Rosie mudou. Ela desviou o olhar.

—Não. Lewis estará ocupado.

O que estava acontecendo? Eles haviam almoçado recentemente, então por que ela hesitaria em chamá-lo?

— Doug?

— Acho que consigo lidar com dois detetives honestos sozinha. E depois, verão que não existe nenhuma arma perigosa, e ficarei bem — o sorriso de Rosie era pequeno e falso.

— O que não está me contando?

— Absolutamente nada. Oh, aí está Darcy.

— Não mude...

Mas Rosie estava em movimento e um olhar para fora colocou Charlotte de pé novamente. Abbie estava no banco do passageiro, seu rosto vermelho e contorcido. Darcy abriu a parte de trás do carro e pegou uma pequena bolsa enquanto Lachie saltava para fora. Charlotte alcançou Rosie na porta do passageiro, onde estendeu a mão para segurar a de Abbie.

— Não se preocupe com nada, exceto trazer esse bebê para o mundo. Nós cuidaremos de Lachie pelo tempo que precisar, querida.

Abbie concordou, a transpiração escorrendo em seu rosto.

Lachie enfiou-se entre Rosie e o carro e inclinou para dentro da janela para beijar a bochecha da mãe. — Não se preocupe mãe. Tenho minha chave e garantirei que a fazenda fique bem.

— Amo você, bebê.

— Eu não sou mais bebê — Lachie afastou-se e Darcy o abraçou, olhando para Charlotte por cima de sua cabeça.

— Tenho que levá-la para o hospital e nossos amigos estão atrasados para sua estadia conosco. Pode ficar com ele?

— Claro. Ele pode ficar durante a noite se precisar. Cuide de Abbie.

— Seja um bom garoto. Liguei para você depois, ok?

— Precisa correr papai. Te vejo depois! — Lachie pegou a bolsa de Darcy e afastou-se.

Rosie soltou Abbie e empurrou sua cadeira um pouco para trás. — Tudo de bom, querida. Você ficará bem.

Darcy saltou de volta para o lado do motorista e olhou para elas. — Obrigado Rosie. E Charlotte. Eu ligarei.

Lachie ficou olhando para o carro e quando desapareceu, largou a bolsa e abraçou a si mesmo. Charlotte agachou-se ao seu lado. — Minha árvore alienígena ficará feliz em te ver.

Com um suspiro exagerado, Lachie pegou a bolsa e olhou para ela. — Árvores podem fazer muitas coisas, mas ver não é uma delas.

— O que prova que ela é meio alienígena.

— Está errada, Charlotte.

— Mas é hora do almoço. Vamos entrar?

— Acho que sim.

Rosie estava na porta. — Lachie, preciso de um designer profissional para a área de leitura e recreação infantil. Já que você é muito mais velho que as crianças que a usarão, gostaria de oferecer algumas ideias?

Lachie virou-se com um sorriso. — Um profissional, você disse. Vá na frente.



Rosie insistiu em sair para comprar almoço para todos, retornando com um enorme pacote de fritas e lascas que estavam quentes e salgadas. Eles se revezavam comendo na cozinha, com Lachie empoleirado em um banquinho mordiscando durante os intervalos de almoço das duas. Entre mordidas, ele falou sobre estar excitado para voltar para a escola logo e ver amigos que estavam longe. E quanto havia lido da pilha de livros que ganhou no Natal, graças à iniciativa da caixa de presentes da livraria.

— Eu gosto de ler. Posso comprar uma livraria quando crescer.

Charlotte assoprou uma batata e olhou o vapor subir. — Parece um bom plano — ela mordeu o exterior crocante com uma pequena onda de prazer. Comida absolutamente deliciosa.

— A Sra. Sibbritt ama seu trabalho. E você ama trabalhar aqui, não ama? — Lachie inclinou sua cabeça para um lado, a observando enquanto mastigava. — Mas é uma médica de verdade?

Charlotte bebeu um pouco de água antes de responder. — Primeira pergunta. Sim, amo trabalhar aqui e Rosie também. Segunda? Sou uma médica, mas não estou praticando.

Seus olhos arregalaram-se. — Mas deveria praticar. Mamãe diz que a prática leva à perfeição. Como pode ser uma boa médica se não pratica?

Como, realmente.

Charlotte sorriu. — Então, o tipo de prática que me refiro é ser uma médica como um trabalho. Engraçada a língua inglesa, hu? E meu treinamento especial é como uma psiquiatra.

— Psi-qui-atra.

— Psi-qui-a-tra. Boa tentativa.

Lachie repetiu a palavra algumas vezes até tê-la memorizado, depois pegou a última batata. — O que é isso?

— Psiquiatras tratam o cérebro, o coração e sentimentos. Algumas vezes ajudo pessoas que tiveram uma experiência perturbadora e outras vezes, ajudo pessoas com doenças que afetam o cérebro.

— Como deprimidos?

Ela confirmou. — Depressão. Exatamente.

— Papai diz que vovô estava deprimido e deveria receber alguma ajuda. Você poderia tê-lo consertado? — Lachie olhou fixamente para Charlotte.

Como ela poderia responder a aquilo? O pai de Darcy morreu há um ano ou mais, depois de tentar manter um negócio falido e perder sua esposa em um divórcio. Ele deixou a Fazenda de Árvores de Natal deteriorada, seu filho com impostos não pagos e uma casa em péssimas condições. Charlotte não conhecia os detalhes de sua morte, assumindo que tenha sido de causas naturais. Quanto Lachie sabia?

— Algumas coisas podem ser consertadas, mas não tudo.

— Consertou uma árvore alienígena — houve uma oscilação em sua voz.

— Não. Ela apenas precisava de um pouco de água e sol. E falo com ela o tempo todo.

Charlotte amassou o saco do almoço e limpava o balcão enquanto Lachie digeriria tudo aquilo. Ele teria passado algum tempo com seu avô? Tudo o que ela sabia era que Darcy e Abbie viviam no outro lado de Melbourne.

— Rosie tem que sair um pouco, então vamos descobrir com o que ela gostaria que fizéssemos primeiro?

— É difícil tornar-se um médico psiquiatra, Charlotte? — Lachie não havia se movido de seu banco.

— Precisa conseguir bons resultados na escola para garantir um lugar na universidade, depois um monte de anos estudando e trabalhando com especialistas. Sim, é difícil. Mas se você ama o que está aprendendo, o tempo voa.

Lachie sorriu. — Eu posso ser um psiquiatra — ele desceu do banco e deixou a cozinha.

— E quanto a possuir uma livraria? — Charlotte o seguiu.

— Esse será meu hobby.

Ela fez tudo o que pode para não rir. Lachie era uma criança inteligente e carinhosa, além de sábia para sua idade. Independentemente do que ele decidisse fazer, seria para o benefício de todos a sua volta.



Rosie saiu pouco antes das três horas. Havia poucas chances de que retornasse para livraria, então encarregou Lachie de ajudar Charlotte. Deixou-lhe uma lista de trabalhos e escondeu um cartão presente dentro de um envelope. Se ele fizesse cada tarefa, então seria dele.

Charlotte esteve ocupada com clientes quase toda a tarde, incluindo recebendo um pedido para uma nova creche que logo abriria em uma das cidades próximas. A compradora gastou meia hora na loja, pesquisando, conversando, e fazendo o pedido. Ao sair, ela acenou com a cabeça para Lachie, que estava montando a área de recreação.

— Que adorável que possa trazer seu filho aqui. Ajuda-os a aprenderem uma boa ética de trabalho.

— Oh. Hum, Lachie é filho de uma amiga minha, mas eu concordo.

Depois de a mulher sair, Charlotte o observou por um momento. Se houvesse um buraco em seu coração, ela não admitiria que teria qualquer coisa a ver com ele.

Capítulo 21



— SABE QUANDO papai vai ligar? — Lachie perambulava pela cozinha, onde havia ido levar um copo de água. — Terminei a lista da Sra. Sibbritt e... Estou me perguntando se mamãe está bem.

— Tenho certeza de que está. Bebês simplesmente tem seu próprio doce momento para se juntar a nós. Vou te dizer o que faremos. Assim que fecharmos a loja, nós subiremos e enviaremos ao seu pai um WhatsApp. Ele pode estar com o celular desligado, já que está no hospital. Mas podemos desejar tudo de bom. Ok?

— Legal. Nós estamos fechando agora?

— Muito em breve. E, sim, vejo que terminou tudo, e te agradeço por ser tão prestativo hoje — ela lhe entregou o envelope de Rosie. — Tem algo aqui dentro para você.

Quando ele encontrou o cartão presente, sua boca abriu em um silencioso “uau”. Ele a olhou e ela confirmou. — Pode gastá-lo em qualquer coisa na livraria. E tem dois anos até vencer.

— Dois anos! Dois minutos são suficientes. Obrigado — Lachie atirou seus braços em volta da cintura dela por um segundo ou dois, depois correu para os fundos da livraria.

Charlotte fechou a porta da frente e contou o dinheiro, deixando-o levar mais tempo que seus dois minutos para se decidir entre os livros. Ela esperava que ele escolhesse um entre a série de aventuras que mais gostava, mas foi um livro ilustrado que ele colocou no balcão.

— Eu gostaria deste, por favor.

Engolindo o nó na garganta, ela examinou o livro e o cartão presente. Era um livro de primeiras histórias para bebê. Um para a família ler na hora

de dormir com o filho e para guardar por anos. Dois pais amorosos lendo para seu pequenino.

— Gostaria que embrulhasse para presente?

— Pode fazer isso?

— Aqui, venha e ajude.

Lachie acabou fazendo a maioria do embrulho e finalizou com um laço amarelo que Charlotte tirou de uma gaveta. — Acha que mamãe e papai gostarão dele?

— Eu acho. Eles amarão. Espere um pouco, meu celular está tocando — era o número de Darcy. — É seu pai. Oi, Darcy.

— Acabo de olhar a hora. Tudo bem, se cuidar de Lachie mais um pouco?

— Claro. Como está Abbie?

— Abbie é durona. Não consigo acreditar quão forte essa mulher é — a admiração encheu sua voz. — Eles acham que vai levar mais algumas horas.

— Nesse caso, Lachie e eu podemos jantar e ele pode ficar pelo tempo que você precisar. Gostaria de um rápido oi?

— Amaria, por favor. E, bem, muito obrigado.

— Pode deixá-lo comigo a qualquer hora — Charlotte passou o aparelho.

Durante o tempo em que ela colocou o dinheiro no cofre e checkou se a porta da frente estava trancada, ele havia desligado. — O que teremos para jantar?

Oh.

Não havia nada para si mesma, que dirá para uma criança faminta em fase de crescimento.

— Pode procurar por todos os interruptores e apagá-los? Depois nós faremos alguns planos. Que tipo de comida você gosta?

Lachie correu para procurar por interruptores, mas lançou um olhar para Charlotte.

— De tudo.

— Então, vegetais?

— Hum.

— Couve de Bruxelas?

— Qualquer vegetal.

Lachie passou voando.

— Frutos do mar?

— Costumávamos comer camarões na praia, em nossa velha casa.

Claro que comiam. Que pais maravilhosos você tem. O que crianças não gostam?

— Curry?

Assim que cada luz estava desligada, exceto pela de fora da porta da frente que Charlotte desligou, Lachie pegou seu livro. — Mamãe faz um curry delicioso.

— Estou ficando com fome.



India Gate House ocupava um canto oposto ao outro grande restaurante da cidade, o Itália. Charlotte esteve no India Gate House uma vez, e enquanto eles esperavam pelas refeições, ela perguntou-se por que havia passado tanto tempo desde sua última visita.

O aroma tentador de temperos e curries saborosos, flutuava da cozinha para a mesa de fora, onde Lachie decidiu que deveriam se sentar. Ele empolgou-se pela chance de comer lá quando Charlotte sugeriu e a impressionou com seu entendimento de pedidos e ingredientes.

— Eu disse. Mamãe prepara curries e montes de coisas. Ei, espero que mamãe não pare de fazer isso quando minha irmã chegar.

— Irmã?

— Eu acho.

— Tenho certeza que com você e seu pai por perto para ajudar, ela cozinhará refeições maravilhosas em pouquíssimo tempo. Seu pai cozinha?

Ele inclinou-se na mesa balançando a cabeça. — Papai pode fazer omeletes. E panquecas. E salsichas — Lachie disse. — Mas não igual a mamãe.

Charlotte sorriu. A visita dele reduziu o estresse dos eventos recentes com sua visão inocente de tudo o que encontrou. Depois de deixarem a livraria eles foram para o apartamento e ela o deixou perambular, pedindo apenas para que não entrasse no terceiro quarto. Ela garantiu que o segundo quarto estivesse pronto para ele dormir, caso precisasse ficar, antes deles irem para o restaurante.

— Nós precisamos ir ao supermercado no caminho para casa, se não se importa — Charlotte disse enquanto aguardavam os pedidos. Não havia nada para o café da manhã na geladeira, nem suco ou leite, ou mesmo pão para lhe fazer torrada. — O que gostaria para café da manhã?

— Hum — Lachie esfregou seu queixo. — Gosto mais de ovos mexidos com torradas. Mas waffles são bons. Oh, aí está o nosso pedido. Estou com fome. Você está?

— Faminta.

Harpreet sorriu enquanto se aproximava com uma bandeja. — Olá novamente. Mas esse não se parece com Rosie! — Harpreet colocou a bandeja em uma mesa vazia e serviu prato após prato de delícias.

— Esse é Lachie Forest. Ele é meu convidado para jantar essa noite. Lachie, essa é Harpreet, que também tem uma loja de molduras.

Eles disseram olá um para o outro enquanto Harpreet colocava os pratos e talheres.

— Talvez, Charlotte, possamos nos encontrar no final da semana para um café? Ou para um belo chá?

— Eu adoraria. Tenho que voltar à loja de molduras para providenciar as impressões, então vamos marcar um horário?

— Sim. Aproveitem suas refeições.

Harpreet desapareceu dentro do restaurante.

— Ela é legal — Lachie disse, seus olhos movendo-se de prato a prato, como se não pudesse decidir por onde começar.

— Ela é.

— Mamãe e papai não vão acreditar nesse banquete! Nós deveríamos tirar uma foto.

Charlotte abriu seu celular. — E se eu tirar algumas e enviar a eles por mensagem para seu pai depois? — ela tirou algumas fotos, depois não pode resistir a secretamente tirar uma dele, enquanto olhava de olhos arregalados para a seleção. Lachie olhou para cima e riu, cobrindo sua boca com sua mão.

— Charlotte atrevida. Podemos fazer uma selfie juntos?

— Claro.

Lachie atirou-se para o lado dela da mesa e ficou atrás dela, sua cabeça sobre seu ombro enquanto ela tirava algumas fotos.

— Certo, chega disso. Você gostaria de servir-se?

Ele não precisou de um segundo convite e foi apenas um momento ou dois até ambos encherem seus pratos com arroz fumegante, succulento curry vegetal, chutney, raita e pão naan. O silêncio dominava, exceto por um ocasional “ah” e “yum”.

No Itália, vozes vinham de uma mesa externa. Charlotte olhou para lá enquanto uma voz familiar cruzava a curta distância. Veronica. A mulher ria.

Gargalhava.

Diante dela estava Jonas, não em seu costumeiro terno caro, mas usando uma camisa de mangas curtas, gola aberta e jeans. Ao seu lado, Terrance Murdoch havia jogado o seu paletó sobre o encosto de sua cadeira e afrouxado o que parecia ser uma gravata borboleta. Diferente de seu irmão Kevin, Terrance era careca e mais velho.

— Quer o último pão naan, Charlotte?

Ela afastou sua atenção para longe do Itália. — Pode comê-lo. Está gostando da refeição?

— Está delicioso! — Lachie acrescentou o pão em seu prato. — Estou considerando que assim como vou ser psiquiatra e dono de livraria, eu poderia comprar um restaurante. O que você acha?

— Acho que conseguirá qualquer coisa que queira. Siga seus sonhos. Trabalhe duro, estude ainda mais, e divirta-se um pouco — Charlotte pegou uma colher de curry.

— Onde está Rosie?

— Em casa. Eu enviei a ela uma mensagem para convidá-la a se juntar a nós, mas está cansada e quer dormir cedo.

Alguns WhatsApp recebidos e enviados mais cedo haviam contado a ela pouco sobre a visita dos detetives à casa de Rosie. Apenas que saíram depois de olhar em volta e alguma conversa. Rosie teve dor de cabeça e não estava disposta à socialização, mas queria saber se Charlotte tinha notícias sobre Abbie.

— Sério? Isso é o que você trouxe? — o grito de Veronica chamou a atenção de todos os clientes ao ar livre de ambos os restaurantes, incluindo

Lachie. — Nós pedimos tinto. Não branco.

Charlotte reconheceu a garçonete. Bronnie, que era a mais amável das mulheres. Sempre um sorriso e uma palavra gentil. Mas agora Bronnie recuava da mesa, garrafa de vinho na mão e um olhar de confusão.

— Eu lamento. Tinha certeza de que me pediu branco, mas errei. Por favor, deixe-me trazer o vinho correto.

— Certifique-se de que esteja certo.

Não havia limite para a rudeza da mulher?

Lachie olhou para o outro lado da rua.

— Ei, cara. Termine. Depois nós pegaremos um pote de sorvete no supermercado se você quiser — Charlotte manteve um olho nele até que concordasse e colocasse mais comida em sua boca, e outro na mesa dos três.

Estavam rindo. Todos eles.

Terrance inclinou-se para Veronica, balançando seu dedo brincando. — Malcriada. Eu ouvi você pedir branco.

Veronica sorriu e olhou para Jonas.

Ele a olhou de volta, os cantos de sua boca movendo para cima.

Com que diabos estão se divertindo?

— Eles são pessoas más.

Olhando novamente para Lachie, Charlotte empurrou seu prato de lado e esticou sua mão na mesa para tomar a dele. Lachie olhou para a mesa do outro lado da rua. Havia medo no rosto dele.

— Querido, acho que podíamos ir embora. Ok?

— Ok.

— Não precisa se preocupar com esses três. Quando se tornar um psiquiatra, saberá como lidar com esses tipos.

Ele a olhou. — Saberei?

— Sim. E, se tiver uma livraria, terá muitos livros para ler sobre psicologia.

O medo mudou para incerteza. Lachie queria acreditar.

— E sabe o que mais? — Charlotte levantou e empurrou sua cadeira. — Venha, vamos pagar.

Ela esperou até ele colocar seu talher no prato e se levantar. Depois, inclinou-se e cochichou: — Quando tiver um restaurante, poderá expulsá-los! Todos os três!

Seus olhos se arregalaram e ele riu. Charlotte riu com ele, aliviada. Ela era responsável por esse garotinho e de jeito nenhum permitiria que aqueles malditos o assustassem. Eles entraram para pagar, e Charlotte jogou uma mão em seu ombro. Lachie encostou-se nela.



Comprar era divertido com uma criança. Charlotte deu a ele a cesta e o deixou sugerir algumas ideias para reabastecer a geladeira.

— Não. Não sei cozinhar isso. Ou isso.

— Mamãe ajudará você.

— Mamãe está ocupada nesse momento.

Claro, eu ligarei para Abbie. Ei, Abbie. Ensine-me a fazer waffles do começo. Alô?!

Eles decidiram por alguns ovos e pão, assim como cogumelos, manteiga e ervas que Lachie garantiu a ela que iriam cozinhar rápido em uma frigideira e teriam um sabor delicioso. Mais um pote de sorvete de chocolate, como prometido.

Antes de subirem, ele insistiu em ver a árvore. Debaixo da luz da lanterna do celular, Lachie inspecionou seus galhos, o solo, e a altura. — Saiu-se muito bem, Charlotte Dean.

Quando ele começou a subir as escadas, Charlotte cochichou para a árvore — Acho que ele quis dizer que você se saiu bem.

— Eu ouvi você. Árvores não se comunicam com humanos.

Ela seguiu-o para cima. — Tem certeza?

— Claro. Árvores falam com outras árvores. Por que conversariam com uma pessoa?

Fazia sentido. Se seguisse seu coração, ela não falaria com outro ser humano novamente. Se enterraria em um mundo de leitura, caminhada, e aprenderia a cozinhar.

Mentirosa.

Tudo bem. Poderia haver algumas pessoas com as quais ela falaria. Talvez Rosie. E Lachie. Os pais dele. Doug e Esther. Oh, Harpreet. Christie e Martin. E os outros em River's End. E Trevor.

Não. Trevor nunca falará comigo novamente quando descobrir que fiz o que sua mãe pediu e não lhe contei sobre o arrombamento.

— Aqui, eu carregarei as sacolas — Lachie as segurou antes que Charlotte pudesse detê-lo. Com uma sacola em cada mão chegou a porta antes dela. Uma pessoa poderia se acostumar a ter um ajudante.



A noite passou com alguns jogos de cartas e uma tigela de sorvete para cada. Lachie tinha uma troca de roupas e pijamas, mas estava relutante a acomodar-se para a noite, mesmo quando seus bocejos interrompiam o jogo.

— Sério, cara, por que não ir para a cama? Caso seu pai ligue, acordarei você.

— Acha que mamãe está bem? Eles estão longe há tanto tempo.

— Eu sei que está. Aposto que parece uma eternidade esperando, mas más notícias viajam mais rápido do que boas notícias, então teríamos sido

informados se algo estivesse errado.

Lachie deu a ela um desses olhares que estava começando a esperar. Sério, com um toque de pena pela falta de entendimento dela. — Charlotte, você é médica. Deve ter estudado física, então sabe que todas as notícias viajam na mesma velocidade.

Ela abriu sua boca para responder, depois a fechou. Como alguém de oito anos fica tão esperto? Quando tinha a idade dele... Talvez ela tivesse dito as mesmas coisas, se não tivesse uma família tão desestruturada. Seu papel aos oito anos não era de uma criança, mas da pessoa responsável por compras e limpeza, e por checar se sua mãe estava em casa antes de trancá-la a noite.

Não agora.

Charlotte forçou a memória para longe.

— Está tudo bem se eu ler um pouco no sofá? — Lachie bocejou novamente.

— Troque-se primeiro, então fique à vontade. Eu guardarei o baralho.

Com um rápido sorriso, ele correu para o quarto. Ela encheu a chaleira, pronta para um chá quente na varanda. Sentaria lá um pouco e o deixaria relaxar com seu livro.

Chá feito, esperava vê-lo, mas ele não tinha voltado ainda. Levando sua xícara e celular para fora, ficou de olho no sofá. Dez minutos se passaram e nenhum garotinho com um livro. Charlotte não queria intrometer-se caso ele ainda estivesse se trocando, então parou fora da porta do quarto que ele havia deixado entreaberta.

— Tudo bem, Lachie?

Nenhum som lá dentro.

Ela espiou. Ele estava encolhido em cima da cama, dormindo profundamente, um livro enfiado debaixo do braço. A mão de Charlotte

flutuou para seu peito. Por um momento o olhou respirar, assegurando-se que estava dormindo. Era assim como os pais sentiam-se o tempo todo? Essas primeiras pontadas tornaram-se um insistente ritmo em seu coração.

Afastou-se silenciosamente, deixando a luz acesa para o caso dele acordar e esquecer onde estava. Na sala de estar, apagou todas as luzes, exceto a luz ao lado do sofá e retornou para a varanda. Lá, ficou olhando para a noite.

Por que agora? Toda sua vida adulta ela manteve quaisquer pensamentos de maternidade trancados no mais seguro cofre mental que tinha. Trazer uma criança ao mundo era expô-la à doença que assombrava sua família.

Assombrava-me.

Charlotte decidiu há anos ficar solteira. Sem filhos. Uma mulher de carreira sem tempo para família. Ela deu um longo suspiro. *Permaneça forte. Não há outra escolha.*

O celular tocou e ela virou-se e pegou-o antes que acordasse Lachie.

— Charlotte Dean falando.

— Charlie. Nós temos uma bebê! — era Abbie. Felicidade jorrou pela ligação.

Charlotte ficou arrepiada e as lágrimas brotaram no fundo de seus olhos.

— Abbie, que maravilhoso! Ela está... Vocês estão... Ambas estão bem?

— Nós estamos. Lachie está dormindo?

— Sim, mas posso acordá-lo.

— Não, deixe-o dormir. Darcy está voltando para pegá-lo e eles irão para a fazenda. Contanto que não seja uma inconveniência para você?

— Nem um pouco. Ele estava determinado a ficar acordado, mas o encontrei dormindo há alguns minutos. Ele tem sido uma criança tão boa.

— Obrigada por hoje. Você e Rosie.

Elas conversaram por mais um momento, depois Abbie disse que tentaria cochilar enquanto a bebê dormia. Charlotte enviou um WhatsApp para Rosie, esperando não a acordar, depois esperou pelo carro de Darcy. Pouca coisa se movia ao longo da rua silenciosa e a névoa girava em torno dos postes de luz. Vida no vale.

Rosie respondeu a mensagem.

— *Tão feliz por eles. Dê os parabéns a Darcy. Conversamos amanhã, querida.*

Charlotte queria conversar com Rosie. Assegurar-se que ela se sentia segura em sua própria casa. Pela manhã ligaria para Trevor e explicaria os eventos recentes. Sem mais explosões emocionais ou preocupar-se sobre como ele iria reagir. Rosie precisava de seu filho envolvido agora que a polícia estava vasculhando sua propriedade e fazendo perguntas, quer ela concordasse ou não.

O carro de Darcy parou lá fora e ele desceu, exausto em cada movimento. Charlotte encontrou-o na porta dos fundos e os olhos dele brilharam.

— Abbie ligou?

— Congratulações minhas e de Rosie — Charlotte deu-lhe um abraço.

— Uma menininha!

— Ela é linda, Charlie. Muito cabelo. E Abbie é a melhor mãe de todas.

— Mal posso esperar para ver as duas.

Darcy fechou a porta atrás de si e olhou para baixo, depois se curvou.

— Deixou cair algo? — Darcy entregou-lhe um pedaço de papel branco dobrado.

O estômago dela revirou.

Não estava lá quando ela e Lachie entraram. Esteve ali, com um garotinho a seus cuidados, quando alguém empurrou aquilo por debaixo da

porta. Não era apenas a casa de Rosie que não era segura.

— Charlie? Parece ter visto um fantasma.

— Hum. Não, obrigada por isso. Eu colocarei... Aqui. Obrigada — ela pegou-o por um canto e colocou-o no meio do balcão. — Lachie adormeceu pegando um livro para ler. Acho que o cansei com jogos de cartas.

— Ele não deu nenhum trabalho?

— Nenhum. Por aqui — Charlotte mostrou o caminho até o quarto. — Tenho amado passar o tempo com ele, para ser honesta.

Lachie acordou enquanto Darcy pegava sua mala e guardava suas roupas nela. — Ei, parceiro. Hora de ir para casa.

— Papai? — Seus olhos arregalaram-se e ele sentou-se. — Onde está mamãe?

Darcy sentou-se ao lado dele com um sorriso. — Mamãe ficará no hospital por alguns dias. Com sua nova irmãzinha.

— Há... Uma irmã. Eu estava certo. Eu disse, não disse, Charlotte?

— Você disse.

— Não podemos visitá-las agora?

— Está um pouco tarde. Além do mais, devemos prender os frangos e checar a casa. Nós iremos para lá de manhã cedinho.

— Tenho um presente para você, mamãe e nossa bebê. Eu já o embrulhei.

Darcy levantou-se, lançando um olhar questionador para Charlotte.

Ela fechou o lábio e Lachie riu.

— Diga boa noite para Charlie. E um grande, obrigado.

Lachie repetiu sua ação anterior de atirar seus braços em volta da cintura dela com um abafado — Obrigado, Charlotte Dean —, em seu estômago.

— O prazer foi meu, Lachlan Forest — Charlotte apertou seus ombros.

Quando ele a soltou e seguiu seu pai, ela estava gelada por dentro.

Desejou boa noite enquanto eles desciam os degraus. Assim que trancou a porta dos fundos e a checkou duas vezes, sua atenção voltou-se para o papel no balcão.

Capítulo 22



LAPTOP ABERTO, Charlotte deslizou pelas fotos da casa de Octavia.

Ela verificou a primeira que havia tirado - o corpo de Octavia - e expandiu-a preenchendo totalmente a tela. Tudo que buscava eram a data e hora registrados.

Ninguém havia revelado a hora da morte ainda. Se Charlotte estivesse correta em sua estimativa, então a foto foi tirada entre uma e três horas depois de Octavia morrer. O que limitava o crime entre 11h30 e 13h30, mais ou menos. Não havia tempo suficiente para Glenys caminhar todo o percurso da livraria, com seu joelho ruim e bengala, e cometer o assassinato.

Sid veio pegá-la em torno das 15h30, depois de ser chamado por Glenys, que havia estado na livraria pouco antes de Rosie retornar de seu encontro e almoço com Lewis.

Que foi quando?

Algo perto de 13h30. Era fácil de checar, porque a loja esteve movimentada por pelo menos uma hora e a primeira venda de Rosie foi apenas minutos depois de ela voltar.

Charlotte suspirou e escreveu em um pedaço de papel destinado ao quadro de cortiça.

Rosie saiu das 12h30 às 13h30 aproximadamente (checado)

Hora da morte de Octavia 11h30 às 13h30 aproximadamente (checado)

Glenys saiu da loja a pé 11h30 aproximadamente (checado)

Muitos “checados”. Se, e era um grande se, Octavia morreu por volta das 14h, Glenys poderia ter chegado a tempo. Charlotte estimou que demoraria para ela, num ritmo normal e com duas pernas boas, vinte

minutos para caminhar até a casa de Octavia, então como ela teria feito aquilo? Se Glenys encontrou o corpo tão mais tarde, onde esteve por todo esse tempo?

Recostando-se em sua cadeira, olhou para a tela. Octavia estava com o rosto no chão e tudo em que ela podia focar era na marca atrás de sua cabeça. E agora, o registro de horário. *15h39*. Charlotte mordeu seu lábio inferior, sua mente agitada.

Alguém a golpeou. O golpe pode não a ter matado, mas contribuiu para que caísse para frente e batesse sua testa tão violentamente que morresse. Homicídio culposo pelo menos.

Charlotte pegou o papel deslizado debaixo de sua porta essa noite. Agora, dentro de um plástico, havia não uma, mas três impressões. Cada foto era registrada com hora e data.

A primeira mostrava Rosie deixando a livraria um pouco depois das 12h30.

A próxima era de Lewis.

Lewis estava em sua loja, atendendo clientes. No mesmo dia. E às 13h, horário em que deveria estar aproveitando um almoço no parque com Rosie. De acordo com ela.

Depois outra de Rosie. Dessa vez ela estava em uma trilha, o centro de jardinagem atrás dela. Estava concentrada nas rodas, o que Charlotte reconheceu como típico de seu movimento rápido. O centro de jardinagem ficava há apenas alguns quarteirões da casa de Octavia. O registro da hora marcava 13h30.

— Onde você estava, Rosie? Por que não está me dizendo a verdade?

Charlotte esfregou seus olhos, exausta. Esse fotógrafo estava ou colocando sua amiga como suspeita ou tropeçado em uma terrível verdade.

E ela não podia dizer uma palavra a Trev, até entender o que estava acontecendo.

Capítulo 23



AGITANDO-SE E revirando-se a noite inteira, Charlotte não pode fazer seu cérebro relaxar. Estava acordada antes do amanhecer, envolta em seu roupão e tomando café na varanda. Ela sentia falta de Lachie, o que era ridículo. Ele não era seu filho, e ela apenas o conhecia e a sua família há alguns meses, mas sua presença em sua casa trouxe felicidade para seu coração. E acordou perguntas dormentes sobre as quais não queria pensar naquele momento.

O que ela queria era ir para a cachoeira. Olhar o sol nascer enquanto cangurus bebiam na lagoa. Ver o martim-pescador nativo se ele decidisse se mostrar.

Mas o medo a impedia. Medo de ser seguida e fotografada novamente. De estar sozinha nas profundezas da mata nativa onde a pessoa responsável por colocar essas impressões debaixo da porta dela, mesmo quando estava em casa, pudesse segui-la.

Ela precisava de movimento. Antes que a ansiedade iniciasse e a enterrasse. Terminou seu café e trancou a porta deslizante ao entrar. Depois de vestir-se para caminhar, pegou seu celular, as chaves e desceu as escadas. O céu estava um pouco mais iluminado agora, mas a trilha da garagem estava escura, fazendo-a hesitar.

Pare de deixá-lo controlá-la.

No dia anterior, Charlotte havia encontrado duas companhias de segurança e estava esperando os orçamentos. Pedira por câmeras em volta do prédio assim como dentro, e sensores de movimento. Mas não era uma solução imediata e ela tremia, apesar do ar anunciando um dia quente. Nada se movia. Mas ela tinha que se mover.

Charlotte forçou-se ao longo da entrada da garagem e dobrou a esquina, parando em frente à livraria sob a luz do lado de fora. *Se o fotógrafo estiver por aí, então o deixe tirar quantas fotos quiser, bem aqui.* Ela balançou sua cabeça. Ele não estava fotografando apenas ela, então por que pensar que estaria a vigiando em cada movimento?

Charlotte olhou para seu relógio. Cinco e meia. Hora de ver quanto tempo a caminhada para a casa de Octavia levava, pelo menos para alguém sem uma bengala.

Glenys começou desse lado da rua. Charlotte atravessou a primeira rua, seguindo o pavimento depois da loja de molduras, na rotatória, tomou a esquerda. Mais lojas, incluindo um supermercado e um posto da gasolina, e depois casas. Havia uma bifurcação à frente, um caminho levando à Fazenda de Árvores de Natal e o outro para a casa de Octavia. Um dos vários campos de esporte da cidade estava deserto, exceto por alguém passeando com seus cães. Pelo menos havia alguma agitação agora. Algumas padarias já estavam bem iluminadas enquanto seus padeiros faziam sua mágica para o dia à frente.

Virando em uma curva, a rua estreitava, e as casas eram mais largas, com jardins mais caros. Ela havia notado isso, no ano passado, quando uma vez caminhou para o centro de jardinagem. Nesse momento, o comércio da Veronica surgiu à esquerda. Situado em uma esquina, havia uma vitrine longa e estreita atrás de um estacionamento de terra. Além da loja, havia um extenso viveiro ao ar livre, incluindo uma enorme estufa e uma mistura de áreas abertas e cobertas. O lugar estava escuro.

Ela fez seu caminho para o outro lado da rua, surpresa pela falta de uma trilha. Essa parte de Kingfisher Falls era o que havia ouvido as pessoas chamarem de “onde estava o velho dinheiro da cidade”. Ruas nomeadas

com os nomes dos fundadores da cidade, casas construídas há um século, residentes vivendo aqui por décadas. Mas nenhuma trilha.

Nessa época do ano, com a falta de chuva regular, as beiradas de grama eram pouco mais do que uma trilha poeirenta. O terreno a desacelerou. Glenys teria achado desconfortável andar por ali com uma bengala, a não ser que andasse na rua.

Charlotte reconheceu a propriedade de Octavia. As graciosas bétulas prateadas ao longo da trilha da garagem levavam à escuridão. Era cinco e cinquenta. Vinte minutos da livraria em um ritmo de caminhada normal. Ela fez uma anotação em seu celular dos dois tempos junto com as observações da caminhada.

De onde estava, tinha pouca visibilidade do que conhecia como um extenso jardim estilo inglês. Sebes, rosas, carvalhos e bétulas em vez de eucaliptos e acácias. Ela amaria dar uma olhada adequada e não apenas no jardim. Se ao menos tivesse tido mais tempo e tirado mais fotos da sala de estar e da cozinha de Octavia. E se espiasse pelas janelas?

Um sedã escuro com os faróis apagados apareceu no meio-fio mais adiante na estrada. Não rápido, mas vindo em sua direção. O fotógrafo? Charlotte pressionou-se contra os arbustos que cercavam a fachada, olhando para os dois lados. Não havia ninguém por perto. As casas não eram próximas, então, se era uma tentativa de assustá-la, precisaria correr rápido.

O carro parou e a janela do passageiro abriu.

— Doutora Dean, o que está fazendo aqui?

Charlotte suspirou aliviada ao ouvir a voz do detetive Bryce Davis e foi até o carro. Bryce inclinou-se para o banco do passageiro.

— Estou indo para casa tomar café da manhã. O que você está fazendo aqui?

— Vigiando os criminosos.

— Encontrou algum?

— Diga-me você.

Charlotte olhou no banco de trás de Bryce. — Não consigo ver ninguém preso aí atrás, então eu diria que nenhum — ela achou que talvez tivesse ido longe demais pela expressão no rosto dele. Melhor não irritar um detetive de homicídios. — Saí para caminhar. Faço isso na maioria das manhãs. Quando vi a casa de Octavia, me lembrei do dia em que ela morreu. Só isso.

— Você não está em nosso radar. Não pelo que aconteceu naquela casa, de qualquer maneira — Bryce desligou o motor e saiu. Em vez de contornar o carro, ele fechou a porta e apoiou os braços no teto, alongando-se. — Muito tempo sentado.

— Que horas Octavia morreu? — Charlotte perguntou, antes de pensar.

— Por quê?

— Estou tentando fazer um cálculo.

— Não posso dar detalhes — Bryce a olhou.

— Minha estimativa é entre onze e meia e uma e meia da tarde.

Os cantos da boca dele ergueram-se por um segundo.

— Então, não foi Rosie?

— Não discutirei isso com você, doutora.

— Charlotte. Ou Charlie. Ninguém me chama de doutora. Vocês olharam dentro do lava-louças? — ela olhou de volta, esperando que seu olhar estivesse seguro e calmo. Por dentro sentia o contrário.

— Você não desiste, não é? — Bryce entrelaçou suas mãos atrás da cabeça e girou seu torso. — Olhamos. Ainda bem, porque algum idiota invadiu algumas horas depois e vasculhou tudo. Alguns pedaços de pratos quebrados. Porém, sem impressões digitais.

— E quanto a xícara?

— Está conosco.

— O que Veronica disse? Ela admitiu estar na casa naquela manhã?

Bryce revirou seus olhos e balançou sua cabeça. Não ajudava muito.

Veronica invadiu, procurando por uma xícara manchada com seu batom? Seu DNA? Por que não considerar a visita dela a Octavia como sendo suspeita? Ela é mesmo inocente?

— Sem mais perguntas? — Bryce reabriu sua porta.

— O que foi roubado?

Bryce deu de ombros. — Difícil saber, já que Octavia morava sozinha.

— Deixe-me ver. Eu estive na casa.

— Quantas vezes?

— Uma. Octavia não gostava de mim, então perdi o convite para seus banquetes — Charlotte apertou os lábios para se manter longe de problemas. *Tenho que trabalhar meu sarcasmo.*

Bryce riu. — Quer uma carona para casa?

Charlotte balançou a cabeça e Bryce fechou a porta após entrar. Ela ficou parada até ele partir. No minuto em que seus faróis traseiros desapareceram, pôs-se em movimento, dessa vez pela rua.

No centro de jardinagem, começou a correr, lutando com um repentino impulso de olhar pelas janelas. Quem sabe o que estava acontecendo ali?

Quase um quarteirão adiante, ela parou e olhou ao redor sob a luz crescente. Estava perto de onde Rosie estava na imagem. Sua cadeira de rodas era leve e rápida - sabia por experiência própria, por ter que dar corridinhas para conseguir acompanhá-la. Charlotte anotou o tempo.

Depois voltou a correr por todo o caminho até a beira do shopping, onde começou a caminhar normalmente até chegar à frente da livraria. Novamente, um olhar para seu relógio. E um aperto afiado em volta de seu estômago não era pela corrida. Rosie podia ter estado na casa de Octavia enquanto a outra mulher estava viva.



Debaixo da ducha, ela permitiu a si mesma um longo e baixo grito de desespero. Nunca acreditaria na responsabilidade de Rosie pela morte de Octavia, mesmo que por acidente. Mas como podia sequer tocar no assunto com a pessoa que havia aprendido a amar e confiar, sem parecer desconfiada? E Trevor não podia descobrir. Não ainda.

Charlie, você precisa da ajuda dele.

Charlotte soltou outro grito, querendo que o som carregasse suas emoções para longe.

Não carregou.

Depois de desligar o chuveiro, ela ficou um momento olhando para seu reflexo no espelho do banheiro. Ombros caídos, olhos cansados. Mudar para Kingfisher Falls teria sido o maior erro de sua vida, já cheia deles? Deixar as pessoas passarem por suas barreiras cuidadosamente construídas e protegidas, até que as dores delas se tornassem dela?

— Pare de ser melodramática e prepare um pouco de café.

Primeiro Charlotte vestiu-se para o trabalho, prendeu o cabelo úmido em um coque apertado e passou maquiagem para disfarçar a exaustão. Independentemente do que o dia reservasse, ela pareceria no controle e isso era metade da batalha ganha. A outra metade era trabalhar em um plano de ação.

Chaleira ligada, ela abriu a geladeira e fechou-a novamente para esconder os ovos e cogumelos. Lachie iria ajudá-la a preparar o café da manhã. Ajudá-la a cozinhar algo novo.

Levou seu café no terceiro quarto e ficou diante do quadro de cortiça. Ela havia acrescentado seus mais recentes pensamentos, além de comentários de sua conversa com o detetive.

Detetives vigiando a casa de Octavia após a invasão.

Xícara de chá provável alvo: pratos quebrados

O que mais foi levado?

Eu não sou uma suspeita. Isso significa que Rosie é? Quem mais?

Até Rosie contar a ela sobre o encontro com os detetives na casa dela, fazia pouco sentido em especular. Sua amiga era culpada de uma coisa: não ser honesta sobre onde esteve no almoço. Terrível momento para ser pega em uma mentira.

Afundou-se na cama, olhando para o quadro enquanto terminava o café. Estava Rosie no centro de jardinagem por alguma razão? Talvez ela não quisesse que Charlotte entendesse mal por qual motivo ela queria ver o estoque de Veronica? E não quisesse que ela soubesse que tinha ido lá.

Mais provavelmente Rosie estava seguindo a mesma linha de investigação que ela e fazendo a sua própria. Ela havia mencionado que mistérios a intrigavam. Isso fazia sentido.

Charlotte fechou a porta do cômodo. Ela não tinha ideia do que fazer quanto a Trevor. Cada instinto martelava nela para ligar para ele. Derramar cada pedaço de informação para que ele pudesse ajudar. Era a coisa lógica e sensível a fazer.

Enchendo sua xícara novamente, considerou o que aconteceria. Inicialmente, telefonaria e conversaria. Trevor perguntaria sobre as últimas notícias sobre Octavia. Ela explicaria, em claros e calmos termos, que dois detetives de homicídio passaram a tarde na casa de sua mãe no dia seguinte de um arrombamento. A essa altura, ela estaria falando sozinha, porque Trevor estaria a caminho. Bem no meio do quê?

Por tudo o que Charlotte sabia, os detetives podiam não encontrar nada. Ninguém para prender. Muito menos Rosie. Depois que fossem embora, as impressões parariam de serem deslizadas por debaixo da porta e as ligações telefônicas cessariam. A vida voltaria ao normal. Não lhe cabia interrogar

Rosie. E era do interesse de todos que Charlotte Dean não exagerasse e fizesse novamente o mundo desabar sobre uma pessoa inocente, devido sua terrível falta de bom senso.

Capítulo 24



ROSIE CHEGOU antes da livraria abrir. Trouxe café e bolos da cafeteria e juntou-se a Charlotte na cozinha para uma conversa.

— Fiquei tão feliz por ouvir que Abbie e a bebê estão bem — Rosie disse. — Como foi sua tarde e noite com Lachie?

— Boa. Muito boa.

— Muito boa?

— Lachie é esperto e gentil. Fez-me desejar ter tido seus pais enquanto crescia.

— Você será uma mãe maravilhosa quando for o tempo certo. Sabia?

Nem um pouco. Mas Charlotte forçou um sorriso e balançou a cabeça. — Nós fomos ao India Gate House para jantar. Lachie comeu tudo! E, havia uma coisa interessante acontecendo no Itália.

Rosie franziu seus lábios enquanto ela lhe contava sobre Veronica, Jonas e Terrance. — Algo não está certo.

— Concordo. Entretanto, quero saber sobre sua tarde. O que aconteceu com seus amigos da homicídios?

Dedos batendo nos lados da cadeira de rodas denunciaram a agitação de Rosie.

— Oh, não muito. Eles foram gentis e checaram se as novas fechaduras estavam todas boas, depois do arrombamento. Passaram um pouco de tempo no galpão... Ainda está tão bagunçado, Charlie.

— Eu ajudarei.

— Não pude entrar com eles. E foram ao jardim. Conversamos um pouco sobre Octavia, sua desavença comigo e com você, sobre a cidade. E

assim por diante. Nada disso pareceu incomodá-los, mas imagino que estão acostumados a lidar com mentirosos e assassinos — sua voz elevou-se.

— Tenho certeza de que estão. Mas você não é nenhum dos dois. É? — Charlotte manteve sua voz leve. Neutra.

O rosto de Rosie empalideceu enquanto seus olhos moviam-se de lado e sua boca caía.

— Rosie, pode me falar qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo. Eu amo você e nunca a julgaria.

Em vez de responder, ela mordeu um pedaço de bolo.

— Já falou com Trevor? — Charlotte perguntou, já sabendo a resposta. Ele estaria ali se ela tivesse.

Depois de engolir, Rosie balançou sua cabeça. — Eu decidi que não há por que arrastá-lo para isso. Ele não poderia fazer nada nessa situação exceto café, então é melhor ele não ser incomodado com detalhes ridículos. E não a quero ligando para ele também, querida. Ok?

— Não, ok.

Por um momento, Rosie pareceu pronta para começar a chorar. Ela engoliu um pouco de café.

Fale comigo, Rosie.

— Trevor acredita que você sabe quando ligar para ele. Para pedir por ajuda. Ele me disse isso como um exemplo de como eu deveria aprender a confiar, acho.

— Trevor disse isso?

— Ele preocupa-se com você.

— E esse é o problema. Não há nada que ele possa fazer quanto ao arrombamento, ou detetives e tudo isso. Nada senão segurar minha mão. Melhor esperar até haver algo concreto para lhe contar — Rosie recolheu as embalagens dos bolos e as xícaras de café.

— Eu preciso que confie em mim, querida.

— Por que eu não confiaria?

— Não posso falar sobre algumas coisas. Não ainda. Mas sua confiança é importantíssima.

— Eu confio em você. Sempre — e Charlotte confiava. A fotografia de Rosie em um horário e lugar em que não deveria estar, era um mistério. Mas certamente um com um zero de relação com a morte prematura de Octavia Morris.



Os orçamentos de câmeras de segurança chegaram por e-mail, um após o outro. Elas os examinaram conforme os clientes permitiam, com Charlotte andando pela loja apontando para potenciais pontos de câmera que cada companhia havia sugerido durante suas visitas no dia anterior.

— Eu sei que a primeira companhia é mais barata, mas eles também querem instalar três câmeras a menos na propriedade.

— Onde ficariam as câmeras extras do segundo orçamento? — Rosie olhou detrás do balcão, espiando sobre seus óculos com uma caneta em mão. — Nós precisamos delas?

— Acho que sim. Uma ficaria aqui... — Charlotte ficou no canto dos fundos da livraria de frente para a janela. — Para pegar movimentos de fora, mesmo à noite se instalarem a do tipo com sensor de movimento. Significa que qualquer um espiando será visto. E essa daqui... — Charlotte apressou-se para perto da cozinha e gesticulou em direção à porta da frente, — vai gravar cada cliente assim que entrarem. Ou pessoas como Kevin.

— E lá fora?

— Sim. Duas na frente, apontando uma para a outra, em cada extremidade do prédio. Duas na entrada da garagem fazendo o mesmo. E

uma no topo das escadas, sobre o patamar. Além disso, instalarão iluminação com sensor de movimento.

Rosie olhou para Charlotte. — Amei tudo. Mas acho que há um motivo para que queira as câmeras extras na lateral do prédio e no andar de cima.

Charlotte mordiscou seu lábio inferior. Tantos mistérios. Ambas estavam mantendo alguns. Mas os dela eram para proteger Rosie. E levá-la ao assassino e a quem estivesse por trás das ligações e fotocópias.

Exceto que, você não é uma detetive. E está se protegendo.

Com um sorriso, Charlotte empurrou a irritante verdade para longe. Se pudesse ser honesta sobre o que estava acontecendo, precisaria revelar alguns dos terríveis fatos de sua vida passada como psiquiatra. Talvez mesmo antes, de sua mãe e de infância. Não aconteceria.

— Charlie? Que tipo de sorriso é esse?

— Um que diz que está mais do que na hora de parar de se estressar sobre o que pode estar acontecendo em Kingfisher Falls. Quero pagar pelas câmeras de segurança e antes que você recuse, considere tudo — Charlotte juntou-se à Rosie e sentou-se em um banco. — Há pouco tempo me disse que eu comandaria a livraria um dia, então, a não ser que algo mude, está feliz em vendê-la futuramente. Se assim for, então esta será minha responsabilidade de qualquer maneira.

— E estou. Bem, estarei logo. Existem algumas coisas que preciso esclarecer em minha cabeça sobre a aposentadoria, mas se quiser a livraria, então assim que eu resolver, nós podemos começar a parte burocrática da venda.

Uma sensação de alegria silenciosa espalhou-se por Charlotte. Significava tudo para ela, ouvir essas palavras de confiança sobre sua competência em ser sua sucessora.

— Você tem certeza de que sou a pessoa certa? — ela arriscou.

— Com um completo e feliz coração, sim — Rosie apertou o braço de Charlotte.

Nada na vida de Charlotte havia sido um presente. Ela batalhou por tudo o que conseguiu e assumiu seus erros completamente. Agora, estava embarcando em uma vida baseada em pouco mais do que amizade, admiração mútua e confiança. Uma punhalada quase desfez sua decisão de ficar em silêncio. Rosie não precisava de preocupação extra.

— Te contarei o que nós faremos — Rosie rasgou o primeiro orçamento. — Ficarei com o outro orçamento e o pagarei. Isso é algo que eu deveria ter feito eras atrás e não é justo esperar que você fique por conta própria tão frequentemente, lidando com pessoas como Sid e Kevin. Dessa maneira conseguirá um pouco de proteção.

— Obrigada — o estômago de Charlotte relaxou. — Devo ligar para eles para agendar a instalação?

— Por favor, faça-o. Quanto antes melhor.

Rosie foi para o meio da livraria, olhando para o canto de trás. Charlotte pegou o telefone e o orçamento e juntou-se a ela.

— E eu deveria pedir a eles que venham e deem uma olhada em sua casa?

Rosie ergueu sua sobrancelha e balançou sua cabeça.

Charlotte suspirou. — Rosie, precisa proteger-se. Proteger sua casa. Câmeras de segurança ajudarão. E nós precisamos deixar Trev saber o que aconteceu na outra noite. Por favor.

— Pensarei sobre isso.

— Não, mamãe, não haverá pensamento sobre isso.

Sem acreditar em seus ouvidos, Charlotte se virou. Trev estava na porta em seu uniforme policial, braços cruzados e com uma expressão que ela nunca havia visto em seu rosto. Raiva. E estava olhando para ela.

Capítulo 25



— TREV? QUE diabos está fazendo aqui? — Rosie aproximou-se de seu filho em segundos e abriu seus braços. Ele ajoelhou-se ao lado da cadeira e abraçaram-se, Enquanto o abraçava, Rosie manteve os olhos em Charlotte.

— Vou deixar vocês dois para colocarem... — Charlotte começou.

— Acho que deveria ficar aqui — Trev gentilmente soltou os braços de Rosie e levantou-se. — Hora de dar algumas explicações, não concorda?

Não. De jeito nenhum. Não pedi por nada disso.

Charlotte levantou seu queixo, mas manteve sua boca fechada pela primeira vez.

Talvez ele reconhecesse como era difícil para ela fazer isso, porque havia uma sombra de sorriso em seus lábios, então encostou o quadril no balcão e cruzou os braços novamente, voltando sua atenção para Rosie.

— Por que precisa de câmeras de segurança em casa?

— Oh. Você ouviu? O que mais ouviu?

— Suficiente para saber que algo está acontecendo. Fale logo, por favor.

— Querido, não há muito para contar e estou certa de que tem carga mais que suficiente na sua vida sem se preocupar com meus probleminhas — Rosie deu a volta no balcão.

— Que são? — Trev virou para que pudesse olhar para sua mãe, dando a Charlotte um pequeno repouso de seu interrogatório.

O coração dela havia saltado com a voz dele, o que a irritou demais, mesmo sabendo que foi pela completa surpresa de sua chegada.

Claro, Charlie. Diga isso a si mesma.

Ignorando sua voz interior, se manteve fora da conversa tanto quanto possível. Alguém passou a janela e entrou e, sem nenhum pensamento

senão se ocupar, ela correu para encontrá-lo com um animado. — Bom dia!

Era Glenys, que parou de repente e ficou ainda mais estática ao ver Trev.

Ele balançou a cabeça para Glenys. — Sra. Lane. Como a senhora está? Os olhos de Glenys arregalaram-se.

— Como posso ajudar hoje, Glenys? — Charlotte olhou de um para o outro. O que estava acontecendo? A mulher estava pálida e havia um leve tremor nas mãos dela.

— Na verdade. Tenho que ir a outro lugar. Outro. Bom dia.

Com isso, Glenys deixou a livraria em um ritmo impressionante em direção oposta à cidade. Não mais se apoiando em sua bengala ou tremendo enquanto caminhava.

— Sobre o que foi isso, mãe? O que há de errado com Glenys?

— Ela está completamente perturbada depois da morte de Octavia. Pensando em vender e mudar-se. Até mesmo adquiriu todas as cópias do livro que ela e Fred fizeram. Você gostaria de um café? Quanto tempo ficará, e por que está de uniforme?

Charlotte perguntou-se a mesma coisa.

Trev olhou para Charlotte, depois novamente para Rosie. — Tive uma reunião mais cedo em Kyneton, na estação da divisão. Não posso dizer por que ainda. Mas o policial no instituto de criminalística mencionou que foi entrevistada em casa, mãe. Sobre Octavia. Por que não na delegacia?

Rosie removeu seus óculos e olhou para ele. — Muito bem. Alguém invadiu a casa na outra noite e remexeu nos arquivos do seu pai.

Em um instante Trev contornou o balcão, alcançando o banquinho de Charlotte para se empoleirar, com a mão na de Rosie. — Estou ouvindo.

— Bem, não há muito para contar, querido. Fui para casa e entrei no galpão para pegar algumas ferramentas de jardinagem e encontrei os

gabinets inclinados e os arquivos por toda parte.

— O que fez?

— Telefonei para Charlie e ela chegou lá em minutos.

Os olhos de Trev estavam novamente em Charlotte.

Ela juntou-se a eles no balcão, estando no lado dos clientes em caso de precisar recuar. Sua resposta de fuga ou luta zumbia ao fundo e Charlotte agarrou a bancada onde ele não podia ver suas mãos.

— A polícia veio? — Trev perguntou.

— Sim, Sid chegou um pouco depois — Rosie disse.

— Um pouco depois? O que não está me contando? — Trev direcionou a pergunta para Charlotte apesar de continuar segurando a mão de sua mãe.

— Charlie foi maravilhosa, Trev. E ela tem me dito para ligar para você desde então, então não a culpe, por favor. E ela arranhou orçamentos de câmeras para a livraria e seu apartamento.

Rosie planejava contar a ele algo sobre o intruso na casa? Ou como teve que forçar Sid a ajudar? E ainda a questão de onde esteve quando a pobre Octavia estava encontrando seu fim?

Trev estava calado. Sua cabeça inclinada, seus olhos concentrados como se tentando desvendar os pensamentos dela.

Ela havia esquecido quão intensos esses olhos eram. E a força de sua mandíbula e a largura de seus ombros. Mas havia gentileza no homem que ela identificou em seu primeiro encontro e ainda a atraía. Confiava nele.

Não me odeie, Rosie.

— Desculpe-me antecipadamente, Rosie, mas sabe que eu te amo e a quero segura. Trevor, sim, há mais nisso.

— Charlie — mas a voz de Rosie refletia resignação, não raiva.

Em curtas sentenças e tom seco, ela percorreu pelos eventos da noite em poucos minutos. Manteve-se sob controle, apesar da crescente frustração no

rosto de Trev, e não foi corajosa o suficiente para olhar para Rosie.

— Eu passei a noite e Rosie teve as fechaduras trocadas em poucas horas — Charlotte finalizou.

Rosie recolocou os óculos e ofereceu a ela um pequeno sorriso. Não parecia angustiada. Havia menos tensão visível em seu corpo. Mas os músculos de Charlotte doíam por segurar o pânico. Como uma psiquiatra, suas emoções nunca se manifestavam enquanto lidava com os mais sombrios momentos de outro ser humano, mas ao confrontar pessoas com quem se importava, mil borboletinhas em seu estômago imploravam para escapar.

— Quando iria me contar? As duas? — Trev levantou-se e alongou-se. Fez o que Bryce havia feito antes, entrelaçou suas mãos atrás da cabeça e girando seu torso. Algo que ensinavam na academia de polícia talvez.

Uma família entrou e Charlotte pediu licença para atendê-los. No momento em que carregava as compras para o balcão, Trev e Rosie estavam fora da loja, em profunda discussão. Ela registrou a venda, entregou os livros com um sorriso que buscou de algum lugar e jogou-se no banquinho deixado por Trev com uma exalação aguda.

O telefone tocou e Charlotte olhou-o com desconfiança. Mas era um dos atacadistas de livros checando um pedido, levando-se foi para o fundo da loja para responder sua pergunta. Terminando de atendê-lo, ficou em um canto para olhar enquanto Trev inclinava-se para beijar a bochecha de Rosie. Eles sorriam um para o outro. Que amor entre mãe e filho. E respeito.

— Eu gostaria... — Charlotte cochichou.

O quê? Que sua mãe fosse como Rosie? Como você poderia merecê-la?

Os seus dedos dobraram em suas palmas, as unhas escavando na carne até clarear sua mente. Nada tiraria o aperto de sua garganta e quando Trev

olhou em sua direção com seu típico sorriso largo, ela assentiu, congelada no lugar. Qualquer tentativa de sorrir de volta teriam descarregado as lágrimas presas atrás de seus olhos.



Rosie entrou enquanto Trev partia para a cidade. Charlotte murmurou algo sobre o banheiro e fugiu, incapaz de confiar em si mesma para falar. Trancada lá, não se incomodou com a luz, mas encostou-se na porta, olhos fechados, respirando fundo e lentamente.

Trevor estava aqui. E deveria ser por mais tempo que um rápido “olá” ou teria entrado para dizer um adeus adequado. A não ser que ele estivesse muito desapontado com ela.

Ele havia sorrido. Não guardava ressentimentos.

Com um minuto ou dois de sua chegada a convenceu a lhe contar sobre o arrombamento na casa de Rosie. Se ele passasse qualquer tempo adicional com ela, quanto mais revelaria? Todas as especulações e teorias? Quais eram os prós e os contras de contar tudo?

Como um oficial policial, sua experiência pesava mais que suas tentativas amadoras de desvendar a bagunça dos recentes dias. Ele tinha acesso à informações que ela não tinha. Maneiras de rastrear chamadas, talvez. Localizar a origem das imagens. Ele podia ter meios de identificar a pessoa que ela havia fotografado nas escadas para as cachoeiras.

Trev também poderia descartar tudo como imaginação hiperativa, ou mais. Entregar seu acervo de pistas duramente conquistado para outros policiais e fazê-la ficar fora do caso. Até mesmo checar seu passado para entender por que ela tinha tanta necessidade de manter segredos, mesmo diante do perigo.

Ele devia estar tão cansado de lhe pedir para confiar nele.

— Querida, você está bem? — Rosie estava do lado de fora da porta.

— Estou bem, obrigada. Hum, saio em um minuto.— Charlotte acendeu a luz e abriu a torneira, jogando água em seu pescoço para refrescar-se. Seus olhos estavam arregalados, assustados no espelho, e sua pele avermelhada. Se esse era o efeito que Trevor tinha sobre ela, precisava evitá-lo.

Rosie estava atrás do balcão com duas garrafas de água e um olhar de preocupação.

— Eu lamento por ter angustiado você, Charlie. Fez a coisa certa.

— Não, não estou angustuada. Prometo. Onde Trevor foi?

— Reunião com os detetives da homicídios.

— Mas o que ele pode fazer? — Charlotte abriu sua água. — Obrigada.

— Por nada. Ele apenas disse que era algo relacionado com a reunião que teve mais cedo. Estou me perguntando... Bem, tenho certeza de que estou errada — houve uma pequena faísca nos olhos dela.

— Acha que Trevor retornará para cá?

— Bem, não sei como poderia, ao menos não com Sid aqui. Mas e se ele voltasse? — Rosie sorriu e virou para seu computador para terminar algum trabalho.

Trevor vivendo perto era algo que Charlotte nunca havia considerado. Ele pertencia a River's End, seu lar durante a maior parte de sua carreira policial e o lugar em que seus amigos estavam. Aqui, havia apenas Rosie, e alguns dos seus amigos mais velhos.

E você.

Não. Não aconteceria. Charlotte já havia abandonado uma cidade lidando com seus sentimentos pelo alto, bonito e gentilíssimo oficial policial. Kingfisher Falls podia não ser grande o bastante para os dois.

Capítulo 26



GLENYS COLOCOU as mãos em concha contra o vidro, no canto mais distante da janela, para olhar para dentro da livraria. Charlotte acenou para ela. *Ela estava checando se Trev havia partido?*

— Rosie está aqui? — Glenys chegou até a porta e parou.

— Ela saiu para almoçar. Posso ajudar?

— Pode ter me achado louca antes — Glenys veio para o balcão. — Correndo daquele jeito. Eu estava tão surpresa por ver o jovem Trev aqui.

— Ele veio para visitar Rosie. Por que isso é uma surpresa?

— A cidade está invadida pela polícia, graças a... Ela — Glenys olhou para a parede atrás de Charlotte, para as fotografias. — Gostaria que elas fossem retiradas, por favor. Eu pagarei Rosie pela moldura, mas gostaria de levá-las comigo agora.

Surpresa pela repentina dureza na voz da outra mulher, Charlotte seguiu a linha de visão de Glenys para a foto de Octavia com seu ex, Fred e Glenys.

Primeiro cada cópia do livro de seu marido, agora sua fotografia. Encontrar o corpo de Octavia havia despertado profundos sentimentos por sua própria perda?

— Foi capaz de localizar cópias adicionais de Fotografias Perfeitas de Kingfisher Falls? — Charlotte esperava distraí-la.

— Não as encontrei. Tem uma escada para pegar a foto?

— Tudo o que posso fazer é falar com Rosie sobre isso.

O rosto e pescoço de Glenys avermelharam-se, depois seus olhos fixaram-se em Charlotte com um olhar desapontado. — Muito bem. Eu

volto depois — erguendo o queixo, virou-se, e saiu novamente em direção oposta à cidade.

Esse era um comportamento estranho. E por que ela estava indo naquela direção pela segunda vez hoje? Charlotte correu para olhar pela porta. Nenhum sinal de um carro estacionado mais adiante, apenas Glenys pisando forte, tanto quanto alguém mancando poderia, em direção às cachoeiras. Mas esse era um lugar de recordação para ela. A dor - mesmo aquela há muito enterrada - fazia coisas estranhas.

O toque do telefone da loja tomou sua atenção. Dessa vez era a firma de segurança que havia providenciado o equipamento para o orçamento aceito. Eles tiveram um cancelamento de último minuto e podiam começar a instalação imediatamente. Charlotte confirmou. Finalmente, alguma ação positiva.



— Lewis está preocupado comigo, Charlie.

Rosie estava prestes a encerrar o dia para encontrar Trev para um jantar. Não houve nenhuma menção à Charlotte juntar-se a eles e, apesar de estar tranquila, em um pequeno canto sentia-se excluída. Mas depois de sua quase crise no banheiro, ficar longe dele estava em seus melhores planos.

— Por que Lewis está preocupado?

— Eu contei a ele sobre o arrombamento, e...

— Espere. Desculpe interromper, mas ele não sabia?

— Claro que não — Rosie ergueu a sobrancelha. — Até hoje, somente você e a polícia sabiam. Veja bem, eu esperava que Sid espalhasse a notícia, como normalmente faria.

— Eu não te contei. Henry esteve aqui na outra manhã, quando você estava trocando as fechaduras de casa. ele ouviu Terrance perguntar a Jonas se havia escutado sobre isso.

— Sobre minha casa ser invadida? Como Terrance saberia?

Charlotte deu de ombros. — Suponho que Sid contou a ele. Mas não consigo entender onde Sid se encaixa em tudo isso. Terrance, Jonas e Veronica estão tramando algo ruim, e me pergunto se Sid está sendo mantido excluído dos planos até que precisem de algo.

— Ou com outros policiais na cidade, ele está disfarçando? — Rosie ainda erguia a sobrancelha.

— Quando eu estava fazendo minha declaração para eles, Sid entrou e fez escândalo porque Bryce estava batendo na fotocopidora. De qualquer maneira, você estava falando sobre Lewis estar preocupado.

— Lewis perguntou se eu gostaria de passar um curto... Bem, passar uns dias com ele. Apenas enquanto toda essa loucura está acontecendo, para me dar uma folga.

Com as mãos cheias de notas, Charlotte parou de contar. — Como se sente sobre isso?

— Não tenho certeza — os lábios de Rosie se curvaram. — Lewis é tão doce ao sugerir isso. Talvez se o momento fosse diferente...

— Posso cuidar de Mayhem e Mellow. Regar o jardim. Administrar a loja.

— Obrigada, querida. E posso aceitar sua oferta em outro momento. Alguma coisa sobre toda essa bagunça está me dizendo que eu preciso ficar bem aqui. Preciso ir para casa, se você estiver bem para terminar aqui.

— Dois segundos, deixe-me colocar o dinheiro no cofre e deixarei você ir — Charlotte dobrou sacolão malote de dinheiro enquanto corria para a cozinha e abria o cofre no fundo de um armário. Chega de riscos à segurança. Charlotte olhou para o recém-instalados gravador e monitor.

— Estou indo!

— Desculpe! — Charlotte alcançou a porta da frente enquanto Rosie a abria. — Tenha um bom jantar. Será bom para colocarem o papo em dia.

Uma centelha de incerteza cruzou o rosto de Rosie, mas ela sorriu. — Verei você pela manhã, querida.

Charlotte trancou-se novamente na livraria. Rosie não estava feliz. Em qualquer outro dia, Trev estando em casa e Lewis querendo cuidar dela, teriam a feito cantar de alegria. Em vez disso, sua amiga estava lidando com intrusos, visitas policiais, a morte de uma ex-amiga, e algo mais. Seu segredo, seja qual for.

Como prometido, a firma de segurança havia chegado pouco depois do almoço, dois homens jovens trabalharam juntos para instalar as câmeras do sistema de vigilância ligadas ao monitor na cozinha. Eles também instalaram as câmeras em volta do apartamento e lhe deram um código de acesso para usar em seu celular ou computador em qualquer momento que as quisesse checar. Eles voltariam no dia seguinte com uma nova iluminação para a entrada da garagem e no topo da escada, o que contribuiria muito para dar a ela uma sensação de segurança, muito necessária.

De volta na cozinha, passou alguns minutos olhando o monitor. Era estranho ver a livraria pela visão de olho de pássaro de uma câmera. Uma a uma, Charlotte clicou duas vezes em cada uma das câmeras para tela cheia. A claridade era surpreendente, a ponto de notar algumas manchas que não viu quando da última limpeza das janelas.

A câmera voltada ao balcão providenciava uma clara visão de onde Rosie e ela passavam muito do seu tempo. E a parede atrás, com suas fotografias.

— Por que você quer isso, Glenys?

Rosie estava tão intrigada quanto ela pelo pedido de Glenys. Ou melhor exigência. Mas havia balançado sua cabeça e dito não. Até onde ela sabia, o jornal ainda teria cópias para comprar, ou se não, não seria difícil pedir a Harpreet que a reproduzisse.

— Essa cópia foi emoldurada por Graeme, junto com as outras, e pendurada lá. Além disso, Glenys nunca havia tido sua própria cópia. Fred estava tão orgulhoso de seu prêmio que provavelmente manteve a foto e o prêmio em exposição — Rosie havia dito.

Outro pequeno mistério, mas não um digno de acrescentar no quadro de cortiça. Glenys precisava de simpatia, não desconfiança.

Charlotte mudou o monitor novamente para mostrar todas as câmeras e pegou sua bolsa. Prestes a sair, uma câmera externa pegou alguém se aproximando. Alguém que parou apenas o suficiente para ver suas pernas, que estavam bem torneadas entre uma saia curta e saltos altos. Veronica?

Era. Veronica andou para frente e para trás na frente da loja, olhando pela rua. Alguns carros passaram, e ela pegou seu celular como se para falar com alguém. Ou tirar fotos? Quando os carros passaram, ela abaixou sua mão e moveu-se para a porta da frente, girando a maçaneta.

Está brincando comigo?

Por um segundo, Charlotte teve um horrível pensamento. *Havia trancado a porta?* Se Veronica entrasse com alguma má intenção, ela poderia se trancar na cozinha e ligar para a polícia. Sim. Ligar para Sid que era obrigado a ajudar. Não.

Não, ligaria para Trev. Seus dedos alcançaram seu celular.

Veronica recuou. A porta estava trancada. Agora, ela usava o celular como se quisesse tirar fotos da porta. Depois de olhar para os dois lados do pavimento, passou pela janela e dobrou a esquina, entrando na trilha da garagem.

Charlotte se esforçou para mudar de câmera. Foi configurado em uma linha diferente para que ela pudesse manter um pouco de privacidade se alguém além dela e Rosie visse as filmagens da loja. No momento em que a imagem da trilha da garagem apareceu, Veronica tinha sumido.

Charlotte clicou de tela em tela até certificar-se que a mulher tinha ido. Todos os seus instintos gritavam para telefonar para Trevor. Deixá-lo ver sua confiança em ação. Pedir por ajuda.

Para fazer o quê? Veronica não havia quebrado nenhuma lei. Ela podia não ter nem ido à entrada da garagem. Trevor e Rosie estavam para desfrutar de um, muito necessário, jantar e esse não era o momento para interrompê-los. Não, em vez disso ela faria algumas compras, depois subiria e olharia a filmagem dos últimos minutos. Então, se houvesse algo digno de discutir, ligaria para Trev. Ela ligaria.

Capítulo 27



A NOITE ESTAVA bonita e Charlotte considerou mudar seus planos e visitar o mirante. Ela tinha duas sacolas de compras e depois de desempacotá-las, ainda seria claro suficiente para alcançar a trilha, aproveitar o pôr do sol, e voltar para casa antes de escurecer completamente.

Ela virou na trilha da garagem e parou. *Veronica esteve aqui antes?* Um calafrio atravessou sua espinha e ela balançou sua cabeça para forçar os ridículos medos para longe. Ainda era dia. Ninguém estava aqui. Seus pés continuaram indo em frente, ignorando a tensão em seu estômago. Olhou para os degraus antes de subi-los, mas tudo estava quieto. No momento em que se trancou, estava mais irritada do que assustada.

Deixando as sacolas no balcão, foi para a varanda, empurrou a porta deslizante completamente e apoiou seus cotovelos na grade. O ar estava frio, refrescante depois de dias de calor. Pessoas perambulavam pela rua, passeando com seus cães, ou com seus filhos. O supermercado ainda estava movimentado e as últimas das pequenas lojas, estavam fechadas. Por experiência Charlotte esperava que o trânsito diminui-se para quase nada durante a próxima hora, enquanto moradores iam para casa e a cidade se acomodava para a noite.

Na superfície, nada havia mudado. Embora chocados com a morte de Octavia, alguns moradores não estavam a par da investigação do assassinato. Não, isso estava reservado para suspeitos e transeuntes inocentes. Mas uma nova ameaça emergiu com o crime. Um assassino estava solto. Não um serial killer, mas alguém com seu próprio motivo para machucar Octavia. Não foi um roubo malsucedido, já que nada sumiu. A

ameaça que Charlotte via era o assassino cobrir seus rastros, machucando mais alguém.

As ligações telefônicas e imagens enigmáticas podiam ser secundárias, ou vindas do próprio assassino.

Ela colocou a cabeça entre as mãos com a repentina percepção. Havia feito um terrível erro de julgamento fundamental. Se era o assassino em contato com ela, então podia ser a única conexão com ele. Não tinha nenhum direito de manter nada disso para si mesma. E se outra pessoa sofresse graças a seu silêncio?

Em algum lugar ela tinha o cartão de Katrina. De volta ao apartamento, procurou em sua bolsa. Não estava lá. Charlotte o encontrou em um bolso das calças que esteve usando no outro dia e o olhou por um momento. Aquilo poderia tornar-se um fiasco com ela no centro de uma tempestade.

Charlotte discou e o número entrou no correio de voz.

— Detetive Mayer, aqui é Charlotte Dean. Se importaria de me ligar de volta nesse número quando puder? Posso ter informações para ajudar com a investigação de Octavia Morris. Obrigada.

Depois desempacotou as compras, mas não estava com apetite. Apesar da proximidade do anoitecer, ela precisava caminhar um pouco. Telefone e chaves em seus shorts, correu para baixo e saiu sem orientação de direção. Atravessando a rua, pegou o atalho pelo beco até a praça.

A fonte estava desligada. Nem um filete emergiu da miríade de bicos e apenas um pouco de água se acumulava na base. Charlotte andou em volta dela, surpresa quão rachadas algumas partes estavam. Deveria estar desligada para reparos.

— Gosta de nossa pequena fonte? — Jonas apareceu do nada.

Bem...Não do nada, mas Charlotte não o havia visto até ele pisar na frente dela.

— Desligada para reparos?

— Desligada até os comerciantes pagarem o que nos devem.

— Por?

— O que acha? Substituir a árvore de Natal que o conselho forneceu e foi roubada. Nós dissemos a vocês todos que precisávamos de uma contribuição para comprar a nova dos Forest.

Sim, Jonas e Terrance haviam entrado na livraria com uma tentativa patética de forçar Rosie a pagar ao conselho pela segunda vez. Rosie, e a maioria dos comerciantes, recusaram-se. Se o conselho insistia em substituí-la, era uma decisão deles.

— Um pouco demais pedir para os comerciantes que paguem duas vezes, pouco antes do Natal — Charlotte manteve seu tom neutro. — E agora está usando a fonte para cobrar?

— Há muito mais história nesta cidade que não conhece. Nós não precisamos de uma forasteira nos dizendo como fazer as coisas.

— Não estou falando nada além do óbvio. Comerciantes trazem dinheiro para a cidade. Imagino que seja um benefício para o conselho. Esperar que eles concorram com cidades locais maiores, com lojas corporativas felizes em roubar clientes de Kingfisher Falls, já é ruim o suficiente. Se nós fazemos dinheiro, vocês também fazem — Charlotte resistiu ao impulso de cruzar seus braços e manteve sua voz neutra.

— Se as lojas são muito caras, é direito do cliente comprar em outro lugar.

— Oh, eu concordo. Mas estou relativamente certa de que a maioria das pequenas lojas é competitiva. Caso contrário, por que varejistas baratos não sobreviveriam?

Talvez eu não devesse ter ido tão longe.

Ela achou interessante ver o rosto de Jonas ficar vermelho e suas mãos cerradas ao lado do corpo. Ele sabia o que Charlotte queria dizer. Por que Veronica havia falido três vezes na cidade, quando abriu lojas projetadas para eliminar a concorrência? Depois, foi para o outro lado com negócios de suprimentos de jardinagem, pensando que tinha um monopólio no mercado de árvores de Natal.

— Boa conversa. Eu devo aparecer em uma reunião do conselho um dia desses — Charlotte não esperou pela sua resposta e saiu correndo na direção do restaurante da praça. Ele engasgou um pouco quando ela saiu, ou foi sua imaginação?

A coragem do conselho. Ela fechou suas mãos e quis batê-las em uma mesa. Deviam convocar essas pessoas no comando da cidade e suas redondezas e exigir uma completa explicação de para onde o dinheiro estava indo.

— Para os bolsos deles — Charlotte murmurou enquanto passava o Itália e India Gate House. Ambos estavam movimentados e pela primeira vez em horas, a deliciosa mistura de aromas de temperos e ervas, aguçou seu apetite. Ela continuou andando e pensando o que fazer para jantar, um pouco antes de notar que estava no parque.

Essa era uma parte nova da cidade para ela. Rosie frequentemente vinha aqui para almoçar, às vezes sozinha, outras com Lewis. O rio não era muito mais do que um riacho ondulante que corria no meio da extensão de grama exuberante, belas árvores frondosas, áreas para piquenique e um playground moderno. Charlotte andou por caminhos largos. Se era ali que o conselho gastava o dinheiro, estava sendo bem gasto. Espaços para famílias, para passear com cachorros, para qualquer um desfrutar. Esta parte da cidade estava em desacordo com a praça que agora não tinha nenhuma fonte

funcionando. Por que penalizar uma cidade no lugar de melhorar suas atrações?

Parando em uma pequena ponte, ela observou a água abaixo. Um suspiro saiu de seus lábios. Jonas era tão ameaçador para essa cidade quanto Veronica, Sid e Terrance. Sem mencionar outros. Graças a Deus por todas as pessoas boas.

Seu estômago roncou e resolveu voltar para casa no escuro. Hesitou novamente no fim da trilha da garagem. Não havia nada para temer. Porém, ela temia.

Olhou em volta. A rua estava tranquila, sem pedestres ou cachorros noturnos caminhando à vista. Sem casais de mãos dadas ou famílias aproveitando uma noite mais fresca.

E sem Sid, ou Veronica, ou mais alguém.

Amanhã as luzes acenderão e farão toda a diferença. Charlotte planejava pedir a firma de segurança para interligar as câmeras daqui com essas na livraria. Melhor ver se havia alguém na lateral do prédio.

A trilha da garagem se estendia e um arrepio subiu por sua espinha. Charlotte ergueu a sobrancelha. Algo não estava certo. Suas narinas contraíram. Havia um cheiro de loção pós-barba. Alguém estava ali. Esperando.

Por um instante ela hesitou. *Voltar para o pavimento ou subir correndo as escadas?* A segurança estava dentro de casa. Com as chaves já fora do bolso, respirou fundo e correu para o final da escada.

Quando estava na metade do segundo pavimento, viu uma figura na porta.

Capítulo 28



CHARLOTTE CONGELOU. Os pelos de seus braços arrepiaram-se e por um instante seu coração bateu em seus ouvidos, era o único som audível.

Nas sombras, um homem alto desencostou-se da parede.

Ela recuou um passo, errando um degrau, e quase caindo, levantando sua mão a tempo de pegar o corrimão.

— Charlie! — Trev estava ao seu lado em um instante, sua mão no seu braço para estabilizar seu equilíbrio.

Sua boca abriu-se, mas enquanto seu cérebro processava, nenhum som emergiu. O calor de sua mão infiltrou-se nela até o medo se dissipar. Era Trevor, não algum intruso mal-intencionado.

— Oi — Charlotte conseguiu falar. Trevor estava de jeans e camisa. E com loção pós-barba.

— Eu lamento muito. Deveria ter falado algo quando você estava ao pé da escada.

— Hum... Eu não estava esperando alguém — com o equilíbrio restaurado, ela passou por ele subindo os degraus, consciente de uma marca fria em seu braço onde a mão dele estivera.

Pare com isso.

A chave não cooperava na fechadura.

— Aqui. Suas mãos estão tremendo — Trevor pegou o chaveiro e destrancou a porta, empurrando-a para que abrisse. — Quem pensou que era?

Seus olhos foram direto para um papel dobrado no chão perto da porta.

Não agora.

Trev inclinou-se para pegar.

— Não!

Trev parou e a olhou confuso.

— Precisa de luvas.

Se aquilo tudo não fosse tão sério, sua expressão a teria feito rir enquanto ele se levantava completamente, enfiava a mão no bolso, e tirava uma única luva. — Tenho sempre uma à mão. Para... Situações incomuns.

De luva, ele levantou o papel. — Posso entrar?

— Você meio que já entrou. Mas sim.

Com a mão sem luva, ele estendeu a mão para fora da porta. — Eu trouxe cerveja — Trev carregou um pacote com seis e o deixou no balcão. Ainda segurando o papel por um canto, ele a olhou. — Sabe o que isso é, e a assusta.

Charlotte fechou a porta e trancou-a, dando-se tempo para pensar. Ele não podia ir ao terceiro quarto, não com a imagem de Rosie no quadro de cortiça. E agora ele tinha isso, seja lá o que “isso” era, e não desistiria até descobrir cada peça do quebra-cabeça que ela coletou.

— Charlie?

Ela andou até ele e parou, queixo erguido para encontrar seus olhos. — Assustada não é exatamente a palavra. Frustrada, preocupada e brava. Antes de abri-lo... Houve alguns outros deslizados por debaixo da porta.

Trev não falou, mas sua mandíbula tensionou.

— E tenho coletado um pouco de informações.

A fila era extensa.

— Sobre?

— Eu te mostrarei. Rosie não sabe.

— Alguém sabe?

— Não. Mas deixei uma mensagem para detetive Mayer antes de sair. Eu sabia que era hora — Charlotte reconheceu o olhar que Trev a estava

dando. Desapontamento misturado com preocupação. E aquilo a angustiava.
— Agi mal.

— Ainda não estou prestes a fazer um julgamento. Por que nós não olhamos isso?

Não estava lhe pedindo permissão. Antes que ela pudesse abrir a boca para dizer não, ele já havia colocado o papel em cima do balcão e o abria. Uma imagem.

— Fotocópia de uma cópia. Baixada da câmera de um celular para uma copiadora, depois recopiada. Trabalho caseiro — Trev disse.

Não havia ocorrido a Charlotte que essas imagens eram de um celular. Ela tinha em sua mente que haviam sido impressas primeiro.

— Essa é a mesa exterior do Itália. Terrance Murdoch, Jonas Carmichael, e imagino, Veronica...?

— Veronica em toda sua glória.

Trev atirou um olhar risonho na direção dela. — Sua glória?

— Como posso explicá-la? Ela é espalhafatosa. Exige atenção e não liga se isso é positivo ou negativo. É escandalosa, rude e mentirosa.

— Mentirosa?

— Ela gritou com a pobre Bronnie por trazer uma garrafa de vinho tinto para a mesa dizendo que pediu branco, depois quando Bronnie correu para dentro para substituí-lo, riu por tê-la enganado.

— Não gosta nem um pouco dela — Os cantos da boca dele ergueram-se. — Onde se encaixa a doutora Dean em tudo isso?

— Ela quer bater o pé e dizer à Veronica algumas duras verdades. Não ria de mim.

— Não estou. Mamãe contou-me que Veronica ouviu uma conversa entre as duas sobre Octavia e decidiu espalhar — Trev retornou para a imagem. — Por que ela está com esses dois palhaços?

— Não tenho certeza sobre Terrance, mas Jonas está sempre por perto. Ele até a confortou quando seu namorado acidentalmente recebeu... Hum... Uma joelhada em suas partes íntimas — mereceu aquilo, depois de ter suas mãos em volta da garganta de Charlotte. Graças a Deus por Glenys que o golpeou com sua bengala para fazê-lo soltá-la.

— Lembre-me de não a irritar — Trevor sentou-se.

— Tarde demais.

Seu celular tocou. Era Katrina, que perguntou se ela e Bryce poderiam visitá-la naquele momento. Trev confirmou ao seu olhar questionador e Charlotte concordou.

— Trevor?

— Sim.

— Você ficará? Digo, com eles vindo...

Ele parou de examinar o papel e deu a ela sua completa atenção. — Claro, eu ficarei. Além do mais, nós temos cervejas, então, assim que os detetives saírem, nós podemos nos sentar e conversar um pouco. Se quiser.

— Eu adoraria. Elas deveriam ir para a geladeira. Pode guardá-las enquanto vou me refrescar?

Ela não esperou por uma resposta, correu para o terceiro quarto, fechando-se lá dentro. Levaram segundos para remover todas as referências de Rosie do quadro de cortiça. Depois, o tirou da parede e o deixou atrás da porta. Dois minutos para tirar seus shorts e substituí-los por jeans, escovar seu cabelo e estar pronta, ou tão pronta quando poderia estar para lidar com tudo. Pelo menos eles não estavam vindo para prendê-la.



— Talvez eu esteja pensando em prendê-la. Isso é assunto da polícia, não para uma detetive amadora — Bryce estava no meio da sala de estar, braços cruzados, a encarando.

— E se o quadro incluir informações que levem à prisão do assassino?

O quadro de cortiça estava repousado no sofá. Katrina estava agachada na frente dele, tirando fotos e ignorando Bryce, que falava pelos últimos cinco minutos. A calma emanada por ela mantinha os níveis de estresse de Charlotte baixos, mas teria apreciado algum apoio vindo de Trev.

Ele se recostou no balcão, sem dizer nada, mas concentrado em cada palavra falada.

— E quanto a sua especulação sobre o Chefe de Polícia Sênior Browne? Mantenha-se fora disso. Nosso interesse nele não é de sua conta e qualquer outro comentário resultará em repensar em sua má escolha em reter essa informação — Bryce apontou para quadro de cortiça.

Tenho um histórico de más escolhas. Vamos adicionar mais algumas.

Charlotte apertou os lábios e encontrou os olhos de Trev. Nada. Nenhuma simpatia ou encorajamento ou sequer raiva.

— Bryce, pega leve — Katrina levantou-se e deslizou seu celular para um bolso. — Obviamente alguém a está vigiando, Charlotte. Eu sugeriria que fosse morar com alguém por um tempo ou ter alguém para morar com você — inclinou sua cabeça a Trev com um pequeno sorriso. Antes deles chegarem, Trev mencionou que fez academia com Katrina e ela havia se mudado recentemente da cidade para criar sua família em um ambiente rural.

— Não acho que queiram me machucar — Charlotte gesticulou para o quadro. — Essas são imagens com um propósito. Todas têm uma questão específica, ou uma incitação, apesar de eu não ter desvendado a última. O mirante. Molduras. Aquele jantar. O que elas têm em comum?

— Nada, exceto que são dos arredores. Tenho as fotos que me enviou por WhatsApp — Katrina bateu em seu bolso — Nós veremos se

conseguimos identificar o homem na trilha. E procurar por impressões digitais, apesar de papel ser complicado.

— Nós podemos rastrear o celular de Charlie? — todos os olhos voltaram-se para Trev. — Cobrir todas as bases?

— Falaremos com o instituto de criminalística. Mas estamos investigando um assassinato e não há nada que conecte algo disso à Octavia Morris — Katrina removeu as fotocópias do quadro, deixando-as em suas capas de plástico. — Vamos indo? — ela se encaminhou para a porta da frente.

Bryce revirou seus olhos, mas a seguiu, parando ao lado de Charlotte. — Não se intrometa novamente — ele apertou a mão de Trev e juntou-se à parceira na porta. — Investigação encerrada por enquanto. O corpo foi liberado, então o funeral poderá ser arranjado.

— Mas, e quanto a Veronica e...

— E eu ainda posso te prender — Bryce fechou a porta com um estalo alto.

Capítulo 29



SILÊNCIO PREENCHIA o espaço entre Charlotte e Trev, que não se moveu de seu ponto encostado no balcão. A maneira como ele a olhava criava ondas de nervos em seu estômago, um monte de borboletas voando para longe. Ele concordava com Bryce?

— Até que correu tudo bem! — Charlotte declarou indo para a cozinha. Voltou trazendo duas cervejas, as abriu, e ofereceu uma para Trev, cuja expressão não havia mudado. — Varanda? — sem esperar por uma resposta, ela levou sua própria cerveja e deslizou a porta abrindo-a completamente. Enquanto inclinava-se na grade, olhando para baixo, o ar frio raspou suas bochechas que, não havia percebido, estavam superaquecidas.

Como psiquiatra, Charlotte havia ajudado pacientes a lidar com todo tipo de complexas e angustiantes situações. Era boa nisso. Realmente boa. Mas, quando se tratava de seu próprio bem-estar, sentia-se perdida. Não ter ido à polícia após a primeira ligação e do primeiro papel deslizado por debaixo da porta, eram falhas. Atreladas ao seu fracasso em fazer boas escolhas no passado. Cada uma se acumulando com a próxima. Ela queria que isso parasse.

— Mamãe disse que fez todo o trabalho aqui. Parece fantástico.

Trev estava ao lado dela, sua voz neutra. Charlotte virou o corpo de lado e olhou seu perfil. Assim como ela, ele apoiava os braços na grade, sua cerveja em uma mão, olhando para a noite.

— Trev?

Os lábios dele se curvaram para cima. Charlotte raramente o chamava assim, preferia Trevor, como se isso fosse mantê-lo a certa distância. Uma

distância que eles deveriam manter, para o próprio bem dele. O coração dela desabou. Era uma péssima ideia.

Sem mudar de posição, ele estendeu a mão, com a palma para cima. Havia feito isso uma vez antes. Depois do casamento de Christie e Martin em River's End, eles se afastaram do riso e da música da recepção e sentaram-se em um banco perto da lagoa na Palmerston House. Charlotte contou a ele que estava se mudando.

E te beijou. Para dizer adeus.

Trevor estava dizendo adeus agora?

Ela tomou sua mão. Por alguns minutos eles ficaram juntos, contemplando a noite, dedos entrelaçados. Parecia bom. Perfeito. E impossível.

Charlotte afrouxou seus dedos e seu aperto aumentou enquanto ele se endireitava e a olhava. Se havia respiração em seu corpo, ela não conseguia sentir. Ela mordeu o lábio inferior, mas seu olhar não oscilou do dele.

— Bryce foi muito duro com você — Trev disse.

O que Charlotte podia dizer? — Sim. Mas foi merecido, ou, não, e você deveria ter me defendido — a cabeça dela desmoronou.

Trev colocou sua cerveja na grade e aproximou-se dela, não muito perto, mas o suficiente para que seu cheiro preenchesse seus sentidos. Segurando sua mão, ergueu o queixo dela, seus olhos agora tão sérios como Charlotte nunca tinha visto.

— Melhor Bryce do que eu — ele a soltou, pegou sua cerveja, e deu sua primeira golada. Então lhe atirou-lhe um olhar. — Eu teria sido muito mais duro do ele.

— Oh.

— Sim. Oh. Está jogando um jogo perigoso e nessa noite isso termina. Sem mais segredos sobre ligações telefônicas ameaçadoras, pessoas te

seguindo, ou notas anônimas. Ok?

— Não achava que fosse importante. Certamente não no que diz respeito à investigação, porque não pude ver uma conexão até essa noite.

— Isso não é desculpa.

— Não posso prometer o que quer.

Charlotte deu um passo para trás e levou a garrafa para seus lábios sem beber.

Trev suspirou. — Não te entendo, Charlotte. Por que retém informação perigosa para si mesma? Quando confiará em mim?

— Eu confio. Mas não queria te incomodar o tempo todo. E não pode fazer muito aqui em Kingfisher Falls, pode?

— Mais do que pensa. Obviamente — a amargura obscureceu seu tom e Charlotte largou sua cerveja, dando à Trev sua completa atenção.

— Sid disse que não tem jurisdição aqui. Ele não é o único. Pessoas ficam insinuando que existe algum problema passado entre os dois, até mesmo sua mãe diz que há ressentimentos. Porém ninguém quer explicar, e não tenho ideia do que pode e não pode fazer para me ajudar. Para ajudar Rosie — sua voz se elevou quando a frustração a percorreu. — Estou tão preocupada com ela, Trevor. Rosie levou um terrível susto e, apesar disso, recusou-se a ligar para você ou me deixar fazê-lo. E estou no meio disso, incapaz de consertar tudo!

Antes que perdesse o controle, ela virou-se e correu para dentro, jogando-se no sofá e cruzando suas pernas e os braços, ciente de sua postura defensiva, mas muito agitada por dentro para ser gentil. Trev a seguiu em um ritmo mais tranquilo, carregando ambas as bebidas. Parou a alguns pés de distância, como se inseguro quanto às suas boas-vindas.

— Pergunte-me qualquer coisa — Trev sentou-se na beira do sofá, no lado mais distante. E esperou.

Aquilo era ridículo. Os minutos se passaram e ninguém falava. Ele era um homem paciente, que usava seu tempo para entender a situação e depois agia com integridade. Charlotte admirava isso nele, sempre admirou. Mas não iria olhar para ele. De jeito nenhum.

— Charlie?

Sua voz foi tão gentil que seus olhos moveram automaticamente para os dele. Havia afeto, preocupação e força, tudo misturado em seu rosto e com uma longa exalação, ela decidiu. — Fiz algo terrível em Brisbane, em minha atuação como psiquiatra.

Irá embora depois que souber quem eu realmente sou?

— Continue.

— Trabalhei com uma paciente por alguns meses. Uma mulher jovem que acreditava que seu marido a deixaria por alguém. Não havia provas. Nenhuma discussão entre eles. Apenas seus instintos.

Trev recostou-se no sofá, sua linguagem corporal aberta e encorajadora. Ela nunca havia falado disso, não em detalhes, exceto em ouvidorias de conselho profissional e coisas do tipo. Escolheu suas palavras para transmitir os fatos da maneira mais rápida.

— Eu a encorajei a trazer seu marido junto para algumas sessões, mas ela recusou. A descrição dela do relacionamento deles dava-me indícios para acreditar que ela pretendia fazer mal a ele e à pessoa que chamava de sua namorada. Sou acostumada a pacientes desabafando, dizendo-me o que eles gostariam de fazer, mas sem substância ou ameaça por trás de suas palavras. Dor, raiva, confusão. Pessoas que recorrem a alguém como eu, querem ajuda.

— Mas viu algo nessa mulher que te alarmou.

Charlotte concordou e desdobrou seus braços. — A diagnostiquei com DPP, desordem de personalidade paranoica, além de ansiedade, que é uma

mistura potente e difícil de tratar, porque o paciente também não confia no médico. Enfim, a denunciei a polícia porque acreditava existir uma grande possibilidade de ela estar planejando matar seu marido.

— Parece que tinha motivos para sua desconfiança.

— Eu não tinha — Charlotte tocou em seu pulso. Nenhum bracelete. Invés disso, brincou com os dedos de sua outra mão. — Vi essas condições nela porque cresci com a mesma narrativa. Minha mãe tinha essas doenças, além de muitas outras. Diagnostiquei mal a DPP.

A simpatia inundou o rosto de Trev e ela desviou o olhar enquanto uma onda de pânico varreu seu corpo. Seu afeto não fazia sentido.

— A investigação da polícia destruiu seu casamento. Seu marido era fiel, amava sua esposa, mas não conseguiu entendê-la. Ela fez uma reclamação e sequer perdi minha licença. E sabe... Eles deveriam tê-la tomado — Charlotte não pode mais ficar sentada, dando um pulo e ficando de pé. — Meu mau julgamento em uma situação profissional prejudicou duas pessoas inocentes — andou pelo cômodo. Foi até a porta da varanda e de volta, várias vezes, enquanto Trev a observava. Ela sentia seu olhar, mas não podia o encarar.

— Isso foi pouco antes de ir para River's End?

Por que está tão calmo e não me criticando? Está me ouvindo?

— Sim. Um mês ou mais antes de eu sair de Queensland. Havia coisas legais para resolver e tinha que garantir que minha mãe estivesse sob os melhores cuidados possíveis — Charlotte parou perto da porta deslizante e passou suas mãos pelos cabelos — Mamãe tinha múltiplas doenças mentais e pelo menos uma genética. De um jeito ou de outro, eu tenho cuidado dela desde os oito anos, quando papai foi embora. Então agora mamãe está internada. E eu? Eu fugi.

Trev levantou-se e Charlotte caminhou para a varanda. Ele iria embora agora. Desistir dela como uma causa perdida e voltar para sua vida em River's End. E ela entendia. Alguém faria diferente?

— Parou de fugir? — Trev estava ao lado dela novamente, mas dessa vez, com uma pergunta. — Por que me contar isso agora?

As mãos dela tremiam e ele de alguma forma sabia, porque as envolveu dentro das suas. Ela tentou um sorriso, sem sucesso, mas devolveu seu olhar firme. — Porque, me disse que não entendia por que eu mantinha segredos. Perguntou quando eu confiaria em você. Trev, essa sou eu, confiando em você.

Por favor, não vá embora. Por favor, enxergue através de meu terror e insegurança.

Enquanto o silêncio arrastava-se, Charlotte percebeu uma mudança entre eles. Sua capacidade para lê-lo estava distorcida por expor-se emocionalmente. Mas Trev não iria embora. Não parecia indignado pelos erros dela ou seu passado.

Ele soltou as mãos dela para cobrir suas bochechas, e ela podia sentir a respiração dele em seu rosto. — Saiba de uma coisa, doutora Charlotte Dean, sua confiança nunca será desperdiçada enquanto depositada em mim. Não está quebrada, e está mais do que na hora de se ver do jeito que eu a vejo — seus lábios tocaram os dela.

— Obrigada.

Capítulo 30



NÃO ESTÁ quebrada.

Charlotte manteve essas palavras em mente. Confiava nele e manteria sua opinião sobre ele até que pudesse encontrar seu próprio caminho.

Era mais de meia-noite e ela estava sozinha. Depois do beijo, que ficou impresso em seus lábios, eles voltaram para a sala e conversaram por um longo tempo, de mãos dadas no sofá. Nada mais de beijos, mas a mudança entre eles era real. Trev conhecia seus medos e seu passado, e ainda se importava com ela. Nem precisava dizer.

Durante o resto de suas cervejas, ele contou sobre seu jantar com Rosie.

— Ficarei lá essa noite e a ajudarei pela manhã. Tenho que endireitar os gabinetes e levar todos os arquivos para dentro de casa. Depois preciso voltar, então, pode ajudá-la a organizá-los?

— Claro. Manter memórias preciosas, vivas, é importante. Sou muito boa em catalogar, então farei o que puder para tornar as coisas mais acessíveis para ela.

Trev teve que sorrir. — A própria Rosie não saberia, Charlie.

Eu mesma não sei.

A leveza dentro do coração dela permaneceu muito tempo depois dele ter saído. Com a promessa de vê-la antes de voltar para casa, em River's End, envolveu-a em seus braços por um momento e correu pelos degraus no escuro. Mesmo Trev tinha uma leveza em volta dele.

Porta trancada, Charlotte percebeu quão faminta estava. O jantar nunca aconteceu, então ela remexeu na geladeira antes de escolher um prato de queijo e frutas.

Não havia pensado em oferecer a Trev nada senão uma cerveja. E ele as havia trazido. Seu jantar com Rosie foi no bistrô e depois ele a levou para casa para examinar a bagunça deixada pelo intruso, e pela polícia. Rosie iria estar esperando para interrogá-lo quando ele chegasse? Ela riu com a visão em sua mente de Trev subindo por uma janela para evitar que sua mãe maravilhosa, mas muito interessada, quisesse um resumo completo de sua visita à mulher que Rosie considerava seu par perfeito.

— Talvez eu seja — Charlotte murmurou. — Trev nunca ficará entediado perto de mim.

Ou com falta de coisas para lembrar-me de não fazer. Ela acrescentou pera ao queijo macio sobre uma bolacha de água e sal e mastigou tudo.

Refeição encerrada, limpou e retornou o quadro de cortiça para o quarto. No guarda-roupa que estaria vazio, ela pegou as impressões sobre Rosie. Alfinetou-as no centro do quadro e depois olhou para a porta.

E se Trev entrasse nesse momento? O que ele diria sobre Charlotte ainda mantendo segredos dele, e dos detetives?

Mas Rosie precisava de ajuda. Não de mais entrevistas e desconfiança.

Essas imagens tinham que significar alguma coisa. Por que Rosie estava sozinha em vez de estar desfrutando seu almoço no parque com Lewis? Rosie havia visitado Veronica? A proximidade do centro de jardinagem faria isso plausível, mas por quê? Charlotte recusava-se a acreditar que a amiga tivesse algo a ver com a morte de Octavia. Era um mistério e, quem quer que fosse responsável por tirar as fotos, era alguém com nada melhor a fazer.

Que pena que Charlotte não havia pensado em tirar uma foto da mais recente entrega. A imagem de Veronica, Jonas, e Terrance juntos no Itália era estranha. E assustadora, porque a posição do fotógrafo era perto de onde ela e Lachie sentaram-se naquela noite.

— Eu vi você?

Trev havia tirado uma foto da impressão. Charlotte correu para a sala de estar para pegar seu celular e enviar um WhatsApp para ele, então percebeu a hora. Podia esperar até amanhã. E amanhã, perguntaria sobre o almoço perdido com Lewis.

Dormir primeiro. Talvez alguns sonhos sobre um futuro melhor do que ela jamais havia considerado.

Capítulo 31



OS OLHOS de Charlotte abriram-se. Estava escuro. Não havia sons. Nem mesmo trovão, o culpado usual de perturbar seu sono.

Ou pessoas roubando árvores de Natal.

Uma olhada no relógio ofereceu pouca explicação. Cinco horas. Por quê?

O celular tocou.

Seus pés estavam no chão em um segundo e Charlotte tropeçou na porta. Ele estava no balcão, vibrando, tocando e iluminando a área. Rosie? Trev? Mamãe?

O número era anônimo.

— Olá?

Um longo silêncio. Ela puxou um banco e sentou-se, esfregando seus olhos já sabendo quem era. Bem, sabendo o que esperar.

— Eu avisei.

Ela considerou encerrar a ligação ali mesmo. Mas algo sobre essa persistência a fascinava. — Avisou.

— Por que não vai embora, doutora?

— Bem, considere o que disse. Que contaria a todo mundo sobre meu passado.

— E eu vou.

— Velhas notícias, meu caro — do outro lado ouviu algo como um engasgo. Ou tosse. Ela preferia engasgo. — Vamos deixar algumas coisas claras. As pessoas que me amam não dão a mínima para meu passado. Qualquer outro não é importante. Então por que eu deveria sair daqui?

Charlotte sorriu para si mesma. Trev sabia e não ligava. Rosie saberia em pouco tempo, porque pretendia contar-lhe amanhã. Bem, hoje.

— E quanto a mamãe querida? Está feliz por mamãe apodrecendo no inferno em que a colocou?

Os ombros de Charlotte tensionaram.

Ele continuou, agora com um tom de triunfo na voz. — Aposto que o jornal local amaria ouvir sobre a nova residente que encarcerou sua própria mãe. Apenas para que possa forçar uma velha senhora em cadeira de rodas a se aposentar. Boa sorte com isso, doutora.

— Rosie não é velha. E se a conhecesse, nunca diria que poderia ser forçada a se aposentar. Vá em frente e conte ao mundo seja lá o que quiser contar. Só conheço uma pessoa na região vingativa e mesquinha o suficiente para fazer essas ligações, então aproveite seu café da manhã antecipado, Sid.

Ela encerrou a ligação e encarou o celular.

A não ser que fosse Kevin.

Kevin não era gentil. Nem Jonas era. Oh, céus, e se Charlotte tivesse nomeado a pessoa errada?

Se ela pudesse descobrir quem fazia as impressões, ela poderia encontrar quem ligou. Em vez de encarar o aparelho, ela brincou com as configurações para ver novamente se poderia ligar de volta para o chamador. Sem sucesso, mas enquanto guardava o celular, um ícone chamou sua atenção. O novo ícone de acesso de segurança.

— Charlotte Dean, você não tem salvação.

Na noite anterior, ela pretendia verificar as imagens do início do dia para ver se Veronica apareceu na garagem, mas a aparição de Trev a fez esquecer.

Ela abriu o aplicativo. Nele havia a opção de ver a livraria, ou a entrada da garagem e os degraus. Se estivesse funcionando, poderia ver quem deslizou aquele último pedaço de papel debaixo da sua porta.

Charlotte se sentou no sofá debaixo de uma lâmpada e iniciou com a marcação de tempo logo após fechar a loja. Como era de se esperar, lá estava Veronica, correndo pelo caminho da garagem e depois atendendo o celular. E novamente na rua principal em segundos. Seja lá o que Veronica havia planejado, alguém a interrompeu.

— É você! Está me seguindo e tirando fotos e vindo à minha casa!

Veronica deve ter retornado depois. Continuando sua busca, viu-se sair para sua caminhada. Nada aconteceu por um longo período, então ela pulou para quando chegou em casa.

Estava escuro agora. A imagem de um homem de ombros largos encheu a câmera no topo aos degraus e quando ele checkou seu celular, o rosto de Trev apareceu por um momento. Retrocedendo a filmagem, o viu recuar nos degraus, ou pelo menos seu contorno, já que estava muito escuro para identificá-lo. Trocando de câmera o viu andar para trás na trilha da garagem.

Por favor. Por favor mostre Veronica.

Uma figura apareceu no caminho da garagem. Charlotte respirou fundo e acelerado enquanto selecionava o modo normal de exibição. A figura hesitou, olhando para trás de si, mas novamente com pouca luz, ela não podia ver quem era. Mas não estava em saltos altos e saia. A figura era alta, mais que Trev, e mais magra, quase esquelética. Ela disparou de um lugar para outro até chegar ao pé da escada.

Suas mãos tremeram enquanto Charlotte selecionava a outra câmera. O perfil de alguém subia os degraus. Parou e espiou por cima do corrimão

como se verificasse se ninguém estava vindo pela entrada da garagem e então saiu de vista. *Deslizando o papel debaixo da porta?*

A pessoa estava de volta. Ela procurou pelos bolsos, cabeça baixa até uma pequena faísca de luz aparecer. Um fósforo levado a uma boca enrugada em torno de um cigarro. Pele barbeada limpa. Uma camisa branca de manga longa. O cigarro aceso. Por um instante, um rosto pairou na filmagem quase totalmente preta.

— Oh, meu Deus. Henry?

Capítulo 32



CHARLOTTE OLHAVA o amanhecer surgir da varanda, deixando um segundo café esfriar intocado. Assistira a filmagem várias vezes, até a verdade penetrar.

Henry estava perseguindo-a. Ou seja lá o que ele estava fazendo. Tirando fotos, deixando mensagens enigmáticas, e indo secretamente a sua porta.

Por quê?

Ela não o conhecia suficiente para especular, mas o que conhecia não a alertou de que ele pudesse estar por trás disso.

Henry cresceu em Kingfisher Falls, de acordo com um comentário de Rosie certa vez. Foi um empregado do pub toda sua vida adulta. Primeiro como garçom, depois no gerenciamento e assumindo o bistrô e salas de eventos. Fred e Glenys eram os donos do pub até alguns anos atrás, após do acidente de Fred, Glenys aposentou-se.

Quem o possuía agora?

Charlotte quase derrubou seu café enquanto se levantava, para pegar caneta e papel. Conseguiu salvar a xícara e a deixou ao lado da chaleira, acendendo-a em uma terceira tentativa de tomar uma bebida quente. Depois de pegar o bloco de notas e a caneta, fez café e forçou-se a beber um pouco na cozinha enquanto rabiscava perguntas.

Quem é dono do pub?

Não tinha ideia se seria algo relevante. Era mais curiosidade.

Estar atrás de um bar ou atendendo mesas dava a uma pessoa uma invisibilidade incomum. Henry havia mencionado Terrance e Jonas conversando na frente dele no café da manhã a respeito do arrombamento

na casa de Rosie. Ele tinha ouvido outros fragmentos de conversas que o encorajaram a fazer sua própria investigação?

O dia em que Rosie fechou a livraria cedo e elas haviam almoçado no bistrô, Henry estava trabalhando. Ele as atendeu. Charlotte mordeu seu lábio, pensando novamente no que elas disseram e lembrou-se que elas discutiram a possibilidade da morte de Octavia ser suspeita.

Por que enviar pistas para mim?

E por que tão enigmáticas? Se o homem sabia algo concreto, deveria ir à polícia. Exceto por... Sid. Cujo histórico não fazia nada para inspirar confiança em ninguém que precisasse reportar um crime.

A quentura do café estava boa. Ou a cafeína. De qualquer maneira, ela estava mais alerta agora. Levando sua xícara de volta para fora continuou seus pensamentos enquanto o sol filtrava pelas árvores.

Quem é Henry?

Casado?

Filhos?

O que faz com seu tempo livre?

Os únicos lugares onde Charlotte já o vira, foram no bistrô ou algumas vezes na livraria. Ele era um leitor. E o programa de fidelidade da loja mantinha registros de compras, então em breve espiaria para ver o que ele comprava.

Um olhar para seu relógio a lembrou que era quase hora de ligar para Trev.

Ele acordava cedo e era a única pessoa em que ela confiava para essa informação. Se Henry estava por trás das impressões, seguindo Charlotte e enviando mensagens estranhas, ele poderia ser responsável pelas ligações telefônicas. E mesmo da morte de Octavia. De repente, Charlotte não queria

ficar do lado de fora. Pegou sua xícara, caneta e bloco de notas e trancou a porta deslizando após entrar.



— ESTOU chocada, querida. Chocada — Rosie, Charlotte, e Trev estavam espremidos na cozinha da livraria em volta do monitor, que foi pausado no rosto de Henry. — Eu o conheço há muito tempo e não tinha ideia de que levava uma vida dupla.

A ligação telefônica de Charlotte para ele, não muito depois das seis, resultou em sua chegada em sua porta, quinze minutos depois. Trev examinou a filmagem em seu celular e concordou com sua identificação.

— Sua confiança é preciosíssima, Charlie — Trev falou com um sorriso comovente, mesmo desconhecendo os segredos que ela guardava no terceiro quarto.

Rosie encontrou-os no térreo um pouco depois. A imagem na tela grande deu uma sensação ainda mais sinistra ao rosto iluminado de Henry. Rosie insistiu em ver cada quadro dele subindo secretamente o caminho da garagem e os degraus, a cabeça dela balançando de um lado para o outro enquanto Henry abaixava para deslizar a impressão debaixo da porta.

— Mas há quanto tempo isso tem acontecido? — Rosie virou os olhos preocupados para Trev. — Disse que essa não foi a primeira vez.

— Mamãe, houve algumas outras. Noite passada nós encontramos com os detetives de Kyneton e eles levaram as três impressões embora. Uma nas cachoeiras, de Glenys e Charlie no mirante, outra de Charlie fora na loja de molduras, e noite passada uma foto de clientes do Itália.

— Que clientes?

— Veronica, Terrance e Jonas. Essa foi a noite em que eu jantei com Lachie — Charlotte disse.

— Viu Henry?

Charlotte balançou sua cabeça.

— Ele deve ter muitas fotos interessantes em seu celular! — Rosie voltou para a cozinha.

Trev inseriu um pen drive no gravador. — Farei uma cópia disso, se permitir.

— Claro. Charlie, pode me ajudar por um minuto?

Ela seguiu Rosie para a cozinha, estômago embrulhando novamente. Haveria fotos. Fotos inexplicáveis que um bom investigador poderia pedir que Henry explicasse. E depois ele mencionaria que as deixou na casa dela. Nesse ritmo ela precisaria comprar ações da companhia de antiácido.

Ou contar mais a verdade.

Ignorando sua voz interior, juntou-se à Rosie atrás do balcão. Nenhuma luz estava acesa ainda, exceto na cozinha.

— Charlie, há algo que preciso lhe contar. Vi Henry no outro dia. Tirando fotos com seu celular. Não significou nada para mim, e estava com pressa, então pensei pouco nisso, mas agora...

— Foi no dia em que Octavia morreu?

Os olhos de Rosie arregalaram-se. — Por acaso, sim. Como sabe?

Sem pensar, Charlotte pegou ambas as mãos da amiga. — Por favor, por favor diga-me que não estive na casa de Octavia.

— Não. Não, eu... Oh, Charlie.

Como se ela estivesse juntando as peças da conversa dos últimos minutos, a cor sumiu do rosto de Rosie. Ela olhou ao longe por um momento, boca aberta. Então, seus olhos dispararam para Charlotte. Havia medo em suas profundezas.

— Posso ter feito uma terrível escolha — sua voz era pouco mais que um cochicho. — Se Henry tirasse uma foto minha, seria terrível. Realmente terrível.

— Por quê?

— Oh, querida, eu estive na rua a caminho da casa de Octavia. E era de lá que estava vindo — suas mãos apertaram as de Charlotte. — Como sabia?

— As impressões que Henry deslizou debaixo de minha porta? Havia outra. Com você não longe do centro de jardinagem. Tempo e data registrados.

— Então os detetives sabem? — os ombros de Rosie caíram.

— Ninguém sabe.

— Eu sei. Agora — Trev disse.

Os olhos de Charlotte tremeram fechados. Ela esforçou-se muito, aquilo era sobre Rosie, não sobre o que Trevor pensava dela e ela manteve sua escolha de ficar quieta sobre aquilo. Ouvindo os passos dele vindo por trás, abriu os olhos e virou-se.

Trevor não estava olhando para ela, mas para sua mãe. — Por que estava próxima de Octavia?

— Recebi uma ligação e fui aconselhada a visitá-la e fazer as pazes com ela — o queixo de Rosie levantou e o medo sumiu de seus olhos. — Estava indo encontrar Lewis para almoçar quando o celular tocou. Quando cheguei perguntei a ele se poderíamos almoçar no dia seguinte e como Lewis estava ocupado com os clientes me surpreendeu... Bem. Não foi um problema.

Trev apoiou seus braços no balcão. — Isso é um problema — sua voz estava firme, mas ainda não olhou na direção de Charlotte. — O que aconteceu depois?

— Bem, segui na direção certa, mas ainda não decidida. Octavia foi bastante grosseira quando liguei naquela manhã, então fiquei surpresa dela ter reconsiderado sua posição. Mas a ligação telefônica deixou-me acreditar que ela queria fazer compensações e odeio ter ressentimentos dos outros.

Assim que estava mais perto, fiquei nervosa e perguntei-me novamente se aquilo era uma má ideia e se perderia minha paciência com Octavia. Parei na sombra na estrada, meio caminho entre o centro de jardinagem e a casa de dela, e apenas pensei sobre o assunto.

— Rosie, quem...

— Fique fora disso, Charlotte — o tom dele estava calmo. Calmo demais.

Charlotte soltou as mãos de Rosie e colocou suas próprias em seu colo, dedos entrelaçados.

— Trevor, não há necessidade de ser grosso com Charlie. Eu não deveria ter mantido esse segredo. De qualquer maneira, decidi que o melhor curso de ação era encontrar Octavia fora de sua casa, em outro dia. Quando nenhuma palavra áspera tivesse sido dita. Em algum lugar neutro. Durante um café, talvez. Virei para casa e enquanto passava pelo centro de jardinagem, notei que o carro de Jonas estava lá, e ele estava na porta da loja. Veronica também e ela estava golpeando-o nos braços efusivamente. Antes que eles me vissem acelerei e cerca de um quarteirão ou mais adiante, notei Henry.

— E ele tirou sua foto?

— Não faço ideia. Ele não pareceu me ver e não me reconheceu. Parecia mais interessado em carros indo e vindo pela rua — Rosie olhou para Charlotte com um sorriso de desculpas. — Eu deveria ter contado.

— Ok, não estou entendendo, mamãe. Você ligou para Octavia novamente, para avisar que não iria, afinal?

— Octavia? Oh, não foi ela quem me ligou. Eu não mencionei? Por mais bizarro que pareça, foi Veronica.

Capítulo 33



O TOQUE DO telefone da loja interrompeu o longo silêncio que se seguiu após o comentário de Rosie. Ninguém se incomodou em atender.

Charlotte perdera a coragem depois de ser mandada ficar quieta, apesar de ter uma centena de perguntas. Como: por que Veronica sugeriria uma reconciliação quando não apenas acusou Rosie de conspirar contra Octavia, mas fez uma reclamação formal contra ela? E desde quando Rosie acreditava em qualquer coisa que Veronica dissesse? E o que Jonas estava fazendo no centro de jardinagem? Por que Veronica estava agitada? E por fim. Por que Henry estava tirando fotos de carros?

— Charlotte. Acho que agora seria bom.

Trev a olhava enquanto ela retornava da névoa de seus pensamentos.

— Desculpe. Perdi alguma coisa?

A expressão dele estava ilegível.

— Querida, ele perguntou se podia ver a foto que Henry tirou de mim.

— Não, não é o que eu...

— Mas é próximo o bastante — Rosie cruzou os braços e lançou um olhar para o filho, que Trev ignorou ao se virar.

— Claro. Vou pegá-la — qualquer coisa para escapar de olhos críticos. Charlotte levantou-se e correu para a porta dos fundos, pegando as chaves em seu bolso. No momento em que estava na porta, Trev estava bem atrás dela. — Volto logo.

Charlotte saiu pela porta e subiu as escadas, quando enfiou a chave na fechadura, Trev estava novamente atrás dela. Encarando-o disse. — Não preciso de supervisão.

— Não confiou em mim para compartilhar o que eu acho que precisava — houve uma falha em sua voz. Uma vulnerabilidade que ela nunca ouviu. Depois, a dureza substituiu tudo. — Lide com isso, Charlotte. Quero ver a foto longe de mamãe.

Antes que a bolha de lágrimas em seu coração estourasse, ela abriu a porta empurrando-a. Olhou para o chão, aliviada por não ver outro pedaço de papel.

— No terceiro quarto.

— Vá na frente.

Charlotte ouviu a porta fechar e trancar enquanto ia para o quarto. Nada disso era justo. Não para ela, Trev ou Rosie. Proteger alguém que se ama não deveria ser assim. Apenas, *lide com isso*. Claro. Ela podia lidar com aquilo.

Ele a seguiu para dentro do quarto e ficou ao seu lado, não a tocando, mas perto suficiente para o calor de seu corpo irradiar ao dela. Ou seria sua imaginação? Por um longo tempo, ele examinou o quadro de cortiça como os detetives fizeram na noite passada. Removeu a capa protetora do quadro e a examinou, depois olhou para ela.

— Onde escondeu isso?

— Guarda-roupa.

— Não se incomode em explicar por quê. Entendo que queria proteger minha mãe — Trev balançou sua cabeça enquanto exasperação enchia seu rosto. — Mas esse não era o jeito certo, Charlie.

Pelo menos estamos de volta a Charlie.

— Quando recebeu essa?

— Na noite em que Lachie ficou comigo.

— Lachie?

— Forest. Abbie estava no hospital tendo um bebê, então Lachie passou o dia comigo e com Rosie, depois nós saímos para jantar. Menos sua mãe. Ela foi para casa cedo para encontrar os detetives. Lachie e eu jogamos cartas e então depois de Darcy pegá-lo, encontrei a nota. Bem, na verdade foi Darcy que a viu.

— Está me dizendo que Henry entregou isso enquanto você e uma criança pequena estavam aqui? — Trev estava horrorizado.

— O que torna tudo muito pior. Eu estava aqui nas outras vezes, mas colocar Lachie em risco... — Charlotte engoliu em seco e afundou na cama. Teria Henry feito mal a eles se ela tivesse aberto a porta no momento errado?

— Porém ainda assim não contou a ninguém?

Saindo do quarto com a capa de plástico na mão, ele não parecia querer uma resposta. Charlotte ficou olhando-o boquiaberta. Desde quando Trevor afastava-se de uma conversa? Ele estava tão chateado assim? Ela pulou, alcançando-o perto do balcão.

— Trev. Espere.

— Eu quero que você fique fora das coisas a partir de agora — Trev estava quase na porta.

— Por favor. Por favor, espere um momento — sem intenção, sua voz engrossou com a emoção desesperada para derramar. Todas as barreiras dela caíram. Ele tinha que escutá-la.

Com a mão na porta, ele parou, mas permaneceu de costas para ela.

Forçando-se a avançar, até que estivesse perto dele, ela estendeu a mão, mas a puxou de volta, então inclinou-se contra suas costas fortes e o envolveu em seus braços. Ele enrijeceu, mas não rejeitou seu toque. Ela ouvia seu coração acelerado através de seu corpo.

— Sinto muito. Tudo o que eu queria era proteger Rosie — Charlotte cochichou.

— Esse não era o jeito certo.

— Eu piorei tudo.

— Pode ser que sim. Não sei ainda — frustração exalava de seu tom. — Quantos segredos ainda esconde de mim?

Ela não podia pensar em nenhum. Talvez houvesse. — Não há outras impressões. Nenhuma ligação telefônica que não tenha te contado. Compartilhei meu passado. Mas pode haver algo, algum momento que não achei importante ou especulações sobre alguém, ou...

— Não estou falando de incidentes — ele girou até ficar de frente para ela, colocando os braços atrás dela e a segurando contra ele. A incerteza em sua expressão a alarmou. Trev sempre esteve no controle. Sempre soube o que fazer. — Segredos, Charlotte. Como esse — ele moveu a capa plástica atrás dela, — com ramificações. Você tem ideia de quão complicado isso pode ficar?

— Mas se eu explicar aos detetives que não pensei em nada disso. Que me esqueci dela... Não. Não, eu não mentirei. Mas assumirei a responsabilidade. — ela disse levantando o queixo.

— Vocês dois desceriam aqui?! — Rosie chamou do pé da escada.

Trev abriu a porta. — Dois segundos, mãe — ele repousou sua testa contra a de Charlotte e murmurou. — Bernie está de volta sob custódia, recebi uma ligação noite passada informando. Ele poderia tê-la matado em River's End. Não confiou em mim na época, nem mesmo quando eu sabia que algo estava errado e pedi para me deixar ajudá-la. Não tenho certeza se quero passar a vida me perguntando se você está escondendo coisas. Perguntando-me se estou prestes a perdê-la.

— O que está dizendo?

Trev a soltou. — Tenho que falar com Katrina.

Sem outra palavra ou olhar, ele desceu os degraus, deixando a porta aberta em sua saída. Os lábios dela abriram-se para dizer algo, qualquer coisa, mas nada saiu. Em uma vida inteira cuidando de si mesma e contentando-se com sua própria companhia, nunca se sentiu assim. Sozinha. Completamente sozinha.

Capítulo 34



CHARLOTTE FECHOU a porta e apoiou-se nela, cerrando olhos e abraçando-se.

Por que continuava fazendo isso, Charlie?

No andar de baixo, a voz de Rosie estava alterada. Agitada. Charlotte não conseguia entender quaisquer palavras, mas o tom estava lá. Sua amiga estava brava com o filho.

Tudo estava desmoronando. Seu apartamento não era mais seguro. A casa de Rosie muito menos. A cidade não era a pequena vila pacífica que aparentava, mas como Rosie disse uma vez, uma cova de iniquidade. Más pessoas, fazendo coisas más. E agora mãe e filho, um contra o outro.

Ela queria correr. Deixar suas pernas a carregarem tão longe e rápido quanto pudessem, até não ter um resquício de energia em seu corpo. Ir para as cachoeiras, onde buscaria refúgio sob as árvores frondosas, na grama verde e macia ao lado da lagoa vítrea, e não ouviria nada além do estrondo da água cristalina caindo.

E nada mudaria.

Aquilo tudo acabava ali. Os segredos. A fuga. Chega.

Ela respirou fundo e largou os braços ao lado do corpo. Rosie e Trevor não iriam discutir por causa dela. E ela não iria fugir. Assim como havia quebrado sua necessidade do bracelete, iria superar o impulso de fugir.

Checando suas chaves no bolso Charlotte pisou na pequena varanda e trancou a porta. Enquanto descia os degraus, as palavras da amiga ficavam claras.

— Não vou admitir que fique bravo com Charlotte, querido. Ela tem um bom coração. É uma boa menina.

— Sim, ela é. Mas seu passado bagunçou com seu senso de certo e errado.

Charlotte juntou-se a eles. Os dois pularam, muito concentrados em sua discussão, para ouvi-la aproximar-se. Rosie tinha lágrimas escorrendo por suas bochechas. O rosto de Trevor estava tenso e os olhos tristes.

— Meu senso de certo e errado é sólido. Com o que eu luto é com confiança — Charlotte falou calmamente, mas com convicção.

Trevor abaixou sua cabeça.

— Autoconfiança, Trev Sempre confiei em você, desde o momento em que parou meu carro e deixei cair um mapa aos seus pés. Mas fiz alguns julgamentos terríveis em minha vida e isso influenciou minha capacidade de confiar em mim mesma.

— Porém, quando há uma crise, é a mais equilibrada, confiável e mandona pessoa que já conheci — Trevor encontrou os olhos dela. Os dele ainda inseguros.

— Engraçado, é assim que Charlotte descreve você, querido — Rosie enxugou as lágrimas de suas bochechas.

— Apenas a parte do mandão, Rosie quis dizer — Charlotte disse.

Os cantos da boca de dele moveram-se para cima por um instante.

— Então, tomei uma decisão quanto a arranjar alguma ajuda para o meu problema de autoconfiança. Encontrarei um terapeuta e farei o trabalho que deveria ter feito meses atrás. Preciso de ajuda com isso. E foi bom admitir em voz alta.

Rosie estendeu uma mão e Charlotte a agarrou. — Nós estamos aqui para você, querida.

Charlotte inclinou-se e beijou sua bochecha com um silencioso, *obrigada*.

— E Trev ficará mais humilde — Rosie cochichou.

— Eu estou bem aqui, mãe.

— Vocês dois foram feitos um para o outro.

— Rosie! — Charlotte não podia acreditar em seus ouvidos.

Trevor atirou sua cabeça para trás e riu.

As duas trocaram um olhar, que virou um sorriso compartilhado. Depois, Rosie virou sua cadeira de rodas e foi para a trilha da garagem, com Charlotte ao seu lado.

— Conte-me novamente, sobre o dia que conheceu meu filho. Você se apaixonou à primeira vista?

— Rosie!



O momento de brincadeira aliviou o ar, ao menos parcialmente. Mais tarde na casa de Rosie, Charlotte pegou Trev olhando-a algumas vezes enquanto trabalhavam juntos para mover os conteúdos dos gabinetes para a mesa da sala de jantar. Ele já havia endireitado os gabinetes com um comentário de que era hora de substituí-los e trazer seja lá o que sua mãe quisesse manter dentro da casa.

Antes de saírem da livraria, Rosie escreveu à mão um aviso para afixar na porta. *Abriremos mais tarde essa manhã. Perdão por qualquer inconveniência.*

Agora, da última vez que Charlotte passou, Rosie preparava o café da manhã para três com Mellow empoleirada no encosto do sofá olhando para ela. Mayhem espreitava entre a casa e o galpão como que para mostrar sua irritação com a intrusão. Mayhem estava no meio do galpão enquanto Charlotte pegava uma braçada final de arquivos.

Um escorregou e derrapou debaixo das prateleiras ao longo da parede. Charlotte ajoelhou-se para recuperá-lo, espiando embaixo para ver onde

tinha ido parar. Havia algo mais lá embaixo, encostado na parede e ela mal conseguia alcançá-lo.

Era o cabo de machado.

Não é aí que eu deixei você.

Não, ela o havia colocado na prateleira mais alta, onde Rosie pediu. Depois ele sumiu no dia que os investigadores forenses estiveram lá.

— Por que está no chão? — Trev entrou. — O que é isso?

— Deixei cair um arquivo e encontrei isso debaixo da prateleira. Bem no fundo.

— O velho cabo do machado de papai.

— Oh. A última vez que o vi, estava ali — ela apontou. — Rosie estava emprestando-me algumas ferramentas e o vi lá.

— Vamos colocá-lo de volta — Trev deslizou o cabo entre duas caixas. — Passe-me os arquivos.

Charlotte os entregou e levantou-se, limpando-se. — O fato é que, entre eu vê-lo naquela noite e o dia em que os investigadores forenses estavam procurando impressões digitais, ele moveu-se.

— Moveu-se? Como?

Ela deu de ombros. — Notei que não estava lá quando Sid estava vasculhando por aí. Tocando tudo como se fosse encontrar uma arma letal. Ele disse que estava buscando por algo longo e pesado, como um cabo. Eu olhei porque temia que ele o visse e acusasse Rosie de usá-lo para golpear Octavia.

— Mas tinha sumido. Tem certeza de que o colocou aqui? — Trev espiou para o machado como se esperasse que ele o respondesse.

— Certeza absoluta, Trevor.

Ele sorriu, sem olhar para ela. — Deve ter rolado para trás e caído entre a prateleira e a parede.

— Não, não foi isso o que aconteceu — Rosie estava na porta. — Eu sabia o que Sid faria se o visse. Tinha cerca de trinta segundos aqui antes dos honestos investigadores forenses chegarem e Sid chegaria logo depois. Então, eu o rolei para baixo. Bem no fundo. Essa não é a arma do crime e eu não queria que Sid removesse a propriedade do seu pai. O café da manhã está pronto.

Com isso, Rosie se foi. Mayhem miou para Charlotte e Trev e saiu atrás dela.

Charlotte não disse uma palavra. Trevor ficou boquiaberto olhando para a porta. Depois, passou uma mão pelos cabelos. — Certo. Já não sei se você é uma má influência para mamãe, ou o contrário.

— Ambos? O que há de tão especial no cabo do machado?

— Papai amava cortar lenha. Até mesmo competiu nos shows agrícolas locais e venceu algumas competições de corte de lenha. Sempre disse que aquilo lhe dava uma relaxada, quando coisas do passado o incomodavam. Coisas que ele viu como jornalista em zonas de guerra.

— E esse era seu favorito.

— Papai havia tirado a cabeça para substituir. Não conseguiu fazê-lo antes de seu coração parar — Trev suspirou. — Mamãe não tem necessidade de um machado, mas não o abandonará. E ela não o usaria para golpear Octavia. Não com algo tão precioso — Trev olhou para o cabo do machado. — Katrina e Bryce estiveram lá fora. Fizeram uma busca superficial, pelo que mamãe contou. Acho que não notaram isso.

— Acho que não.

Trev ajustou os arquivos em seus braços. — Eu preciso chamar Katrina e contar-lhe sobre Henry. Mas depois do café da manhã tenho que voltar para casa.

— Sid precisa ser avisado também?

Ele balançou sua cabeça. — Ele tem outros problemas com os quais lidar. Vou deixar o pen drive com você. Ok?

— Ok.

— E quanto a impressão. Conte à Katrina o que sabe. Atenha-se aos fatos, não em suas especulações sobre “quem fez o que para quem”. Entendeu?

Charlotte confirmou.

— Bom. Vamos, antes que mamãe pergunte o que está nos mantendo aqui — Trev conduziu o caminho até a porta.

— Rosie é incorrigível. Tentando descobrir o que achei de você no dia em que cheguei em River’s End.

— Deveria ter prendido você, do jeito que estava dirigindo. Quaisquer segredos a mais e eu prenderei.

— Tem que me pegar primeiro — antes que ela pudesse se conter, correu para a casa, com Trev rindo atrás dela.

Capítulo 35



DEPOIS DO café da manhã, Charlotte saiu para abrir a livraria. Ela queria dar a Rosie e Trev alguns minutos a sós antes de sua longa viagem de volta para River's End. Hora de garantir que tudo estava bem entre eles novamente. À noite ajudaria Rosie a organizar os arquivos.

A menos que você tenha sido presa por reter provas.

Ela entrou na livraria pela porta dos fundos, desarmando o alarme. Katrina e Bryce apareceriam mais tarde, em algum momento, para olhar a filmagem de Henry. Deixou o plástico com a impressão, atrás do balcão, debaixo de um livro, mas manteve o pen drive em seu bolso. Sua intenção era entregar ambos, com poucas explicações. Rosie mencionou que ligaria para o advogado antes de vir para o trabalho e repassaria a situação. Por garantia.

Glenys foi a primeira cliente, impaciente para ela abrir a porta. — O que foi? Passei aqui antes e vocês estavam fechados.

— Rosie, Trev e eu tomamos café da manhã antes dele voltar para casa.

— Trev já foi? — Glenys colocou ambas as mãos no balcão. Seus olhos foram direto para as fotografias atrás de Charlotte.

— Já. Por quantos anos você foi dona do pub?

— O quê? Oh, aquele lugar. Muito tempo. Era a grande herança de Fred, que insistiu que o mantivéssemos e o gerenciássemos por anos — Glenys voltou sua atenção para Charlotte. — Foi bom, no que diz respeito a realizar recepções de casamento no andar de cima, porque eu era paga para fotografar os casamentos. Mas no resto do tempo, eu fazia o trabalho enquanto Fred seguia sua paixão!

Os punhos dela fecharam.

— Deve ter sido frustrante, Glenys. Você amava fotografar, não amava?

Glenys sorriu. — Sim. Sim, certamente amava. Não que eu fotografe muito agora. Tudo envolve câmeras digitais e mesmo alguns celulares têm câmeras quase tão boas quanto minha velha SLR tinha.

— E quanto aos seus funcionários? Eu trabalhei em um pub para pagar minha universidade. A maioria das pessoas não dura muito — Charlotte disse.

— Rotatividade. Funcionários vem e vão. Apenas uma vez tive uma pessoa que era leal. Jovem Henry. Ele sempre esteve aqui para me ajudar, mas não se deu bem com Fred.

— Eu o encontrei algumas vezes. Ele não está na foto lá em cima? — Charlotte apontou. — Tão jovem.

— Veio para nós da escola. Mas porque ficou quando vendi, nunca saberei. Ele odeia o dono. Diz que o lembra de Fred.

— Olá, Glenys — Rosie chegou com dois cafés em uma bandeja. — O que nós podemos fazer por você hoje, se Charlotte ainda não pergunto?

— Realmente quero levar aquela foto minha. Fico feliz em pagar o quanto me pedir.

Charlotte recuou para dar a Rosie espaço para entrar em seu ponto usual atrás do computador. O que havia de tão importante naquela fotografia?

— Por que não lhe arranjo uma cópia? Isso serviria?

Um brilho de raiva no rosto de Glenys disse não. — Muito bem. Quando?

As sobrancelhas de Rosie ergueram-se, mas ela concordou. — Se tivermos tempo hoje, uma de nós irá até Harpreet. Eu imagino que não demorará e te ligo.

Glenys pegou sua bolsa e colocou uma nota de vinte dólares no balcão. — Aguardarei sua ligação — ela disparou para fora sem outra palavra, parando na rua para olhar de cada lado, antes de virar à direita.

— Oh, querida — Rosie colocou os cafés no balcão. — Glenys está mal-humorada.

— Luto faz isso. E acho que a morte de Octavia acendeu alguma dor não resolvida sobre Fred.

— Fred não era um homem gentil.

— Não importa. O luto pode ser mais do que uma perda pela morte. Se o casamento deles não era bom, Glenys pode sofrer pela chance perdida de melhorá-lo. E com Octavia, ela perdeu a oportunidade de revisitar a longa amizade delas — Charlotte sentou-se e tomou um gole do café.

— Octavia afastou-se de nós duas. Culpo, Marguerite por isso — o tom de amargura na voz de Rosie era diferente de seu eu habitual.

— As coisas mudaram quando Marguerite e Sid mudaram-se para cá?

— Oh, Marguerite cresceu em Kingfisher Falls. Ela ia à uma escola particular em outra cidade, então nós apenas conhecemos uma à outra por causa de esportes e festas. Mais tarde, viajou por toda parte e depois de conhecer e casar-se com Sid na cidade, voltou para casa com a atitude de ser melhor do que todos. Marguerite e Octavia deram-se bem depois que se tornaram adultas.

— E Glenys?

Rosie suspirou. — Glenys começou o clube do livro há anos. Quando as outras duas juntaram-se, todas ficaram próximas, mas Glenys era mais como um estorvo. Sendo a esposa de um hoteleiro, estava abaixo dessas duas.

Charlotte riu. — Sim. Sid era um tremendo troféu.

— Eu desejaria que eles nunca tivessem mudado para cá. O então policial de repente deixou o posto e Trev, quase saindo da academia, estava comandando as coisas enquanto as candidaturas estavam em andamento, incluindo a dele. Mas Sid estava cansado de viajar para aonde era enviado e queria o trabalho, então começou a incomodar meu filho aparecendo na delegacia e gritando. Foram feitas reclamações anônimas contra Trev. Coisas que o fizeram ameaçar Sid com uma reclamação formal.

— Que terrível!

— Antes de chegar a isso, Trev recebeu uma oferta de River's End.

E tudo finalmente fazia sentido. Os comentários agressivos. Trev avisando Charlotte para ficar longe de Sid, um homem que havia provado ser traiçoeiro criando contas falsas no Facebook para dar à livraria e à Fazenda de Árvores de Natal críticas negativas no ano passado.

— Sid tem um histórico de ligações anônimas?

Rosie confirmou e bebeu um pouco de café.

Charlotte espreguiçou-se. — Acho que Sid está encrencado. Espero que sim.

— Nesse momento, querida, estou mais preocupada com você e comigo. Alguém quer nos incriminar pela morte de Octavia. Esse alguém é ou responsável, ou sabe quem é, e não acredito que seja Henry.

— Mas...

— Sem mas, Charlie. Henry, desculpe a expressão, é um cagão. Nunca vi ele sair da caixa estreita onde moldou sua vida e duvido muito que mataria alguém — Rosie inclinou-se para Charlotte e cochichou. — É capaz de Henry estar tentando nos ajudar.

Capítulo 36



TODA VEZ que um carro parava na frente, ou alguém entrava na livraria, Charlotte pulava, esperando ver dois irritados detetives, segurando algemas. Ou pelo menos um deles, já que Katrina era de longe a mais gentil do par. Ela estava sentada no chão, na área infantil, lendo para uma criança de três anos, quando Bryce entrou calmamente. Ela não o viu até o garotinho apontar.

— Oh. Sim. Bem, esse é um belo oficial de polícia. Que tal nós mostrarmos à sua mãe este livro?

Um momento depois, o garotinho estava de volta à sua mãe e Charlotte levou Bryce para a cozinha, depois de Rosie dizer para irem em frente.

— Sozinho novamente? — Charlotte sabia que deveria vigiar sua boca grande, mas algo no detetive, revelava seu lado sarcástico.

— Trabalhei com Katrina apenas por algumas semanas, mas já estou vendo o padrão. Suspeitos acham que Katrina é gentil — Bryce sorriu. — Eles sempre têm um choque, quando a conhecem mais a fundo.

— Mas não sou uma suspeita. Você me disse.

— Porém, aqui estamos — Bryce recostou-se na parede, braços cruzados e indicou o monitor. — Importa-se de compartilhar?

Ela compartilhou. Bryce interessou-se por toda a gravação, incluindo a aparição anterior de Veronica. Ele pausou várias vezes nesse trecho. — Alguma ideia?

— Por que Veronica esteve aqui e depois saiu? Nenhuma. Poderia te mostrar o que ela fez pouco antes. Na verdade, eu posso.

Charlotte encontrou a parte gravada em que Veronica testa a porta e olha pelo vidro.

— Eu sei que nós temos uma encantadora livraria, mas entre Veronica e Sid, estou ficando cansada das inspeções após o expediente.

— Sid?

— Desde antes do Natal seu comportamento tem piorado. Em determinado momento instalou uma blitz aleatória de teste de bafômetro em frente à loja. Era um dos nossos dias mais movimentados do ano. Mas Sid não parou ninguém, apenas dificultou as coisas para nossos clientes.

— Por quê? — a atenção de Bryce estava em Charlotte, seus olhos desconfiados.

— Ele não gosta de Rosie ou Trev e, desde o momento em que cheguei, lembrou-me infinitas vezes de como sou indesejável e como pretende descobrir algum passado sinistro que tenho.

— Por quê?

— É tudo o que sabe dizer? Porque minha existência o irrita.

— Não posso imaginar isso.

Charlotte decidiu que gostava dele. Havia intelecto e humor embaixo do exterior.

Bryce pegou o envelope de plástico que Charlotte havia trazido para o balcão e passou alguns minutos examinando-o. Logo depois o jogou no balcão novamente. — Quaisquer teorias sobre o que Henry está tentando lhe dizer?

Cuidado. Pode ser uma armadilha.

— Essas imagens não fazem sentido. A do mirante faz-me perguntar se ele viu algo sendo jogado por cima da grade e que precisaria ser checado. Todo resto é um mistério.

— E você gosta de um mistério.

Droga, Bryce era bom.

— Poderia pedir para a senhora Sibbritt vir aqui por um momento, por favor? — Bryce tinha o controle remoto e navegava pelas filmagens.

Dispensada, ela estava incerta se relaxava ou ficava em alerta máximo. Era possível que as fotos de Rosie não o interessassem?

— Já terminou? — Rosie aproximou-se dela. Preocupação em seus olhos.

— Bryce não é um cara mau. Digo, não baixe sua guarda, mas não tenha medo.

— Eu? Nunca — Rosie endireitou-se e foi para a cozinha.

O que os próximos minutos trariam? Acusações e uma detenção? Ou duas? Charlotte estremeceu ante às possibilidades.

Katrina estava fora da loja ao celular, desligando logo em seguida.

Charlotte ocupava-se atrás do balcão enquanto a detetive entrava. — Olá, seu parceiro está na cozinha com Rosie, se quiser passar.

— Não. Eles não vão demorar. Eu quero te perguntar algo.

O coração de Charlotte afundou. Era aqui onde Katrina mostrava o lado que Bryce insinuou?

— Qual é sua opinião sobre Henry? O que sabe sobre ele?

— Não muito. Rosie seria mais útil.

Katrina apoiou-se no balcão. — Mas eu estou perguntando a você.

— Ok. Eu o encontrei quatro ou cinco vezes. Duas vezes no bistrô, onde ele atendeu à mesa em que eu estava.

— E como ele a tratou na ocasião?

— Atencioso. Rosie deixou cair um garfo e ele apareceu do nada com um limpo. Eu o chamei de ninja — Charlotte sorriu.

— Continue.

— Henry esteve aqui das outras vezes. Duas para comprar livros antes do Natal, o que me lembra, que pretendia ver o que ele comprou —

Charlotte sentou-se e digitou no computador. — E alguns dias atrás ele entrou, usando seu avental, para me contar que ouviu Jonas Carmichael e Terrance Murdoch discutirem o arrombamento na casa de Rosie na noite anterior.

Houve uma faísca de interesse nos olhos de Katrina.

— Eles estavam tendo seu regular encontro de café da manhã no pub. Henry estava angustiado e preocupado com Rosie, então veio para ver se ela estava bem.

Katrina tirou seu celular e fez uma nota. — Tem uma opinião profissional sobre Henry? — Katrina ergueu o rosto. — Fora do registro.

— Não sem uma avaliação adequada.

Havia o começo de um sorriso no rosto da detetive. — Opinião pessoal então.

— Henry gosta de sua zona de conforto. Administrando o bistrô, trabalhando no mesmo lugar sua vida inteira, independente de seus problemas pessoais com os donos. Longe disso? Uma pilha de nervos. Mesmo a filmagem mostra um homem assustado.

— Ainda assim, ele visitou seu apartamento diversas vezes para entregar mensagens enigmáticas.

Não havia nada para Charlotte dizer em retorno. Henry a havia escolhido por alguma razão. Talvez porque ela defendeu os Forests no ano passado. Ou por causa de sua profissão. Seus olhos pararam na tela do computador, na lista de livros que Henry havia adquirido.

— Tem certeza de que não ficará para o café, Bryce? — Rosie e Bryce apareceram da cozinha.

Charlotte minimizou a tela aberta e levantou-se.

— Obrigado, Rosie. Acho que vamos indo pegar certo cavalheiro para conversar na delegacia. Manteremos contato — Bryce apertou a mão de

Rosie com um sorriso. — Chega de manter preocupações como essa para si mesma.

Katrina balançou a cabeça para Charlotte e Rosie, e saiu. Bryce parou no balcão e inclinou-se. — Chega de investigações, doutora. Combinado? — Bryce sorriu e seguiu a parceira. Charlotte afundou novamente na cadeira enquanto Rosie juntava-se a ela com uma expressão curiosa.

— O que foi isso?

— Mais especificamente, Rosie, por que Bryce é tão gentil com você? Noite passada ele me advertiu sem parar de como poderia me prender, e tudo isso na frente do seu filho.

— E o que Trev disse?

— Nada. Não até eles saírem. Depois disse que teria sido muito mais duro comigo!

— Eu entendo — Rosie sorriu para si mesma.

— O que você entende?

— Nada.

— Você é uma mulher clarividente agora?

— Sim, querida. Vejo amor em seu futuro.

Calor subiu pelo pescoço e rosto de Charlotte e ela pegou uma garrafa de água para disfarçar. Aquilo estava indo longe demais. Para cobrir o constrangimento repentino, ela maximizou a tela que havia aberto das compras de Henry.

Rosie bateu no ombro dela. — Desculpe. Estou num daqueles dias e humor ajuda um pouco. O que está olhando?

— Estou curiosa sobre os livros que Henry comprou conosco. Olhe para isso, Rosie — Charlotte apontou para cada título. — Crimes reais. Forenses. E... Oh!

— Fotografias Perfeitas de Kingfisher Falls.

Capítulo 37



— NÓS PRECISAMOS encontrar uma cópia. Não há ninguém que você conheça, que nos emprestaria a sua particular?

Rosie digitou no teclado. — Existem alguns que eu poderia tentar, mas a maioria dos compradores conseguem esses tipos de livros para enviar para seus amigos ou familiares distantes. Eu telefonarei para eles, mas não tenha muita esperança.

— Antes de ligar, o que aconteceu com Bryce? — Charlotte perguntou.

— Que homem gentil. Ele não estava preocupado com aquele pedaço de papel. Tirou algumas fotos dele, mas apenas sugeriu que eu confiasse mais em meus instintos. Veja bem, ele perguntou sobre Veronica e porque ela me ligou e relutei para responder. Olhando para trás, me pergunto se ela sabia que algo aconteceria a Octavia e queria que eu fosse vista por perto. Mas como ela poderia, exceto se estivesse envolvida?

Enquanto Rosie fazia ligações telefônicas, Charlotte foi buscar a escada portátil na cozinha. O espaço de tempo não seria suficiente para Veronica ter matado Octavia. O bule de chá estava frio devido a xícara de chá compartilhada por elas. Veronica tinha um álibi para a hora da morte. Quem? Jonas? Pena que Katrina e Bryce não compartilhavam a informação que Charlotte precisava.

Ela sorriu para si mesma enquanto subia para remover a fotografia da parede atrás do balcão. A polícia deveria informá-la sobre os detalhes das entrevistas deles. Entregar suas anotações. Ou ela poderia intrometer-se na investigação deles.

Tornaria meu trabalho mais fácil.

De volta ao chão, Charlotte dobrou a escada portátil e deixou a fotografia no balcão dos fundos.

— Bem, obrigada de qualquer maneira, querida. Estou tão contente que sua filha na Inglaterra gostou do livro — Rosie suspirou enquanto desligava. — Com essa são duas negativas até agora. Está levando a foto para Harpreet?

— Se estiver tudo bem para você? Antes que Glenys nos visite.

— Pegue o dinheiro que ela deixou. Se custar algo a mais, eu cobrirei.

Alguns minutos depois Charlotte abria a porta da loja de molduras. Harpreet emergiu de um cômodo dos fundos com um largo sorriso. — Charlotte! Gostaria de tomar chá?

— Oh, adoraria. Mas tenho que voltar para a loja logo.

— Tem alguma coisa para eu fazer?

Charlotte lhe mostrou a fotografia e explicou que Glenys queria uma cópia.

— Fácil. Pode ficar por alguns minutos enquanto eu copio?

— Assim tão rápido? Obrigada.

Harpreet removeu a fotografia da moldura e a inseriu na máquina. — Apenas uma cópia?

— Uma está bom. Você está muito atarefada?

— O usual para essa época do ano. Todos em férias, mas logo voltarão e estarei correndo sem parar quando eles quiserem impressões. — ela riu. — Todo ano é igual e mal posso esperar.

A máquina zumbiu e Harpreet trouxe a nova cópia para mostrar a Charlotte. — Eu vou pegar a original para que você possa ver.

Ambas pareciam iguais para Charlotte, mas a outra chateou-se. — A original está bem velha, e a cópia carece de um pouco da claridade — Harpreet olhou para a cópia com uma lente de aumento. — Dê uma olhada.

Ela passou a lente para Charlotte.

— Meu Deus! Nunca pensei em usar uma dessas — ela deu uma olhada aproximada em Fred Lane pela primeira vez. A raiva em seu rosto era mais que óbvia, seus olhos bravos e pescoço vermelho. Ele não estava tão bem-vestido quanto o marido de Octavia em seu smoking, estava com um paletó esporte surrado e uma gravata-borboleta vermelha com bolinhas brancas que combinava com o longo vestido vermelho de Glenys, mas fora isso não combinava com um evento de gala.

Charlotte voltou sua atenção para Henry ao fundo. De camisa branca, calças pretas e um longo avental, era uma versão jovem do homem que correu dentro da livraria há alguns dias. Mas ele olhava para Fred com algo parecido a medo em seu rosto. Ou ódio.

— Ficou bom? Posso refazer.

— Não precisa. Essa servirá, obrigada. Amei a lente de aumento e posso comprar uma para olhar algumas imagens que eu tenho em casa — Charlotte disse.

— Leve essa aí. Eu tenho outras.

— Tem certeza? Eu a devolverei amanhã.

— Sem pressa. Quando nós tomarmos aquele chá, ok? — Harpreet recolocou na moldura a original. — Tenho ouvido rumores desagradáveis.

— Sobre?

— A pobre senhora Morris. E alguém em Kingfisher Falls sendo responsável. A Sra. Wheemor disse que Rosie fez isso e admito que ri dela. Ela não gostou muito.

— Rosie não fez. Mas quem é senhora Wheemor?

Harpreet deu a ela um olhar chocado. — Você não sabe. Saltos altos e batom laranja brilhante?

— Veronica?

— Veronica Wheemor. Veronica contou-me que descende dos Somerset Wheemors, ou algo assim. E não se esqueça do “H” — os lábios dela estremeceram. Lançou um olhar furtivo para Charlotte e ambas caíram na gargalhada.

Por mais que Charlotte tenha achado graça, sua caminhada de volta para a livraria foi consumida com imagens de Fred e Henry. Tanta tensão em uma fotografia. Pobre Glenys, parecia desconfortável e angustiada. Henry estaria ciente dos problemas do casal? Vendo Fred sendo grosso, ou pior, com Glenys?

Ela parou no meio do caminho.

Henry matou Fred?

Comportamento ansioso ou não, uma pessoa podia ser impelida o suficiente para realizar o impensável. Era possível que ele estivesse nas cachoeiras quando Fred caiu? Precisava olhar as fotos do homem na trilha aquele dia. Ele estava confiante em seu caminhar. Mais provavelmente seria um local, alguém acostumado com o terreno.

Mas por que enviar pistas para mim?

Ela continuou andando. Alguns tipos de personalidade precisavam ser notados. Fazer algo terrível, depois chamar atenção para si. Teria que encontrar seu livro de referência, para refrescar sua memória. Estava em algum lugar em seu apartamento, então isso teria que esperar.

Rosie estava desligando o telefone enquanto Charlotte corria para dentro. — Querida, sem sorte ainda, mas encontrei algo interessante.

— Eu também. Você primeiro.

— Não percebi até que estava passando pela lista de compradores, mas um deles era Octavia.

— Ela comprou o livro de Fred? Quando?

— Há muitos anos. Não posso ser exata porque só instalamos o sistema de computador há quatro ou cinco anos e transferi o máximo de registros em papel que pude. Nunca pensei em incluir datas de compra, então pode ter sido logo após o lançamento.

— Importa-se se eu olhar as fotos do meu telefone? As que tirei dela... Você sabe.

— Morta? Não precisa se constranger comigo, Charlie. Vá em frente e conte-me o que você queria falar.

Charlotte colocou a foto emoldurada no balcão traseiro e entregou a cópia para Rosie.

— Pegarei a escada portátil em um minuto. Harpreet me emprestou isso — ela removeu a lente de aumento de um bolso. — Dê uma olhada na expressão de Henry e diga-me o que acha.

Enquanto Rosie se debruçava sobre a fotografia, Charlotte procurava na galeria em seu telefone as imagens da casa de Octavia. Ela passou direto sobre as do corpo. Cozinha, não. Vista da janela com o sofá e alguma arte de aparência cara no cavalete. Não.

— Ahá!

— O quê? — os olhos de Rosie dispararam para cima.

— Tirei uma foto da estante de livros de Octavia e olha o que está aqui!

— Charlotte ampliou a figura para mostrar um desfocado, mas reconhecível livro.

— O livro de Fred. E exposto na estante.

— Nunca notei o subtítulo “A perfeita visão de um homem”. Deve ter magoado Glenys a editora acrescentar isso, já que ela contribuiu — Charlotte disse.

— Eles usaram uma editora de vaidade.

— Uma o quê?

— Pagaram para ser publicado. Fred providenciou as imagens e texto e a suposta editora as transformou em um livro, imprimiu cem ou mais cópias - a maioria que Glenys teve que comprar porque Fred tinha morrido -, depois fez pouco mais que vender algumas para suas livrarias parceiras. Eu comprei um bocado porque nos pediam o tempo todo por livros locais — Rosie devolveu a cópia. — Nunca vi Henry tão angustiado quanto aqui. Pergunto-me se ele ouviu Fred dizendo a Glenys para ficar fora da foto. Ele gosta muito dela e até a ajudou a mudar para sua propriedade, quando ela vendeu o pub.

— Quem é o dono agora? Do pub.

— Nunca te contei? Pensei que soubesse. Kevin Murdoch.

— Oh. Não fazia ideia, Rosie. E Kevin era o ficante de Octavia.

— Acha que Kevin mataria Octavia? — As sobrancelhas de Rosie pularam.

— Eu não sei mais o que pensar.

Deveria te contar minha última teoria?

“Chega de investigações, doutora”. A advertência anterior de Bryce retornou. Ele poderia colocá-la na casa de Octavia para pegar o livro. Ou ir pessoalmente. Charlotte devia ter o número dele em algum lugar.

— Vou avisar Glenys que a cópia está pronta. Ainda está disposta a me ajudar depois do trabalho? — Rosie perguntou.

— Muitíssimo disposta. Será bom fazer algo desconectado a tudo isso. Octavia, Henry, Veronica Wheemor...

— Oh, esse é o sobrenome dela! Sabia que ele era meio... Bem, estranho.

— Veronica descende dos Somerset Wheemors.

— Uma família bem conhecida, sem dúvida — Rosie entregou a lente de aumento para Charlotte. — E concordo. De agora em diante deixaremos

o trabalho policial para os detetives e esta noite podemos pedir pizza e comer enquanto organizamos. Pelo menos eu sei que não há mistérios escondidos entre os arquivos de Graeme.

Capítulo 38



— TEM UMA teoria sobre quem teria arrombado? E o que foi levado? — Charlotte espalhou arquivos por data pela mesa de jantar, enquanto Rosie organizava seus conteúdos um de cada vez. Ao seu lado havia uma grande caixa onde Rosie colocava qualquer coisa que achasse não adequada para arquivar novamente. Até então, tratava-se de cópias de jornais, velhas cartas de trabalho e livros sobre jornalismo.

Nada estava sendo descartado, por enquanto, mas a recomendação de Charlotte em separar o que era verdadeiramente importante do resto das coisas, tornou o trabalho mais fácil. Assim que Rosie tivesse tudo o que queria, a atenção delas poderia se voltar - em outro dia - para aquela caixa.

— Estou sem entender, querida. Até agora, não há nada que eu tenha notado que esteja faltando. Obviamente, não lembro tudo o que Graeme mantinha, mas nada parece faltar.

— Nós continuaremos procurando. Não consigo acreditar em alguns destes incríveis tesouros. Deveria pedir a Harpreet para emoldurar algumas das fotografias e artigos.

Rosie sorriu. — Graeme era tão talentoso. E tão corajoso e gentil. Mesmo mais tarde em nossa vida, quando sua saúde não era o que costumava ser, ele estaria lá para qualquer um que precisasse dele — ela segurou um artigo de um jornal. — Esse é o artigo que escreveu em tributo à Fred Lane. Bem, talvez não tributo, considerando que Graeme não gostava muito do homem, mas como uma visão geral das encantadoras fotos que Fred tirou durante os anos. O habitat é importante, e Fred havia destacado a necessidade de proteger a área em volta das cachoeiras para encorajar o martim-pescador a repovoar.

Charlotte deu uma olhada no artigo, mais interessada nas duas fotografias. Uma era de Fred no mirante em uma pose casual, olhando para as cachoeiras. Duas câmeras estavam penduras em seu pescoço.

— Graeme tirou essa, algumas semanas antes do acidente e lembro dele dizendo quão difícil foi para tirar a foto. Fred olhava carrancudo para a câmera, então Graeme pediu que desviasse o olhar.

— Ele gostava de gravatas borboleta.

— Não acredito que já o tenha visto sem uma. Glenys brincava que sempre sabia o que dar a ele no Natal.

A segunda foto era familiar. Uma imagem da lagoa e do rio abaixo das cachoeiras, tirada do alto delas. Charlotte havia tirado algumas dessas ela própria, mas essa era de uma câmera profissional, com claridade apenas estragada pelo envelhecimento do papel em que foi impressa.

A legenda abaixo dizia, *Fotografias Perfeitas Kingfisher Falls com Fred Lane como detentor dos direitos autorais*.

— Quanto tempo depois de Fred morrer esse artigo foi publicado?

— Oh, deixe-me ver — Rosie jogou alguns papéis dentro da caixa. — Pelo menos três meses. Poderia ser até mais, porque o livro foi lançado na mesma semana em que o jornal saiu, que é a razão para Graeme ter incluído a fotografia dele.

Charlotte pegou a lente de aumento em sua bolsa e examinou a fotografia.

— Querida, o que está fazendo?

— Não faço ideia, mas gostaria de ter o livro para olhar! Preto e branco em jornal velho é difícil. Mas aqui, há algo na água? — Charlotte passou tudo para Rosie.

— Um pato nadando? Ou um pedaço de entulho? Todo o tipo de coisas terminam no rio, então poderia ser qualquer coisa. E acabo de ter uma ideia

de onde poderíamos emprestar o livro.



Charlotte olhou através do crepúsculo para a entrada da propriedade de Glenys. Ao contrário da grande placa que levava à Fazenda da Árvore de Natal, esta entrada era quase impossível de se ver. Nem sequer uma caixa de correio, apenas um espaço estreito entre arbustos descuidados. A trilha da garagem serpenteava pela mata nativa antes de se abrir para um jardim esparso ao redor de uma pequena casa.

Havia uma garagem aberta vazia de um lado, nenhuma luz acesa na casa e nenhum sinal de movimento. Ela virou o carro e estacionou onde esperava que não atrapalhasse, caso Glenys chegasse antes de ela partir.

Rosie havia ligado para Glenys tanto em seu telefone fixo quando em seu celular, mas não obteve sucesso, e nenhum número tinha correio de voz. — Tenho certeza de que Glenys não deve estar longe de casa e não ligaria de você aparecesse. Se ela ainda tiver todos esses livros, com certeza nos emprestará um por essa noite.

— Correto. Parece promissor — Charlotte resmungou enquanto descia do carro, celular à mão por sua lanterna. Eucaliptos cercavam a casa como um pano de fundo dos pinheiros da fazenda de Darcy. Talvez durante o dia fosse bonita, mas Charlotte teve uma sensação de isolamento e tristeza nesse lugar. Estremeceu, apesar da umidade crescente. Outra tempestade a caminho.

Ela bateu à porta da frente, não esperando uma resposta, e realmente não recebeu nenhuma. Decidindo esperar por alguns minutos caso Glenys retornasse, perambulou pelo perímetro da casa. Todas as cortinas estavam abaixadas. Na parte de trás, ela apontou sua lanterna ao redor. Um varal. Nada mais.

O nariz de Charlotte torceu. Fumaça. ela seguiu o cheiro até uma fogueira perto de uma fileira de árvores. Não conseguia pensar em uma palavra para descrever o buraco toscamente cavado forrado com tijolos velhos.

Não havia fogo aceso, mas os restos de papéis queimados e caixas quase enchiam o espaço. E livros. Ela inclinou-se e deu um grito baixo. A maioria já estava perdida, mas de um lado, uma chamuscada, mas identificável, cópia do livro de Fred. O resto dos livros eram do mesmo formato e tamanho, ou o que sobrou deles. *Glenys os comprou e os queimou!*

Arrancando o livro do buraco, sacudiu o carvão dele. Os cantos das páginas estavam pretos, mas fora isso, a cópia estava intacta. E se Glenys estava destruindo-os - como um tipo de purificação de seu luto - então não sentiria falta desse.

Uma abrupta mudança do crepúsculo para noite aumentou o isolamento da casa. Charlotte endireitou-se. Ela não estava disposta a esperar por Glenys.

Ela correu para o carro e deslizou atrás do volante, trancando as portas com um pequeno riso pela besteira que cometeu. O frio na espinha aumentava a cada segundo que ficava ali, e ela suspirou com alívio enquanto seu carro ligava e os faróis acendiam. Saindo da trilha da garagem, suas mãos apertavam o volante. E se houvesse algo se escondendo na vegetação rasteira?

— Como o que, Charlie? Controle-se.

De volta à estrada de terra, ela aumentou a velocidade, mas observou cada movimento nas laterais, caso os cangurus estivessem por ali. Na saída da estrada para a cidade, outro carro dobrou a esquina e ela teve que pisar no freio para evitar uma colisão. O outro veículo continuou seu caminho.

Com o coração disparado, ela olhou por cima do ombro para as luzes traseiras que se afastavam. Era o carro de Glenys.



De volta à casa de Rosie, trancou o livro em seu carro e correu para dentro. Tudo o que queria era ir para casa e investigar cada centímetro do livro chamuscado, com a lente de aumento e sem Rosie por perto.

— Encontrou com Glenys? — Rosie a recebeu na porta da frente. — Entre. A pizza chegou há alguns minutos.

Pizza. Droga. Havia se esquecido da comida.

— Coloquei no forno quente, então devo tirá-la agora?

— Eu ajudo — Charlotte trancou a porta da frente e seguiu a amiga. — Vi a Glenys, mas só depois dela quase bater na frente do meu carro ao fazer uma curva!

— Oh, querida. Glenys nunca foi uma motorista brilhante, mas receio que a idade está tornando-a descuidada. O que ela disse?

— Era perto da saída e já tinha estado na casa dela, então não ia voltar. Já estive lá?

Rosie puxou uma caixa de pizza do forno, vapor embaçando seus óculos. — Hum...

— Espere — Charlotte tirou a caixa e fechou a porta do forno. — Perigos de usar óculos.

— Isso é irritante — Rosie tirou seus óculos e os enxugou. — Eu visitei. É um pouco fora do caminho, não é?

— Um pouco assustadora a noite, sem luzes e todas aquelas árvores enormes me vigiando.

— Como Lachie diria, árvores não vigiam pessoas.

Sim, ele diria.

Charlotte sorriu. — Pergunto-me como Abbie está. E todos eles.

— Tenho certeza de que ouviremos notícias logo. Coloquei os pratos na mesa de fora.

A pizza estava deliciosa e preencheu uma necessidade de que Charlotte havia ignorado o dia todo. Os gatos rondavam como se estivessem esperando por um pedaço, que Rosie serviu com pequenos pedaços de carne.

— Glenys telefonou mais cedo — Rosie anunciou.

— Mais cedo, quando?

— Você havia saído há um tempo quando ela disse que viu uma chamada perdida em seu celular. Estava rezando no mirante e não o ouviu tocar.

— Perguntou a ela sobre o livro?

— Perguntei. E mal comecei a falar ela gritou comigo — Não! Eles são meus! — Então, expliquei que você tinha ido à casa dela e ela desligou na minha cara.

— Correndo para me dizer para ficar longe de seu buraco de fogo.

— Correto. Bem vai dirigir então não pode beber, mas eu não, então eu vou. Há suco na geladeira — Rosie desapareceu dentro de casa. — Então me conte tudo.

Capítulo 39



— VAMOS VER quais são seus segredos — Charlotte levou o livro para a varanda, acendendo a luz sobre a cabeça e bebendo vinho de uma taça que havia enchido.

Era tarde. Ela havia informado Rosie sobre sua estranha descoberta e elas haviam especulado sobre o estado mental de Glenys. Apesar de não estar exercendo a psiquiatria, ela queria ajudar a mulher a lidar com seu luto. Rosie ligaria para Glenys no dia seguinte e veria se elas poderiam se encontrar para um café. Nesse caso, Charlotte ofereceria algumas técnicas de enfrentamento, como amiga. Assumindo que a outra estaria disposta a ouvir.

Antes de abrir o livro, Charlotte entrou novamente para plugar seu celular e o deixou carregando no balcão. Lente de aumento em mãos, sentou-se e virou a primeira página.

Dias atrás, logo depois dela começar a trabalhar com Rosie, Glenys havia entrado na livraria e lhe mostrado as fotografias com que contribuiu para o livro. Seu orgulho no punhado de fotos que havia tirado era imenso, mas na ocasião, Charlotte não sabia nada sobre o casamento difícil ou o quanto detestável seu marido era.

As primeiras páginas eram as usuais em livros. Como informação de direitos autorais. Todas as imagens foram atribuídas a Fred, exceto em seis páginas nomeadas. Elas eram de Glenys.

Uma dedicatória de Fred.

“Para minha amada mãe e pai por acreditarem em mim.”

Que tapa na cara de sua esposa. O coração de Charlotte compadeceu-se por ela. Sempre nas sombras.

Outra página listava as fotos de flora e fauna no livro. O martim-pescador recebeu um parágrafo inteiro, com o comentário de que apenas Fred fotografara um.

— Há. Eu já o vi uma vez e o fotografei.

Ela bebeu um pouco de vinho. O dia fora exaustivo. Todo o estresse da ligação telefônica anterior, a raiva de Trev e a visita dos detetives, a casa envolvida em árvores. Estremecendo, virou mais páginas.

Havia uma interessante foto de página inteira das cachoeiras, tirada da grama ao lado da lagoa. Que bela foto. A água estava cristalina e o céu um azul perfeito. Qualquer um que a visse, desejaria visitá-la. Ela conhecia bem a maciez da grama e o som da água caindo.

A taça esvaziou, então ela entrou para a encher, checando seu celular enquanto passava. Havia mensagens lá. Duas de Trev. Uma de Katrina. E uma de Bryce. Então, agora ela tinha seu número. Mas intrigada pelo livro, Charlotte não abriu nenhuma, deixando o telefone continuar carregando.

Página após página mantinha seu interesse e então, indo para o final, a bela fotografia do jornal, mas em papel brilhante colorido e lustroso. Estava atribuída à Fred e datada.

Folheou a página anterior onde uma das fotos de Glenys também estava atribuída e datada. Mesma data. Ela deve ter entendido mal quando Rosie disse no outro dia, que eles não teriam tirado fotos no mesmo dia, já que não conseguiam trabalhar juntos. Ou isso, ou alguém havia confundido as datas.

Erguendo a lente de aumento acompanhou o rio desde o fundo das cachoeiras até desaparecer em uma curva lenta. A minúscula praia estava de um lado, a mesma que ela quis visitar de barco. Salgueiros pairavam sobre a parte mais distante do rio, quase se encontrando no estreito canal de água.

Em algum lugar, ela havia visto uma discrepância na imagem do jornal, mas agora não se lembrava.

Exceto... Perto da praia, levado pela correnteza, havia algo vermelho. Algo pequeno e difícil de identificar na sombra das árvores. Sua ideia anterior de ser um pato foi descartada. Nem era um galho ou alguma coisa natural.

Ela levou o livro para dentro, debaixo da luz mais brilhante, sobre o balcão. Desconectou o celular da tomada e tirou uma foto aproximada da imagem, e enviaria para seu laptop.

Enquanto esperava o laptop inicializar, começou a ler as mensagens. A de Trev era curta.

Em segurança em casa. Fique fora de encrenca.

E uma hora e meia atrás.

Sempre aqui se você precisar conversar.

Trev queria conversar? No momento em que tomaram o café naquela manhã, a tensão anterior havia desaparecido. Ela ainda tinha muito para digerir. Pensamentos para desembaraçar e emoções para explorar. Checou a mensagem de Katrina.

Henry estará sob custódia esta noite. Gostaria de discutir algumas informações que ele divulgou amanhã às dez, se possível.

Que informações? Se os detetives estavam mantendo Henry atrás das grades, era possível que o considerassem um suspeito de assassinato? Charlotte respondeu o texto com uma rápida concordância sobre o horário. Depois foi para Bryce.

Por favor, fotografe e envie a imagem da senhora Sibbritt na vereda próxima ao centro de jardinagem. Quanto antes.

— Sério?

Charlotte alfinetou-a novamente no quadro de cortiça, então tirou a foto do quadro. Enviando-a para Bryce, ela acrescentou, *Por quê?*

Um momento depois seu telefone apitou. Era Bryce.

Pare de investigar. Boa noite.

Ela sorriu e encaminhou essa imagem também para seu laptop. Poderia muito bem dar uma olhada mais de perto, embora o que mostraria além de Rosie voltando ao trabalho, estava além dela. Um trovão explodiu no alto e ela deu um pulo, quase deixando cair o celular. Fechando a porta da varanda, viu sua taça de vinho na mesa, recuperando-a antes que um vento repentino a derrubasse no chão.

— Sem dirigir. Podia muito bem enchê-la novamente. — Charlotte conversou com a taça em vez de prestar atenção à tempestade. Taça cheia, ela puxou um banco no balcão e carregou ambas as imagens enquanto chovia forte.

Ela deu zoom no objeto vermelho na água. Perto demais perdia o foco. Mais afastado estava difícil de identificar. Talvez se ela usasse a lente de aumento e um zoom moderado... Muito melhor.

Era um laço.

Rosie estava certa. Destroços. Uma fita de um presente veio do rio acima. Nada demais.

Vermelha. Com pontos brancos.

Charlotte pegou as chaves da livraria e de casa e vestiu seu sobretudo. Depois, correu para baixo. Relâmpagos a ajudaram a encontrar a fechadura na entrada dos fundos da livraria e ela voou para dentro, puxando e fechando a porta. Um som de bipe a confundiu quando alcançou a escada portátil. O alarme.

Ela digitou a sequência correta no teclado numérico um segundo antes dele disparar. O telefone dela e o de Rosie estavam configurados para

receber uma ligação caso o alarme soasse e a amiga não precisava ser acordada.

Da parede atrás do balcão, ela removeu uma fotografia. A deslizou debaixo de seu casaco, guardou a escada portátil, e reativou o alarme. A subida das escadas a deixou encharcada enquanto chuva a atingia de lado.

A foto estava seca pelo menos. Ela a deixou ao lado do laptop e pendurou seu casaco para secar, depois encontrou uma toalha para si mesma. Havia uma chamada perdida em seu celular. Um número que Charlotte não reconhecia, mas não anônimo. Ela olhou a hora. Quase meia-noite. Resolveu retornar à ligação.



A tempestade passou, mas a chuva continuou, mais fraca que quando ela estava lá fora, mas barulhenta no teto do quarto. Charlotte puxou o lençol perto de seu queixo, olhando para o céu escuro enquanto esticava as pernas cansadas até o fim da cama.

Um laço vermelho com pontos brancos.

Como o que Fred usava na foto que ela havia trazido de volta da livraria.

“Glenys sempre soube o que comprar a Fred no Natal. Fred amava suas gravatas borboletas.”

Mas era o tecido de um laço descartado de um presente, ou a gravata borboleta de Fred, depois de ele ter caído para sua morte, naquela foto?

— Não era possível.

As datas estavam erradas. Charlotte havia checado seu obituário. E como ele poderia ter tirado a foto se estava morto?

Ela cobriu sua cabeça com o lençol e forçou seus olhos a fecharem. Em algumas horas estaria encontrando Sid no mirante e precisaria estar

preparada. Ele havia admitido ter feito as ligações anônimas quando ela havia ligado de volta.

— Por quê? — Charlotte perguntou ecoando a frase favorita de Bryce.

— Eu te contarei. Mas não por telefone. Nós precisamos nos encontrar.

— Ótimo, estarei na delegacia de polícia às...

— Charlotte. Por favor.

Mas que diabos?

— Por favor, dê-me uma chance de explicar — a voz de Sid implorou.

— Existem coisas que eu sei. Sobre o Conselho. Jonas e Terrance e mesmo sobre Veronica. Mas preciso que me ajude a sair dessa encrenca primeiro.

— Não estou entendendo.

— Há uma conspiração para me forçar a aposentar. Estou disposto a compartilhar o que eu sei se me ajudar. Diga a eles que me ajudará a me recuperar.

Ela rolou os olhos. — Onde e quando?

— Mirante. Se concorda. Apenas quero me encontrar secretamente.

— Se não notou, está chovendo muito lá fora.

— Sim. Bem, se sim, então no estacionamento. Em seu carro, se preferir.

As intenções dele desde seu primeiro encontro foram claras. Mandá-la embora. Manter a vida confortável que havia feito. Mas se ele tinha problemas que precisava consertar e se havia uma chance de conseguir alguma informação do lado mais escuro de Kingfisher Falls, essa poderia ser a única chance dela.

Capítulo 40



A CHUVA ERA pouco mais que uma garoa quando Charlotte partiu, não muito depois que a luz do dia abriu caminho por entre as nuvens baixas. O encontro com Sid seria dali a cerca de uma hora, mas primeiro ela planejava subir até o topo da cachoeira.

Sob os pés, o chão estava ensopado e escorregadio. Seus tênis foram arruinados em minutos quando a lama molhada acumulou nas laterais e encharcou até as meias. Apesar do ar não estar frio, ela pegou na saída o sobretudo para oferecer alguma proteção contra o tempo.

Buracos cheios de água e galhos caídos reduziram seu progresso, mas como sempre, alcançar o topo do penhasco fez a subida valer a pena. Ela descansou as mãos nos joelhos, ofegando até seu ritmo cardíaco estar de volta ao normal. Abaixo, uma névoa fina cobria o rio como uma camada de algodão enrolado até a primeira linha de árvores ao longo das margens.

A lagoa transbordava pela grama enquanto a parte superior do rio despejava água mais rápido do que ela já tinha visto. O dia em que Fred morreu foi depois de uma noite de chuva. Assim como seu obituário, Charlotte havia checado o tempo. O conhecimento comum era que ele havia caído do mirante em um rio mais cheio do que o normal. E talvez tenha. Ou, havia caído do lugar onde Charlotte estava?

Ela andou cuidadosamente tão perto quanto ousava da beira. A descida era íngreme. Adiante, de cada lado do rio, rochas e árvores podiam apanhar alguém que caísse, mas a partir deste ponto, a água levaria o corpo direto para a lagoa.

Um calafrio subiu sua espinha. Esse pode ter sido o último lugar em que Fred esteve. Entretanto, por que ele cairia? Os relatórios que ela havia lido e

as conversas com Rosie, revelaram pouco. A conclusão oficial foi de uma morte acidental. Uma avaliação incorreta de quão perto ele estava da beira ou uma perda de equilíbrio.

Ou você foi empurrado?

Henry havia odiado Fred tanto que o seguiu aqui em cima e esperou pelo momento perfeito? Ela estava convencida de que era Henry que ela havia fotografado na trilha, vindo em sua direção, então ele conhecia o terreno.

Algo atraía Henry para ela e a atração tanto a repelia quanto à assustava. Já havia tido o suficiente de ex-pacientes obsessivos e pais grudentos por uma vida.

A fraca luz do sol cortou as nuvens e a garoa parou enquanto Charlotte tirava mais fotos com seu celular. Ela concentrou-se no rio onde sumia de vista, perto da praia, onde o laço aparecia no livro. Enquanto a névoa se dissipava, ela dirigia-se ao mirante. Ao mesmo tempo em que andava, seguia seus movimentos com sua câmera, capturando algumas belas imagens das copas das árvores espreitando através da nuvem branca rodopiante.

Pequenas pedras caíram no ar sob o mirante e ela abaixou o telefone.

Uma pessoa ajoelhada, inclinada na grade, braços estendidos.

Glenys! Não, não faça isso!

Charlotte correu para as escadas.



Glenys pretendia machucar a si mesma?

Os recentes eventos envolvendo a morte de Octavia a afetaram. Suas ações resultaram em uma dor profunda. Comprando todos os livros de Fred. Querendo sua foto da livraria. Falando em deixar a cidade.

“Vai para lá frequentemente orar por Fred.”

Rosie havia dito isso. Glenys era uma mulher religiosa.

Charlotte. lembrava-se de vê-la jogando flores, uma a uma, sobre a beirada para o marido, no aniversário de sua morte.

Mas Glenys não... Iria. Ela não o seguiria.

Charlotte agarrou um galho próximo enquanto um degrau cedeu sob seus pés. Firmando-se, tomou mais cuidado com suas pisadas.

Eu preciso ajudá-la.

No dia seguinte ao que Octavia morreu, Charlotte encontrou Glenys no mirante, seus braços estendidos. A mulher insistiu que não ia pular, ofendendo-se pela preocupação dela. Por que agora?

O livro.

“Eu expliquei que você foi à casa dela e ela desligou na minha cara.”

Rosie ficou surpresa pela reação de Glenys na noite passada.

Ela seria uma pessoa tão reservada - ou tão dominada pelo luto - que a ideia de uma pessoa não convidada em sua casa poderia fazê-la desesperar-se?

Grande uso de palavras, Charlie. Não.

Teria ela percebido que um de seus livros estava faltando? Se ela havia reconhecido o carro de Charlotte, poderia ter ido olhar no buraco de fogo e contado o que restava dos livros? E isso seria suficiente para enviá-la, angustiada, para o lugar que acreditava que seu marido morreu?

Em um momento ou dois, Charlotte alcançaria o mirante. Glenys ainda estaria lá? Se ela tivesse caído...

— Glenys! Glenys, eu estou quase aí. É Charlotte. Por favor, espere por mim! — foi necessária a maior parte de seu fôlego restante para chamar. Seus pulmões doíam por correr, mas ela tinha que alcançá-la.

Uma virada final e o mirante estaria na frente dela.

Vazio.



Não, não, não!

Charlotte voou para a barreira onde havia visto Glenys. Em um semicírculo ao redor da borda do mirante, grades horizontais presas a montantes de aço. Ela teria conseguido espremer-se pelas grades para pular? Estava de joelhos. Por que uma mulher idosa ajoelharia...?

Estava orando por Fred? Ou mesmo por Octavia?

Ela tinha entendido tudo errado? Não havia tentativa de pular? Era nada mais do que uma visita matinal em um lugar importante para ela?

Charlotte tinha que se certificar mesmo assim. O medo de ver o corpo da mulher no fundo do penhasco revirou seu estômago. Prendendo a respiração, segurou a grade mais alta e inclinou-se por cima o suficiente para ver o rio abaixo.

Através da névoa que se dispersava, a lagoa forçava a água para dentro do rio, fluindo rapidamente e carregando pequenos galhos. Pouco a pouco Charlotte soltou o ar de seus pulmões. Nenhum sinal de Glenys. Não era uma queda abrupta do mirante até a água, com pedras e arbustos aparecendo aqui e ali. Nada para sustentar seu medo de que a outra mulher tivesse caído.

Suas pernas tremiam pela corrida e pela adrenalina e ela deitou-se no chão do mirante. Nos minutos desde que deixou o topo das cachoeiras, Glenys terminou suas orações e saiu.

Isso era tudo. Acalme-se.

Charlotte fechou seus olhos por um momento, visualizando o que havia visto. Glenys de joelhos, os braços atravessados na grade como se tentasse pegar alguma coisa. Assim como estava no dia depois da morte de Octavia. Braços sobre as grades.

— A foto! — os olhos dela se abriram. A fotografia de Henry tinha uma seta desenhada. Apontando sobre a grade.

De pé novamente, ela inclinou ainda mais sobre a grade mais alta e examinou o penhasco. Não muito embaixo havia algum tipo de peitoril. Não largo o suficiente para ficar de pé, nem estável o suficiente, mas um pequeno estranho arbusto crescia em um ângulo abaixo disso. Entre o arbusto e a face da rocha, um pedaço longo, estreito e polido de madeira estava firmemente preso. Estava perto o suficiente para alcançar, se ela se deitasse de bruços.

Charlotte encolheu os ombros para fora de seu casaco e pendurou-o sobre a grade mais distante depois de deixar cair sua bolsa no chão. Com um pouco de sorte, recuperaria a madeira e ficaria de pé em um segundo. E se aquilo não fosse nada mais que o lixo indesejado de alguém, o abandonaria.

No chão, de bruços, remexeu-se debaixo da grade. Com uma mão ao redor da base da coluna para apoio, abaixou-se. Seus dedos estendidos, quase tocaram a madeira. Com a maioria do seu torso ainda no concreto, ela podia ir um pouco mais para frente. Outra remexida.

Dessa vez, seus dedos tocaram na madeira. Com um sobressalto doentio, reconheceu o objeto. Uma bengala. Não era simplesmente a de qualquer um. Charlotte havia visto Glenys usá-la com frequência.

Mas não desde que Octavia morreu.

Onde estava Glenys? Charlotte mudou seu peso para voltar por debaixo da grade.

— Não, você não vai.

Desequilibrada, Charlotte torceu o pescoço para ver o rosto enfurecido de Glenys, duas mãos batendo nas suas costas com força suficiente para empurrar seu corpo até o limite.

— Sua pequena intrometida. Morra! Assim como os outros. Morra!

Outro golpe forte nas costas e agora suas pernas foram empurradas para baixo da grade do lado errado e ela estava caindo.

Capítulo 41



BANG.

Bang.

Silêncio.

Um longo e alto gemido. Glenys. — Você obrigou-me a fazer isso. As pessoas sempre me obrigam a fazer isso — O gemido diminuiu até parar.

Apenas as batidas do coração de Charlotte.

Seus pés bateram na saliência e, embora a bengala e o arbusto tenham permanecido, o resto se desfez.

— Ajude-me! Socorro!

Desejou que seus dedos a segurassem, mas eles doíam. Os ombros gritavam por aguentar seu peso.

Pense.

Charlotte olhou para cima, as mãos ao redor do poste de metal. Era parafusado no concreto e não estava prestes a se soltar. Poderia se erguer o suficiente para colocar um braço em volta do poste? Respirou fundo e tensionou os músculos dos antebraços. Para cima. Seu olhar escolheu um ponto acima de suas mãos. Era onde tinha que estar. Em cima.

Fogo em seus braços.

Um. Grande. Impulso para cima...

Coração batendo. Tudo o que podia ouvir. Ou era a cachoeira ao fundo?

Seus olhos nivelaram-se com o chão do mirante. Sua bolsa estava lá, seu conteúdo espalhado.

A chuva recomeçou.

Com os dedos escorregando novamente, forçou seus músculos a trabalharem mais do que nunca. Um cotovelo estava sobre a borda, depois o

outro. Descansou sobre eles por um longo momento. Se soltasse uma mão, cairia.

Ela inclinou todo o peso de seu corpo para frente e chutou o ar. Apenas o suficiente para colocar metade do seu corpo em segurança. *Não desista. Ainda não.*

Da cintura para cima estava em terra firme novamente.

— Aaah! — arrastou uma perna, depois a outra até o topo. Forçando os dedos para o fundo do poste, deitou-se de lado.

— Bem, o que temos aqui?

Não. Não. Você não.

Charlotte soltou o poste com um grunhido e rolou sob a grade, de volta para a relativa segurança do mirante. Suas pernas não a deixariam levantar. De quatro, rastejou para longe da borda através da lama.

— Parece que se colocou do lado errado da grade, mocinha — Sid estava de braços cruzados na entrada do caminho. Em segurança. — Não pude acreditar em meus ouvidos quando eu ouvi um grito de socorro.

— Fique... Longe — Charlotte piscou com a chuva em seus olhos, examinando o chão em busca de um graveto. Ou algo. Qualquer arma.

— Não quer fazer isso — Sid zombou enquanto descruzava os braços e colocava uma mão no cinturão de polícia. No coldre de sua arma. — Hora de terminar o que começamos.

“Chega de investigações.”

Bryce a avisou que isso não levaria a nada bom.

Ele podia estar certo, mas agora era a voz de Trev ecoando em sua cabeça. Ele a amava, mesmo que suas palavras ainda estivessem para ser ditas. E ela o desapontou. “Não tenho certeza se quero passar a vida me perguntando se você está escondendo coisas. Perguntando-me se estou prestes a perdê-la”.

— Foi Glenys — sua voz soou fraca. Abatida pelas pancadas em suas costas e a queda abrupta. — Glenys matou Fred.

— E? — Sid deu de ombros. — É óbvio, mas não há provas.

— E Octavia.

— Não acredito em você. Não há provas.

Há prova. Não estou lhe dizendo, no entanto.

— Sabe que Glenys acabou de tentar me matar.

O sorriso pretensioso desapareceu e Sid estendeu uma mão. — Não faço ideia de como uma velhinha faria isso. Depois resolverei com ela. Mas você e eu precisamos ter aquela conversa.

Charlotte deixou que ele a ajudasse a levantar-se. Soltando a mão dele tropeçou na murada e apoiou-se nela, querendo vomitar. Em vez disso, envolveu o sobretudo em si mesma. Tudo doía. — Continue. Disse que sabia coisas sobre Jonas, Terrance e Veronica.

Ele juntou-se a ela na grade, olhando para o rio abaixo. — Uma grande queda.

Se havia uma ameaça ali, ela já não ligava. — O que sabe?

— O mais importante, mocinha, é o que você sabe? Estou sendo investigado e acho que tem um dedo seu nisso.

— Não tenho nada com isso. Rosie muito menos. Mas nós teríamos todo o direito de reclamar das merdas que nos fez passar, porém não reclamamos. Por que alvejar a livraria com as críticas negativas no Facebook? E telefonar anonimamente, advertindo-me que revelaria meu passado para a cidade? Por que, Sid?

Pela primeira vez, ele não a corrigiu pelo uso de seu primeiro nome. Amigos agora?

— Nunca gostei de Trevor, mas ele não está por perto então você e Rose são as mais próximas.

— Para quê? Para atormentar? Prejudicar o negócio local? Deveria estar envergonhado — Charlotte colocou suas mãos na cintura e levantou-se ao máximo, ignorando a dor em suas costas. — Precisa arrumar as coisas.

— Sim, e como? Queimei muitas pontes e agora Marguerite está enlouquecendo comigo porque não continuará casada ao policial aqui.

A chuva aumentou até o cabelo dela estar colado ao seu couro cabeludo. — Fale-me sobre os outros e te darei algumas ideias — Charlotte abaixou seus braços para segurar a grade por apoio.

Sid a encarou por um longo momento com seus olhos redondos. — Preciso de mais do que isso.

— Então estou indo para casa.

Ele agarrou seu ombro. — Quer saber? Você tem que falar com Kevin. Kevin é quem está comandando tudo.

— Chefe de Polícia Sênior Browne, solte-a e afaste-se — Katrina emergiu do dilúvio com sua arma apontada. Bryce circundou pela direção oposta. — Faça isso agora, Browne.

Sid levantou suas mãos, seus olhos nunca deixando Charlotte. — Tenha cuidado.

— Charlotte, consegue afastar-se? O máximo que puder — Katrina manteve sua arma em Sid enquanto Bryce aproximava-se dele.

— Ele não ia me machucar — ela não tinha ideia de porque se incomodava de defendê-lo. Seu corpo não queria se mover, mas distanciou-se um pouco antes de cair no chão. Bryce algemou Sid e o disse para ficar parado, depois se agachou ao lado dela.

— Nós deveríamos ter vindo aqui mais cedo — Bryce tomou as mãos dela. — Está tremendo.

— Ouviu o que ele disse?

— Sim. O suficiente. Mas da próxima vez, siga o plano. Pronta? — de pé novamente, Bryce a apoiou enquanto se levantava, dor em cada movimento. — Kat, levarei o idiota, se puder ajudar nossa detetive aqui.

— Eu estou bem.

Bryce escoltou Sid para longe.

— Claro que está — a arma de Katrina foi colocada no coldre. — Trev vai ter umas palavras comigo. Deixando você sozinha mesmo que por um minuto com Sid, apenas para conseguir informações.

— Melhor que ele tenha mais palavras com você do que comigo.

Charlotte aceitou o braço de Katrina e elas seguiram Bryce, bem devagar.

— Precisa encontrar Glenys.

— Glenys Lane. Por quê?

— Nós temos que voltar ao mirante — Charlotte parou.

Ele deveria ter contado a eles o que aconteceu.

Por que meu cérebro está nebuloso?

— A bengala dela está lá. Do outro lado. Meu palpite é que é a arma do crime — tudo saiu com pressa. — Glenys tentou me matar. Empurrou-me do outro lado enquanto eu estava alcançando a bengala, é por isso que me machuquei tanto.

A mandíbula da detetive endureceu. — Então Henry estava dizendo a verdade. Venha, vamos levá-la para o carro.

— O que Henry disse?

— Conto depois. Precisa de um médico.

Charlotte balançou sua cabeça enquanto continuavam e passavam por Bryce e Sid, que estava reclamando por ser algemado. — Preciso de um banho. Estou coberta de lama se não notou.

— Bem, pelo menos eu dirigirei para levá-la para casa. Bryce pode cuidar de Sid. Só preciso de um minuto para colocar Bryce em contato com a perícia e o instituto de criminalística. Está com suas chaves do carro?

No banco do passageiro de seu próprio carro, Charlotte estava chocada. Glenys era a assassina o tempo todo. Ela havia ignorado cada sinal e quase morreu por seu erro. Mesmo combinando com Bryce e Katrina para aparecerem e ouvirem a sua conversa com Sid, não foi o suficiente para protegê-la de uma mulher com assassinato em mente.

Nunca vai aprender, Charlie?

Inclinando-se para trás, ela fechou os olhos.

Capítulo 42



OS DEGRAUS do apartamento eram demais para ela. Katrina deu uma olhada em seu esforço para subir o primeiro e a enfiou novamente no carro.

— Chaves de casa, por favor. O que você gostaria que eu pegasse para uma troca de roupas?

Katrina correu para cima com uma lista enquanto Charlotte ligava para Rosie para perguntar se a amiga podia lhe emprestar o chuveiro.

Alguns minutos depois, Katrina deu ré com o carro. — Pedirei a Bryce para me pegar.

— Obrigada. Lamento por colocá-la fora do seu caminho.

— Tenho que ganhar alguns pontos com Trev.

— Sid ia me contar mais. Ele disse que Kevin Murdoch está por trás de quaisquer acordos sujos que estão sendo feitos.

— E nós descobriremos qualquer conexão com a morte da senhora Morris, se existir. Enquanto isso, *fique fora disso*. Não tenho certeza do porquê eu disse isso, mas, se alguém perguntar, eu disse — Katrina riu. — Ligarei esta tarde para marcar seu depoimento.

— Eu deveria ter percebido — Charlotte resmungou, mais para si mesma que para Katrina. — Os sinais estavam todos lá.

— Bom. Então poderá nos esclarecer com um depoimento oficial. Aqui está Rosie, já esperando por você — Katrina estacionou — Gostaria que eu ligasse para Trev?

— Não! — aquilo pareceu abrupto e ela forçou um sorriso. — Desculpe. Falarei com ele depois, assim que estiver seca. — Charlotte abriu a porta e desceu enquanto Rosie vinha pela grama molhada.

— Oh, Charlie. O que diabos aconteceu?

Katrina saiu carregando a mala e trancando o carro ao sair.

— Aqui, detetive, eu fico com isso — Rosie colocou a mala em seu colo. — Por favor, entre.

Bryce estacionou atrás do carro de Charlotte.

— Minha carona já está aqui. Ligo para você depois, e Charlotte? Saiu-se muito bem hoje.

— Bem em quê? Charlotte Dean, precisa explicar tudo para mim — Rosie virou sua cadeira. — Agarre-se às alças e vamos entrar com calma.

— Obrigada. Consigo andar. Preciso de um banho, se não se importar.

— Banho. Café da manhã. E depois uma conversa.



— Glenys sempre foi perfeita — Rosie trouxe uma segunda xícara de café para Charlotte, que descansava no sofá, pés para cima, Mellow olhando-a do braço. — Era uma ginasta forte. Usar uma bengala era estranho, mas acreditei na história dela sobre machucar o joelho.

— Mas golpear Octavia foi premeditado? — ela tomou um gole do café, saboreando o gosto e o calor.

— E como alguém poderá provar? Exceto se existir alguma evidência forense na bengala.

— Há mais que apenas isso — Charlotte ajeitou seu corpo para sentar-se ereta. — A foto que Henry tirou de você, perto da casa de Octavia? — Charlotte pegou seu celular em uma mesa lateral e procurou a imagem em questão. — Olhe atrás de você. Dê zoom no carro passando.

Rosie usou seus dedos alargando a imagem. — Oh! Oh, acho que usarei uma palavra feia agora — Rosie usou, com força, e Charlotte riu, recebendo um olhar severo. — Explique por que ela está passando de carro por mim.

— Glenys havia acabado de matar Octavia. O horário da morte foi por volta da uma da tarde. Essa foto foi tirada à uma e vinte. Ela deve ter

estacionado em algum lugar próximo da livraria e entrou para conseguir um álibi. E tinha a bengala com ela!

— Eu a vi saindo da livraria e ir em direção à cidade. E você me disse que ela estava indo à casa da Octavia para conversar sobre a entrega dos livros — Rosie devolveu o aparelho. — Onde Glenys esteve o tempo todo e onde estava seu carro?

— Ela mencionou algo sobre ele estar no conserto. E na manhã seguinte, eu a encontrei no mirante. Minha aparição a assustou, então ela apenas jogou a bengala. Henry estava em algum lugar próximo de lá, tirando fotos. Pena Henry não ter dito o que sabia. Estou curiosa de como Veronica encaixa-se em tudo isso.

— Estou começando a me perguntar em quem podemos confiar nessa cidade!

— Em muitos. E muitas. Preciso abrir a loja — Charlotte balançou os pés e gemeu.

— Bateu a cabeça? — Rosie inclinou sua cabeça. — É sábado. Deite-se novamente e durma um pouco. Os gatos e eu cuidaremos de você.

— Mas Katrina ligará para marcar meu depoimento.

Rosie pegou o celular de Charlotte. — Depois. Pelo menos desta vez, criança, faça como mandada. Ok, querida?

Dormir parecia ótimo. Seu estômago estava cheio com o café da manhã feito pela amiga. Ela fechou seus olhos.



O céu da tarde estava azul, sem sinal de chuva. Charlotte desceu de seu carro na trilha da garagem, ainda dolorida apesar do sono que durou três horas. Andou pelo jardim por alguns minutos, deixando o silêncio do espaço acalmar seu espírito.

O portão na cerca estava aberto. Ela havia deixado uma pá contra ele. Depois de fechar e trancar o portão. Olhou em volta para encontrar a pá.

Sua cabeça está bagunçada há horas. Procure amanhã.

Colocando o carro dentro da garagem, fechou a porta rolante. Carregando a sacola com as roupas molhadas, chegou aos degraus antes que um som chamasse sua atenção. A batida de um sapato no concreto.

Um arrepio a varreu. E soube, antes de virar-se, que era Veronica.

— O que você quer? — Charlotte largou a sacola e deu alguns passos até os fundos da livraria.

Veronica segurava a pá do portão. A lâmina estava perto de seu ombro. — Hora de uma pequena conversa. Abra a porta.

— Tive um dia difícil, Veronica, então se tem alguma coisa para dizer, faça isso agora. Aqui fora. E quero minha pá de volta.

— Já se perguntou o que tem lá fora? — Veronica indicou a cerca dos fundos. — Na mata selvagem? Eu contarei a você. Muitos lugares para esconder... Coisas — ela balançou a pá. — Abra a porta.

— Se insiste — Charlotte destrancou a porta e a abriu completamente. Sem esperar, foi para a parte principal da livraria, para a porta da frente.

— Uh uh! Fique aqui. Algo ruim acontecerá à Rosie se não cooperar.

— Jonas? Terrance? Ou será Kevin? Quem a machucará? — Charlotte virou-se, lamentando sua ação rápida enquanto a dor irradiava por sua espinha. — Por que ligou para Rosie e disse-lhe para ir à casa de Octavia? Sabia que ela estaria morta?

— Claro — pá ainda levantada, Veronica apertou seus olhos. — O que diabos está fazendo esse som?

— Refrigerador. Devo tê-lo deixado aberto sem querer.

Cinco, quatro, três, dois, um. Melhor funcionar.

O som parou.

— Quero fazer um acordo com você, doutora. Graças à Sid, nós sabemos tudo sobre seu passado, digo tudo mesmo. Vamos concordar em manter os segredos uma da outra.

— Eu preciso encostar-me na parede. É tudo o que estou fazendo — Charlotte posicionou-se para que pudesse ver tanto a porta da frente quanto a dos fundos. — Não me quer contando a ninguém sobre Octavia chantageando Glenys devido a morte de seu marido, Fred.

Veronica fez biquinho. — Não pensei que soubesse isso. Mas sim. O ex-marido cretino dela vendeu aquela terra para Glenys, mesmo sabendo muito bem que ela planejava transformá-la em um centro de treinamento de última geração para pista e campo. Ela tinha as permissões e tudo.

— E Octavia as queria de volta. Por que não apenas oferecer-se para comprá-las?

— Você é estúpida? Ela tentou. E quando Glenys recusou... Vamos apenas dizer que a presidência do clube do livro foi apenas um tiro de advertência — Veronica sorriu. — Mas que gentileza sua e de Rosie fazerem uma ameaça contra Octavia assim que eu passei. Não podia esperar para contá-la.

— Octavia?

— Oh, meu Deus. Com sua falta de inteligência, como chegou a se tornar médica? Se é que é uma.

— Pensei que conhecia toda a história.

Um carro parou lá fora. Veronica afastou-se mais, jogando a pá na cozinha. — Enviou mensagem para alguém? Mostre-me seu celular.

Charlotte entregou-o enquanto uma mulher saía do lado do motorista e aproximava-se da porta. — Nem todo mundo sabe que nós fechamos aos sábados. Ela irá embora quando perceber.

— Ela pode nos ver?

— Nós estamos no escuro.

Por alguns minutos, a mulher olhou a vitrine, tirou uma foto dos livros expostos na frente, depois acendeu um cigarro e o fumou. Veronica torcia sua blusa.

— Posso ter meu celular de volta?

Veronica entregou-o — Por que ela ainda está aqui?

— Eu devo perguntar?

A mulher jogou a ponta do cigarro na rua, para grande irritação de Charlotte, depois voltou para o carro e foi embora.

— Quem te falou, Veronica? Sobre nós ameaçarmos Octavia?

— Chega de perguntas.

— Foi Marguerite? — um movimento no canto da janela mais afastada chamou a atenção de Charlotte.

— Pelo amor de Deus, não! Nós temos um acordo?

— Não. Nunca.

Veronica abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Recuperou a pá na cozinha e a levantou alto.

— Não faria isso — Charlotte abriu seu celular.

— Vai prender-me com seu celular? — o sorriso pretensioso da mulher era tão bom quanto o de Sid.

— Ela não precisa. Veronica Wheemor abaixe a pá e vire-se com suas mãos para cima.

Da porta ainda aberta, Katrina sorriu para Charlotte. — Não posso te deixar sozinha por um minuto!

Capítulo 43



— LEWIS ESTÁ atravessando a rua. Eu estou bem? — Rosie mexia em seu, mais do que, arrumado coque, enquanto Lewis caminhava para a livraria.

— Bonita. Como sempre.

— Não, sério. Diga-me.

— Você está ótima. Divirta-se — Charlotte sorria para si mesma enquanto Rosie fingia estar ocupada atrás do balcão. — Boa tarde, Lewis.

— Ah, minha detetive favorita — Lewis beijou a bochecha de Charlotte. — Está melhor?

— Muito melhor agora, obrigada.

— Oh, Lewis! Não ouvi você entrar — Rosie pegou sua bolsa e deu a volta no balcão.

— Já é hora do almoço?

— Melhor ser, meu querido. Nossa reserva é em dez minutos e estou um pouco faminta.

— Nesse caso, melhor nós irmos. Charlotte, você ficará bem? — Rosie estava quase fora da porta, com Lewis logo atrás.

— Divirtam-se crianças — ela amava vê-los juntos. Rosie podia ficar nervosa e até mesmo oprimida às vezes por seu apego crescente a Lewis, mas ela continuava dizendo-lhe, que era uma coisa boa. Para aproveitar o sentimento.

Hoje marcava uma semana e um dia desde os eventos no mirante. Depois de dormir por quase vinte e quatro horas após a prisão de Veronica, Charlotte visitou o médico local e aceitou algum analgésico. O médico foi

gentil o suficiente para tirar algumas fotos do hematoma que ela relatou aos detetives durante o longo depoimento.

Rosie recusou-se a deixá-la trabalhar novamente até o meio da semana seguinte, mas estar no segundo andar significava muitas visitas a livraria por café e livros. E entre uma coisa ou outra, ela mandava WhatsApp, ou falava com Trev.

Ele havia ouvido enquanto ela contava-lhe tudo. Todos os fatos.

Em seu íntimo, Charlotte desejava que ele estivesse ali. Os detetives eram seus aliados e apoiadores agora, boas pessoas, com muito trabalho para fazer. Rosie era sua melhor amiga, preocupada e brava em medidas iguais. Esther e Doug apareciam, com refeições às vezes, até ela fazer Doug prometer-lhe dar-lhe lições de culinária depois. Mas nenhum deles era Trev, e ela não confiava em si mesma para avaliar como as coisas estavam entre eles. Então, a vida continuava.

Hoje, não havia muito o que fazer na loja. Uma nova vitrine para planejar, e livros para desempacotar. Charlotte estava ocupada e apenas notou Lewis e Rosie do outro lado da rua depois de terminar de atender um cliente. Eles estavam conversando e rindo, enquanto esperavam para que o trânsito acalmasse.

Houve um adeus de Lewis, e quando ele ia embora, Rosie colocou sua mão em seu braço. Lewis parou com um sorriso, então se inclinou e beijou-a nos lábios.

— Aí garoto! Oh, ops, não deveria estar olhando! — Charlotte disparou para a cozinha. Ela olhou o monitor até Rosie estar de volta atrás do balcão enchendo um copo com água.

— Você está de volta. Como foi o almoço?

As bochechas de Rosie estavam vermelhas e havia um brilho em seus olhos. — Delicioso.

— Foi no India Gate House?

— Difícil de entrar. Por praticidade fomos ao Itália.

— Nós temos sorte com a qualidade dos restaurantes e lojas daqui.

Nesse momento, Rosie estava quase de volta ao normal. — Falando nisso, nós... Bem, Lewis e eu... Estávamos falando sobre aquela loja virando a esquina. A vazia.

— Onde Veronica abriu a loja de sapatos ano passado? — Charlotte perguntava-se se Veronica já tinha pagado a fiança.

— Sim. Aqui estão algumas notícias locais, também conhecidas como fofocas — Rosie sussurrou, — alguém está mudando-se para lá.

— E por que isso é um segredo?

— As vitrines estão tampadas e não há divulgação sobre qual o tipo de loja. Até Lewis descobrir.

— Está fofocando?

— Estou — ela inclinou-se mais perto de Charlotte. — Você acredita em... Outras coisas.

Havia o beijo enlouquecido Rosie?

— Que outras coisas?

— O futuro. Ou o passado. Ou ambos.

Hora de acrescentar um pouco de gin na bebida da amiga. Ou checar se já não há algum.

— Rosie Sibbritt.

— Lembra-se da nossa conversa sobre eu estar prevendo seu futuro?

— Rosie!

— Você não é espirituosa. A loja se chamará *Casa da Harmonia Mística*, e a dona - Harmony Montgomery - é uma clarividente. De verdade!

— Poderia tê-la usado semana passada. Poderia ter evitado eu quase ser jogada de um penhasco — assim que as palavras saíram de seus lábios, Charlotte arrependeu-se. Até agora, ela havia conseguido manter todos os momentos assustadores para si mesma. Seus olhos encheram-se com lágrimas e ela os fechou bem apertados.

Dois braços a abraçaram, segurando-a perto. — Está segura, querida.

Charlotte respirou fundo e abriu seus olhos. — Obrigada. Desculpe. Devo estar cansada.

— Onde está a árvore alienígena e como está indo sob seu duvidoso cuidado?

A cabeça de dela disparou ao som bem-vindo da voz atrevida de Lachie. Ele espiava sobre o balcão.

— Você está bem, Charlotte Dean?

— Eu estava. Mas então certa pessoa... Vamos chamá-lo de Lachie... Questionou minha habilidade em criar uma árvore. Considerando o terrível começo que essa árvore experimentou, é improvável que ela tivesse sobrevivido. Sem mim — ela beijou Rosie na bochecha enquanto soltava-se do abraço e levantava-se - ainda um pouco sensível - para esmagar Lachie contra si mesma.

Um momento depois, Darcy acompanhava Abbie para dentro. Seguro em seus braços havia um pacotinho.

Rosie deu a volta no balcão em segundos. — Querida. Quando chegou em casa?

— Há um dia ou dois. E agora já estamos passeando. Charlie, incomoda-se de segurá-la?

— Eu? Oh, hum...

Antes que percebesse, o pacotinho estava aconchegado contra ela. Muito cabelo preto cobria o mais doce rosto que ela já viu.

Darcy colocou um braço em volta de Abbie. — Você é uma profissional, Charlie.

— Não seguro bebês frequentemente. Ela está dormindo — Charlotte cochichou.

— Pelo menos uma vez — Abbie lhe tocou o braço de para fazê-la olhar para cima.

— Nós escolhemos seu nome. Sophie Charlotte Forest.

Os olhos de Charlotte embaçaram e uma onda de amor encheu seu coração enquanto olhava de volta para Sophie.

Sophie Charlotte.

— Que nome bonito! — Rosie sorriu para Charlotte. — Eu amaria conhecê-la.

Com muito cuidado, Charlotte abaixou Sophie nos braços de Rosie. Enquanto endireitava-se com um pequeno estremecimento, os outros estavam concentrados em Sophie, com Rosie fazendo sons estranhos de arrulho, e não a viram enxugar uma lágrima errante.

Exceto o homem que pisou na livraria sem ser notado. Seu olhar lhe disse que ele a tinha visto com a guarda baixa. Os cantos de sua boca ergueram e Charlotte não resistiu em sorrir de volta. Trev estava ali.



Rosie saiu com Lachie e Abbie para colocar Sophie em sua cadeira no carro. Darcy demorou-se, falando com Trev sobre as estufas e seus planos para a fazenda enquanto Charlotte atendia ao telefone. Assim que ela terminou, os homens estavam perto do balcão e o assunto era Glenys.

— Conheci Glenys e Fred a minha vida toda. Pelo menos à distância. E ela esteve em nossa casa, Trev — Darcy balançou sua cabeça e seu olhar moveu para sua família. — Eu os coloquei em risco.

— Ninguém conhecia os terríveis segredos dela — Trev bateu no ombro dele. — Não fez nada de errado.

— Ainda assim... De qualquer forma, parece que estamos prontos para ir. Bom ver você — Darcy apertou a mão de Trev, depois sorriu para Charlotte. — Lachie quer visitá-la novamente.

— A qualquer momento. E Sophie.

Darcy parou para falar com Rosie lá fora.

— Henry conhecia os segredos de Glenys — Charlotte disse.

— E eles estavam seguros com ele até ouvir Veronica contar à Glenys sobre a conversa entre você e mamãe.

Charlotte encostou-se contra o balcão. Trev estava em seu uniforme e ainda diria por que estava de volta — Fiz Veronica acreditar que sabia que Octavia estava chantageando Glenys, e acabou que eu estava certa. Mas como ela soube que Glenys matou Octavia?

— Estou surpreso que Katrina não tenha lhe contado. Ela parece estar muito... Apegada a você.

— Gosto dela também. E ela não contou.

— Veronica viu Glenys passar de carro acelerando pelo centro de jardinagem, então decidiu segui-la e olhar pela janela da sala de estar.

— Ela sabia o tempo todo.

— E foi indiciada por isso.

Rosie retornou, felicidade radiando dela. — Aquele bebezinho! E agora, você está visitando-me novamente — Rosie pegou a mão de Trev e a beijou, depois foi para o outro lado do balcão. — Está ajudando agora que todos estão presos?

— Pequeno exagero, mãe.

— Veronica Wheemor. Amo dizer isso. Glenys. Henry. Agora quem eu esqueci? O bom e velho Sid. Nada sobre o Chefe de Polícia Sênior.

— Sid tem algumas explicações para dar. Assim como eu, mas ainda não — Trev inclinou sua cabeça para Charlotte. — Se eu preparar tudo, está interessada em um piquenique nas cachoeiras esta noite?

— Claro que ela está. Eu fecho a livraria, então ela estará lá em torno das seis horas — o sorriso de Rosie não podia alargar mais.

— Charlie?

Ela não conseguia ler os olhos dele. O estômago dela embrulhou. Esse era um adeus adequado. Sem mais oportunidades. Charlotte assumiu muitos riscos.

Seja adulta ao menos uma vez.

— Estarei lá às seis.

Capítulo 44



ÀS SEIS em ponto, Charlotte alcançou o fundo dos degraus para a lagoa. Sem chuva desde a última vez em que esteve ali, a água estava novamente em seus níveis usuais, banhando as margens baixas e o solo estava novamente firme sob os pés.

Ela parou quando seus pés tocaram a grama e tirou o calçado. Trev estava na beira da água, olhando para a cachoeira. Ele havia mudado para uma camisa e shorts, assim como ela. Os pés, também estavam descalços, e seu calçado colocado ao lado de uma cesta de piquenique.

Como eu digo adeus para você?

Trev virou-se e a avistou, seu sorriso partindo seu já triste coração. Ele estendeu a mão e ela juntou-se a ele, deixando o calor infiltrar-se nela no minuto em que os dedos deles tocaram-se.

— Havia esquecido quão bonito esse lugar é — sua outra mão gesticulou para as cachoeiras, mas seu sorriso ficou no rosto dela. — Tão bonito.

— Teve muitos piqueniques aqui?

— Alguns. Mamãe e papai vinham aqui algumas vezes e eu vinha junto, mas depois fiquei mais velho e os piqueniques tornaram-se chatos. Com fome?

Não esperando por uma resposta, ele levou-a para a cesta de piquenique, e sentaram-se, pernas cruzadas, olhando a água. Trev abriu a cesta e tirou duas taças e uma garrafa de vinho. — Gostaria de uma taça?

— Adoraria. Preparou o piquenique?

— Claro — Trev ocupou-se abrindo a garrafa. — Não. Tudo obra do Itália, receio. Apesar de eu fazer belos piqueniques, isso é difícil sem uma

cozinha.

Quando Trev encheu as taças, lhe entregou uma. — Antes de fazer um brinde, eu tenho uma pergunta.

Por que se arriscou novamente? Quanto tempo levará para fazer as malas e deixar a cidade?

Charlotte amava Kingfisher Falls. Não queria fugir novamente. Deixar seu trabalho, Rosie, a cidade... Uma lágrima abriu em seu coração.

— Onde você está, Charlie? — A voz dele estava suave, e os olhos dela voaram para os seus. — Está há milhas de distância.

— Eu percebi quanto amo essa cidade. Qual é sua pergunta?

— Katrina e Bryce haviam feito mais do que perseguir um assassino. Eles estavam de olho em Sid Browne. E o que ouviram ele dizer lá em cima — Trev apontou para o mirante, — foi suficiente para abrir uma investigação formal. Ele ficará fora da polícia por muito tempo.

— Quer voltar.

Ele confirmou.

— E quanto à River's End?

— Sentirei falta!

— Rosie ficará tão feliz.

— Não fiz minha pergunta — Trev pegou a mão de Charlotte novamente, brincando com os dedos dela. — Como se sente vivendo aqui?

— Ao lado da lagoa? Poderia ficar frio no inverno.

Os cantos dos olhos dele enrugaram. — Em algum lugar na cidade.

— Isso não deveria importar.

— Isso é tudo o que importa, Charlie. Se quer mais espaço, diga-me agora. Antes que eu aceite o trabalho. Se não nos quer... — a ele abaixou a cabeça.

— Mas meu passado, Trev. Os riscos envolvidos em estar comigo.

Ele levantou sua cabeça e riu. — Riscos? Querida, tudo sobre você vêm com algum risco. Alguns maiores que outros.

Isso é verdade.

Mas ele não entendia. — Se eu não fui clara aquela noite sobre minha história familiar. A possibilidade de doenças genéticas...

— Sim, foi. E disse-me que existe um teste. Você o fará, quando quiser. E de qualquer maneira, estarei ao seu lado — Trev bateu sua taça contra a dela. — À Kingfisher Falls e àqueles que a amam.

Não houve conversa enquanto eles bebiam seu vinho, o braço de Trev no dela. Se havia uma palavra que ela usaria, seria fome, enquanto deliciosos cheiros de um banquete do Itália flutuavam da cesta.

— Trev, no galho — Charlotte cochichou e indicou o martim-pescador. O pequenino pássaro olhou de volta. — Acha que ele está com fome?

— Acho que ele está nos dizendo que somos bem-vindos aqui.

Sim, bem-vindos. E desejados. Culpas e defeitos incluídos. Ela inclinou-se contra ele. O futuro não estava claro ainda. Ela tinha que descobrir quem “Z” era. E encontrar um jeito de ajudar sua mãe. Mas pela primeira vez em sua vida, Charlotte não estava enfrentando o futuro sozinha.

Segredo Mortal



Capítulo 1



O TOPO das cataratas oferecia uma perspectiva sombria tão cedo pela manhã. Esse era o começo de seu primeiro inverno em Kingfisher Falls. Vento leve coletava o frio do rio, e tremendo, Charlotte apertava seu sobretudo em seu pescoço. Neblina grossa cobria a poça abaixo, subindo para o mirante na distância. As árvores mais altas atravessavam a brancura rodopiante, salpicando-a com formas estranhas.

Permaneceu ali por um tempo - desde o que passou pelo amanhecer. Esse ponto ao lado da cachoeira ainda a chamava. E ao invés da caminhada descendo o terreno difícil depois subir um longo e traiçoeiro conjunto de degraus quebrados, ela havia descoberto um novo caminho para casa.

Mais cedo naquele ano ela havia tomado um susto nesse ponto e correu por cima do rio enquanto ele corria para as cachoeiras. Não sabia onde a levaria, mas notou um estreito caminho de volta para a estrada principal. Desde que descobriu o portão dos fundos em seu jardim, Charlotte havia descoberto muitos novos caminhos e trilhas. Um serpenteava o canto da mata para encontrar o rio. Muito mais rápido e menos exaustivo. E tão seguro quanto qualquer outra trilha por Kingfisher Falls.

Charlotte virou para casa. Esse caminho era bonito com sol prematuro filtrando pela copa de gomas fantasmas para brilhar na lenta água corrente. Passou pelo desvio para a estrada principal. Sua casa estava a uma rápida caminhada de cinco minutos. Mas foi por um trecho de mata densa assim que o rio desviou. E quando a vegetação rasteira se fechou, como sempre, um calafrio subiu pela sua espinha.

Não existem bunyips aqui!

Desde sua primeira vista dessa trilha espalhada de mata alguns meses atrás, algo a impedia de se aventurar muito longe. Ela havia zombado de si mesma por causa da mítica criatura australiana, mais de uma vez, porém o medo permanecia, e ela correu.

Uma pesquisa na internet da área a mostrou o alcance da terra. Muitos hectares de árvores nativas e matas, mas pouco tratando-se de trilhas de caminhada, exceto ao redor do perímetro. De acordo com a sinalização em torno da terra, ela pertencia ao Conselho do Condado de Kingfisher Falls e não era designada como nada além de “terra do condado”. Nem como um parque, ou área de recreação. Poucos moradores a usavam, apesar de algumas vezes deparar-se com pessoas passeando com seus cachorros.

As árvores sumiam conforme o caminho juntava-se a uma larga, trilha esburacada. Algumas centenas de metros adiante o fundo da livraria apareceria. Charlotte parou por um momento, sua atenção na janela do seu apartamento no segundo andar com vista para o mata. Nos meses em que havia vivido aqui, nunca havia visto a mata do cômodo, graças ao guarda-roupa bloqueando a janela. Hoje aquilo mudaria. Trev ia aparecer para ajudá-la a movê-lo. Com um sorriso, ela continuou, deixando-se entrar no jardim pelo portão traseiro e trancando-o.



Depois de um banho e um café, ela foi às compras. Se Trev era gentil o suficiente para ajudá-la, então ela faria o almoço para ele. Não era a mais confiante das cozinheiras, mas havia tido algumas lições durante o outono com Doug, chefe e sócio do restaurante italiano local, Itália. Doug, junto com sua esposa, Esther, que tinha uma loja de roupas de mulheres na cidade, eram seus amigos agora.

Charlotte andou pelo departamento de delicatessen, franzindo a testa enquanto decifrava os rabiscos de sua caligrafia quando fez uma lista antes

de sua caminhada.

Nunca escreva antes do café, Charlie.

Ela planejava fazer uma simples pizza, feita do zero, coberta com um punhado de ingredientes. Um era queijo bocconcini.

— O que gostaria, amor? — no outro lado do balcão, Maryanne, a atendente vestiu um par de luvas. — Suas habituais azeitonas recheadas com pimenta?

— Não era o que eu tinha em mente, mas sim, por favor, e depois...

— Com licença! Eu estava esperando.

Charlotte e Maryanne viraram para a mulher que interrompeu. Ela não estava lá um minuto atrás. Com cabelo vermelho despenteado e uma volumosa saia tocando o chão em roxo brilhante, ela teria sido difícil de não notar.

— Por favor, vá em frente. Eu ainda estou decidindo — Charlotte sorriu para Maryanne, depois para a outra mulher, que nem a olhou nos olhos.

Harmony Montgomery. Harmony se mudou para a cidade e abriu uma loja na esquina da rua da livraria. *Harmony Casa de Misticismo*. Uma cartomante, ou algo do tipo. Não algo do interesse de Charlotte. Seus caminhos não haviam cruzado até agora, apesar de Harmony ter feito sua presença sentida pela cidade parando pessoas nas ruas para dar-lhes um cartão para resgatar uma leitura gratuita.

Aquilo foi um contínuo debate entre ela e sua chefe, Rosie, que era curiosa. — Não desperdice o seu dinheiro — Charlotte havia aconselhado mais de uma vez.

— Mas a primeira é gratuita.

— Então não desperdice o seu tempo.

— Apenas um pouco de diversão — Rosie resmungara.

Sabia que mais cedo ou mais tarde sua amiga acabaria fazendo o que queria, mas isso a irritava demais. Ela baseava-se em fatos e lutava com a ideia do que considerava promessas falsas.

Maryanne entregou um pacote embrulhado para Harmony com um amigável, — Mais alguma coisa?

A outra mulher balançou sua cabeça enquanto quase arrancava o pacote e ia embora. Mas então ela deu meia-volta abruptamente e colocou um cartão no balcão com algo como um sorriso forçado em seu rosto. — Quão rude devo ter parecido. Por favor, aceite uma leitura gratuita conforme sua conveniência.

Dessa vez Harmony saiu e assim que estava fora de vista, Charlotte olhou para Maryanne, que virou o cartão em seus dedos antes de enfiá-lo em um bolso e mudar suas luvas.

— Tenho certeza de que era a primeira Charlotte, então perdão por isso.

— Não tem problema.

— Harmony é um pouco... inconveniente. Deve ser a conexão dela com o outro lado. Agora, azeitonas.



Não havia razão para discutir Harmony Montgomery mais, não quando as crenças de Maryanne eram diferentes das dela. Crenças pessoais eram complicadas. Um dos maiores obstáculos para uma psiquiatra superar.

Que você já não é.

Não inteiramente na verdade. Contanto que ela cumprisse seus deveres e requisitos, ela era uma psiquiatra. Até agora, ela se apegava aquilo. Com medo de deixar tudo ir. Mas com medo de vivê-lo novamente.

Mais tarde, Charlotte batia na massa de pizza. Ela amava a livraria. *Thump*. E pretendia comprá-la quando Rosie estivesse pronta para vender. *Thump. Thump.*

Ela cobriu a massa e deixou-a numa mesa lateral atrás do vidro onde o sol iria aquecê-la suficiente para fazer seu trabalho. Nesse intervalo, fez um café e o levou para a sacada.

O dia estava agradável agora. Kingfisher Falls havia desfrutado um longo outono e quão linda foi a estação. A última das árvores folheadas decorava o vale e morros com dourado, vermelho e roxo. Apesar das noites virem mais rápido e serem mais frias, os dias ainda ofereciam calor suficiente para desfrutar do ar livre.

Cotovelos na grade, segurou sua xícara entre suas palmas e olhou a rua abaixo. Não muito acontecia aos domingos. Trânsito de carros e pedestres circulavam para as igrejas locais, ou cafeterias, ou ambos. As famílias olhavam as vitrines enquanto se dirigiam aos parques. Um tranquilo e calmo dia.

Desde os eventos daquele ano, a cidade havia retomado sua rotina normal. Sem assassinatos, ou tentativas de sequestro. Sem senhoras ou jovens mal-intencionados. Sua cidadezinha era novamente um doce e seguro paraíso. Se ao menos ela pudesse se resolver. O conflito interno era mais do que manter sua licença. Girava em torno da doença de sua mãe e uma persistente preocupação com sua própria saúde no futuro.

Aquilo importava agora. Mais do que nunca, graças a um homem chamado, Trevor Sibbritt.

Mistérios de Charlotte Dean

LIVRO 1



9786580754922

[Compre aqui](#)

Recomeçar nunca foi tão perigoso

Charlotte adora seu novo emprego na livraria Rosie, na pequena cidade de Kingfisher Falls. Um dia comprará a loja, mas por enquanto se contenta em aprender as coisas e esquecer seu passado conturbado. Mesmo as senhoras snobes do clube de leitura não conseguem amortecer seu ânimo.

Mas quando uma estranha série de crimes lança suspeitas sobre todas as pessoas erradas - incluindo Charlotte - ela não pode ficar de braços cruzados e assistir. Charlotte começa sua própria investigação e Rosie fica mais do que feliz em ajudar. Com a comunidade dividida e os criminosos à solta, a festa anual de Natal de rua está prestes a mudar suas vidas para sempre, e Charlotte é a única que pode evitar um desastre.

Lá se vai a ideia de se manter discreta.

Conheça Mais De River's End



LIVRO 1

9786580754076

UM AMOR PERDIDO, MAS NÃO ESQUECIDO

“Vou esperar por você. Lá... no final do cais, vou esperar.”

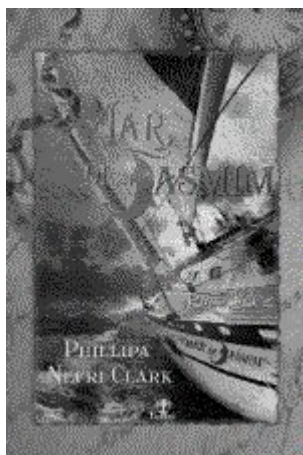
Thomas e Martha acreditavam que seu amor era invencível até que uma série devastadora de eventos os separou. Para seu encontro final, eles prometeram se reunir no cais onde se conheceram.

Cinquenta anos depois, Christie Ryan herda uma casa de campo em ruínas em uma cidade litorânea da qual nunca ouviu falar. Com a descoberta de um mistério comovente, se torna obcecada para desvendar velhos segredos de família.

O artista recluso Martin Blake cresceu com seu avô depois de perder os pais. A chegada em sua cidade de uma garota da metrópole com uma conexão para o passado desafia tudo o que ele sabe sobre si mesmo.

Em lados opostos de um mistério, dois estranhos têm algo em comum e correm o risco de ver seus mundos seguros destruídos. Cinquenta anos de segredos estão prestes a ruir.

Uma história fascinante de amor perdido, coragem e redenção, e de como as consequências da manipulação de uma mulher se espalha por três gerações.



LIVRO 2

9786599110610

O ROMANCE CRESCE ...

... E O MISTÉRIO SE APROFUNDA.

O AMOR SOBREVIVERÁ À TEMPESTADE NO HORIZONTE?

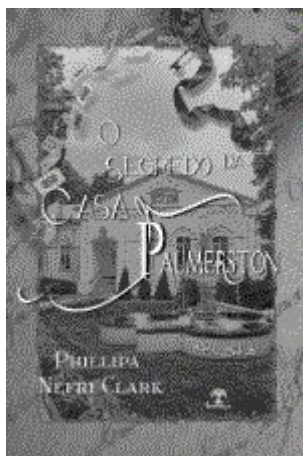
Foram os laços familiares que levaram Christie Ryan a River's End, a pequena cidade litorânea da costa australiana. Mas é seu coração que está dizendo para ela ficar.

Tendo arrumado o chalé de sua avó, Christie está pronta para abandonar o passado e dar uma chance para um futuro com o artista local, Martin. Quando Martin é abordado por uma desconhecida para um retrato, ele aceita, ansioso para construir um novo lar para sua vida com Christie.

Martin não conhece a infeliz cadeia de eventos que essa encomenda colocará em movimento. Nem das forças sombrias da antiga vida de Christie, que ainda não estão preparadas para deixá-la ir...

Juntos Christie e Martin terão que resistir à tempestade para descobrir quem está por trás dos esforços para arruinar sua felicidade. E ao fazer isso, aprender que para que o amor triunfe, às vezes é preciso ter fé para afundar ou nadar...

Você vai adorar este segundo livro da série River's End, por causa das reviravoltas, do suspense que aumenta a pulsação e do calor que derrete o coração.



LIVRO 3

9786588382318

UMA CASA ANTIGA PODERIA CONTER A CHAVE PARA A FELICIDADE DELES?

A cidadezinha litorânea de River's End está em polvorosa com o casamento vindouro entre Christie Ryan e um artista local, Martin. A cerimônia acontecerá na Casa Palmerston. Um dia, a construção foi o lar dos ancestrais de Christie, mas a casa foi perdida num jogo de pôquer nos anos 1850 e, hoje em dia, é uma pousada acolhedora.

Quando um estranho chega para se hospedar na Casa Palmerston e começa a fazer perguntas ao redor da cidade, Christie passa a pensar na história da casa. Os habitantes locais sabem mais do que deixam transparecer? Algum deles estaria escondendo algo?

Christie decide entrar em ação e investigar. Ela está determinava a descobrir a verdadeira história por trás do proprietário real da construção. Mas ela não é a única cheia de suspeitas, e a busca pela verdade pode ser um passatempo perigoso...

Irão Christie e Martin chegar ao altar, ou forças poderosas do passado conspirarão para arruinar o dia perfeito do casamento deles? A chave para o futuro pode muito bem-estar escondida na revelação dos segredos há muito esquecidos.

O segredo da Casa Palmerston é uma história com duas linhas do tempo, dando continuação ao Mar de jasmim. O terceiro volume tem seu próprio final feliz.



PREQUELS – LIVRO 4

9786588382752

DOMANDO O VENTO

Somente o próprio tempo apagará nosso amor...

Na beira do Grande Oceano, um antigo píer oferece um refúgio para aqueles que buscam consolo. Um lugar à beira-mar para pensar. Planejar. Sonhar.

Como filha da família mais rica da região, Martha Ryan tem tudo o que uma garota poderia pedir. O dinheiro não significa nada porque sua alma anseia por aventura, amor e uma família própria.

Thomas Blake é um artista sobrecarregado pelo dever. Previsto a seguir seu pai no emprego pela família Ryan como chefe de estação, ele anseia pela liberdade de pintar.

Um encontro fortuito no cais, ao amanhecer, muda a vida de ambos. Mas será que as expectativas e preconceitos de suas famílias destruirão seu futuro?

Apaixone-se por Thomas e Martha em *Domando o Vento & Martha*, prequels da série *River's End*. Perfeitos para ser um independente com seu próprio felizes para sempre, ou seguir as vidas e os amores dos moradores de *River's End* em todos os livros.

MARTHA

1972.

Faz quatro anos que o mundo de Martha Ryan desabou ao seu redor. Fugindo para a Inglaterra, ela deixou tudo para trás. Sua amada cidade marítima, *River's End*, sua irmã mais velha, Dorothy, e o único homem que ama além da razão.

Encontra um novo lar na Irlanda. Lá, compra uma casa de campo, iniciando uma carreira como professora na pequena cidade que lhe faz lembrar a infância. Ela viaja, encontra amizades, relacionamentos e aventuras.

Mas os sonhos a assombram. Lá no fundo, ela anseia por sua cidade natal na Austrália, e por ver Dorothy novamente. Será que uma vida bem vivida será suficiente, ou será que uma carta é o ponto de virada para arriscar tudo o que ela veio a amar?

Martha' é uma pequena história de companheirismo que cobre cinquenta anos em cerca de sessenta páginas. Leia primeiro, ou ao lado de qualquer um dos livros da série. Ela preenche os anos perdidos de Martha Ryan.



LIVRO 5

9786588382936

É MELHOR DEIXAR ALGUNS SEGREDOS ANTIGOS NO PASSADO...

Um dia quente de verão no Natal está prestes a chegar na cidade litorânea australiana de River's End. Churrascos à beira-mar e jantares suntuosos estão no menu.

Mas Martha Blake é como um cachorro com um osso, determinada a resolver o último dos mistérios que envolvem o antigo chalé do chefe de estação. Sabendo que seu marido não aprovará seus planos, ela alista sua sobrinha-neta Christie para se juntar a ela em uma investigação secreta.

Enquanto isso, Thomas Blake que também está ocupado com suas próprias pistas e não quer que sua esposa saiba o que anda fazendo, procura a ajuda de seu neto relutante, Martin.

Em Casa Palmerston, o novo casal amoroso Elizabeth e Angus enfrenta seu maior obstáculo, colocando seu futuro feliz em dúvida.

Com todos trabalhando em projetos cruzados, quem se encontrará no meio, relembrando décadas de um erro terrível?

O amor será suficiente desta vez, enquanto os amados moradores de River's End lidam com as consequências do velho mistério? Quem, ou o quê, reunirá todos eles a tempo do Natal?

A Chave de Natal é uma novela emocionante com o último dos segredos revelados e uma encantadora magia natalina para tocar os personagens de River's End.

Sobre A Autora



PHILLIPA NEFRI CLARK mora pertinho de uma linda cidade no condado de Victoria, na Austrália. Ela também mora nos diversos mundos de sua imaginação e nas pilhas de histórias ao lado de seu laptop.

Além da família, os grandes amores de Phillipa incluem música, leitura, cultivar vegetais... e animais de todos os tipos.

Ela ama conversar com os leitores e envia mensalmente um e-mail com notícias, concursos, recomendações e diversas coisinhas interessantes.

Informações Leabhar

NOS ACOMPANHE E FIQUE POR DENTRO DAS NOVIDADES



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®